

MELLO MORAES FILHO

PARNASO BRAZILEIRO

SECULO XVI - XIX

II

1840 - 1880

Une époque ne fixe pas une littérature, elle n'en est jamais qu'une face. Parfois, une forme littéraire peut régner sur plusieurs siècles; d'autres fois, une forme ne s'imposera pas plus d'un demi-siècle; mais toutes se modifieront quand même par cette loi fatale qui pousse l'humanité à une continuelle marche, comme langue, comme mœurs, comme idées.

EMILE ZOLA — *Documents Littéraires*

B. L. GARNIER, Editor

RIO DE JANEIRO

1885

A
13869.1
M827
p
1885

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume encontra-se registrado

sob número 1988

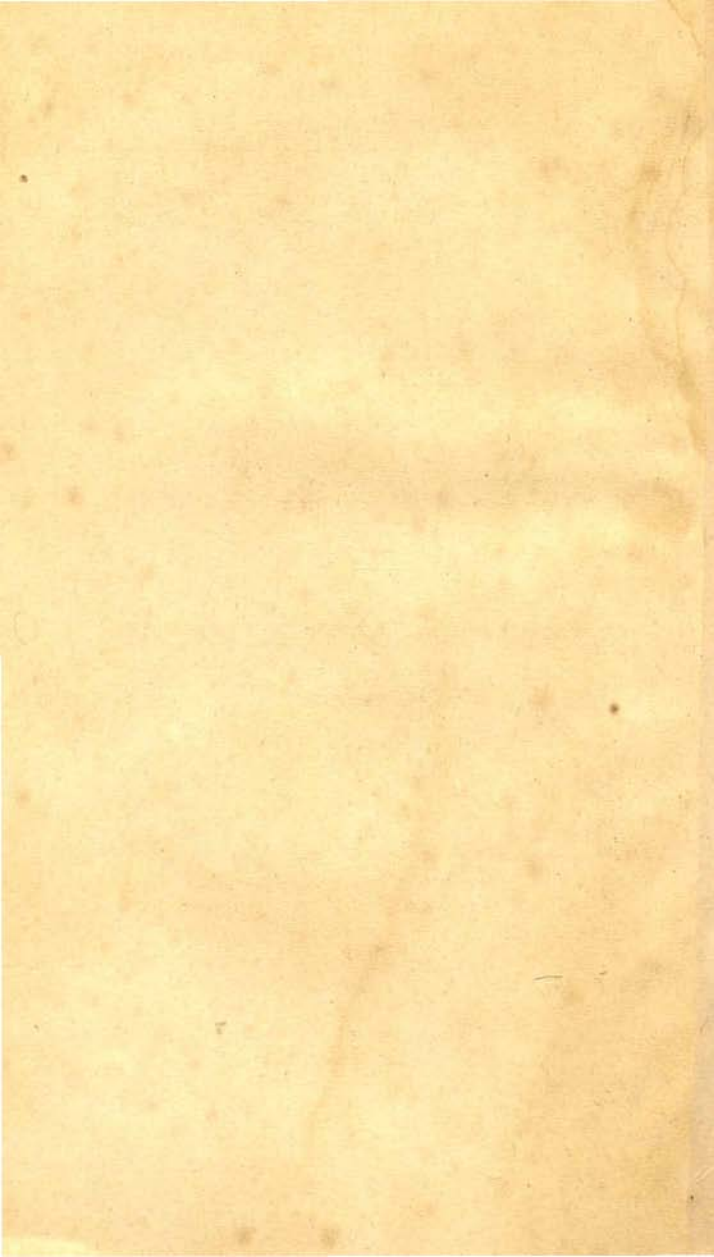
do ano de 1972

SECULO XIX

—

QUINTO PERIODO

(Até 1880)





PARNASO BRAZILEIRO

D. J. G. DE MAGALHÃES



INVOCAÇÃO AO ANJO DA POESIA

A VOZ DE MINHA ALMA



QUANDO da noite o véo caliginoso
Do mundo me separa,
E da terra os limites encobrando,
Vagar deixa minha alma no infinito,
Como um subtil vapor no aéreo espaço;
Uma angelica voz mysteriosa
Em torno de mim sôa,
Como o som de uma flauta harmoniosa,
Que em sagradas abobadas rebôa.
Donde vem esta voz? — Não é de virgem,
Que ao prazo dado o bem amado aguarda,
E mavioso canto aos céos envia:
Esta voz tem mais grata melodia!

Donde vem esta voz? — Não é dos anjos,
Que leves no ar adejam,
E com hymnos alegres se festejam,
Quando uma alma innocente
Deixa do barro a habitação escura,
E na siderea altura,
Como um astro fulgente
Penetra de Adonai o aposento ;
A voz que escuto tem mais triste accento.

Como d'ara thurícrema se exalça
Nuvem de grato aroma que a circunda,
E lenta vai subindo
Em faxas ondeantes,
Nos ares espargindo
Particulas fragrantas,
E sóbe, e sóbe, até no céu perder-se,
Tal de mim esta voz parece erguer-se.
Sim, esta voz do peito meu se exhala !
Esta voz é minha alma que se espraia,
É minha alma que geme, e que murmura,
Como um órgão no templo solitario :
Minha alma, que o infinito só procura,
E em supiros de amor a seu Deus se ala.

Como surdo até hoje
Fui eu á tão angelica harmonia?
Por ventura minha alma muda esteve?
Ou foram por ventura meus ouvidos
Até hoje rebeldes?
Perdoa-me, oh meu Deus, eu não sabia !
Eram Anjos do céu que me inspiravam,
E outras vozes meus labios modulavam.

Castas virgens da Grecia,
Que os sacros bosques habitais do Pindo !
Oh Numes tão fagueiros,

Que o berço me embalastes
Com risos lisongeiros,
Assás a infancia minha fascinastes.
Guardai os louros vossos,
Guardai-os, sim, qu'eu hoje os renuncio.
Adeus, ficções de Homero!
Deixai, deixai minha alma
Em seus novos delirios engolfar-se,
Sonhar co'as terras do seu patrio Rio.
Só de suspiros coroar-me quero,
De saudade, de ramos de cypreste;
Só quero suspirar, gemer só quero,
E um cantico formar co'os meus suspiros.
Assim pela aura matinal vibrado
O Anemocordio, ao ramo pendurado,
Em cada corda geme,
E a selva peja de harmonia estreme.

Já nova Musa
Meu canto inspira;
Não mais empunho
Profana lyra.

Minha alma, imita
A natureza;
Quem vencer póde
Sua belleza!

De dia, e noite
Louva o Senhor;
Canta os prodigios
Do Creador.

Tu não escutas
Essa harmonia,
Que ao throno excelso
A terra envia?

Tu não reparas
Como o mar geme,
Como entre as folhas
O vento freme?

Como a ave chora,
A ovelha muge,
O trovão brama,
O leão ruga?

Cada qual canta
Ao seu theor;
Mas louvam todos
O seu auctor.

Da grande orchestra
Augmente o brilho
O canto humano,
Da razão filho.

Minha alma, aprende,
Louva a teu Deus;
Os teus suspiros
Envia aos céos.

Oh como é bello o céu azul sem nódoa!
Que puro amor nos corações ateia;
Como a pupilla de engraçada virgem,
Que serena nos olha, e nos enleia.

Mas que imagem sublime a mim se antolha,
Com largas azas brancas como o cysne,
E roçagante toga, que se ondeia
Como flocos de neve alabastrina!
Uma harpa de ouro em suas mãos sustenta!
Oh que voz suavissima e divina!
Oh que voz, que as paixões n'alma adormenta!

Vem, oh genio do céu filho!
Vem, oh anjo d'harmonia!
Cuja voz é mais suave,
Mai fragrante que a ambrosia!

Teu rosto vence em belleza
Ao sol no zenith luzente;
Teu largo manto é mais puro
Do que a lua alvinitente.

As azas que te suspendem,
São mais ligeiras que o vento;
São mais terriveis que os raios,
Que gyram no firmamento.

Tua fronte não se adorna
Com flores que prado gera;
Sobre teus cabellos de ouro
Brilha de fogo uma esphera.

Teus pés a terra não tocam,
A teus pés a terra é dura;
Sobre aromas te equilibras,
Recendentes de frescura.

O sol, a lua, as estrellas
São fanaes que te illuminam,
São corpos a quem dás vida,
E ante teus passos se inclinam.

Os accordos de tua harpa
Todos os astros echôam;
Reanima-se o universo,
Quando as suas cordas sôam.

Vem, oh anjo, ungir meus labios ;
Traze-me uma harpa dos céos ;
Ao som d'ella subir quero
Meus suspiros até Deus !

Quando no Oriente roxear a aurora,
Como um purpureo, auribordado manto,
Que ao rei da luz o pavilhão decora,
E as saltitantes aves pelos ramos
Da madrugada o hymno gorguearem,
Tua voz, oh minha alma, une a seu canto,
E as graças do Senhor cantando exora.

Quando a noite envolver a natureza
Em tenebroso crepe ; e sobre a terra
As azas desdobrar morno silencio ;
Nessas placidas horas de repouso,
Em que tudo descança, excepto o Oceano,
Que arqueja, e espuma em solitaria praia,
Vizinhos ermos com seus ais pejando,
Como um preso que geme, e que debalde
Da prisão contra os muros se arremessa ;
Tu tambem, como a lua, vigilante
Nessas propicias horas, oh minha alma,
Tua voz gemebunda exhala, e une
À voz do Oceano, á voz d'ave nocturna.

Emquanto estás sobre a terra,
Como no exilio o proscripto,
Canta como elle, que o canto
Refrigera o peito afflicto.

Canta, que os anjos se alegram,
E os anjos á terra descem,
A escutar esses hymnos,
Que para Deus almas tecem.

Canta a todos os momentos,
Canta co'a noite e co'o dia;
E o teu derradeiro expiro
Seja ainda uma harmonia.

A Confederação dos Tamoyos

POEMA

O P A Y É

« Filhos destes sertões! brada o agoureiro,
Eis o vosso Payé, que vos procura,
Por ordem de Monan, que fez co'um sopro
O céu e a terra, e a quem Tupan se curva!
Velho Coaquira, destemido Aimbire,
Como dos meus conselhos não cuidadosos,
Tão afoutos á guerra temeraria
Ides, sem minha voz ouvir primeiro?
E quereis que Tupan por vós combata,
Quando do seu Payé, que em vós só pensa,
Em continuo jejum na gruta escura,
Não consultais a magica sciencia,
Que penetra o futuro a vós ignoto?
Como vossos avós da extincta raça,
Essa impiedade e orgulho o céu affrontam!
Cégos, não vêdes que esse mar immenso,
Onde o diluvio represou-se irado
Ameaçando a terra, foi quem trouxe
A prole que trovões dispara e raios!
Como filhos vos amo; e se estes olhos
Seccos, como o meu corpo, inda tivessem
Alguma occulta lagrima, ver-me-feis
Na minha dôr vertel-a neste instante.

Oh filhos meus! que males vos aguardam!
Que males, ai de mim!... e inda heide vel-os!
Feliz eu se primeiro no meu ermo
Para sempre meus olhos se fechassem.

« Estes annosos troncos, tão antigos
Como Tamandaré, que os vio das aguas
Erguer a tenra côma; estas florestas,
À cuja sombra nossos pais dormiram
O socegado somno do homem livre,
Vão ser em breve a cinzas reduzidas
Por essas mãos iniquas, sempre armadas
De mortal fogo contra vós, incautos,
Que com tanta candura os recebestes!
Agora é tarde, e a resistencia inutil...
Fugi, Tamoyos meus; fugi, deixai-lhes
De Nictheroy as margens deleitosas,
Que elles invejam tanto, e onde pretendem
À custa vossa apascentar seu ocio,
E erguer co'as vossas mãos suas cidades.
Deixai-lhes estas varzeas tão regadas
De aguas tão doces, e estes verdes mattos
Onde colheis o cambucá gostoso,
O odoroso ananaz, e a grumixama.
Tudo deixai-lhes, sim; fugi, mas livres,
Que a par da liberdade tudo é nada;
E aqui sereis escravos. Desta terra,
Que já vossa não é, pois que seus olhos
Passaram por aqui, tirai sómente
De vossos pais os ossos; que os não pisem
Os pés de tão ferozes inimigos.
Ide, e tirai da terra as igaçabas
Que esses ossos encerram; e com ellas
Vamos todos, além dos grandes serros,
Procurar outra terra mais remota,

Outros sertões mais invios, outros rios
Mais caudalosos, e outro céu mais puro ».

« E onde? brada Aimbire acceso em ira,
Como se o inferno lhe estourasse n'alma:
« E onde, estulto velho, onde acharemos
O céu de Nictheroy? As ferteis plagas
Do nosso Parahyba? E as doces aguas
Do saudoso Carioca, que suavizam
Dos cantores a voz melodiosa?
Tudo deixar?... Fugir?... Mas tu deliras!
Fugir?... Que Curupira malfazejo
Inspirou-te tão baixos pensamentos?
Fugir! sem combater?... Quem? nós, Tamoyos?
Ferve-te acaso a cajuhy nas veias,
Ou perturba-te o fumo, que se exhala
Do queimado tabaco, nesse craneo,
Que fincado ahi tens sobre essa frecha?
E onde iremos nós, que nos não sigam
Esses, que cuidam não caber na terra,
E toda terra querem, e o mar todo?
Que rios caudalosos, que altos serros
De amparo servirão ás nossas tabas,
Se elles canôas teem, e pés ligeiros?
Em que sertões iremos acoutar-nos,
Como as tapiras, que de tudo fogem?
E onde livres e em paz esconderemos
Esses ossos de nossos pais guerreiros,
Que tremendo estão já que os revolvamos?
Ossos de nossos pais! estai tranquillos;
Não temais que os Tamoyos vos aviltem,
E da terra em que estais vos tirem hoje,
Para entregal-a ao barbaro estrangeiro.
Não fugiremos, não. Dizei, Tamoyos,
Dizei: quereis fugir? »

— Queremos guerra ;
Guerra, e só guerra ». Unisonos bradaram.

« Ouves? ouves, Payé? (prosegue Aimbire
De prazer exultando) Ouves o grito
Que ainda forte sôa?... Já conheces
Que gente vai aqui? Que mais tu queres?
Que nos dizes agora? Ah! já te calas! »

Após breve silencio, o agoureiro
Com voz pesada diz: — Pois bem, Tamoyos,
Vosso valor o animo me exalta,
E me faz perdoar tanta impiedade!
Os pais de vossos pais me conheceram,
E jamais do que eu disse duvidaram.
Falsos temores inspirar não venho,
Que por mim nada temo do estrangeiro,
De cujo mando libertar-vos quero.
Vamos ver si Tupan, que vos escuta,
Quererá proteger vossas fadigas ».

A predição da Cigana

Quero contar-te um segredo,
Que minha mãe me contou.
Mas olha que tenho medo
Que me chamem de vaidoso.
Se o sabe algum invejoso,
Adeus, que perdido estou.

Não t'o digo por vangloria,
Que não sei se a posso ter;
Mas porque na minha historia
Ha um ponto muito obscuro;
E eu a verdade procuro,
Que só tu podes dizer.

Minha mãe estava um dia
Sentada no seu jardim:
Em seu regaço eu dormia;
Um anno apenas contava;
E ella, que me lactava,
Terna olhava para mim.

Uma cigana passando,
Na porta esmola pedio;
A um signal foi entrando
Para receber a esmola,
E tendo-a já na sacóla,
Pasmou assim que me vio.

Não sei se foi por sincera,
Ou se foi por agradar
A quem esmola lhe déra;
O certo é que a cigana
Mostrou-se com muita gana
De minha sorte escutar.

Olhou-me muito a seu gosto,
Contemplando o rosto meu;
Depois da inspecção do rosto,
Tomou-me a bruxa a mãosinha,
E de preguinha em preguinha
Todo o meu destino leu.

E assim disse: — « Este menino
Ha de viver; crie-o bem;
Que é mui bello o seu destino;
Ha de ser grande poeta,
Ha de amar a predilecta
Como nunca amou ninguém.

« A quem o céu o destina
Fiel, constante será.
Leio mesmo em sua sina
Que o seu amor será tanto,
Que a todos fará espanto,
E a Bella immortal fará. »

— E amado será da amada? —
Minha mãe lhe perguntou.
« Póde estar esperançada,
Respondeu-lhe a chiromante;
Poeta, sincero, e amante,
Quem amor já lhe negou? »

De ser poeta estou perto,
Só ponho o grande em questão.
Sincero amante, isso é certo,
E affirmal-o não duvido.
Quanto ao ser correspondido,
Pergunta ao teu coração.

ANTONIO JOSÉ
TRAGEDIA

ACTO V
SCENA II

ANTONIO JOSÉ

Bons dias.

O CONDE

Cuidei qu'hoje do leito não sahisses!

ANTONIO JOSÉ

Ao contrario, ha bem tempo que deixei-o ;
Não se póde dormir a somno solto
Quando se vê a espada de Damocles
Pendente sobre a fronte.

O CONDE

A phantasia

Creio que agora em ti mudou de côres ;
Não gosto de te ver co'um ar tão triste.
Onde estão as satyricas facecias
Com que outr'ora zombavas deste mundo ?

ANTONIO JOSÉ

Eis dos homens a fracâ natureza!...
Que mudança fiz eu d'hontem para hoje!
Nem me conheço mais! Muda-se a sorte,
Muda-se o nosso genio! Eis como somos ;
E a razão poucas vezes nos governa.
Se felizes, alegres nos mostramos,
Amamos o prazer, o jogo, o riso,
A dança, tudo emfim quanto transporta
Os sentidos na escala dos deleites ;
E no meio das nossas alegrias
Do dia de amanhã nos esquecemos ;
Emquanto nós folgamos, outros soffrem,
Insultamos a dôr dos outros homens,
Nem nos lembramos que o prazer é sonho,
E que só a desgraça é realidade.
Mas de repente a scena se transforma :
Do seio do prazer surge o infortunio,
E apparece a razão com ar sombrio
De tristes pensamentos rodeada...
Então das illusões o véo se rompe ;
Vemos a nossos pés aberto o abysmo,

Que de flores cobria a f'licidade ;
Conhecemos então o que nós somos ;
Mil perigos então se nos antolham ;
Fugimos do prazer, odiando o mundo,
E co'a morte e a verdade deparamos!...
Oh contrastes da vida! Oh dia! Oh noite!
Cruel alternativa! E sempre cégo
Levar se deixa o homem pelo mundo.
Parece que a razão envergonhada
De nada ter servido nos prazeres
Nos deixa na desgraça.

O CONDE

A culpa é nossa,
Que da razão tão pouco nos servimos.

ANTONIO JOSÉ

Nossa, sim, mas não tanto ; grande parte
Tem nella nossos pais, e nossos mestres,
Que são da nossa infancia responsaveis.
Nunca a razão nos falla por seus labios,
Sempre o terror, o medo e o servilismo ;
E os erros que co'o berço recebemos
Tarde ou nunca perdemos.

O CONDE

Meu amigo,
Só a philosophia nestes casos
Da nossa infancia os males curar póde.

ANTONIO JOSÉ

Sim, a philosophia ! Onde está ella ?
Termo pomposo e vão... Quereis qu'eu chore
Como Heraclito, sempre atrabilario,

Aborrecendo os homens com quem vivo?
Ou qu'eu como Democrito me ria
De tudo quanto vejo? — Por ventura
Nisto consiste a natureza humana?
Quereis qu'eu seja estoico como Zeno,
Que diga que não soffro, quando soffro?
Por ventura não somos nós sensiveis?
Quereis que de Epicurio as leis seguindo,
Só me entregue ao prazer, ou que imitando
A Crates, e a Diogenes, me cubra
Com rôto manto, e viva desprezado,
Sem me importar co'as cousas d'este mundo,
Como o cão, que passeia pelas ruas?
Se eu por seguir de Socrates o exemplo,
Pugnar pela razão, a morte é certa.
Quando toda a nação está corrupta,
Embebida no crime, e espesinhada
Por homens viciosos, quem se affouta
A seguir a virtude, muito soffre.
Para viver então é necessario
Que o homem se converta n'um malvado;
Que seja adulator, vil, intrigante,
P'ra ser acceito, e ter assento entre elles.

O CONDE

Tens razão no que dizes, não a nego;
Mas, pensando melhor, e a sangue frio
Deveis me conceder que a maior parte
Dos homens, não reflectem seriamente
No que devem fazer, não é estranho
Qu'elles errem; porém nós, Litteratos,
Nós que somos Poetas e Philosophos,
Que temos por dever servir de exemplo,
Já que Deus outorgou-nos o talento
P'ra servirmos de guia aos demais homens,

Não devemos obrar como elles obram.
Nós podemos de cada seita antiga
Extrahir o melhor ; nunca devemos
Á risca respeitar nossos costumes,
Antes s'elles são máos satyrisal-os,
Nem tambem atacal-os face á face,
Que então cahimos no geral desprezo.

ANTONIO JOSÉ

Que quereis afinal? que o vate seja
Poeta cortezão, que se mascare,
Que nunca diga as cousas claramente,
Que combine a verdade co'a mentira?
Poeta que calcula quando escreve,
Que lima quanto diz p'ra que não fira,
Que procura agradar a todo o mundo,
Que, medroso, não quer comprometter-se,
Que vá poetisar para os conventos.
Eu gosto dos poetas destemidos
Que dizem as verdades sem rebuço,
Que a lyra não profanam, nem se vendem.
Estes sim, são poetas. Quanto aos outros,
São algozes das musas, mercadores
Que fazem monopolio da poesia,
E como escravos adulam seus senhores.
Quando escrevo meus dramas não consulto
Senão a natureza ou o meu genio ;
Se não faço melhor, é que não posso.

O CONDE

Tu peccas por que queres ; bem podias
Compor melhores dramas, regulares,
Imitar Molière ; tantas vezes
Te dei este conselho !

ANTONIO JOSÉ

Eu o agradeço.

Molière escrevia p'ra Francezes,
Para a côrte do grande Luiz Quatorze,
Para um rei que animava artes e lettras.
E eu para Portuguezes só escrevo ;
Os genios das nações são differentes.
E demais por ventura por meus dramas
Sou eu denunciado ao Santo officio?
Creio que não. Os frades bem se importam
Que eu faça o povo rir. Tomaram elles,
E todos os mandões que nos governam,
Que o povo só procure divertir-se,
Que viva na ignorancia, e não indague
Como vão os negocios, e que os deixem
A seu salvó mandar como elles querem.
Comtanto que os impostos pague o povo,
Que cêgo, e mudo soffra, e obedeça,
Que viva sem pensar, elles consentem
Que o povo se divirta.

O CONDE

Meu Antonio,

Tu tens razão em parte ; mas o povo
É culpado tambem porque obedece ;
Quem tem a força em si porque se curva ?
O qu'ê nação ? a somma de escriptores,
D'artistas, mercadores e empregados,
Gente do campo, frades, e governo :
Todos querem ganhar a todo o custo,
Ninguem quer arriscar, d'isto resulta
A total decadencia em que vivemos.

ANTONIO JOSÉ

Como vai Portugal! Que triste herança
Receberão de nós os nossos filhos!
Tantas lições sublimes de heroismo,
Tantos feitos dos nossos bons maiores,
Patriotico zelo, amor da gloria,
N'um seculo estragamos! Nada resta!
Que contraste terrivel! Como um dia
Nossos annaes a historia relatando
Apparecer devemos! Com que opprobrio,
Com que desprezo as gerações futuras
Dirão de nós, julgando nossos fastos:
— Era de corrupção e decadencia!
E que fazemos nós? A passos largos
Marchamos para a quéda. E que não haja
Um braço forte, um braço de gigante,
Qu'entre nós se levante, e nos sustente!
Como as nações se elevam, se engrandecem,
E como pouco a pouco se degradam!
Torna-se o povo escravo, os Reis tyrannos.
Onde está Portugal? Nação que outr'ora
Do mar o sceptro sustentava ufana,
E mandava seu nome a estranhos povos?
A Hespanha, que terror impunha á Europa,
Quando n'ella imperava Carlos Quinto,
O qu'é hoje, depois qu'esse tyranno
Sanguinario Philippe ergueu-se ao throno?
E essas nações antigas, Grecia, e Roma,
Mães de tantos heróes, de tantos sabios,
Porque se despenharam da grandeza?
Porque a corrupção dos governantes
Até aos cidadãos tinha passado.
Nasce de cima a corrupção dos povos.
Sim, os governos sós são os culpados
Da quéda dos Imperios: máos exemplos

São sempre pelos homens imitados:
Quando á testa do estado se apresenta
Um homem sem moral, falto de luzes,
Que as honras nacionaes vende á lisonja,
Quem o circúla imita seus costumes,
E este por sua vez é imitado,
Té que de gráo em gráo, sempre descendo,
A servidão ao povo contagia:
Tudo perdido está; só a vergonha,
Só a miseria, o opprobrio então se espera.

O CONDE

Assim é, mas enquanto o povo dorme,
O remedio é soffrer com paciencia.

ANTONIO JOSÉ

O povo acordará.

O CONDE

A elle toca
Defender seus direitos. Mas eu vejo
Qu'elle se cala, e mostra estar contente.

ANTONIO JOSÉ

Não se devem fiar. Como o camello,
Sustenta o povo a carga enquanto póde,
E quando excede o peso ás suas forças,
Ergue-se, e marcha, e deixa a carga e o dono.

O CONDE

Pois que s'erga, e que marche, eu não o impeço.
Eu não sou d'esses nobres ociosos
Que pesam sobre o povo, nem desejo
Que reine a tyrannia, ou a ignorancia.

Trabalho pela patria e pela gloria ;
 Posto que seja conde, sou poeta ;
 Sei que um bom escriptor vale mil condes,
 E curo de deixar uteis escriptos.

ANTONIO JOSÉ

Oh, senhor, vós sois nobre duas vezes,
 Nobre pelas acções, nobre no genio,
 Sem fallar na nobreza dos palacios.

—
 ACTO V

SCENA I

ANTONIO JOSÉ *(fazendo um esforço para levantar a cabeça, olha para todos os lados, e firmando o cotovelo no cepo, que lhe serve de travesseiro, pousa a cabeça na mão, e com voz docil começa a fallar.)*

É dia, ou noite?... O sol talvez já brilhe
 Fóra d'esta masmorra... A natureza
 Talvez cheia de vida e de alegria
 O hymno da manhã entôe agora!
 Mas p'ra mim acabou-se o mundo, e o dia...
 Sim p'ra o mundo morri... Minha existencia
 Já não conto por dias; sim por dôres!
 Nesta perpetua noite sepultado,
 É meu unico sol esta candeia
 Pallida e triste como a luz dos mortos
 Diante de meus olhos sempre accesa
 Para tingir de horror este sepulchro.
 Seu vapor pestilento respirando,
 Vejo correr meus ultimos instantes
 Como este fumo negro, qu'ella exhala,
 E em confusos novellos se evapora.

P'ra mim enrouqueceu-se a voz humana!
Só perturba o silencio deste carcere
O ferrolho, que corre, e a dura porta,
Que em horas dadas, se abre, p'ra fechar-se:
Por musica continua esta corrente,
Que retine e chocalha em meus ouvidos,
E de negros vergões me crava o corpo...
Se eu pudesse dormir — um somno ao menos
Livre destas cadêas! — porém como,
Tendo por cabeceira um duro cepo,
Este chão frio e humido por leito,
E palhas por lençol! — E porque causa?
Por uma opinião, por uma idéa
Que meu pai recebeu de seus maiores
E transmittio ao filho! — E sou culpado!...
É possível que os homens tão máos sejam
Que como um féro tigre assim me tratem
Por uma idéa occulta de minha alma?
Porque em vez de seguir a lei de Christo,
Sigo a lei de Moysés!... Mas quando, quando
Esse Deus homem, morto no calvario,
Pregou no mundo leis de fogo e sangue?
Quando, na cruz suspenso, deu aos homens
O poder de vingar a sua morte?
Que direitos têm elles, que justiça,
Mesmo por sua lei, de perseguir-nos?...
Oh que infamia! Assim é qu'elles entendem
Do seu legislador os mandamentos!...
Leis d'amor, convertidas em leis de odio!
E são elles christãos!... E assim manchando
O nome de seu Deus, ousam mostrar-se
À face do universo, revestidos
Com sagradas insignias, profanando
Os templos, que deviam esmagal-os!
E se enculcam de Deus santos ministros!
Oh céos, que horror! que atroz hypocrisia!

(Depois de um momento de pausa, esforçando-se para mudar de posição, tinem as cadêas; fica apoiado sobre o braço, com a mão no chão, e com a outra levantada e segurando na cadêa, que o prende á pilastra, diz):

Ai... já não posso... Dóe-me o corpo todo.
Como tenho este braço! *(tomando uma larga respiração)*

O ar me falta...

Creio que morrerei nesta masmorra
De fraqueza e tormento... O meu cadaver
Será queimado, e em cinzas reduzido!
Oh que irrisão!... Quão vis são esses homens!
Como abutres os mortos despedaçam
P'ra saciar seu odio, quando a vida
De suas tristes victimas se escapa! *(Com indignação)*
Não, eu não fugirei á vossa raiva,
Não mancharei meus dias derradeiros
Arrancando-me a vida; não, malvados,
Assaz tenho valor para insultar-vos
De cima da fogueira. A minha morte
Quero que sobre vós toda recaia.

(Um momento de pausa: abaixa a cabeça como absorvido em algum pensamento e sacudindo-a, diz, com voz baixa e compassada):

Morrer... morrer... Quem sabe o que é a morte?...
Porto de salvamento... ou de naufragio!...
E a vida? um sonho n'um baixel sem leme...
Sonhos entremeados d'outros sonhos,
Prazer, que em dôr começa, e em dôr acaba.
O que foi minha vida, e o que é agora?
Uma masmorra alumiada apenas,
Onde tudo se vê confusamente,
Onde a escassez da luz o horror augmenta,

E interrompe o recondito mysterio.
Eis o qu' é vida!... Mal que a luz se extingue,
O horror e a confusão desaparecem,
O palacio e a masmorra se confundem,
Completa-se o mysterio... Eis o qu' é morte.
E minha alma?... essa em mim existe agora
Como eu nesta masmorra esclarecida,
Vai-se a vida, e minha alma será livre,
De Deus receberá novos destinos,
Ou irá repousar na eternidade.

MANOEL DE ARAUJO PORTO ALEGRE

COLOMBO

O TRIUMPHO

Troam na Iberia os hymnos da victoria
Que Fernando e Isabel do Mouro houveram.
Jaz vencida Granada! A Cruz guerreira
Da moderna cruzada resplandece
No rubro cimo da atalaia altiva,
Que domina de Alhambra os regioes muros,
E os zimbórios vidrados das mesquitas
Assentadas no gremio augusto e bello
Da abatida sultana do occidente!
Jaz vencido o koran: no sancto aprisco
Repousa a Hespanha á sombra do Evangelho.

Na ridente esplanada, ovantes, firmes,
Como troncos de ferro, ao sol fulguram
Pautados esquadrões, lucidas armas.
Rebombam no horizonte em densas nuvens
Os estrondos da rouca artilheria,
Que dos rinchos equinos augmentados,

E do rijo clangor das marcias tubas,
D'alto a baixo as montanhas estremeçam!
Sobre o craneo hibernal das Alpuxarras
Estala o diadema eterno e frigido
De niveas carabinas: geme a terra;
Revolve o Darro o antigo leito, e mescla
De aureas palhetas as sangrentas aguas,
Onde exangues cadaveres fluctuam.
Retremem os zimbórios esmaltados
Dos islamicos templos! Pavorosa
A sombra de Almansor, banhada em sangue,
Do poento jazigo em que dormia,
Se ergue, e lá foge ao funeral de um throno,
Que o seu braço escudara em cem batalhas.

Jaz vencida Granada! A Providencia
Quebra a espada de Islam nos frageis muros
De Sancta-Fé, erguida após o incendio.
O drama porfiado, que oito seculos
Ensanguentara a Hesperia, se desfecha;
Cahe aos pés de Isabel estrebuchando
O orgulhoso colosso desse imperio
Que o braço de Fernando avassalara.
Na incude marcial não bate o malho
Do mourisco alfageme; acerbos lagrimas
O ferro mal temperam; só resôa
Através desses muros derrocados,
O tinir das cadeias dos escravos,
Em cuja mente a liberdade antiga
Não ousa aos céos erguer dubia esperanza.

No regio acampamento o afan redobra:
Preliba a festa a marcial phalange
Aprestando mil jogos. Sobre carros
Rolam selvas dos flancos das montanhas,
E os tardos bois e os férvidos cavallos

Movem acervos de pesados troncos.
Rangem as serras, os machados talham,
Cava-se o chão, e os artefactos sobem.
No regaço gentil, nas mãos mimosas
Das felizes donzellas se engrinaldam
Odores flores e laureis virentes;
E em seus dedos a agulha industriosa
Nos pendões e divisas emblemava
Com empenho amoroso imos arcanos.
Séricas tendas, pavilhões heraldicos,
No ar tremulam as douradas franjas.
Ascendentes palanques contorneam
O precinto faustoso da estacada,
Que o arauto firmara em torno á liça,
Onde em breve travando as aureas lanças,
Ha de em preito amoroso, em destros jogos,
Turba heroica ostentar valor e arte.
Domina a teia o cadafalso regio,
Adornado de telas brazonadas,
Que feitos e victorias preconizam
Dessa prole de herões á cruz votada,
Que o crescente eclypsou co'a dextra invicta!

Era no dia em que o christão memora
A maga epiphania. Ao som festivo
Das iberias trombetas, fronticurvo,
Da tarima real descia o Mouro,
Vendo em seu throno o desengano e a morte,
E a gloria avita como um sonho illuso!
O ferro guante do Hespanhol pesava
Sobre as ameias do rendido alcáçar.
Consummado era tudo! Escravo o bronze,
Que inda ha pouco nas hostes inimigas
A morte vomitava, aguarda o mando
De seu novo Senhor, que ovante marcha,
E ás portas bate da purpurea Alhambra.

Em murzellos frisões, ajaezados
Com mourisco primor, o Rei e a esposa
Fecham a marcha triumphante e grave,
Que ao som das charamellas e timbales
Soberana desfilla. No ar retinem
Os hymnos da victoria. Á frente marcham
Os reis d'armas, arautos, passavantes,
Sobre os hombros sustendo as massas de ouro.
Nas ferreas armaduras das cohortes
Que as alas ornam do real cortejo,
Se espelha o sol em fogareos ardentes,
E as lanças e as espadas dos guerreiros
Ephemeros cometas no ar lampejam.
Hoste briosa, de afamada estirpe,
Como estatuas de bronze augmenta a côrte,
E o prestito realça o regio Musa.
Mensageiro da paz, leão na guerra,
Alli ostenta do oriente as galas:
Sobre o punho do alfange temeroso,
Tauxiado em Damasco, entre saphyras
Flammeja do Indostão rubim monstruoso:
Vale o xairrel de meio reino as terras,
E o seu dono e o ginete um vasto imperio!
Em negros alfarazes, a seu lado
Trinta Alarifes vão, de mouro sangue;
Ressumbra-lhes no rosto abaçanado
O desdem que o valor innato exprime.
Em castanhos corceis, Aldoradinis,
Alabezes, Vanegas e Maliques,
E os heroicos Gazules arrematam
O sequito maurisco. Commandando
Provados martes, senhoreia o prestito
O sagrado pendão de Sancto Iago,
Á cuja sombra preto e homenagem
Deve um dia render metade do orbe!
Entre jograes e menestreis marchava

Co'a lyra de ouro um Bardo, ultimo garfo
Da caledonia estirpe, escapo ao ferro
Que Eduardo cruel brandira em Galles.
Com garbo marcial a pompa illustram
Equestres campeões d'alta linhagem.
Das pupillas vertendo fero lume,
E ao som dos hymnos que o valor deificam,
Do tinir das espadas, dos arnezes,
Os briosos corceis se engalam, rincham,
Ondeam, e nas fronteiras dos guerreiros
Fluctuam docemente as brandas plumas,
Qual formoso palmar que a brisa afaga.
A passo tardo macilento monge,
Coberto de burel, a Côrte segue:
Ximenes é seu nome: o resto a Hespanha
Ha de em breve dizel-o ao mundo inteiro.

De odoras flores, de virentes palmas
Se junca a estrada, que margeia os muros
Da vencida Granada, onde o cortejo
Triumphante alardeia augusta pompa;
E mal vingado havia asp'ra montanha,
Eis que da terra, que a seus pés echôa,
Prorompem, surgem lamentosas vozes!
Eram brados christãos, christãos escravos,
Que da noite hedionda das masmorras
À luz do dia saudações mandavam!
Livres ordena que a seus lares voltem
A piedosa Isabel esses captivos,
Que no equúleo da dôr, da fome, e em trevas
Pela patria gemeram largos annos;
E esse monte de Martyres chamou-se!

À sombra larga de maciça torre,
Cujas grandezas a vista aos céos eleva,
Fronteiros param, attentando á porta,

Onde um marmoreo emblema provocava
De ha muito o mundo a conquistar Granada.
Rangem os quicios ; Boabdil-El-Chico,
As chaves do seu reino e seu alcáçar,
Consternado, a Fernando entrega, e diz-lhe:
« Poderoso Senhor. Allah decreta
Que estas chaves que fecham tanta gloria,
Em vossas regias mãos eu deposite.
São as chaves que encerram as reliquias
Do cadaver augusto e venerando
Do arabico imperio, que oito seculos
Na Hespanha floresceu! Mas seja feita
A vontade de Allah! »

FERNANDO

E o poderio
Das minhas armas nada vale, oh Mouro?!

BOABDIL

Não ; não creias, Senhor ; Deus é quem marca
Os dias dos imperios, não os homens.

FERNANDO

Quando nelles não ha Juliano, e Oppas!...
Relevo-te a ousadia : a dôr desvaira.

BOABDIL

Mais desvaira a fortuna!... Estava escripto,
Escripto estava, oh Rei! Na casa de Hercules,
Desde o berço da Iberia, mão occulta
Fatidico papyro aferrolhara,
Em que Allah prescreveu nossas conquistas.
Não foi o braço humano, não de certo,
Quem do céu despejou centos de raios,

Que a pó e cinzas com assombro do orbe
O templo reduziram! Foi Rodrigo,
O peccador que surdo á voz celeste,
Insano profanou com impia dextra
Esse altar onde os evos occultavam
O aresto que fez ruir seu throno,
Seu plaustro deseixar-se, e o sceptro avito
Quebrar-se eternamente sobre as margens
Do rico Guadalete, em face a Xeres.
Stava escripto!... Não foram vossas armas
Que meu throno abateram; foi o fado!
Aben-Hassan, meu pai, — Deus o ampare, —
Vio a par da derrota a estrella mesta
Do infortunio pousar sobre o meu berço,
Predice o céo meu fim; fatal decreto
Da morada de Allah baixou á terra.
Aqui mesmo, Senhor, nesta atalaia,
Berço e sepulchro da grandeza humana,
Uma horrenda visão teve elle um dia,
Dia nefasto nos annaes da hegira.

« Mergulhava no mar o limbo ardente
O sol; suave tarde a primavera
De andaluzas delicias revestia;
Sobre o bafo de meiga e fresca brisa
De nardo e lume um oceano ethereo
Vinha aos labios ungir de almos encantos,
E o astro do Propheta a prumo ao cimo
Desta immensa guarita das vigias,
Brilhava puro e calmo, como a face
Da Hurí que nectarisa eternamente
Os labios do escolhido. De repente
O céo se enlucta, e as candidas estrellas
Em verdes flammias se convertem, cruzam,
Trovejando no espaço ronco horrendo!
Mais vermelho que o sol da terra surge

Um rompente leão! lança-se ao astro,
E o devora de um trago! A natureza
Parecia reentrar no cháos informe,
E em trevas sepultar-se!... Só a imagem
No céu se via da medonha féra
Sacudindo da juba ensanguentada
Um granizo de fogo sobre os tectos
Desta infausta cidade!... Meu pae, tremulo,
Sentio da morte a mão premar-lhe o seio,
E ardente desfiar-se de seus olhos
Sobre a nivea marlota sangue em bagas.
Horrorisado foge, titubante,
E o pateo dos leões assim varando,
Ouve um gemido que lhe vara o peito.
Na bacia de marmor, que no centro
Espadanas de sangue trasbordava
Sobre o dorso marmoreo dessas feras,
Já com sangue christão assás banhadas,
Um espectro phosphorico o assalta!
Como ardentes carvões chammeja a larva
Em muda exprobação olhar satanico!
Tira do seio ensanguentada espada,
E nos labios crueis a limpa, e cospe
No rosto de meu pae mancha indelevel...
Convulsivo sacode a fronte hirsuta,
E com ella lhe atira espedaçada
A c'roa augusta de Granada ás plantas;
E após sumio-se o agoureiro espectro!
Como um ebrio que vê fundir-lhe o raio
A taça de ouro, que emborcava aos labios
Em louca libação, gelado fica,
Assim ficou meu pae!... Sôa um vagido
Nos regios aposentos, que o desperta!
Outro sôa maior! foge, e procura
Lenitivo ao terror no casto seio
De minha terna mãe; e o que elle encontra?!

Era eu, vindo á luz n'aquelle instante!
Era eu, que á desgraça destinado,
Vinha ao mundo da dôr, do desengano!
Era eu, que dos olhos desprendia
A lagrima primeira, e n'ella ao vivo,
De um cirio á luz que o thalamo aclarava.
Vio meu pae com assombro reflectir-se
A imagem pavorosa das exequias
Do throno de Granada!... Estava escripto!
Os braços granadis ora algemados,
Aos braços dos christãos em força igualam,
E as aguas do Genil dão gume ao ferro
Para o ferro cortar de vossas armas...
Allah foi quem venceu!... Ante meus olhos
Julianos e Oppas, refractarios
A's juras do koran, patentes vejo!
Nem a esposa me resta, que o máo fado
Me fez repudiar, cobrir de opprobrio,
Negando seu amor!... Sangue, só sangue,
Avancerrage sangue em toda a parte
Minha esperança para sempre afoga!
Nasci em dia aziago... Eis vossas chaves.
Uma graça, Senhor! — sêde piedoso:
Tolerai o koran: elle é do Mouro
Um roteiro do céu. Inda outra graça:
Mandai que um alvanel a porta mure
Por onde Boabdil desceu do throno.»

Disse: e o despeito brota-lhe nos labios
Espessa espuma. Não lhe verga o animo
Da despegada esposa o riso odioso,
Nem as faces traidoras dos escravos
Que n'elle viam perecer a patria:
Antes, rolando os inflammados olhos,
Um por um os confunde, e rei se mostra!

Convulsivo tremor a face augusta
Da formosa Isabel percorre, e estampa
Em seu terno semblante a piedade.
Fernando, ao lado della, occulta o jubilo
Que em seu peito referve: e os olhos fictos
Na alcantilada torre, aguarda ancioso
Ver erguido o signal, a cruz argentea
Na mão de Talavera, e glorioso
Engolfar-se nos brados da victoria.

« Sancto Iago ! » do alto da atalaia
Tres vezes brada o bispo; e Sancto Iago!
Veze tres pela veiga inda reboa
Em prolongado som, que dobra em força,
Como a onda que os flancos arremeça
Em lisa praia, e recuando engrossa
Em marouço, que estoura reboando.

« Castella e Aragão ! » grita o rei d'armas,
Floreando tres vezes o estandarte
Do Apostolo guerreiro, cujo nome
A fé robora, e accende o amor da gloria.
Responde a artilheria, rufam caixas,
E no campo fluctuam ferreas massas,
Dardos de fogo rutilando em nuvens.
Fernando beija a terra; ao som das harpas
Grave Te-Deum se entôa, a que respondem
Toda a côrte, guerreiros, e cantores.

Eil-o, o fero Boabdil, sobre alto monte,
Fugindo desses hymnos que concutem
Em seus tristes ouvidos sons funereos,
E o solio avito n'um sudario envolvem
De fumo e sangue. Em vão turbado intenta
Prender-se á doce imagem fugitiva

Da finada grandeza: é tudo baldô!
Nunca em seus olhos a amorosa Alhambra
Mais bella se estampou, nem sobre a terra
Granada alardeou tantos primores!

Sereno estava o céo, como o respiro
De puro infante, adormecido aos mimos
Da carinhosa mãe. E elle não via,
Nesses desejos da desgraça extrema,
Rolando os olhos no horizonte patrio,
Erguer-se um fumo lampejando estrondos,
Sublevarem-se os seus, tinirem armas,
Romper-se a cruz iberia, e novamente
O crescente raiar nos rotos muros,
Como um astro propicio... Ah! nem via
Abrir-se a terra e submergir Granada,
Ferver em seu sepulchro um negro lago
Exhalando mortiferos vapores.
Pela ultima vez sua alma adeja
Em seus olhos, e diz enternecida
Saudosos adeus á patria escravizada,
Saudosos adeus ao throno, ao mando, e á gloria;
Um suspiro o acompanha, longo, intenso,
Suspiro que concentra um reino, um mundo;
E após o suspirar vio-se em seus olhos
Do infortunio rolar a fria lagrima...

Para elle volvendo a vista ardente,
Então a mãe que muda o acompanhava,
Com despeitoso orgulho assim lhe falla:
« Como fraca mulher, Principe, choras
O teu reino perdido?... Sim, pranteia-o,
Já que homem tu não foste em defendel-o.
Inda ha pouco teu vulto enchia a Hespanha
De assombro e majestade! ora abatido,
Nega-te a propria terra um canto, um pouso

Em que possas dormir!.... E tu sabias
Que o manto de um plebeu não cobre a espadua
Que um imperio sustenta; e tu me ouviste
Desde o berço dizer-te esta verdade:
Que não é rei quem rei morrer não sabe! »

Qual se adunco cilicio o repassasse,
Ou se um raio estrugisse em seus ouvidos,
A voz apaixonada da Sultana
Fere sua alma, e lhe desnuda o mundo.
Um ermo tenebroso, arida syrthe
Entre vagas que o céu fulmina irado,
A terra lhe parece. Amor do berço,
Delicias do consorcio, e a majestade
Em voragens profundas desaparecem;
A morte é seu porvir, sua esperança!
Da patria a terra e o céu infaustos cercam
Seu ser real proscripto. Encara os mares,
E nas rubras caligens africanas
Renasce-lhe a existencia. Sólta as rédeas
Ao feroso corcel, e afasta os olhos
Do afflictivo painel que o dilacera.

Penetram nas formosas galerias
Da encantadora Alhambra os vencedores;
O fero trote dos frisões recresce
Nas sonoras abobadas. Fernando
Não póde clausurar n'um vão silencio
A insolita impressão:

« Ah! vale o sangue
De meus nobres guerreiros esta regia
Tão bella e grandiosa, que escurece
Quantas conheço na afamada Hespanha!
Por ella inda mais sangue eu verteria. »

O VEADEIRO

Retine já pelos ares
Dos sahycos o pipito ;
Já nos céos em bandos rufa
O chilro do periquito :
Perreiro, toca o apito,
Para a matilha ajuntar.

A cornea incude já trôa
Da araponga sonora,
E a madrugada saudando,
Saúda também a aurora.
Caçador, chegou a hora
Do teu pouso abandonar.

Que madrugada serena,
Que ar tão puro e perfumado !
Caçador, aprompta as armas :
Da matta sahe o veado.
Lá vai elle para o prado
Sua manja procurar.

Ao teu tiracol encruza
O chumbeiro e o polvorinho,
Que arreado o veloz baio
Salta como um passarinho ;
Relincha, olhando o caminho,
Pois sente que vai caçar.

Late em torno, de alegria,
Pula, e lambe o pegureiro
O caçador apressado
Que já pisa no terreiro.
Solta os mestres, ó perreiro,
Que a caça vai começar.

Eis que por valles e montes
Bate o rastro a malta e brama
Como louca, e leda fica
Vendo do veado a cama,
E além, ao travez da rama
O matteiro perpassar.

O matteiro vai fugindo,
Dando saltos desmedidos!
Em torno ao vasio leito
Os cães rodam com latidos.
Caçador, prega os sentidos
No cão que vês farejar.

Caçador, caminha avante;
Essa malta, esse alarido
Acompanha a passo vivo,
Com teu olho e teu ouvido;
Que um veado perseguido
Azas tem para voar.

Mas eil-o que o monte galga,
E entra na capoeira;
Já lá desce, vôa, e salta
Para a outra ribanceira.
Caçador, uma carreira,
Se não, te póde escapar.

Eil-o outra vez que volta,
Esbelto, nobre, ligeiro;
E do alto a altura mede,
O salto mede e o ribeiro.
Caçador, anda ligeiro,
Que o veado has de apanhar.

Lá vai, removendo as ventas,
De orelha em pé, estendida,
Fugindo aos alados galgos
Que o perseguem na corrida.
Caçador, a tua lida
Stá quasi para findar.

Um salto, parece um vôo!
Na matta se entranha, e vara,
Ao rio se lança, e nada;
A matilha ladra e pára.
Caçador, arma na cara,
Vais o veado matar.

Lá cahio! foi na cabeça,
Alvo de tiro certo!
Arregaça as tuas calças,
Vai buscal-o no ribeiro.
Como está lindo o matteiro,
Que custou tanto a alcançar!

As mãos nos labios concerta,
Sopra e trina a capoeira;
Chama os teus cães espalhados,
Que elles já veem de carreira.
Tira a faca carnieira
Para o veado estripar.

Abre o ventre, e os intestinos
Aos teus cães brinda ligeiro,
Pois já ladram, pois já mordem
O pobre, exangue matteiro;
A lingua dá ao perreiro
E o resto deves guardar.

Parabens, gente de brio,
Eis vossa lida acabada ;
Parabens, ó veadeiro,
Da tua feliz caçada.
Volta á casa, e á tua amada
Vai o veado offertar.

A. GONÇALVES DIAS

OS TYMBIRAS

CANTO SEGUNDO

Desdobra-se da noite o manto escuro :
Leve brisa subtil pela floresta
Enreda-se e murmura, — amplo silencio
Reina por fim. Nem saberás tu como
Essa imagem da morte é triste e torva,
Se nunca, a sós contigo, a presentiste
Longe deste zunir da turba inquieta.
No ermo, sim ; procura o ermo e as selvas...
Escuta o som final, o extremo alento,
Que exhala em fins do dia a natureza !
O pensamento, que incessante vôa,
Vai do som á mudez, da luz ás sombras
E da terra sem flôr ao céu sem astro.
Semelha a fraca luz qu'inda vacilla
Quando, em o saráu, o extremo acorde
No deserto salão geme, e se apaga !

Era pujante o chefe dos Tymbiras,
Sem conto seus guerreiros, tres as tabas,
Opimas, — uma e uma derramadas
Em gyro, como danza dos guerreiros.
Quem não folgará de as achar nas mattas?
Tres flôres em tres hastes differentes
N'um mesmo tronco, — tres irmãs formosas
Por um laço de amor alli prendidas
No ermo, mas vivendo aventuradas?
Deu-lhes assento o heróe entre dois montes,
Em chã copada de frondosos bosques.
Alli o cajazeiro as perfumava;
O cajueiro, na estação das flôres,
De vivo sangue marchetava as folhas;
As mangas, curvas á feição de um arco,
Beijavam o tecto; a sapucaya
Lambia a terra, em graciosos laços
Doces maracujás de espessas ramas
Sorriam-se pendentés; o páo d'arco
Fabricava um docel de cróceas flôres,
E as parasitas de matiz brilhante
A usnea das palmeiras estrellavam!

Quadro risonho e grande, em que não fosse
Em granito ou em marmore talhado!
Nem palacios, nem torres avistáras,
Nem castellos que os annos vão comendo,
Nem grimpas, nem zimbórios, nem feitura
Em pedra, que os humanos tanto exaltam!
Rudas palhoças só! que mais carece
Quem ha de ter sómente um sol de vida,
Jazendo negro pó antes do occaso?
Que mais? Tão bem a dôr ha de sentar-se
E a morte revoar tão solta em gritos
Alli, como nos atrios dos senhores;

Tão bem a compaixão ha de cobrir-se
De dó, limpando as lagrimas do afflicto:
Incerteza voraz, timida esp'rança,
Desejo, iniquitação tambem lá moram:
Que sobra pois em nós, que falta nelles?

De Itajuba separam-se os guerreiros;
Mudos, ás portas das sombrias tabas,
Immoveis, nem que fossem duros troncos,
Pensativos meditam. Já da guerra
Nada receiam, que Itajuba os manda;
O encanto, os manitôs inda o protegem,
Vela Tupan sobre elle, e os sanctos piágas
Comprida serie de floridas quadras
Vêr-lhe asseguram: nem de ha pouco a luta,
Melhor disseras de renome ensejo,
Os desmentio, que nunca os piágas mentem.
Mêdo, certo, não têm; são todos bravos!
Porque meditam pois? Tambem não sabem!

Sahe o piága no emtanto da caverna,
Que nunca humanos olhos penetraram;
Com ligeiro sendal os rins aperta,
Cocar de escuras plumas se debruça
Da frente, em que se enxerga em fundas rugas
O tenaz pensamento afigurado.
Cercam-lhe pulsos cascaveis loquazes,
Respondem outros, no tripudio sacro,
Dos pés. Vem magestoso, e grave, e cheio
Do Deus, que o peito seu, tão fraco, habita,
E em quanto o fumo lhe volteia em torno,
Como neblina em torno ao sol que nasce,
Ruidoso maracá nas mãos sustenta,
Sólta do sacro rito os sons cadêntes.

« Visita-nos Tupan, quando dormimos,
É só por seu querer que então sonhamos;
Escuta-me Tupan! Sobre vós outros,
Poder do maracá por mim tangido,
Os sonhos desçam, quando o orvalho desce.

« O poder de Anhangá cresce co'a noite;
Sólta de noite o máo seus máos ministros:
Caraibêbes na floresta accendem
A falsa luz, que o caçador transvia.
Caraibêbes enganosas fórmãs
Dão-nos aos sonhos, quando nós sonhamos.
Poder do fumo, que lhes quebra o encanto,
De vós se partam; mas Tupan vos olhe,
Descendo os sonho, quando o orvalho desce.

« Tristonhos pios a acauán desata,
Quando ao guerreiro prognostica males;
Tristonhos bandos de urubús vorazes
Os sonhos turbam das vencidas hostes:
Cheios de medo os Manitôs desertam
As tabas mudas, que hão de ser calcadas,
Já cinza fria, pelo imigo fero.
Não fujam Manitôs as nossas tabas!
Urubús, acáuans nos vossos sonhos,
Virtude e força deste meu tripudio,
Não se vos pintem; mas Tupan vos olhe,
Descendo os sonhos, quando o orvalho desce!

« O sonho e a vida são dois galhos gemeos;
São dois irmãos que um laço amigo aperta:
A noite é o laço; mas Tupan é o tronco
E a seve e o sangue que circula em ambos.
Vive melhor quem da existencia ignaro,

Na paz da noite, novas forças cria.
O louco vive com aferro, enquanto
N'alma lhe ondeiam do delirio as sombras,
De vida espurias; Deus porém lh-as rompe,
E na loucura do porvir nos falla!
Tupan vos olhe, e sobre vós do Ibake
Os sonhos desçam, quando o orvalho desce!»

Assim cantava o piága merencorio,
Tangia o maracá, dansava em roda
Dos guerreiros: pudéra ouvido attento
Os sons finaes da lugubre toada
Na placida mudez da noite amiga
De longe, em côro ouvir: « Sobre nos outros
Os sonhos desçam, quando orvalho desce. »

Calou-se o piága, já descançam todos!
Almo Tupan os communique em sonhos,
E os que sabem tão bem vencer batalhas,
Quando acordados malbaratam golpes,
Saibam dormidos figurar triumphos!

Mas que medita o chefe dos Timbiras?
Bosqueja por ventura ardis de guerra,
Fábrica e enreda as asperas ciladas,
E a olhos nús do pensamento enxerga
Desfeita em sangue revolver-se em gritos
Morte pávida e má?! ou sente e avista,
Escandecida a mente, o Deus da guerra
Impavido Areskí, sanhudo e forte,
Calcar aos pés cadaveres sem conto,
Na dextra ingente sacudindo a maça,
Donde certa, como o raio, desce
A morte, e banha-se orgulhosa — em sangue?

Al sente o bravo; outro pensar o occupa!
Nem Areski, nem sangue se lhe antolha,
Nem resolve comsigo ardis de guerra,
Nem combates, nem lagrimas medita:
Sentio calhar-lhe n'alma um sentimento
Gelado e mudo, como o véo da noite.
Jatyr, dos olhos negros, onde pára?
Que faz, que lida? ou que fortuna corre?
Tres sóes já são passados: quanto espaço,
Quanto azar não correu nos amplos bosques
O impróvido mancebo aventureiro?
Alli na relva a cascavel se esconde,
Alli, das ramas debruçado, o tigre
Aferra traiçoeiro a presa incauta!
Reserve-lhe Tupan mais fama e gloria,
E voz amiga de cantor suave
C'os altos feitos lhe embalsame o nome!

Assim discorre o chefe, que em nodoso
Tronco rudo-lavrado se recosta:
Não tem poder a noite em seus sentidos,
Que a mesma idéa de continuo volvem.
Vela e treme nos tectos da cabana
A baça luz das resinosas tochas,
Acres perfumes recendendo; — alastram
De rubins côr de brasa a flor do rio!

« Ouvira com prazer um triste canto,
Diz lá comsigo; um canto merencorio,
Que este presagio funebre espancasse.
Bem sinto um não sei que aferventar-se-me
Nos olhos, que vai prestes expandir-se:
Não sei chorar, bem sei: mas fôra grato,
Talvez bem grato! á noite, e a sós comigo,
Sentir macias lagrimas correndo.

O talo agreste de um cipó sem graça
Verte compridas lagrimas cortado;
O tronco do cajá desfaz-se em gomma,
Suspira o vento, o passarinho canta,
O homem chora! eu só, mais desditoso,
Invejo o passarinho, o tronco, o arbusto,
E quem, feliz, de lagrimas se paga. »

Longo espaço depois fallou comsigo,
Mudo e sombrio: « Sabiá das mattas,
Croá (diz elle ao filho d'Yandyroba),
As mais canoras aves, as mais tristes
No bosque, a suspirar contigo aprendam.
Canta, pois que trocára de bom grado
Os altos feitos pelos doces carmes
Quem quer que os escutou, mesmo Itajuba. »

Emmudeceu: na taba quasi escura,
Com pé alterno a danza vagarosa,
Aos sons do maracá, traçava os passos.

« Flor de belleza, luz de amor, Coema,
Murmurava o cantor, onde te foste,
Tão doce e bella, quando o sol raiava?
Coema, quanto amor que nos deixaste!
Eras tão meiga, teu sorrir tão brando,
Tão macios teus olhos! teus accentos
Cantar perenne, tua voz gorgeios,
Tuas palavras mel! O romper d'alva,
Se encantos punha a par dos teus encantos,
Tentava embalde pleitear contigo!
Não tinha a ema porte mais soberbo,
Nem com mais graça recurvava o collo!
Coema, luz de amor, onde te foste!

« Amava-te o melhor, o mais guerreiro
D'entre nós: elegeu-te companheira,
A ti sómente, que só tu achavas
Sorriso e graça na presença d'elle.
Flor, que nasceste no musgoso cedro,
Cobravas páreas de abundante seiva,
Tinhas abrigo e protecção das ramas...
Que vendaval te despegou do tronco,
E ao longe, em pó, te esperdiçou no valle?
Coema, luz de amor, flor de belleza,
Onde te foste, quando o sol raiava ?

« Anhangá rebocou estreita ygara
Contra a corrente: Orapacên vem nella,
Orapacên, Tupinambá famoso.
Canta prodigios d'uma raça estranha,
Tão alva como o dia, quando nasce,
Ou como a areia candida e luzente,
Que as aguas d'um regato sempre lavam.
Raça, a quem os raios promptos servem,
E o trovão e o relampago acompanham.
Já de Orapacên os mais guerreiros
Mordem o pó, e as tabas feitas cinza
Clamam vingança em vão contra os estranhos.
Talvez d'outros estranhos perseguidos,
Em punição talvez d'atroz delicto.
Orapacên, fugindo, brada sempre:
— Maír! Maír! Tupan! — Terror que mostra,
Brados que sólta, e as derrocadas tabas,
Desde Tapuytapéra alto proclamam
Do vencedor a indomita pujança.
Ai! não viesse nunca ás nossas tabas
O tapuya mendaz, que os bravos feitos
Narrava do Maír; nunca os ouviras,
Flor de belleza, luz de amor, Coema!

« A céga desventura, nunca ouvida,
Nos move á compaixão: prestes corremos
Com ledo gasalhado a restaural-os
Da vil dureza do seu fado: dormem
Nas nossas redes, diligentes vamos
Colher-lhes fructos, — descansados folgam
Nas nossas tabas: Itajuba mesmo
Off'rece abrigo ao palrador tapuya!
Hospedes são, nos diz: Tupan os manda:
Os filhos de Tupan serão bem vindos,
Onde Itajuba impera! — Ai que não eram,
Nem filhos de Tupan, nem gratos hospedes
Os vis que o rio, a custo, nos trouxera;
Antes dolosa resfriada serpe
Que ao nosso lar creou vida e peçonha.
Quem nunca os vira! porém tu, Coema,
Leda avesinha, que adejavas livre,
Azas da côr da prata ao sol abrindo,
A serpente cruel porque fitaste,
Se já do olhado máo sentias pejo?!

« Ouvimos, uma vez, da noite em meio,
Voz de afflictiva mulher pedir soccorro
E em tom sumido lastimar-se ao longe.
Orapacên! — bradou feroz tres vezes
O filho de Jaguar: clamou debalde.
Sómente acode o echo á voz irada,
Quando elle o malfeitor no instincto enxerga.
Em sanhas rompe o chefe hospitaleiro,
E tenta com afan chegar ao termo,
Donde as querellas miserias partiam.
Chegou — já tarde! — nós, mais tardos inda
Assistimos ao subito espectáculo!

« Queimam-se raros fogos nas desertas
Margens do rio, quasi immerso em trévas:

Afadigados no labor nocturno,
Os traiçoeiros hospedes caminham,
Pejando á pressa as concavas ygaras.
Longe, Coema, a doce flor dos bosques,
Com voz de embrandecer duros penhascos,
Supplica e roja em vão aos pés do fero,
Cavilloso tapuya! Não resiste
Ao fogo da paixão, que dentro lavra,
O barbaro que a vio, que a vê tão bella!

« Vai arrastal-a, — quando sente uns passos
Rápidos, breves, — volta-se: — Itajuba!
Grita; e os seus, medrosos, receiando
A perigosa luz, os fogos matam.
Mas, no extremo clarão que elles soltaram,
Vio-se Itajuba com seu arco em punho,
Calculando a distancia, a força, e o tiro:
Era grande a distancia, a força immensa... »

« E a raiva incrível, continúa o chefe,
A antiga cicatriz sentindo abrir-se!
« Ficou-me o arco em dois nas mãos partido,
E a frecha vil cahio-me aos pés sem força. »
E assim dizendo nos cerrados punhos
De novo pensativo a frente opprime.

« Sim, tornava o cantor, immenso e forte
Devêra o arco ser, que entre nós todos
Só um achou, que lhe vergasse as pontas,
Quando Jaguar morreu! — partio-se o arco!
Depois ouviu-se um grito, após ruido,
Que as aguas fazem no tombar de um corpo;
Depois — silencio e trévas... »

« Nessas trévas,
Replicava Itajuba, — inteira a noite,

Louco vaguei, corri d'encontro ás rochas.
Meu corpo lacerei nos espinheiros,
Mordi sem tino a terra já cançado ;
Soluçavam porém meus frouxos labios
O nome della tão querido, e o nome...
Aos vis Tupinambás nunca os eu veja,
Ou morra, antes de mim, meu nome é gloria
Se os não hei de punir ao recordar-me
A aurora infausta que me trouxe aos olhos
O cadaver... » Parou, que a estreita gorja
Recusa aos cavos sons prestar accento.

« Descança agora o pallido cadaver
(Continúa o cantor) junto á corrente
Do regato, que volve areias d'ouro.
Alli agrestes flores lhe matizam
O modesto sepulcro, — aves canóras
Descantam tristes nenias ao compasso
Das aguas, que tambem nenias soluçam.

« Suspirada Coema, em paz descança
No teu florido e funebre jazigo ;
Mas, quando a noite dominar no espaço,
Quando a lua coar humidos raios
Por entre as densas, buliçosas ramas,
Da candida neblina veste as fórmãs,
E vem no bosque suspirar co'a brisa :
Ao guerreiro, que dorme, inspira sonhos,
E á virgem, que adormece, amor inspira. »

Calou-se ; o maracá rugio de novo
A extrema vez ; e jaz emmudecido.
Mas no remanso do silencio e trévas,
Como debil vagido, escutarias

Queixosa voz, que repetia em sonhos :
« Veste Coema, as fórmãs da neblina,
Ou vem nos raios tremulos da lua
Cantar, viver e suspirar comigo. »

Ogib, o velho, pae do aventureiro
Jatyr, não dorme nōs vãos tectos :
Do filho ausente prendem-no cuidados ;
Vela cansado e triste o pae coitado,
Lembrando-se desastres que passaram
Impróvidos, no bosque pernoitando.
E vela, — e a mente afflicta mais se enluta,
Quanto mais cresce a noite e as trévas crescem !

Já tarde, sente uns passos apressados,
Medindo a taba escura ; o velho treme,
Estende a mão convulsa, e roça um corpo
Molhado e tiritante : a voz lhe falta...
Attende largo espaço, até que escuta
A voz do sempre afflicto Piahiba,
Ao pé do fogo extincto lastimar-se.

« O louco Piahiba, a noite inteira,
Andou nas mattas ; miserando soffre ;
O corpo tem aberto em fundas chagas,
E o orvalho gotejou fogo sobre ellas :
Como o verme na fructa, um Deus maligno
Lhe mora na cabeça, oh ! quanto soffre !

« Enquanto o velho Ogib está dormindo,
Vou-me aquecer ;
O fogo é bom, o fogo aquece muito ;
Tira o soffrer.

Enquanto o velho dorme, não me expulsa
 D'ao pé do lar;
 Dou-lhe a mensagem, que me deu a morte,
 Quando acordar!
 Eu vi a morte; vi-a bem de perto
 Em hora má!
 Vi-a de perto, não me quiz comsigo,
 Por ser tão má.
 Só não tem coração, dizem os velhos,
 E é bem de vêr;
 Que, se o tivera, me daria a morte,
 Que é meu querer.
 Não quiz matar-me; mas é bem formosa;
 Eu vi-a bem:
 É como a virgem, que não tem amores,
 Nem odios tem.
 O fogo é bom, o fogo aquece muito,
 Quero-lhe bem! »

Remexe, assim dizendo, as frias cinzas
 E mais e mais conchega-se ao bortalho.
 O velho em tanto, erguido a meio corpo
 Na rede, escuta pávido, e tiritita
 De frio e medo: — quasi igual delirio
 Castiga-lhe as idéas transformadas.

« Já me não lembra o que me disse a morte!...
 Ah! sim, já sei!
 — Junto ao sepulcro da fiel Coema,
 Alli serei:
 Ogib emprazo, que a fallar me venha
 Ao anoitecer! —
 O velho Ogib ha de ficar contente
 Co'o meu dizer;
 Talvez que o velho, que viveu já muito,
 Queira morrer! »

Emmudeceu: alfim tornou mais brando:

« Mas dizem que a morte procura mancebos;
Porém tal não é;
Que colhe as florinhas abertas de fresco
E os fructos no pé?!...
Não, não, que só ama sem folhas as flores,
E sem perfeição;
E os fructos perdidos, que apanha golosa,
Cahidos no chão.
Tambem me não lembra que tempo hei vivido,
Nem por que razão
Da morte me queixo, que vejo, e não vê-me,
Tão sem compaixão. »

As ancias não vencendo, que o soçobram,
Salta da curva rede Ogib afflicto;
Tremulo as trévas apalpando, topa,
E roja miserando ao pés do louco.

« Oh! dize-me, se a viste, e se em tua alma
Algum sentir humano inda se aninha,
Jatyr, que é feito d'elle? Disse a morte
Haver-me cubiçado o moço imberbe,
A cara luz dos meus cançados olhos?
Oh dize! Assim o espirito inimigo
Folgados annos respirar te deixe! »

O louco ouviu nas trévas os soluços
Do velho, mas seus olhos nada alcançam:
Pasma, e de novo o seu cantar começa:
« Emquanto o velho dorme, não me expulsa
D'ao pé do lar. »

--- « Mas expulsei-te eu nunca? »
Tornava Ogib a desfazer-se em pranto,
Em ancias de transido desespero.

« Bem sei que um Deus te mora dentro d'alma;
 E nunca houvera Ogib de espancar-te
 Do lar, onde Tupan é venerado.
 Mas falla! oh! falla, uma só vez repete-o:
 Vagaste á noite nas sombrias mattas... »

« Silencio! brada o louco: não escutas?! »
 E pára, como ouvindo uns sons longinquos.
 Depois prosegue: « Piahiba, o louco,
 Errou de noite nas sombrias mattas;
 O corpo tem aberto em fundas chagas,
 E o orvalho gotejou fogo sobre ellas.
 Geme e soffre, e sentē fome e frio,
 Nem ha quem de seus males se condôa.

Oh! tenho frio! o fogo é bom, e aquece,
 Quero-lhe bem! »

« Tupan, que tudo pódés,
 Orava Ogib em lagrimas desfeito,
 A vida inutil do cansado velho
 Toma, se a queres; mas que eu veja em vida,
 Meu filho, e só depois me colha a morte! »

TABYRA

É Tabyra guerreiro valente,
 Cumpre as partes de chefe e soldado;
 É caudilho de tribu potente,
 — Tobajarás — o povo senhor;
 Ninguém mais observa o tratado,
 Ninguém menos de p'rigos se aterra,
 Ninguém corre aos acenos da guerra
 Mais depressa que o bom lidador!

Seu viver é batalha aturada,
Dos contrários a traça aventando ;
É dispor a cilada arriscada,
Onde o imigo se venha metter !
Levam noites com elle sonhando
Potiguares, que o viram de perto ;
Potiguares, que assellam por certo
Que Tabyra só sabe vencer !

Mil enganos lhe têm já tecido,
Mil ciladas lhe têm preparado ;
Mas Tabyra, fatal, destemido,
Tem feitiço, ou encanto, ou condão !
Sempre o plano da guerra é frustrado,
Sempre bravo fronteiro apparece,
Que os enganos crueis lhes destece,
Face a face, arco e setas na mão.

Já dos Luzos o troço apoucado,
Paz firmando com elle traidôra,
Dorme illeso na fé do tratado,
Que Tabyra é valente e leal.
Sem Tabyra dos Luzos que fôra ?
Sem Tabyra que os guarda e defende,
Que das pazes talvez se arrepende
Já feridas outr'ora em seu mal !

Chefe estulto d'um povo de bravos,
Mas que os piágas victorias te fadem,
Hão de os teus, miserandos escravos,
Taes triumphos um dia chorar !
Carábas taes feitos applaudem,
Mas sorrindo vos forjam cadeias,
E pesadas algemas, e peias,
Que traidores vos hão de lançar !

Chefe estolido, insano, imprudente,
Sangue e vida dos teus malbaratas?!
Mingua as forças da tribu potente,
Vencedora da raça Tupi!
Hão de os teus, acoçados nas mattas,
Mal feridos, sangrentos, ignavos,
Não podendo viver como escravos,
Dar o resto do sangue por ti!

Vivem homens de pel' côr da noite
Neste sólo, que a vida embelleza;
Pódem, servos, debaixo do açoite,
Nenias tristes da patria cantar!
Mas o indio que a vida só préza
Por amor dos combates, e festas
Dos triumphos sangrentos, e sestas
Resguardados do sol no palmar;

Ocioso, indolente, vadio,
Ou activo, incançavel, fragueiro;
Já nas mattas, no bosque erradio,
Já disposto a lutar, a vencer;
Ama as selvas, e o vento palreiro,
Ama a gloria, ama a vida; mas antes
Quer viver amargados instantes,
Quer e póde e bem sabe morrer!

Eia, avante! ó caudilho valente!
Potiguares lá vêm denodados;
Tão cerrado concurso de gente
Ninguem vio nestas partes' assim!
Poucos são, mas briosos soldados;
Não são homens de aspecto jucundo!
Restos são, mas são restos d'um mundo;
Poucos são, mas soldados por fim!



Os seus velhos disseram comsigo,
Discutindo os motivos da guerra:
« É Tabyra — cruel, inimigo,
Já nem crê, renegado, em Tupan! »
Pés robustos lá batem na terra,
Pó ligeiro se expande nos ares:
Era noite! milhar de milhares
São armados, mal rompe a manhã.

Vêm soberbos, — o sol luz apenas!
Confiados, galhardos, lustrosos,
Vêm bizarros nas armas, nas pennas,
Atrevidos no accento e na voz!
Um d'entre elles, dos mais orgulhosos,
Sóbe á pressa nas aspas d'um monte:
D'alli brada, postado defronte
De Tabyra — com gesto feroz:

« O' Tabyra, Tabyra! aqui somos
A provar nossas forças comtigo;
Dizes tu que vencidos já fomos!
Dil'-o tu, não n'ó diz mais ninguém.
Ora eu só a vós todos vos digo:
Sois cobardes, irmãos de Tabyra!
Propagastes solemne mentira,
Que vencer não sabemos também.

« Para o vosso terreiro vos chamo,
Contra mim vinde todos, — sou forte:
Occorrei ao meu nobre reclamo!
Aqui sou, nem me parto daqui!
Vinde todos em densa cohorte:
Travaremos combate sangrento;
Mas por fim do triumpho cruento
Direis vós se fui eu quem menti. »

Disse o arauto : eis a turba ufanosa
Lhe responde, arco e setas brandindo,
Pés batidos, voz alta e ruidosa :
— Bem fallado, ó guerreiro, mui bem !
Assim é ; mas Tabyra rugindo,
Resentido de offensas tamanhas,
O rancor mal encobre das sanhas,
Que não lava no sangue de alguém.

Raso outeiro alli perto se off'rece :
Vinga-o prestes, hardido, açodado !...
Como leiva de pallida messe,
Já madura, tremendo no pé,
Todo o campo descobre occupado
Por guerreiros, — no extremo horisonte
Não distingue, nas faldas do monte,
O que é gente, o que gente não é.

Não se abala o preclaro guerreiro,
Do que vê seu valor não fraqueia ;
Diz comsigo : « Um só golpe certo
Vai de todo esta raça apagar !
Juntos são, mas são meus ! » — Já vozeia :
Logo os seus lhe respondem gritando,
Taes rugidos, taes roncões soltando
Que aos seus proprios deveram turbar !

Diz a fama que então de assustadas
Muitas aves que o espaço cruzavam,
De pavor subitaneo tomadas,
Descahiam pasmadas no chão :
Já com silvos e atitos voavam
Muitas outras, que o triste gemido
No conflicto, abafado e sumido,
Talvez deram, — mas fraco, mas vão !

Eis que os arcos de longe se encurvam,
Eis que as setas aladas já voam,
Eis que os ares se cobrem, se turvam,
De frechados, de surdos que são.
Novos gritos mais altos reboam,
Entre as hostes se apaga o terreno,
Já tornado apoucado e pequeno,
Já coberto de mortos o chão!

Peito a peito encontrados afoutos,
Braço a braço travados briosos,
Fervem todos inquietos, revoltos,
Qu'indecisa a victoria inda está.
Todos movem tacápes pesados;
Qual resvala, qual todo se enterra
No inimigo que morde na terra,
Que sepulcro talvez lhe será.

« Mas Tabyra! Tabyra? que é delle?
« Onde agora se esconde o pujante? »
— Não n'ó vedes?! — Tabyra é aquelle
— Que sangrento, impiedoso lá vae!
— Vel-o-heis andar sempre adiante,
— Larga esteira de mortos deixando
— Traz de si, como o raio cortando
— Ramos, troncos do bosque, onde cahe. —

« Foge! foge! leal Tobajara:
« Quantos arcos que em ti fazem mira?! »
— Muitos são; porém medos encara
— Face a face, quem é como eu sou! —
Muitas setas cravejam Tabyra:
Bello quadro! — mas vel-o era horrivel!
Porco-espim que sangrado e terrivel
Duras cerdas raivando espetou!

Tem um olho d'um tiro frechado!
Quebra as setas que os passos lh'impedem,
E do rostó em seu sangue lavado,
Frecha e olho arrebatá sem dó!
E aos imigos que o campo não cedem,
Olho e frecha mostrando extorquidos,
Diz, em voz que mais eram rugidos:
— Basta vis, por vencer-vos um só!

E com furia tão grande arremettem,
Com despêgo tão nobre da vida;
Tantos golpes, tão fundos repetem,
Que senhores do campo já são!
Potiguares lá vão de fugida,
Inda á fera mais torva e bravia
Disputando guarida d'um dia
No mais fundo do vasto sertão!

Potiguares, que a aurora risonha
Vio nação numerosa e potente,
Não já povo na tarde medonha,
Mas só restos d'um povo infeliz!
Insepultos na terra inclemente
Muitos dormem; mas ha quem lh'inveja
Essa morte do bravo em peleja,
Quem a vida do escravo maldiz!

« Este o conto que os Indios contavam,
« A deshoras, na triste senzala;
« Outros homens alli descançavam,
« Negra pel'; mas escravos tambem.
« Não choravam; sómente na falla
« Era um quê da tristeza que mora
« Dentro d'alma do homem que chora
« O passado e o presente que tem! »

Y-JUCA-PYRAMA

I

No meio das tabas de amenos verdes,
Cercadas de troncos — cobertos de flores,
Alteiam-se os tectos d'altiva nação ;
São muitos seus filhos, nos animos fortes,
Temiveis na guerra, que em densas cohortes,
Assombram das mattas a immensa extensão.

São rudos, severos, sedentos de gloria,
Já prelios incitam, já cantam victoria,
Já meigos attendem a voz do cantor :
São todos Tymbiras, guerreiros valentes !
Seu nome lá vôa na boca das gentes,
Condão de prodigios, de gloria e terror !

As tribus vizinhas, sem forças, sem brio,
As armas quebrando, lançando-as ao rio,
O incenso aspiraram dos seus maracás :
Medrosos das guerras que os fortes accendem,
Custosos tributos ignavos lá rendem,
Aos duros guerreiros sujeitos na paz.

No centro da taba se estende um terreiro,
Onde ora se aduna o concilio guerreiro
Da tribu senhora, das tribus servis :
Os velhos sentados praticam d'out'ora,
E os moços inquietos, que a festa enamora,
Derramam-se em torno d'um indio infeliz.

Quem é? — ninguem sabe: seu nome é ignoto,
Sua tribu não diz : — mas de um povo remoto
Descende por certo — d'um povo gentil ;

Assim lá na Grecia ao escravo insulano
Tornavam distincto do vil musulmano
As linhas correctas do nobre perfil.

Por casos de guerra cahio prisioneiro
Nas mãos dos Tymbiras; — no extenso terreiro
Assola-se o tecto, que o teve em prisão;
Convidam-se as tribus dos seus arredores,
Cuidosos se incumbem do vaso das côres,
Dos varios aprestos da honrosa funcção.

Acerva-se a lenha da vasta fogueira,
Entesa-se a corda da embira ligeira,
Adorna-se a maça com pennas gentis:
A custo, entre as vagas do povo da aldeia
Caminha o Tymbira, que a turba rodeia,
Garboso nas plumas de vario matiz.

Emtanto as mulheres com leda trigança,
Afeitadas ao rito da barbara usança,
O indio já querem captivo acabar:
A coma lhe cortam, os membros lhe tingem,
Brilhante enduápe no corpo lhe cingem,
Sombreira-lhe a fronte gentil kanitar.

II

Em fundos vasos d'alvacenta argilla
Ferve o cauim;
Enchem-se as copas, o prazer começa,
Reina o festim.

O prisioneiro, cuja morte anceiam,
Sentado está,
O prisioneiro, que outro sol no occaso
Jámais verá!

A dura corda, que lhe enlaça o collo,
Mostra-lhe o fim
Da vida escura, que será mais breve
Do que o festim!

Comtudo os olhos d'ignobil pranto
Seccos estão;
Mudos os labios não descerram queixas
Do coração.

Mas um martyrio, que encobrir não póde,
Em rugas faz
A mentirosa placidez do rosto
Na fronte audaz!

Que tens, guerreiro? Que temor te assalta
No passo horrendo?
Honra das tabas que nascer te viram,
Folga morrendo.

Folga morrendo; porque além dos Andes
Revive o forte,
Que soube ufano contrastar os medos
Da fria morte.

Rasteira grama, exposta ao sol, á chuva,
Lá murcha e pende:
Sómente ao tronco, que devassa os ares,
O raio offende!

Que foi? Tupan mandou que elle cahisse,
Como viveu:
E o caçador que o avistou prostrado
Esmoreceu!

Que temes, ó guerreiro? Além dos Andes
 Revive o forte,
 Que soube ufano contrastar os medos
 Da fria morte.

III

Em larga roda de noveis guerreiros
 Ledo caminha o festival Tymbira,
 A quem do sacrificio cabe a honra.
 Na frente o kanitar sacode em ondas,
 O enduápe na cinta se embalança,
 Na dextra mão sopesa a iverapeme,
 Orgulhoso e pujante. — Ao menor passo
 Collar d'alvo marfim, insignia d'honra,
 Que lheorna o collo e o peito, ruge e freme,
 Como que por feitiço não sabido
 Encantadas allí as almas grandes
 Dos vencidos Tapuyas, inda chorem
 Serem gloria e brasão d'imigos feros.

« Eis-me aqui, diz ao indio prisioneiro;
 « Pois que fraco, e sem tribu, e sem familia,
 « As nossas mattas devastasse ousado,
 « Morrerás morte vil da mão de um forte. »
 Vem a terreiro o misero contrario;
 Do collo á cinta a musurana desce:
 « Dize-nos tu quem és, teus feitos canta,
 « Ou, se te apraz, defende-te. » Começa
 O indio, que ao redor derrama os olhos,
 Com triste voz que os animos commove.

IV

Meu canto de morte
 Guerreiros, ouvi:
 Sou filho das selvas,

Nas selvas cresci ;
Guerreiros, descendo
Da tribu tupi.

Da tribu pujante,
Que agora anda errante
Por fado inconstante,
Guerreiros, nasci :
Sou bravo, sou forte,
Sou filho do Norte ;
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi.

Já vi cruas brigas,
De tribus imigas,
E as duras fadigas
Da guerra provei ;
Nas ondas mendaces
Senti pelas faces
Os silvos fugaces
Dos ventos que amei.

Andei longes terras,
Lidei cruas guerras,
Vaguei pelas serras
Dos vis Aymorés ;
Vi lutas de bravos,
Vi fortes — escravos !
De estranhos ignavos
Calcados aos pés.

E os campos talados,
E os arcos quebrados
E os piagas coitados
Já sem maracás ;

E os meigos cantores,
Servindo a senhores,
Que vinham traidores
Com mostras de paz.

Aos golpes do imigo
Meu ultimo amigo,
Sem lar, sem abrigo
Cahio junto a mi!
Com placido rosto,
Serenos e composto,
O acerbo desgosto
Commigo soffri.

Meu pai a meu lado
Já cégo e quebrado,
De penas ralado,
Firmava-se em mi:
Nós ambos, mesquinhos,
Por invios caminhos,
Cobertos d'espinhos
Chegámos aqui!

O velho no entanto
Soffrendo já tanto
De fome e quebranto,
Só qu'ria morrer!
Não mais me contenho,
Nas mattas me embrenho,
Das frechas que tenho
Me quero valer.

Então, forasteiro,
Cahi prisioneiro
De um troço guerreiro
Com que me encontrei:

O cru dessocego
Do pai fraco e cego,
Emquanto não chego,
Qual seja, — dizei!

Eu era o seu guia
Da noite sombria,
A só alegria
Que Deus lhe deixou:
Em mim se apoiava,
Em mim se firmava,
Em mim descansava,
Que filho lhe sou.

Ao velho coitado
De penas ralado,
Já cego e quebrado,
Que resta? — Morrer.
Emquanto descreve
O gyro tão breve
Da vida que teve,
Deixai-me viver!

Não vil, não ignavo,
Mas forte, mas bravo,
Serei vosso escravo:
Aqui virei ter.
Guerreiros, não córo,
Do pranto que choro,
Se a vida deploro,
Tambem sei morrer.

V

Soltaio-o! — diz o chefe. Pasma a turba:
Os guerreiros murmuram: mal ouviram,
Nem pode nunca um chefe dar tal ordem!

Brada segunda vez com voz mais alta,
 Afrouxam-se as prisões, a embira cede,
 A custo, sim ; mas cede : o estranho é salvo.
 — Tymbira, diz o indio enternecido,
 Solto apenas dos nós que o seguravam :
 És um guerreiro illustre, um grande chefe,
 Tu que assim do meu mal te commoveste,
 Nem soffres que, transporta a natureza,
 Com olhos onde a luz já não scintilla,
 Chore a morte do filho o pai cançado,
 Que sómente por seu na voz conhece.
 — És livre ; parte.

— E voltarei.

— Debalde.

— Sim, voltarei, morto meu pai.

— Não voltes !

É bem feliz, se existe, em que não veja,
 Que filho tem, qual chora ; és livre, parte !

— Acaso tu suppões que me acobardo,
 Que receio morrer !

— És livre ; parte !

— Ora não partirei ; quero provar-te
 Que um filho dos Tupis vive com honra,
 E com honra maior, se acaso o vencem,
 Da morte o passo glorioso affronta.

— Mentiste, que um Tupi não chora nunca,
 E tu choraste!... parte ; não queremos
 Com carne vil enfraquecer os fortes.

Sobreteve o Tupi : arfando em ondas
 O rebater do coração se ouvia
 Precipite ; do rosto afogueado
 Gelidas bagas de suor corriam :

Talvez que o assaltava um pensamento. . .
 Já não... que na enlutada fantasia,

Um pezar, um martyrio ao mesmo tempo,
Do velho pai a moribunda imagem
Quasi bradar-lhe ouvia: — Ingrato! ingrato! —
Curvado o collo, taciturno e frio,
Espectro d'homem, penetrou no bosque!

VI

— Filho meu, onde estás?

— Ao vosso lado;

Aqui vos trago provisões: tomai-as,
As vossas forças restaurai perdidas,
E a caminho, e já!

— Tardaste muito!

Não era nado o sol, quando partiste,
E frouxo o seu calor já sinto agora!
— Sim, demorei-me a divagar sem rumo,
Perdi-me nestas mattas intrincadas,
Reaviei-me e tornei; mas urge o tempo;
Convém partir, e já!

— Que novos males

Nos resta de soffrer? que novas dores,
Que outro fado peor Tupan nos guarda?

— As setas da afflicção já se esgotaram,
Nem para novo golpe espaço intacto
Em nossos corpos resta.

— Mas tu tremes!

— Talvez do afan da caça...

— Oh filho caro!

Um que mysterioso aqui me falla,
Aqui no coração; piedosa fraude
Será por certo, que não mentes nunca!
Não conheces temor, e agora temes?
Vejo e sei: é Tupan que nos afflige,
E contra o seu querer não valem brios.

Partamos !... —

E com mão tremula, incerta
 Procura o filho, tacteando as trévas
 Da sua noite lugubre e medonha.
 Sentindo o acre odor das frescas tintas,
 Uma idéa fatal correu-lhe á mente...
 Do filho os membros gelidos apalpa,
 E a dolorosa maciez das plumas
 Conhece estremecendo: foge, volta,
 Encontra sob as mãos o duro craneo,
 Despido então do natural ornato !...
 Recúa afflicto e pavido, cobrindo
 Ás mãos ambas os olhos fulminados ;
 Como que teme ainda o triste velho
 De ver, não mais cruel, porém mais clara,
 D'aquelle exício grande a imagem viva
 Ante os olhos do corpo afigurada.
 Não era que a verdade conhecesse
 Inteira e tão cruel qual tinha sido ;
 Mas que funesto azar correrá o filho,
 Elle o via ; elle o tinha alli presente ;
 E era de repetir-se a cada intante,
 A dor passada, a previsão futura
 E o presente tão negro, alli os tinha ;
 Alli no coração se concentrava,
 Era n'um ponto só, mas era a morte !
 — Tu prisioneiro, tu ?

— Vós o dissestes.

— Dos indios ?

— Sim.

— De que nação ?

— Tymbiras.

— E a musurana funeral rompeste,
 Dos falsos manitôs quebraste a maça...

— Nada fiz, aqui estou.

— Nada ! —

Emmudecem;

Curto instante depois prosegue o velho :

— Tu és valente, bem o sei ; confessa,
Fizeste-o, certo, ou já não fôras vivo !

— Nada fiz, mas souberam da existencia
De um pobre velho, que em mim só vivia...

— E depois?...

— Eis-me aqui.

— Fica essa taba?

— Na direcção do sol, quando transmonta.

— Longe?

— Não muito.

— Tens razão : partamos.

— E quereis ir?...

— Na direcção do occaso.

VII

« Por amor de um triste velho,
Que ao termo fatal já chega,
Vós, guerreiros, concedestes
A vida a um prisioneiro.
Acção tão nobre vos honra,
Nem tão alta cortezia
Vi eu jámais praticada
Entre os Tupis, — e mais foram
Senhores em gentileza.

« Eu porém nunca vencido,
Nem nos combates por armas,
Nem por nobreza nos actos ;
Aqui venho, e o filho trago.
Vós o dizeis prisioneiro,
Seja assim como dizeis ;

Mandai vir a lenha, o fogo,
A maça do sacrificio
E a musurana ligeira ;
Em tudo o rito se cumpra !
E quando eu fôr só na terra,
Certo acharei entre os vossos,
Que tão gentis se revelam,
Alguem que meus passos guie ;
Alguem, que vendo o meu peito
Coberto de cicatrizes,
Tomando a vez de meu filho,
De haver-me por pai se ufane ! »
Mas o chefe dos Tymbiras,
Os sobrolhos encrespando,
Ao velho Tupi guerreiro
Responde com torvo accento :

— Nada farei do que dizes ;
É teu filho imbelle e fraco !
Aviltaria o triumpho
Da mais guerreira das tribus
Derramar seu ignobil sangue :
Elle chorou de cobarde ;
Nós outros, fortes Tymbiras,
Só de heróes fazemos pasto. —

Do velho Tupi guerreiro
A surda voz na garganta
Faz ouvir uns sons confusos,
Como os rugidos de um tigre,
Que pouco a pouco se assanha !

VIII

« Tu choraste em presença da morte ?
Na presença de estranhos choraste ?
Não descende o cobarde do forte ;

Pois choraste, meu filho não és!
Possas tu, descendente maldicto
De uma tribu de nobres guerreiros,
Implorando crueis forasteiros,
Seres presa de vis Aymorés.

« Possas tu, isolado na terra,
Sem arrimo e sem patria vagando,
Rejeitado da morte na guerra,
Rejeitado dos homens na paz,
Ser das gentes o espectro execrado;
Não encontres amor nas mulheres;
Teus amigos, se amigos tiveres,
Tenham alma inconstante e fallaz!

« Não encontres doçura no dia,
Nem as cores da aurora te ameiguem,
E entre as larvas da noite sombria
Nunca possas descanso gozar:
Não encontres um tronco, uma pedra,
Posta ao sol, posta ás chuvas e aos ventos,
Padecendo os maiores tormentos,
Onde possas a frente pousar.

« Que a teus passos a relva se torre,
Murchem prados, a flor desfalleça,
E o regato que limpido corre,
Mais te accenda o vesano furor;
Suas aguas depressa se tornem,
Ao contacto dos labios sedentos,
Lago impuro de vermes nojentos,
Donde fujas com asco e terror!

« Sempre o céo, com um tecto incendiado,
Creste e punja teus membros maldictos

E o oceano de pó denegrido
Seja a terra do ignavo Tupi!
Miseravel, faminto, sedento,
Manitôs lhe não fallem nos sonhos,
E de horror os espectros medonhos
Traga sempre o cobarde após si.

« Um amigo não tenhas piedoso
Que o teu corpo na terra embalsame,
Pondo em vaso d'argilla cuidadoso
Arco e frecha e tacápe a teus pés!
Sê maldicto, e sósinho na terra;
Pois que a tanta vileza chegaste,
Que em presença da morte choraste,
Tu, cobarde, meu filho não és. »

IX

Isto dizendo, o miserando velho
A quem Tupan tamanha dor, tal fado
Já nos consfins da vida reservára,
Vai com tremulo pé, com as mãos já frias
Da sua noite escura as densas trévas
Palpando. — Alarma! alarma! — O velho pára;
O grito que escutou é voz do filho,
Voz de guerra que que ouviu já tantas vezes
Noutra quadra melhor. — Alarma! alarma!
— Esse momento só vale apagar-lhe
Os tão compridos trances, as angustias,
Que o frio coração lhe atormentaram
De guerreiro e de pai: — vale, e de sobra.
Elle que em tanta dor se contivera,
Tomado pelo subito contraste,
Deşfaz-se agora em pranto copioso,
Que o exaurido coração remoça.

A taba se alborota, os golpes descem,
Gritos, imprecacões profundas soam,
Emmaranhada a multidão braveja,
Revolve-se, enovela-se confusa,
E mais revolta em mór furor se accende.
E os sons dos golpes que incessantes fervem,
Vozes, gemidos, estertor de morte
Vão longe pelas ermas serranias
Da humana tempestade propagando
Quantas vagas de povo enfurecido
Contra um rochedo vivo se quebravam.
Era elle, o Tupi; nem fôra justo
Que a fama dos Tupis — o nome, a gloria,
Aturado labor de tantos annos,
Derradeiro brasão da raça extincta,
De um jacto e por um só se aniquilasse.

— Basta! já clama o chefe dos Tymbiras,
— Basta, guerreiro illustre! assás lutaste.
— E para o sacrificio é mister forças. —
O guerreiro parou, cahio nos braços
Do velho pai, que o cinge contra o peito,
Com lagrimas de jubilo bradando:
« Este, sim, que é meu filho muito amado!
« E pois que o acho em fim, qual sempre o tive,
« Corram livres as lagrimas que choro,
« Estas lagrimas, sim, que não deshonram. »

X

Um velho Tybira, coberto de gloria,
Guardou a memoria
Do moço guerreiro, do velho Tupi!
E á noite, nas tabas, se alguem duvidava
Do que elle contava,
Dizia prudente: — « Meninos, eu vi!

« Eu vi o brioso no largo terreiro
Cantar prisioneiro
Seu canto de morte, que nunca esqueci:
Valente, como era, chorou sem ter pejo;
Parece que o vejo,
Que o tenho n'est'hora diante de mi. »

« Eu disse comigo: Que infamia d'escravo!
Pois não, era um bravo:
Valente e brioso, como elle, não vi!
E á fé que vos digo: parece-me encanto
Que quem chorou tanto,
Tivesse a coragem que tinha o Tupi! »

Assim o Tymbira, coberto de gloria,
Guardava a memoria
Do moço guerreiro, do velho Tupi.
E á noite nas tabas, se alguém duvidava
Do que elle contava,
Tornava prudente: « Meninos, eu vi! »

A MÃI D'AGUA

« Minha mãe, olha aqui dentro,
Olha a bella creatura,
Que dentro d'agua se vê!
São d'ouro os longos cabellos,
Gentil a doce figura,
Airosa, leve a estatura;
Olha, vê no fundo d'agua
Que bella moça não é!

« Minha mãe, no fundo d'agua
Vê essa mulher tão bella !
O sorrir dos labios della,
Inda mais doce que o teu,
É como a nuvem rosada,
Que no romper da alvorada,
Passa risonha no céu.

« Olha, mãe, olha depressa !
Inclina a leve cabeça
E nas mãosinhas resume
A fina trança mimosa,
E com pente de marfim !
Olha agora que me avista
A bella moça formosa,
Como se fez toda rosa,
Toda candura e jasmim !
Dize, mãe, dize: tu julgas
Que ella se ri para mim !

« São seus labios entre-abertos
Semelhantes a romã :
Tem ares d'uma princeza,
E no entanto é tão medrosa !...
Inda mais que minha irmã.
Olha, mãe, sabes quem é
A bella moça formosa,
Que dentro d'agua se vê? »

— Tem-te, meu filho ; não olhes
Na funda, lisa corrente :
A imagem que te embelleza
É mais do que uma princeza,
É menos do que é a gente.

— Oh! quantas mãis desgraçadas
Choram seus filhos perdidos!
Meu filho, sabes porque?
Foi porque deram ouvidos
À leve sombra enganosa,
Que dentro d'agua se vê.

— O seu sorriso é mentira,
Não é mais que sombra vã;
Não vale aquillo que eu valho,
Nem o que val tua irmã:
É como a nuvem sem corpo,
De quando rompe a manhã.

— É a mãe d'agua traidora,
Que illude os faceis meninos,
Quando elles são pequeninos
E obedientes não são;
Olha, filho, não a escutes,
Filho do meu coração:
O seu sorriso é mentira,
E terrível tentação. —

—
Junto ao rio crystallino
Brincava o ledó menino,
Molhando o pé;
O fresco humor o convida,
Menos que a imagem querida,
Que n'agua vê.

Cauteloso, de repente,
Ouve um conselho prudente,
Que a mãe lhe dá;

Não é anjo, não é fada ;
Mas uma bruxa malvada,
E cousa má.

Ella é quem rouba os meninos
Para os tragar pequeninos,
Ou mais talvez !
É para vingar-se n'agua
Da causa de tanta mágua,
Remeche os pés.

Turba a fonte n'um instante,
Já não vê o bello infante
A sombra vã,
E as brancas mãos delicadas
E as longas tranças douradas
Da sua irmã.

O menino arrependido
Diz comsigo entristecido :
— Que mal fiz eu !
Minha mãe, bem que indulgente
Só por não me ver contente,
Me repr'hendeu. —

Era figura tão bella !
E que expressão tão singela,
Que riso o seu !
Oh ! minha mãe, certamente
Só por não me ver contente,
Me repr'hendeu !

Espreita, sim, mas duvida
Que a bella imagem querida
Torne a volver ;

E na fonte crystalina
Para ver todo se inclina
Se a póde ver!

Acha-se ainda turbada,
E a bella moça agastada
Não quer voltar ;
Sacode leve a cabeça,
Emquanto o pranto começa
A borbulhar.

E de triste e arrependido
Diz consigo entristecido :
— Que mal fiz eu!...
— Leda ao ver-me parecia,
— Era boa, e me sorria...
— Que riso o seu!

—

As aguas no emtanto de novo se aplacam,
A lisa corrente se espelha outra vez ;
E a imagem querida no fundo apparece
Com mil peixes varios brincando a seus pés.

Do collo uma charpa trazia pendente,
Cortando-lhe o seio de brancos jasmims,
Um iris nas côres, e as franjas bordadas
De prata luzente, de vivos rubins.

Uma harpa a seu lado frisava a corrente,
Gemendo queixosa da leve pressão,
Como harpas ethereas, que as brisas conversam,
Achando-as perdidas em mesta soidão.

Sentida, chorosa parece que estava,
E o bello menino, sentado, a chorar
« Perdôa, dizia-lhe, o mal que te hei feito ;
Por minha vontade não hei de tornar ! »

A harpa dourada de subito vibra,
A charpa se agita do seio ao travez ;
Das franjas garbosas as pedras reflectem
Infindos luzeiros nos humidos pés.

Os peixes pasmados de subito param
No fundo luzente de puro crystal ;
Fantasticos seres assomam ás grutas
Do nitido ambar, do vivo coral !

Emtanto o menino se curva e se inclina
Por ver mais de perto a donosa visão ;
A mãe, longe delle dizia : — Meu filho,
Não ouças, não vejas, que é má tentação. —

—
« Vem meu amigo » dizia
A bella fada engraçada,
Pulsando a harpa dourada :
« Sou boa, não faço mal,
Vem ver meus bellos palacios,
Meus dominios dilatados
Meus thesouros encantados
No meu reino de crystal.

« Vem, te chamo : vê a limpha
Como é bella e crystallina ;
Vê esta areia tão fina,
Que mais que a neve seduz !

Vem, verás como aqui dentro
Brincam mil leves amores,
Como em listas multicores
Do sol se desfaz a luz.

« Se não achas borboletas
Nem as vagas mariposas,
Que brincam por entre as rosas
Do teu ameno jardim ;
Tens mil peixinhos brilhantes,
Mais luzentes e mais bellos
Que o ouro dos meus cabellos,
Que a nitidez do setim. »

—

Emtanto o menino se curva e se inclina
Por ver de mais perto a donosa visão ;
E a mãe, longe d'elle, dizia : — Meu filho,
Não ouças, não vejas, que é má tentação. —

—

« Vem, meu amigo, tornava
A bella fada engraçada,
Vem ver a minha morada,
O meu reino de crystal :
Não se sente a tempestade
Na minha espaçosa gruta,
Nem voz do trovão se escuta,
Nem rancos do vendaval.

« Aqui, ao findar do dia,
Tudo rapido se accendê,
E o meu palacio resplende
De vivo, ethereo clarão.

Mil figuras apparecem,
Mil donzellas encantadas
Com angelicas toadas
De ameigar o coração.

« Quando passo, as brandas aguas
Por me ver passar se afastam,
E mil estrellas se engastam
Nas paredes do crystal.
Surgem luzes multicores,
Como desses pyrilampos,
Que tu vês andar nos campos,
Sem comtudo fazer mal.

« Quando passo, mil sereias,
Deixando as grutas limosas,
Formam ledas, pressurosas
O meu sequito real:
Vem! dar-te-hei meus palacios
Meus dominios dilatados,
Meus thesouros encantados
E o meu reino de crystal. »

—

Emtanto o menino se curva e se inclina
Para a visão;
E a mãe lhe dizia: — Não vejas, meu filho,
Que é tentação. —

E o bello menino, dizendo comsigo
— Que bem fiz eu! —
Por ver o thesouro gentil, engraçado,
Que já é seu,

Atira-se ás aguas: n'um grito medonho
A mãe lastimavel — Meu filho! — bradou:
Respondem-lhe os echos; porém voz humana
Aos gritos da triste não torna: — Aqui estou!

ANTONIO GONÇALVES TEIXEIRA E SOUZA

OS TRES DIAS DE UM NOIVADO

CANTO I

XXVI

P'ra parte occidental dessa cidade,
Distante milhas tres sobre as ribeiras
Do manso mar terreno, era um silvedo:
Pelos primeiros seus possuidores
O nome — Narandy'ba lhe foi dado:
De lorangeiras quasi é todo o bosque.

XXVII

De um lado, ameno, lhe demora um campo,
Em cuja volta a revolvida arêa,
Amontoada em combros, sobre vallas,
Os travados de imbê postes sustenta.

XXVIII

Sobre o grammineo chão nedia repasta,
Entre o bovino armento, a raça equina.
Se falta agudo pico, d'onde penda

Capro travesso, audaz de aventureiro,
Sobram no pasto decepados tóros,
Que attestam que, antes, despiedado
O ferro do primeiro, que lançara
Nesse solo ditoso os grãos contados,
Arv' res frondosas cerceando a esmo,
Com sacrilegas mãos profanadoras
Lhes fez murchar na terra o tronco inutil:
Desses, já seccos, tóros levantados
O cabrito brincão salta na relva,
Entre o manso, lanífero rebanho.

XXIX

D'outro lado, do agricola se estende
O ardor, a esperança, o doce objecto,
Em que passe, continuo, os olhos ávidos,
Alegrados nas ceifas abundosas,
Que breve aguarda ledos. Alli se avulta,
Medrada, a succulenta, a tortuosa
Rama, que occulta sob o chão herbaceo
A grossa mandioca, que bem perto
Pejará, em farinha, o seu celleiro,
Ou terá de ampliar, mudada em ouro,
Os grandes cabedaes de Corimbaba.
Assim aperolado ou rubro, estende
O saboroso aypim flexivel talo.
Alli da terra extrahe tosco, e retorto
O cará, mais além o etê mais bello,
Por quem trocára insipidas batatas
A faminta Britanea. Neste solo
Esta bella raiz vinga formosa,
Tão doce ao paladar, varia nas côres.
Além tapiza a terra a larga folha
Da doce abob'ra, que os cipós enrosca
Entre a branda latada destendida

Do fragrante melão auri-coroado,
E verdes melancias, cujo amago
Esconde a côr, e as lagrimas d'aurora.

XXX

Por meta ao campo o extremo alevantava
Um vistoso pomar, que entremeavam
Cheirosas flores, que bordou natura
Com mago estudo, com diversas côres ;
Que gratas aos bafejos matutinos,
Ao doce alvorecer, d'enamoras
De redolente essencia embalsamavam
Azues azas subtiz de meigos zephyros.

XXXI

Dirieis, que os favoneos feiticeiros,
Cansados de andejar, vinham aligeros
Sobre os das flores aljofrados seios
Repouso demandar, de fatigados ;
E qu'ellas extremosas, entre um beijo,
E outro, terno affago da saudade,
No regaço tão doces os acolhem,
Que bellas mollemente se embalando,
Seduzem ao amante em brando somno.

XXXII

N'uma exigua bacia mal se encrespa,
Ao respirar de amortecida briza,
Deluido topazio, em cujas margens
Densas verdejam as polidas folhas
Das fragrantas, rasteiras madre-silvas,
Que em niveo campo os raios côr das rosas
Matizam d'alcatifa o verde fixo.

XXXIII

Molles, de junto dellas, se debruçam,
 Amorasas beijando a flôr das aguas,
 Recurvas espadanas, que nos cimos
 Sustentam, oscilando, os roxos lyrios.

XXXIV

Além, selvas de bastas lorangeiras,
 Contrastando com a neve do florido,
 Ou com o ouro dos pomos innocentes,
 O verde espesso de odorosas folhas,
 Em tanta multidão dão nome ao bosque.

XXXV

De uma alegre colina sobre o dorso
 Assente ampla cabana remontava
 O leve, o feliz tecto de uricannas.

CANTO II

XLIV

CORIMBABA

« Ouvireis, qual a sei da boca sua.
 Na Cidade eu me achava: e terminados
 Os meus negocios todos, busco um barco
 Que volte á terra minha: Sobre ferro
 É prestes a largar barco ligeiro;
 Me embarquei; era em vesp'ra de viagem.

XLV

« Na seguinte manhã, mal brilha o dia,
 É tudo movimento. Vejo prestes

Do barco desferrar batel, que leve
Chega á proxima praia; volta, e vejo
Velha mulher, vestida em negras roupas,
Signal de lucto e dôr; ao barco sóbe,
E ao seu lado, amparando-a, formosissima
Donzella, que tambem de lucto traja.
Se era um anjo, não sei; mas vós, que a vedes,
Dizei se ella é mortal, ou se ella é anjo;
O mesmo sacerdote, tão severo,
Se visse um lindo rosto tão formoso,
Como o formoso rosto de uma imagem,
Contra o nono preceito peccaria,
Ou déra absolvição de um tal peccado.

XLVI

« Vós a vêdes, julgae se eu poderia
A ver sem adorar. Quantos possiveis
Serviços poude, alli prestei-os todos.

XLVII

« Suspende o barco o ferro, e as velas dando
Da pôpa a terra, foge, o mar se alonga,
E em breve ante nós só apparecem
Metade das montanhas. Era limpo
Neste momento o céu: mas de repente
Serranias de nuvens se remontam
Sobre as ondas do sul: eram tão negras,
Como a grossa fumaça, aos céos erguida,
Dos inda verdes troncos do roçado,
Que faz o lavrador arder na varzea!

XLVIII

— « Ferra, ferra — gritava-se no barco;
E de repente as velas se ferráram.

Apenas n'um só mastro inda uma aberta
Recebe em cheio o vento, um pouco brando :
Mas forte uma refrega se despara,
E o mar, mugindo, em caracões revolto,
Se abate em valles, se remonta em serras.

XLIX

« Ouço, longe trovão principiava
A misturar atroz surdos estrondos
Com estrondos mortaes das roucas ondas !
Desce do alto da nuvem perigosa,
Pelo horizonte abaixo, a recortando,
Avermelhada, e azul chamma de raio !

L

« Desfez-se a tempestade. Supporieis
Ser esse o grande, derradeiro dia
Das iras do Senhor, do qual mil vezes
Fallava o sabio padre, que pregava
Quarenta dias dura penitencia !

LI

« Cobrio-se o céu de um forro côr de terra,
E os mares do céu a côr tomáram !
Debalde se olha em roda, o que se avista
É tudo um céu de fogo, um céu de raios,
Um ar de horror, de ventos, e de pedras,
Um mar de escuridão, de morte, e abysmos !

LII

« Bateu refrega horrivel, repentina
Deixando a vela em tiras pelas vergas !
Curvam-se os mastros, gemem e respondem

As juntas do navio, que se aluem.
 Cresce montão de mar da rasa pôpa,
 E sobre ella galgando impetuoso,
 Espumando, e com rouco murmurinho,
 Vai por sobre o convez, e após levando
 Camarotes, fogão, lenha, e calabres,
 Pela prôa outra vez tombar no pelago!

LIII

« É tudo confusão! — Roucos, e pallidos
 Correm de balde afflictos marinheiros
 De pôpa á prôa: e deste áquelle bordo.
 Acabaram-se as forças, morre o animo;
 Só resta uma esperança. Entre o estrondo
 Dos mares, dos trovões, do vento e chuva,
 Rouco, e desconcertado se alevanta
 Um grito de pavor — á praia, á praia... —
 De subito o baixel p'ra lá desfecha.

LIV

« Pouco se velejou; mas já branqueja
 A curva praia, aonde se enrolava,
 Em negros vagalhões, de horror cercada,
 Junto da salvação morte de naufrago!
 E ella (*), tão querida era buscada
 Como de salvamento!...

LV

Neste ensejo
 « Eis no convez a mãe, ao lado a filha;
 Veem o perigo, a morte, cahem prostradas,
 Postas tremulas mãos, nos céos os olhos,
 — Misericordia! — bramam. Céos, que quadro!

(*) A praia.

LVI

« Ah! não me esqueci dellas um momento,
 Que para lhes poupar maior martyrio
 Eu retirado as tinha: mas agora,
 Que ellas já rosto a rosto estão co'a morte!...
 Amparal-as. A praia é já mui perto...
 Crescem as ondas cada vez mais fortes;
 O mar agora dentro é mais violento.

LVII

« Com horrido arrastrar rangeu na arêa,
 A curva quilha, e se estacou na praia.
 Cada um, agarrado n'uma bêta,
 Resiste assim ao impeto das ondas.
 A sustentar Miry'ba, e a velha, eu corro...
 Corro... céos!... já é tarde... oh dôr!... é tarde!...
 Rola sobre o convez onda mais forte,
 Á custo os moços braços lhe resistem,
 Quanto mais os já frouxos pelos annos.

LVIII

« Sobre o homem do leme repentina
 Bate a onda, o arranca, o tomba, o leva;
 Debalde pelas bêtas se agarrando,
 Grita, pede socorro... O miserando
 Desfallecido em fim, junto a meu lado,
 Involto nos calabres, acha a morte!

LIX

« Eu tenho já Miry'ba entre meus braços,
 N'um cabo então seguro; mas levada
 Pela onda veloz a mãe sumiu-se!
 Soltam, vendo-a fugir, grito de espanto...

Miry'ba treme, pela mãe me inquire ;
— Eu velo aqui sob'r'ella, eu lhe respondo.
Ella, que crê que os gritos dos marujos
Foi effeito da vaga, socegou-se.

LX

« Era então meia-noite, e todavia
Não tinha se amainado inda a borrasca.

LXI

« Cad'um dos marinheiros animoso
Se vai lançando ao mar, buscando a terra.
Findos cinco minutos, tudo é ermo,
Tudo em torno de mim ! Nesse universo,
A tempestade, e um barco naufragado,
No barco, eu e Miry'ba, Amor, e a morte !

LXII

« Quantos em prol da vida pelas ondas,
Nadando, á praia affoutos demandáram,
De alguns se ouviu na praia, amargurado
Um grito doloroso, era de morte !
E d'outros nada. Ao scintillar relampagos
Negreja em volta ao mar, alveja a praia :
E quando um refregão de vento passa,
Que a onda tem quebrado a horrivel furia,
E acaba um trovão ; de horror e morte
Pavoroso silencio é só quebrado
Pelos ais de Miry'ba, que debalde
Pela mãe, me pergunta, á mãe chamando...

LXIII

« Oh ! como a salvarei ! salvar-me ! como
Vel-a morrer !... salvar-me ?... antes a morte !

Ou por ella morrer, morrer com ella,
Será morte de naufrago mais branda,
Consolação levada á sepultura!

LXIV

« Amor, que sobre o mar nascido havia,
Amor, que sobre o mar tinha crescido,
Entre o tumido horror de atroz procella,
Zomba do mar, despreza a tempestade,
E os perigos supera, e vence a morte!

LXV

« Começa a se esvaer ora a tormenta;
Emmudecem trovões, cala-se o vento,
E pouco a pouco a chuva se suspende;
Menos furioso o mar na praia rola.
Tardia em despertar a aurora enceta.

LXVI

« Tomo então fina corda, ato á cintura,
Emendo n'outra, e com a vista meço
A distancia da praia ao roto barco:
Prendo no mastro (já despedaçado)
O extremo, e Miry'ba sobre as costas,
Ao mar lançar-me quero. Ella assustada
Lançando incerta vista pelas sombras,
— Minha mãe onde está? — me diz chorando.
— Talvez que algum marujo compassivo
A salvasse, e na praia nos espere. —
Foi a minha resposta; e salto ás ondas,
Levando atravessada, sobre a boca,
Faca de aguda ponta, e assaz comprida.

LXVII

« Contra as ondas forcejo, e lucto, e nado...
Ah! doce me era a carga tão formosa!
Ufano de a salvar, ganhando a terra,
Debalde a onda, que me traz, intenta
Ao largo me levar, pois desprendendo
Da boca a faca, rapido a encravo
Sobre a arêa do fundo, e assim sustido,
Foge a vaga, e nos deixa. Em praia enxuta
Ligeiro pé firmando, antes que chegue
Outr'onda, desprendendo a cauta corda
Correndo sobre um combro; eis-nos a salvo!

JOSÉ MARIA DO AMARAL

ZERONI

POEMA

FRAGMENTO

I

Aos mares outra vez, vamos aos mares,
Nas vagas embalar os sonhos d'alma,
No inquieto balouçar de inquietas ondas
Vamos da vida sacudir os nojos.
Solta o velame, nauta, aos sopros d'alva,
Acima o ferro, ao horisonte a prôa,
Leva-me longe a errar por essas aguas,
Abre-me a vastidão que as brisas correm,
Quero entornar minh'alma em tanto espaço,
Quero em tanta grandeza engrandecel-a.

Nem patria o bardo tem nem tem amores,
 Canta como alcião, como elle vôa
 De vaga em vaga ás bordas do infinito,
 De brisa em brisa esfolha a vida em hymnos.
 A terra um só adeus, partamos, nauta,
 Aos mares outra vez, vamos aos mares,
 Nas vagas embalar os sonhos d'alma.

II

Longe daqui, bem longe, a estranhos climas
 Levai-me, ó brisas, revelai-me a terra.
 Desponta a vida, e a luz de tal aurora
 Do mundo as vistas doure ao bardo errante.
 De entre mares e céos solta nos ermos
 Aprenda a mente os sonhos do infinito.
 Que vale a vida aqui? É dôr ou tédio;
 É doce sonho a dôr quando adormece
 Ninada ao brando sussurrar das ondas.
 Aos mares outra vez, vamos aos mares,
 Nas vagas embalar os sonhos d'alma.

III

Amo a tristeza immensa desses mares,
 Que as chimeras sublima da existencia,
 Se de nobres paixões são flores puras.
 Quero na pia enorme do oceano,
 Nessas aguas sem fim, sombra dos céos,
 Padrinho Deus, a solidão madrinha,
 Baptismo excelso dar, na fé dos bardos,
 Á mystica visão que occulto n'alma.
 Salve, prefacio augusto do infinito,
 Coetaneas do cahos, aguas sagradas,
 Que o verbo creador a Deus ouvistes
 Quando da mente lhe nascia o mundo!
 Tu, magno vate de tristezas magnas,

Das procellas do céo cantor sublime,
Velho oceano, rei das solidões,
Nos ermos teus abriga, em ti sublima
Esta tão grande dôr, que em ti só cabe !
Berço onde vida e penas me nasceram,
Serras patrias, adeus ! Partamos, nauta,
Aos mares outra vez, vamos aos mares,
Nas vagas embalar os sonhos d'alma.

IV

Leva-me, ó nauta, a vogar
Bem longe, longe daqui,
Por essas aguas do mar,
Que gosto de ouvir ahi
Tão mimosa a sussurrar
A brisa, que traz em si
Mysterios para contar
A quem de ouvil-os não ri.
Leva-me, ó nauta, a vogar
Por essas aguas do mar.

Assim ; deixa a brisa entrar,
Nauta, é hora de partir,
Deixa essa vela bojar,
Lá vem a onda a sorrir ;
Deixa o brigue bolinar,
Por alva espuma a fugir
Pelas campinas do mar ;
Ai, minh'alma o quer seguir !
Assim ; deixa a brisa entrar,
Deixa o brigue bolinar.

Triste alcião quero ver,
Que habita os ermos do mar,
E sabe tão bem gemer
A quem o sabe escutar.

Minh'alma está-me a dizer,
 Que tem não sei que pezar,
 Que não ha de adormecer
 Se a vaga o não embalar.
 Triste alcião quero ver,
 Que sabe tão bem gemer.

Pois vamos brincar na vaga,
 Ninho e throno de alcião,
 Que d'alma as dores afaga,
 Dos mares na solidão.
 Cure-se ahi esta chaga
 Que me gasta o coração ;
 O mar doce paz me traga,
 Se as dores na terra estão.
 Ai! vamos brincar na vaga,
 Que d'alma as dores afaga.

Cabrestante, o teu gemer,
 Tão saudoso e tão sentido,
 Vem minh'alma entristecer ;
 O teu adeus tão gemido
 É quasi adeus de morrer,
 Que deixa o peito ferido
 A quem vai ermo viver
 Na solidão esquecido.
 Cabrestante, o teu gemer
 Vem minh'alma entristecer.

Mas, não, que a onda a rolar,
 E a brisa viva a correr,
 « Ao brigue e no brigue ao mar,
 « Ao mar, estão-me a dizer,
 « Que a brisa leva o pezar,
 « Viver em terra é soffrer. »

Deixa o velame bojar,
Mais terra não quero ver,
Ao brigue e no brigue ao mar,
Que a brisa leva o pezar.

E o brigue airoso a vogar,
A vogar empavesado ;
E o velame a branquejar,
Pelo sol puro dourado ;
E o cabrestante calado,
E o silencio a começar...
Eis o ermo illimitado,
E o brigue sempre a vogar,
Reina o silencio do mar.

Leva-me, ó nauta, a vogar,
Bem longe, longe daqui,
Por essas aguas do mar,
Que gosto de ouvir ahi
Tão mimosa a sussurrar
A brisa que traz em si
Mysterios para contar
A quem de ouvil-os não ri.
Leva-me, ó nauta, a vogar
Por essas aguas do mar.

V

Assim cantára ao nauta o bardo triste.
E ao seu cantar gemia o cabrestante
Adeus á terra ; e a terra se afogava
No crespo serpejar de ousadas vagas,
Que ao céo, longe, lá longe, as franjas beijam.
Eil-as do mar as solidões sublimes,
Aguas e céos, entre elles o silencio,
Ninho de sonhos, reino de mysterios.

VI

Nos ermos do oceano a dôr se apura ;
Brisas que gemem, ondas que sussurram
Fallam mysterios que interpreta o vate,
Ensinam sonhos que a esperança afaga,
Acordam penas que dormiam n'alma.
— Assim cantára ao nauta o bardo triste,
E ao seu cantar adormecera o dia.

VII

Nas campinas florescem do infinito
Lindas flores de luz, jardim da noite,
Ricos passeios onde a phantasia
A cada mundo uma chimera pede,
Que entre sepulchro e berço enfeite as horas
Aos vassalos da morte, aos filhos de Eva,
Neste desterro, em afflicções gemendo.
Crescem do mar as solidões sublimes.
Aguas e céos, entre elles o crepusculo,
Ninho de maguas, hora de tristezas.

VIII

No espaço a lua, e luz que faz saudades,
Boia nas auras, boia tão sereno
Astro de prata que prateia as sombras ;
As fronteiras do céu em paz costeia,
Aos pés de Deus navega magestoso
Na derrota immortal da eternidade !
Assim cantava ao nauta o bardo triste,
E ao seu cantar se levantara a noite.

IX

Entre sombras e luz, lindo phantasma,
Voga formosa não que veste espumas,

De vaga em vaga ousada se balança
E aos hiatos do abysmo escapa destra ;
Leva em si a sublime audacia humana,
Nas ondas joga o que? — ou ouro ou vida,
E empavezada vòa ás tempestades ;
Nos ermos do oceano impera o nauta.
Brisas que gemem, ondas que sussurram
São da bonança placidos sorrisos,
Embalam n'alma as crenças que, tão lindas,
Nos ninhos de alcião guarda o corsario.

X

Mede co'a vista as velas, mede as auras,
Lê no horisonte nauticos segredos ;
Mede co'a vista as nuvens, mede e canta
O duro nauta os hymnos do oceano,
Suspiros de alcião, voz das borrascas ;
Canta e afaga a náo, que a seus afagos
Alvos risos de espuma abre faceira
Na fronte airosa que domina as vagas.
Mede as auras, sorri, sorrindo brada :
« As brisas, que Deus dá, as azas todas,
« Filha das aguas, e o infinito é nosso. »
E a náo que o ouve ao infinito vòa.
Eil-as do mar as solidões sublimes,
Aguas e céos, entre elles o silencio,
Ninho de sonhos, reino de mysterios.

XI

Já não cantava ao nauta o bardo triste ;
Brisas que gemem, ondas que sussurram
Dores acordam que dormiam n'alma.
Já não cantava ao nauta o bardo triste,
Olhos no céu, a mente no passado,

Ao coração saudades harpejando,
 Nos mares outra vez, nos largos mares,
 Nas vagas embalava os sonhos d'alma.

MÆSTUS SED PLACIDUS

SONETO

Tristezas de minha alma tão sentidas,
 Que sois doces memorias do passado,
 Do tempo já vivido e tão lembrado
 Inda me daes as horas já perdidas!

Horas de tanto bem, tão bem vividas,
 Quando vivi feliz e descuidado,
 Sejam ao coração desenganado
 Sonhos que enganem dores tão gemidas.

Tem hoje o meu viver tal agonia,
 Que é doçura a tristeza da saudade,
 E a saudade do tempo é poesia.

Flores da quadra sois da mocidade,
 Minha velhice em vós se refugia,
 Tristezas de minh'alma em soledade.

MANHÃ EM PETROPOLIS

SONETO

Que dourada manhã, que luz mimosa
 Envernisa dos campos a verdura!
 Que aura cheirosa e cheia de brandura!
 Será, quem sabe, o respirar da rosa?

Doura-se em luz a serra magestosa,
 Das flores leva a Deus a essencia pura :
 Dos passaros nos sons com que doçura,
 Canta a floresta antiphona maviosa !

D'alma em ternura a ti sobem louvores,
 Bem dito Creador da natureza !
 Quem vê sem te adorar tantos primores ?

Que humano rosto em si tem tal belleza ?
 De qual belleza nascem mais amores ?
 E quaes amores têm tanta grandeza ?

DUTRA E MELLO

O JARDIM DE FLORA

Ha não longe das margens deleitosas
 Em que a vaga sonora murmurando
 Beija as praias do ameno BOTAFOGO
 Valle de encantos mil por Flora ornado,
 Onde eterna alcatifa de verdura

A terra esconde á vista.

Longas alas de flóreas laranjeiras
 De toda a parte o abraçam ; bem no fundo
 A mangueira copada, em matta escura,
 Co'a rama toca o chão. — Suave aroma
 O verde cajueiro alli diffunde ;
 Vasto cannavial sussurra a um lado ;
 A outro lado o café mostra viçoso
 Seus bagos de rubim. — Vê-se altaneiro
 O algodão levantar flexiveis ramos ;
 Braceja a bananeira ao vento entregue ;

O coqueiro se eleva magestoso ;
Em arcos pelas arvores se enrola
A curva trepadeira ;
E a pompa vegetal mostra-se em tudo.
Alli do sabiá não finda o canto ;
As pennas carmezins sacode a arára,
Purpureo cardeal, juhó saudoso,
Rubro tihé, sahy vario nas côres,
E a loquaz araponga alli não faltam.

Mas no centro um jardim logo se estende,
Em que Flora juntou quando ha formado.
Rescendente perfume os ares tolda ;
A vista se fatiga, e não contempla
Das varias côres a abundancia extrema.
O ferro alli não rouba a fórma á planta ;
Estatuas de alabastro não resplendem.
Vasos, leões, columnas, nada ha feito
Que insulte a Natureza.

Alli, por toda a parte, embalançada
N'um leito de esmeralda,
O sceptro dos jardins empunha a rosa.
O cravo nos odôres lh'o disputa ;
Mas em garbo lh'o cede, e em gentileza.
O' saudade, saudade, alli vicejas,
Melancolica flor, d'angustia imagem,
Pelo mimoso aroma e côr sombria,
Pelo magico nome grata sempre
Aos corações sensiveis !
Levanta a crista o rubido suspiro,
Cujas negras sementes
Recamando o veludo de seu manto
O fazem parecer Argos das flores.
A solar sempre-viva, o não-me-deixes,
A pura angelica, a perpetua eterna,

A innocente cravina, alli se ostentam.
 Suave e mansa a viração bafeja,
 O zephyro murmura brandamente
 Mysterosos sons por entre as flores.
 Azues, brancas, douradas borboletas
 Tontas giram, vagueam, pousam, voam.
 Pardas abelhas, sussurrando adejam,
 E o beija-flor, mimoso iris das aves,
 Por aqui, por alli, batendo inquieto
 As azas furta-côres, se pendura
 Libando o nectar que procura ancioso.

Além florido jasmineiro estende
 A copada folhagem que apresenta
 Um pallio de verdura. — Suspirando
 Corre a limpha saudosa junto d'elle ;
 Um circ'lo d'anazes cresce em roda ;
 Soberbos gyra-soes se debruçando
 Este sitio abrilhantam. — P'ra a direita
 Rêde subtil, pendente em dous coqueiros,
 Embala brandamente a PRIMAVERA.
 Orlam franjas de pennas de tucanos,
 De róseas garças, candidos arminhos,
 O leito voluptuoso.

Alçada a frente, a Deusa entrever deixa
 A corôa de folhas brazileiras.
 De parras coroados, junto d'ella,
 O outono se recosta ; aos pés encara
 Os dons que á terra dadivoso outhorga,
 Mangas, do coração roubando a fórma,
 Aureos pecegos, acidas pitangas,
 Cajús formosos, regio anazes.

Bem no centro do pallio, n'um tapete
 De mimoso verdor FLORA se eleva ;
 Belleza juvenil transluz eterna

No rosto perfectissimo e sereno ;
O esthetico das fórmas se desenha
Nas dobras negligentes d'um volante
Que auriverde lhe ondêa sobre os membros.
Festões de rosas, lyrios, d'açucenas,
E de lindos jasmims, por terra alvejam.
Branças perpetuas, aureas sempre-vivas,
 Em grinalda a coroam.
De angelicas pendão por sceptro empunha.
Os amores, as graças a rodeam,
Nas madeixas lhe brinca almo Favonio.

Aqui suave orchestra em desafio
As aves, a saudal-a, estão formando.
Co'a luz primeira o sol vem cortejal-a,
E flores immortaes lhe rega a Aurora.

D'aqui derrama a Deusa a cornucopia,
Uberdade lançando sobre a terra ;
Triumpho aqui do inverno, e a patria minha
Riso ameno em seus labios só divisa,
Afangos maternas com que a embelleza.

MANOEL PESSOA DA SILVA

A ESCAPÚLA DO DIABO

POEMA

EXCERPTO DO CANTO IV

Em vão, porqu'o convença á que não parta —
A velha *companheira* assim lhe falla : —
« O que faz, *senhor conego* ? — tão facil !
« Quer em terra de guerras arriscar-se ? —

« Não tem dó de seus filhos? — não receia,
 « Que as suas rubras meias desacatem? —
 « Que o seu chapéu de borlas não respeitem? —
 « Que a sua larga banda não venerem? —
 « Pois lhe não satisfaz em santo ocio
 « Ir a sua prebenda desfructando;
 « Do latino gozar professorado
 « O rendimento, além d'outras *pexinxas*? —
 « Este seu frenesi será por essa
 « Mania, que tomado o tem, de um dia
 « De arcebispo vestir a roxa murça,
 « Do actual prelado pela morte; —
 « E porque se um direito á isto faça,
 « Procura á um governo — em seu destino —
 « Acompanhar nas horas de perigo? —
 « Não cáia, *senhor conego*, em tal cousa;
 « Em um tão grande risco se não metta,
 « Presága-lhe conselho: — enternecida —
 « Eu lhe peço por esse ardente beijo,
 « Que — primeiro, na flor da minha idade,
 « Na *cheirosa corôa* pespeguei-lhe. — »
 Aqui um ai quebrou chorosa a velha;
 E, na falta de lenço, no semblante
 Com a ponta da fralda o pranto enxuga: —
 Mas sem dobrar-se o *conego castanha*
 Da triste velha aos rogos, prompto parte,
 E foi-se do *togado* em companhia: —
 Porém vendo de Marte o feio aspecto,
 Tranzido de terror, — sem mais demora,
 Se fôra para cá escapulindo. —

Apenas do governo o *monstro* rege
 As redeas, do *Leão* açula as furias: —
 Não póde — por cobarde, as investidas
 Assistir-lhe de perto; — e só de longe
 Dobrar-lhe as iras por escravos manda. —

Eil-a — já de seus filhos — miseranda! —
Banha *Olinda* com o sangue inteira a face!...
Em tão ardida, marcial refréga,
Se ao braço da traição, que o *monstro* armára,
O valeroso *Nunes* não cahira; —
A hydra, que ao Brazil hoje ameaça —
Feroz dilacerar, ao certo, havia
Com a clava esmagar o novo *Alcides*. —

Sem que o vil da traição calcule, o *monstro*,
Togado Miquelina Carapêba
O infame triumpho alegre entôa; —
E na lugubre scena dos finados;
No sangue, que murmura pela terra,
Um incentivo ao riso o *monstro* encontra!! —

Entretanto, que alli em quanto o *tigre*
Togado, vis louvores recebendo
Vai das bocas de escravos lisongeiros, —
O *Gonçalves Trombudo* — na Bahia
Corre feito marmota pelas villas,
Seu encargo aviltando em pedir votos,
Se salvando com o publico serviço: —
E das suas viagens muito pago,
Pelo grande prazer de effectual-as,
Aos seus baixos, e vís aduladores
Um chá de profusão alegre offerta. —
Então o grande *Leite*, recordado
Do bem que o *bandolim* tangerá outr'ora
Do Porto nos rediz cabras pascendo,
Tomando um *bandolim*, depois que as cordas
Ao pequeno instrumento temperára,
Por esta arte rompeu em graves berros: —
« Venturosa Bahia, qu'hoje és minha,
« Porque és do *compadre* governada: —
« Hoje — até ás estrellas exalçando

« Meu *Compadre Gonçalves*, vou pasmar-te! —
« Antes qu'outras acções d'elle memore,
« Aquella citarei, com que, mostrando
« Ter nascido com geito pr'a mappista,
« Debaixo das bandeiras lusitanas,
« De commandante o posto *recusando*,
« Com o posto de sargento contentou-se;
« Encargo, que lhe deu tão alta gloria,
« Que até hoje inda d'elle os ganchos guarda. —
« Agora — que direi daquella immensa
« Acção, que por ahi propala a fama,
« Comqu'outr'ora, os deveres despresando
« Da missão, que occupava, generoso,
« De escravos consentio n'um contrabando,
« Por lhe darem dois negros pr'a cadeia!
« Tanto desinteresse no passado,
« Nem mesmo no presente o mundo vira. —
« Esquecido não fique aquelle egregio
« Serviço, com qu'a tua agricultura,
« Bahia, enriquecera, descobrindo
« *A famosa semente do futuro*. —
« Aqui não calarei aquella pompa,
« Com que pr'a Nazareth elle embarcara. —
« No vapor as bandeiras tremulavam;
« Sobre o *bombo* um lundú se rebatia;
« A fragata, a corveta, o forte em salvas
« Os ares atroavam: — negro enxame
« Cobria de elegantes ganhadeiras
« Por detraz do palacio o longo muro. —
« Sem da fórma fallar, porque comeu-se
« Em Nazareth, na casa do *Sampaio*,
« Por ser factó, que bem já celebrara
« O *famoso chronista* do *compadre*,
« Mesmo até revelando, que da mesa
« Cada um se sahio como um *Sileno*; —
« Não calarei, com tudo, aquella scena

« Encantadora, em que vira o compadre,
« Ao passar dessa villa pelo rio,
« Os *cangongos* dos mangues pendurados
« Boqui-abertos olhando para elle: —
« Mas isto muito abaixo, ao certo, fica
« Da sua sem igual philantropia,
« Com que daquella villa em beneficio
« Da *Sancta casa* um computo propondo,
« Porq'outros generosos o seguissem,
« Seus *cincoenta mil réis* doou de prompto! —
« Nem do *compadre* deixarei que a nuvem
« Do negro esquecimento abafe aquella
« D'entre as suas acções acção pasmosa: —
« Quero fallar daquella egregia entrada,
« Quando de Nazareth aqui chegado,
« Qu'elle fez pelo *cano da preguiça*;
« E. conforme a *famosa tolerancia*,
« *Gostou da obra*. — Um feito fôra este,
« Com que muito o *compadre* além passára
« Do gran *Napoleão* transpondo os *Alpes*. —

« Mas ao passo que todos, que me escutam,
« Vejo destas acções tão encantados,
« Vou pôl-os do *compadre* arrebatados
« Dos feitos no seu feito o mais sublime. —
« Fallo quando em *Valença*, não podendo
« Deixar de ao genio creador dar pasto,
« Sem com cousa atinar, que lá fundasse,
« A praça elle creou — *Regis-Ferreira*,
« Aonde tem de ser dos farinheiros,
« Que á ella no futuro concorrerem,
« Com prazer o seu nome repetido. —

Aqui o gran cantor emfim chegando,
Em applausos rompera a companhia;

E elle, aos seus louvores obrigado,
Do muito que berrou foi tomar folga. —

Entretanto que assim agora entregue
O Brasileiro, infortunado imperio,
À mercê dos tyrannos, e dos *bufos*;
De *Jacome* em desar do sangue illustre,
Que verteu-se nos campos gloriosos;
Do *Bulcão* em desdouro dos esforços,
Com que do captiveiro nos remimos; —
N'um dia e n'outro — se a nação degrada, —
P'ra o suplicio caminha a — liberdade. —

JOÃO DUARTE LISBOA SERRA

SUBINDO PELO VOUGA

Sumio-se o sol! É quasi amortecida
A muda desmaiada natureza!
E em dormente langor, em paz serena
Parece mollemente reclinar-se
Nos torvos braços da calada noite,
Que de sombras em leito magestoso
A vai acalentando.

Sumio-se o sol! E as prateadas nuvens
Que sobranceiras podem vel-o ainda
Perder-se pelo abysmo, vão-se orlando
De rica franja, que em matiz mimoso
As côres d'alma todas tem pintadas
Na hora da saudade.

O manso gado, que na opposta margem,
Pascendo ao som de pastoris avenas
Gozou do dia fulgidos ardores,
Ora vadea vagaroso o rio,
Ou já do aprisco ruminando á porta,
E do tenro filhinho a tez lambendo,
Pelo pastor aguarda.

Tudo respira placido socego !
Só ligeiro batel, que vai cortando
A branda face do crystal luzente,
Ondas formando que os anneis retratam
Crespos, mimosos, de engraçada coma,
Com sumido suspiro está turbando
O silencio geral á hora tão meiga,
E sobre o leito de brilhantes perolas
Obriga a tremular suavemente
Os salgueiros da margem...

Com os olhos fitos no arenoso fundo,
Rosto sombrio, definhado aspecto,
No tosco bordo o peito debruçado
E suspensa, no braço, a fronte pallida,
Como quem todo em si embevecido
D'angustias soffre dolorosos trances,
Vai afflicto mancebo.

Debalde intenta procurar nos echos
Consolo a seus pezares ;
Aperta-lhe a garganta atroz cadêa,
Mais rigida que o bronze, e lhe suffoca
A triste voz no peito...

Os olhos estão seccos, nem das palpebras
Tumidas, como enchente represada,

Lhe é dado verter magicas gottas,
Que molhando-lhe as faces lhe mitiguem
Os soffrimentos d'alma...

Em vão pretende do anciado peito
Um suspiro soltar, que amenizando
D'amargas afflicções atro veneno,
Lhe consinta provar na soledade
Doce melancolia ;

Sem aos labios chegar, seus ais fenecem,
Ou mais acerbos pelo baldo esforço
Na fonte, que os verteu, vai intornando
Requinta das essencias d'amarguras
De negro fel em bagas.

Quem tantas dores lhe entranhou no seio?
Quem lhe gravou no juvenil semblante
A macillenta côr, que tinge as faces
No extremo da agonia?

Ah ! não me illudes, seductor enleio !
Que traz elle o cuidado em triste ausencia,
Affogam-lhe o sorrir memorias ternas,
Disfarçadas com as vestes da amargura :
E essa dôr que lhe corta os seios d'alma,
É a dôr da saudade.

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

O CEGO

ACTO SEGUNDO

A NOIVA

O theatro representa um bosque aprazivel e bello; ao fundo e do lado direito do espectador uma fonte natural está meio encoberta por algumas arvores, que parecem ligadas por um tecido de trepadeiras floridas, as quaes formam um como caramanchão sobre a fonte. — O dia vem amanhecendo.

SCENA I

MARIA, só. — *Entra pelo lado esquerdo do espectador, vagarosa e triste*

Adeus, meu valle! adeus, ó minha fonte,
De prazeres e maguas testemunhas!...
Pela vez derradeira eu vos saúdo,
Como ha tanto, com lagrimas sentidas!...
Amanhã outra vida me preparam!...
Será preciso não chorar, que as vezes
Do pranto da mulher se faz um crime!
Adeus, meu valle! adeus, ó minha fonte!
O meu ultimo sol de liberdade
Cabia a vós; sim, foi nestes lugares,
Onde primeiro palpitou no peito
De amor o coração! Doce momento!
Tão veloz como um sonho de venturas,
Ao qual seguiram dias de infortunio
Tão longos como a vida, que me pésa.
Aqui votos de Henrique aos meus se uniram;
A fonte foi o altar, e o valle o templo...
Mas, basta; não lembremos o passado:
Lembral-o é um remorso no presente,

Pois quasi sou perjura aos proprios olhos!
 Lembral-o é um remorso no futuro,
 Pois só deve a mulher lembrar o esposo.
 Adeus, meu valle! adeus, ó minha fonte!

Depois de curta reflexão, prosegue:

Marchemos com valor ao sacrificio.
 É da mulher a historia em soffrimentos
 Fertil. Nem será este o derradeiro!...
 Eu me curvo ao destino de meu sexo;
 É preciso viver no nosso mundo;
 Receber como leis suas cadeias;
 Ter o riso no rosto, e o pranto n'alma,
 E dizer — sou feliz!... — Que sorte iniqua!
 É a mulher excepcional vivente,
 Que tem alma, e não querem que ella sinta!
 Tem coração, e ordenam que não ame!...
 A mulher sempre é victima no mundo.
 Sujeita des que nasce até que morre,
 De pai passa a tutor, irmão, marido...
 Sempre um senhor... (o nome é que se muda);
 Sempre a seu lado um homem se levanta
 Para pensar e desejar por ella;
 Criança, junto a quem sempre vigiam;
 Cego, que sempre pela mão se leva;
 Eis a mulher! eis o que eu sou, e todas!...
 E ao muito se consegue ser amada;
 É escrava, que n'um altar se prende,
 Divindade que em ferros se conserva,
 E a quem se chama (oh irrisão!!! SENHORA!
 E portanto, eu serei como mil outras
 Martyres nobres. Ver-me-hão passando
 (Como essas tantas) silenciosa... pallida...
 Sorrindo com o sorrir que esconde as maguas:
 Talvez digam ao ver-me — ella é ditosa! —
 Sim, que eu hei de saber (como outras fazem)

Abafar meus suspiros e gemidos,
E esconder os tormentos de minh'alma
Desse mundo egoista, e sem piedade,
Que faz do homem «senhor» da mulher «martyr.»

*Momento de doloroso silencio, depois ella se desfaz
em pranto e exclama:*

Adeus, meu valle!!! adeus, ó minha fonte!!!

*Ao primeiro passo para retirar-se, encontra-se face
á face com Damião.*

SCENA II

MARIA e DAMIÃO

DAMIÃO, *com severidade.*

Segui teus passos, e escutei-te as queixas.

MARIA

Meu pai!...

DAMIÃO

Fallemos baixo: não distante
O senhor Paulo presenti. Maria,
Quem póde perdoar-te o estranho excesso
Com que vens lamentar males ficticios?...
Onde estão os tyrannos que te opprimem?...
Onde está o martyrio a que te votam?...

MARIA

Mais que muito, meu pai, deveis sabel-o.

DAMIÃO

Queres que eu córe de chamar-te filha?

MARIA

Podeis, senhor, erguer vossa cabeça ;
Sobranceira serei ao sacrificio ;
Mas emquanto ao altar não sou levada,
Chorar posso : inda o pranto não é crime ;
E deste pranto vós sabeis a origem !...
Jamais vos escondi meus sentimentos ;
Sois meu pai ; sempre fostes meu amigo ;
Lestes sempre no livro de minh'alma.
Vossos olhos, senhor, me acompanharam
No amor primeiro — o unico da vida ! —
Meu amor por Henrique abençoaveis ;
E eu cheia de esperança no futuro
Via meu coração nadar em glorias.
Sôa a trombeta que os guerreiros chama ;
Henrique escuta a voz da patria terra,
E ao campo dos bravos se arremessa.
Outro mancebo vem que me requesta,
Tão nobre, tão distincto como Henrique,
Que herdou do mesmo seio os mesmos dotes :
Fujo a seus obsequios cautelosa,
De amor me falla... nego-lhe resposta ;
Até que emfim noticia desastrosa
Vem da morte de Henrique a fé quebrar-me
Oh ! nunca o meu amor ! — Submissa apenas,
Submissa tão sómente ás ordens vossas,
Minhas promessas Paulo ha recebido :
Depois este infeliz perdendo a vista
Me quiz soltar dos projectados laços :
Morto eu suppunha o meu unico amado,
O noivo pretendente era irmão d'elle,
Esperanças de amar eu mais não tinha ;
Crueldade julguei negar a um cego
O que, p'ra obedecer-vos, promettera.
Minha palavra sustentei ; e um dia

D'improviso nos chega a feliz nova,
Que Henrique não morrera. Delirante,
Aos pés vos caio, meu amor vos peço ;
Quero quebrar cadeias mal forjadas ;
Mas vós então, primeira vez austero,
Exclamastes: — eu mando. — Obedecei-me.
Meu pai, a filha vai obedecer-vos ;
Porém, inda solteira, dai que chore !...

DAMIÃO

Eu tenho consciencia do que hei feito.
Por ser guerreiro Henrique não crimino.
Á patria quiz servir, foi nobre empenho ;
Guarda no peito o coração dos bravos.
Mas porque causa não correu primeiro,
E antes que partisse a procurar-me ?
Porque me não pedio-te por esposa ?
Não sabia, que eu prompto coroára
Com tua mão o amor que te jurava ?
Maria, esses protestos de mancebo
Soltos ao vento, o mesmo vento os leva.
Se Henrique a mim viesse, o esperaria ;
Não veio a mim, não temos de esperal-o.

MARIA

Esse erro de Henrique assás lamento ;
Mas pagar vossa filha um simples erro
Com a vida toda inteira de martyrio ? !...

DAMIÃO

Não é de erro, ou martyrio, que tratamos :
Sim de cumprir palavra que foi dada.
Nossa fidelidade é conhecida ;
Fraqueza é desmentir tão nobre fama.
Sei muito bem que o tempo está mudado,

Que o meu exterior tambem mudou-se ;
Porém, o que é de dentro inda está firme.
De meus avós e pai herdei sem mancha
Nome, que hei de legal-o qual herdei-o.
Jamais um Gomes retirou promessas :
Palavra que era dada, era cumprida.
Perdi tudo ; fui rico... hoje sou pobre,
E um nome não manchado só me resta.
Queres, pois, que esta herança tão sagrada,
Esta gloria tão bella tambem perca?...
Por ventura obriguei-te, minha filha,
A prometter a mão de esposa a Paulo?
Não : conselhos apenas me escutaste ;
Eu disse : — Desconfia dos mancebos ;
Juramentos de amor são leves sempre ;
Já Henrique talvez nem mais te lembre ;
Se Paulo te convêm, esposo o aceita. —
Paulo aceitar quizeste ; e minha filha
A palavra que deu, sustentar deve.

MARIA

Pois sim, meu pai, serei mulher de um cego,
Podendo ser de um bravo cavalleiro !...
E queira o céu, senhor, que o sacrificio
A que me condemnais, e me condemno,
Nunca possa a velhice amargurar-vos.
Não hei de deshonnar o vosso nome ;
A educação que recebi me sobra
P'ra conhecer o que convem á esposa.
Vou fazer o papel que outras mil fazem ;
Sou mulher, e portanto sou fingida !
Não é assim, ó mundo?! a mulher finge,
Mas bem poucos se lembram, que é o mundo
Quem fingir manda, em nome da virtude!...
Sim, fingirei, meu pai: mentira e gelo
Cedo virão sentar-se em meu semblante,

Deixando ao coração verdade e fogo.
Mais do que isso não póde a honestidade ;
Um affecto esconder inda é possível ;
Porém, matar amor, meu pai, quem póde?...
Oh!... não se extingue, não!... embalde o empenho,
Nem a plaina do tempo apagou nunca
Vestigios, que nos deixa tão saudosos,
No coração o amor da prima idade!...
Oh! não se esquece mais a bella imagem
Desse primeiro deleitoso sonho!
Suspiros abafar consegue a honra ;
Mas nem dever, nem honra, nem virtude
Podem roubar ao doce amor primeiro
Recordações saudosas do passado!...
Nunca se amou devéras duas vezes :
Não é amor o affecto secundario,
Que a novo objecto sacrifica o peito
Em que outro teve generoso imperio ;
Esse é resto, esse é polme, que no fundo
Ficou de virgem calix, cujo nectar
Bebeu primeiro o derradeiro amado!...
É portanto já muito o fingimento,
E o mundo que se ri, que de nós zomba,
Que nos insulta, córe antes de rir-se,
Porque elle é o tyranno, e nós as victimas.
Sim, fingirei, meu pai ; mas quando virdes
Brincar mais ledo o riso nos meus labios,
Dizei : — como aquell'alma está soffrendo!...
Quando eu correr alegre pelos prados,
Dizei : — lá vai a louca em desvarios!...
Quando eu cantar festivos doces hymnos,
Dizei... porém, senhor, não digaes nada ;
Fechai antes os olhos p'ra não ver-me ;
Que a dôr que rasga um coração de filha,
N'um coração de pai acha écho sempre.

DAMIÃO

Poupa, Maria, um já cansado velho :
 Teu desespero injusto me abrevia
 Uma vida, que só por ti me é cara.

MARIA

Meu pai !

DAMIÃO

Querida filha, não te entregues
 A uma afflicção, que desespero indica.
 Enxuga o pranto, zela o teu segredo :
 Cedo o altar vai curar esses tormentos.
 Quando o nome de esposa receberes,
 Tu verás serenar a tempestade,
 E socegados dias no horisonte
 De tua vida abrir-se : pouco falta ;
 Esta noite dá fim ás maguas tuas,
 E me dará socego aos velhos annos ;
 Morrendo baixarei a sepultura
 Com a certeza de ter deixado a filha
 Nos braços do esposo que a idolatra.
 Eu me vou ; tu socega : talvez perto
 Paulo espera um momento de fallar-te
 A sós. Não te atraíçoem pranto e queixas ;
 Tem piedade do misero, que te ama ;
 Respeita no teu noivo o teu esposo ;
 E obedece a teu pai, se acaso o estimas.

(Vai-se pela esquerda do espectador.)

SCENA III

MARIA, só ; *vê partir Damião, e depois de conservar-se um momento pensativa :*

Quantos martyres passam sobre a terra !...
 Que angustias em silencio se devoram !
 Que dôres n'alma da mulher se abafam !...

Apparecem no fundo Paulo e Daniel.

SCENA IV

MARIA ; PAULO e DANIEL, *fallam ainda no fundo do theatro em tom baixo.*

PAULO

Que lhe dizia o pai?...

DANIEL

Não pude ouvil-o ;

Fallavam baixo.

PAULO

Acaso ella chorava?

DANIEL

N'um dia de noivado, pai e filha,
Em terna despedida se abraçando,
Tenho visto chorar.

PAULO

Tu me socegas.

(Avançando para o proscenio.)

Maria !

MARIA, *volta-se estremecendo.*

Ah ! meu senhor...

PAULO

Dá-me outro nome,
Se acaso não te apraz chamar-me escravo.

A Daniel, que tem permanecido no fundo.

Daniel, podes ir... á casa volto ;
Tactarei com o bordão o meu caminho ;

Ou guiará Maria o pobre cego
De quem vai ser a eterna conductora.
Quero um instante a sós ficar com ella.

(*Daniel Beija a mão de Paulo, faz respeitoso cumprimento a Maria, e vai-se.*)

SCENA V

MARIA e PAULO

PAULO

Elle se foi?... está longe ?

MARIA

A sós estamos.

PAULO, *procurando a mão de Maria, e com ternura.*

Maria, poucas horas só nos faltam
Para ao altar de amor correremos ambos.
Com que paixão te adoro, não ignoras ;
Tu foste, és inda, e serás sempre a imagem
A quem meu coração seus cultos renda.
P'ra que eu seja feliz, tu me és precisa:
No mundo, em que p'ra mim tudo está morto,
De minha mãe, de meu irmão ao lado
Eu te encontro, Maria, na minha'alma.
Tu és o laço que me prende a vida...
A idéa da luz ainda retenho ;
Porque recordo o fogo de teus olhos !...
Inda compr'endo o que é a f'licidade
Pela esperança de beijar teu rosto !
Oh! Maria! não ser por ti amado
Fôra p'ra mim tortura atroz e horrivel ;
Mas fazer o martyrio de teus dias...

Atormentar tão meiga creatura...
Condemnal-a ao medonho sacrificio
De acompanhar eternamente a um cego,
Que não podesse amar!... oh! fôra um crime,
Que a minha salvação compromettera!
Um crime, de que eu mesmo me horroriso!
Ah! poupa-me, Maria, este remorso:
Eu não pesso; eu não quero sacrificios.
Inda é tempo; não sejas triste victima
Á oblação sacrilega levada.
Dize... falla... sê franca, e não receies.

MARIA

Quem, senhor, te inspirou tão triste idéa?...

PAULO

Eu mesmo reflectindo em meu estado.
É possível, me disse, haver no mundo
Uma mulher tão cheia de piedade,
Que esqueça juventude, graças, brilho,
P'ra a vida partilhar que cabe a um cego?!
Conheço agora; um crime era essa duvida;
Pois devia lembrar-me, que existias.
Bem, Maria, serás o meu amparo;
Deve o esposo proteger a esposa;
Mas o contrario se dará conosco:
Aqui a flor sustentará o tronco;
Junto a mim velarás, como um bom genio,
E Deus te pagará tantas virtudes.

MARIA

Cumprirei meu dever com meu esposo;
Dando-lhe a minha mão, sou toda d'elle:
Serei feliz com seu amor.

PAULO

Maria!...

E portanto te basta o amor de um cego?!
 Oh! meu Deus! não mereço tanta gloria!
 Virgem cheia de angelica pureza,
 Escuta: eu receiava abrir meu peito;
 Temia, que te risses do que eu penso;
 Agora, não; eu fallo. O amor de um cego
 É a paixão eterna desta vida;
 Paixão que nunca morre, e sempre existe
 A mesma no vigor, na intensidade:
 Hoje ama o cego, como a um anno amava,
 E, amaria a cem, se a cem vivesse.
 Amar, depois cegar, é ver a imagem
 Da mulher, que se amou, sempre formosa,
 Sempre moça e gentil: não ha velhice,
 Que lhe enrugue o semblante, e lhe descobre
 A côr das faces, que lhe afunde os olhos;
 Que lhe branqueie as longas negras tranças:
 Só vê o cego o que já tinha visto...
 É sempre a moça dos primeiros dias...
 É do tempo da luz a visão bella!...
 Nisto ao menos o cego é mais ditoso,
 Do que o amante, que vê, e vê a idade
 Ir destruir o encanto da belleza
 Da mulher que adorou.

(*A Maria, com ternura*).

Assim tu pensas?...

MARIA

Penso, senhor, que um coração mais nobre
 Do que o teu, não conheço.

PAULO

Cara amiga!

Foi Deus que me guiou a ver teu rosto,
Para hoje me livrar do desespero.
Tu me salvaste, me prendendo a vida.

MARIA

Queira o céu que p'ra sempre o mesmo digas,
E que eu possa, se não feliz tornar-te,
Ao menos cooperar p'ra o teu socego.

PAULO

Feliz, Maria: sim!... quem o não fôra
Passando a vida ao lado da virtude!...
Como é bello o painel do meu futuro!...
Esse painel eu vejo, e hei de sentil-o.
Ao despontar d'aurora despertamos,
E alegre tu me trazes a este valle,
E junto desta fonte descansando
Recordamos o dia em que brilhara
De amor primeira flamma em nossos olhos!...
Ao refrescar da tarde tu me levas
Aos sitios que mais gratos te parecem...
E os lavradores que passar nos vêm,
Em respeito a virtude hão de dizer-se:
— Lá vai um cego pela mão de um anjo!!!
Oh! Maria!!!

*(Estendendo os braços, Maria toma-lhe a mão, e elle
a abraça ternamente: fica um instante abraçado;
mas logo sente rumor, desenlaça-se e pergunta):*

Parece que alguém chega?...

SCENA VI

MARIA, PAULO e DAMIÃO, *que chega apressado.*
Prevenção.

MARIA, *respondendo a Paulo:*

É meu pai.

PAULO, *como assustado.*

Que será?...

DAMIÃO

O' senhor Paulo...

PAULO

Oh! meu pai!...

DAMIÃO

A surpresa mais ditosa...
Vosso irmão é chegado!

PAULO

Gritos suffocados.

Ah!... ah!...

(Na mais viva agitação e como querendo sair.)

Levai-me!...

DAMIÃO, *suspendendo a Paulo.*

P'ra aqui mesmo elle corre...

(A Maria com austeridade.)

Eu te observo!

Retira-se, e fica no fundo da scena de braços cruzados, observando.

SCENA VII

MARIA, PAULO, DAMIÃO E HENRIQUE

HENRIQUE, *correndo para Paulo.*

Meu irmão... meu irmão...

PAULO, *recebe Henrique nos braços, e ficam algum tempo abraçados.*

Henrique!...

(Henrique á força se arranca dos braços de Paulo, quer lançar-se a Maria, mas fica espantado e immovel ante ella, que com um dedo sobre os labios, faz-lhe signal de silencio, e com a outra mão aponta para Paulo.)

Henrique!...

Girando a scena por todos os lados, e com os braços abertos em procura de Henrique.

Henrique! Henrique!

*Henrique lança-se de novo nos braços de Paulo.
(Exclamação dolorosa e pungente.)*

E que eu não posso vel-o!

A NEBULOSA

A HARPA QUEBRADA

I

« Minh'harpa, saudemos o instante da morte,
 « Que é lucida aurora de eterna victoria;
 « O tumulo p'ra os vates é throno de gloria,
 « E a vida é o jugo do inferno e da sorte.
 « O jugo quebrems, ao throno subamos;
 « E bello o triumpho, minh'harpa, morramos! »

E como pelo canto enternecida
Da harpa dedilhada uma das cordas
Rebentando souo como um gemido.

II

« O vate é proscripto que vaga na terra,
« Bem poucos lhe entendem o estranho fallar,
« Qual rocha batida das vagas do mar
« Supporta dos homens tormentos e guerra ;
« Dos vates a patria no Céu achar vamos,
« Deixemos o exilio, minh'harpa, morramos ! »

E nova corda estala ; outro gemido
Que sahe dos seios d'harpa, e é dado ás brisas.

III

« A morte é o somno que á dôr succedeu,
« Do qual se desperta no Eden do Senhor ;
« É d'alma um arroubo em ancias de amor,
« E o tumulo é a porta dos atrios do Céu.
« A morte é o somno, minh'harpa, dormamos ;
« O Céu nos espera, minh'harpa, morramos !

E outra corda rebenta, e sobre as ondas
Longo sôa tambem outro gemido,
Que triste esvaecendo aos poucos morre.

IV

« Minh'harpa não gemas, que o mundo é traidor,
« Asyla a perfidia no gremio fatal,
« Não vale as saudades de um peito leal,
« Nem ternos suspiros de uma harpa de amor ;
« Não gemas, exulta, que ao Céu subir vamos ;
« A vida é sinistra, minh'harpa, morramos ! »

Inda uma corda estala, e geme ainda,
 Como profunda queixa que exhalada
 Do lugubre cantor responde ao hymno.

V

« Esposa querida, minh'harpa, vem cá!
 « A hora emfim sôa do nosso hymenêo;
 « A pyra é a lua, que fulge no Céu;
 « O thalamo virgem nas ondas será;
 « A pyra flammeja! esposa, corramos!
 « Aos gozos! á gloria! minh'harpa, morramos! »

COBÉ

ACTO TERCEIRO

O SARÃO

O theatro representa parte d'um quintal murado: no ultimo plano da esquerda uma porta; ao fundo corre o muro, que antes serve de defeza, que de embelezamento; no terceiro e quarto planos da direita a frente d'uma casa com patim, para onde se sobe por uma escada de madeira; por baixo do patim duas portas pequenas, que dão entrada para dous quartos. — E' noite: luzes por toda parte: o quintal está illuminado; ha sarão na casa de D. Rodrigo.

SCENA I

D. RODRIGO e D. GIL DA CUNHA

D. GIL

E ouviste, senhor, minha sentença?

D. RODRIGO

Tua sentença só de mim pendia.
 De minha filha prescrever a sorte
 Como pai, era um jus do céu provindo:

De um tal direito prescindir não devo ;
E Branca é fida á educação que ha tido,
Póde só desejar o que eu lhe ordeno,
E eu só lhe ordeno o que o dever me inspira.
Quando mesmo de moça um devaneio
Podesse a hesitação lançar-lhe n'alma,
A voz de um pai a hesitação vencêra,
E soubera abaixar paixão mesquinha,
Dando victoria de fidalga aos brios.

D. GIL

A vossa austeridade ha muito admiro :
Nome, que avós sem mancha vos legaram,
Mais nobre ainda o legareis aos filhos.
Inda antes de vos ver vos respeitava,
De vós tão alto me bradava a fama,
Junto de vós, senhor, dobrei respeitos ;
E quando me accendi de amor por Branca,
Nos sonhos doces de um consorcio honroso,
Ignoro o que mais em mim podia,
Se a posse d'ella e da paixão o enlevo,
Se de chamar-vos pai a gloria immensa.
Hoje, porém, Senhor, que sinto prestes
A dita peregrina, que almejava,
Começo a recear tanta fortuna ;
E amando mais que muito vossa filha,
Temo a seus olhos parecer tyranno.

D. RODRIGO

Que generoso sejas não me espanta,
Grandes virtudes são dos grandes nomes,
E um nobre sangue não desmente a origem ;
Mas não vejo razão p'ra que estremeças.
Se ha só nobreza d'alma no que sentes,
Honras assim de cavalheiro os brios :

Se de Branca, porém, ousas sómente
Menos firmes suppôr proximas juras,
O pai offendes offendendo a filha,
E assás me vingo te quebrando os laços.
Livre és ainda.

D. GIL

Mal me compr'endestes :
Sei respeitar de D. Rodrigo a filha.
Porém, sabeis tambem que ou... devaneio
(Foi a palavra de que ha pouco usastes),
Ou natural pendor d'alma sensivel
Fez, e muito não ha, que Branca ingenua
Entre todos Estacio distinguisse :
Nada houve ahi que desdourasse Branca :
Foi simples distincção... trato mais terno...
Meigo olhar sem querer... mas isto sobra,
Senhor, ao pai prudente e desvelado,
E áquelle a quem o amor torna zeloso.
A esforços meus (confesso esta fraqueza ;
Vós, que o passo approvastes, perdoai-a),
Estacio, em commissão longe mandado,
Deixou-me em paz vencer o meu ciume :
Hoje, senhor, vossa bondade extrema
Julgou que eu merecia a mão de Branca ;
Mas no instante em que vou minha chamal-a,
Receio, outra vez digo, em vez de esposo,
Amante e amado, ser verdugo impio !

D. RODRIGO

A simples distincção que inda recordas
Foi um sonho, D. Gil, da mocidade ;
Quem sonha dorme, e no dormir não pecca.
Se ao Branca depertar, lança-lhe em rosto
O esquecimento da mais nobre stirpe,

Ou vêl-a-has corar, ou não mais hade
Chamar-me pai, D. Gil, mal não fizeste
Em desviar Estacio; mas embora
Aqui ficasse, o mesmo succedêra.
Tu lhe poupaste a dôr de ver a amada
(Se os olhos se atreveu a erguer para ella)
Passar aos braços d'outro. Lamentemos
Esse misero Estacio, é cavalleiro
Fido e valente... mas não é fidalgo.

D. GIL

É comtudo orgulhoso como um nobre!

D. RODRIGO

Na sua espada tem o seu orgulho:
Razão lhe sobra, confessar devemos.
Entre as boas espadas portuguezas
Conta-se a d'elle: feitos de bravura
Lhe apontam muitos; nunca sangue inutil
Derramado; tão bravo como humano
O julgam todos... mas não é fidalgo.

D. GIL

Que se contente pois com seu renome,
E misturar ousado não pretenda
O sangue de vilão com nobre sangue.

D. RODRIGO

Vamos, D. Gil, como offendido fallas;
Mas se elle ousou nutrir a idéa altiva,
Vingança não pequena ambos tomamos
De prompto a ti se unindo minha filha.

D. GIL

Por tão doce união todo me abalo,
Nem misturo a vingança em meus anhelos.

D. RODRIGO

Pois bem, D. Gil, ao terminar da festa
A inesperada nova publicamos
E amanhã, ante Deus, Branca te entrego.

D. GIL

Ah! meu pai!

D. RODRIGO

Por demais nos demoramos,
Esquecendo os amigos que cuidadosos
Certos já nos procuram. D. Gil, creio
Os teus receios vão ter dissipado.
Subamos pois, tornemos para a sala.

D. GIL, *retirando-se D. Rodrigo pára na porta de
Cobé, e convida D. Gil a subir antes delle.*

Lá tenho o coração, feliz vos sigo.

D. RODRIGO, *chama e apparece Cobé á porta.*

Cobé! não te descuides, vai, observa
Se acaso em algum ponto as luzes faltam;
Quero que nesta noite tudo brilhe
Como no seio meu luz a ventura.

Vai-se pelo patim.

SCENA II

COBÉ, só; *pensativo.*

« Fica!... mas vive a vida dos infames!
 « Fica!... mas soffre a morte dos cobardes!... »
 Minha mãe razão teve: hei merecido
 A formidavel praga! Envileci-me
 Em torpe captiveiro: o nobre manto
 Dos caciques, meu arco poderoso,
 Minha tacape, que invejavam tantos
 Ao ver-lhe as marcas de inimigo sangue,
 Tudo esqueci na escravidão maldita!...
 Bravo guerreiro, uma mulher venceu-me!...
 Sou como um tigre atacado ao debil tronco
 De um arbusto florido!... E qual meu premio?...
 Amei essa mulher, como a tapira
 Os filhos seus estima; de seus olhos
 No fogo ardia, e os olhos seus buscava,
 Qual nas chammas se arroja a negra serpe:
 E o que lucrei? Oh! mais do que o desprezo!
 O meu amor por baixo de seus olhos
 Passou por tresloucado impercebido!
 Quem crêr podia que um escravo amasse?!
 Do escravo ao muito faz-se um mensageiro
 De amor mysterioso; e essa fidalga
 Julgou talvez que já de mais fazia
 O papel off'recendo insultuoso
 De mensageiro vil... a mim, que a amava!!
 É a praga fatal que se realisa:
 « Fica!... mas vive a vida dos infames!... »

Momentos de silencio.

Inda posso salvar-me... o que me prende?...
 Oh! não terei a morte dos cobardes!...
 Fugir-lhe vou... de seu desprezo horrivel

Dom Gil da Cunha deixo p'ra vingar-me.
 Dom Gil! D. Gil da Cunha!... em meus furores
 Tinha jurado devorar-te a carne:
 Tu te fizeste o caçador de escravos,
 Me prendeste em teus laços, e de rastos
 Á praça me trouxeste e me vendeste!...
 Teu sangue á minha raiva era preciso!
 Pois bem, D. Gil, agora eu te perdôo;
 Sem o pensar minha vingança forjas:
 Arrasta a nova escrava aos teus altares;
 Dá-lhe o teu nome, infama a vida sua
 Solidaria fazendo-a de teus crimes;
 Sim! consinto... triumpho... ao leito a guia...
 Seja tua... tu vingas-me!

(Com terrível prazer)

Como é doce
 Que ella soffra tambem os meus tormentos!...

(Mudando de tom)

Mas que penso?... é possível tanto olvido?...
 Pelo Deus dos christãos jurei salvar-a...
 Não devo deshorrar meus juramentos.

(Com força)

Não será de D. Gil!!!

(Em outro tom.)

Mas será d'outro!...
 Hei de eu portanto assim sacrificar-me
 Por gloria alheia?... oh! não! não sendo minha
 Que importa de quem seja?... talvez mesmo
 Fosse o Deus dos christãos que me mostrasse
 O desprezo de Branca, p'ra punir-me
 De esquecer minha terra e a liberdade.

Selvagem sou!... não devo amar fidalgas!
 Partirei pois; e aquelles que cá ficam,
 Aquelles que á fidalgas amar podem,
 Se Branca o merecer, pugnem por Branca.

Vai-se pelo portão.

SCENA VIII

D. FUAS e D. GIL DA CUNHA

D. GIL

Então, nem mais uma hora?

D. FUAS

Não; não posso;

Já de tanta demora me crimino.
 Antes que ás nossas festas, nós devemos
 Ao rei e á patria. Esperam-me os soldados,
 Devo ir dispor a proxima partida.

D. GIL

Pois bem, D. Fuas, um momento apenas...
 Quero fallar-te.

D. FUAS

Falla.

D. GIL

Porque causa,
 Quando todos me cercam lisongeiros,
 E parabens me chovem, tu me foges
 Sendo de todos meu mais velho amigo?...
 Pesa-te a dita que a gozar me apresso?...

D. FUAS

Dom Gil!...

D. GIL

Quero que falles...

D. FUAS

Não insistas...

D. GIL

Tenho o direito de exigir franqueza.

D. FUAS

Pois que o exiges, abro-te a minh'alma.
Vejo no teu consorcio um sacrificio
Imposto á mais modesta e nobre virgem;
E me resinto ao ver que um cavalleiro
Opprime uma mulher.

D. GIL

D. Fuas... pensas!...

D. FUAS

Sei e sabes tambem que a tua noiva
Não te ama e não póde nunca amar-te:
Sabemos todos que encantou-a Estacio:
E tu te abaixas a roubar-lhe a amada.

D. GIL

E não vês que esse amor insulta os nobres?
Devemos consentir que se misture
O sangue de vilões com o de fidalgos?...
Meu D. Fuas, a causa é de nós todos;
E este hymenêo, que faz minha ventura,
Equivale tambem a uma vingança.

D. FUAS

Com a espada é que se vingam cavalleiros:
Exemplos taes nos deram Portuguezes
De quem provimos; e olvidar-lhe a deixa
Será bastardear-nos por fraqueza.

D. GIL

Julgas-me fraco, ou queres offender-me?...

D. FUAS

Disse o que penso, a consciencia falla;
Nem tu tens o direito de aggravar-te.
Teu hymenêo é holocausto impuro,
E tua noiva a victima arrastada.
No futuro cruel que te preparas,
Não poderás queixar-te do destino.
Vais unir-te á mulher que te não ama,
Que ha muito o coração votára a outro;
Rompes os laços de fieis amantes,
Que hoje, apartados, por se ver suspiram,
E que, talvez distancia superando,
Se correspondem por secretos meios.
Vê bem o que semêas, e adivinha
O triste fructo que colher procuras.
Como amigo fallei: faz o que deves.

Vai-se pelo portão.

SCENA IV

D. GIL DA CUNHA, só; *pensativo*

« Que, hoje apartados, por se ver suspiram,
« E que, talvez distancia superando,
« Se correspondem por secretos meios!... »
Quem pudera aclarar o pensamento

Occulto nestas phrases?... será crível
Que, a despeito de minha vigilancia,
Branca e Estacio se escrevam mutuamente?...
Oh! que duvida horrivel!... Quanto eu dera
Por saber a verdade... Mas quem chega?

Apparece Cobé.

Cobé,

Reflecte e diz:

Vem cá.

SCENA V

D. GIL DA CUNHA e COBÉ

COBÉ, *á parte e com rancor.*

O caçador de escravos!...

D. GIL, *á parte.*

Sobra o ardil em todos os selvagens.
Talvez este... não perco exp'rimtando.

COBÉ, *á parte.*

Vejo sempre a traição naquelle rosto!...

D. GIL

Cobé, eu te buscava: antes que a noite
Siga o dia outra vez, serei esposo
De Branca: a tua sorte é presa á d'ella,
E como escravo seu virás servir-me.
Dá-te pois parabens, porque te estimo;
Tu me serás fiel e dedicado,
E em troco has de sentir como eu sou grato.
Estás contente?...

COBÉ

Escuto-vos : ávante,
Que mais do que isso pretendeis dizer-me.

D. GIL

Pois que parecees entrever minh'alma,
Ouve tudo. Quem ama não socega,
Arde-lhe sempre o coração em zêlos.
Agora mesmo que a ventura em risos,
Parece-me saudar, dentro em meu peito
Tenho um tormento horrível: sei que outr'ora...
Alguem ousou erguer olhos de amante
Sobre aquella que adoro... eu soffro... e temo...
Receio mesmo que inda inexperiente
Branca alguma esperança alimentasse...
Dessipa minhas duvidas se pódes:
Moras aqui; d'aqui jámais te apartas;
Pódes ter descoberto algum segredo...
Falla... confia em mim... dize o que sabes.

COBÉ

Nada sei.

D. GIL

Nem suspeitas?...

COBÉ

Nem suspeito.

D. GIL

E se eu te propuzesse que vigilante...
Dia e noite velasses espiando...

COBÉ, *interrompendo-o com voz terrível.*

Seu espia!!!

D. GIL

Receias?...

COBÉ, *dolorosamente.*

Praga horrível...

« Fica! mas vive a vida dos infames!... »

D. GIL

Então?...

COBÉ

Vós insultais minha miséria!...

Sou escravo... inda o sou... mas não cobarde.

D. GIL

Tu me deves, Cobé, mais do que a vida.

Foste um pobre infiel que dos desertos

E do crime arranquei p'ra Deus mostrar-lhe.

O que eras tu nos bosques?...

COBÉ

Homem livre.

D. GIL

Tão livre como as feras; como as feras

De sangue e carne humana te fartando;

Não conhecendo Deus, nem leis, nem honra.

Tu deves bemdizer a mão piedosa

Que te arrancou das trevas e dos crimes.

COBÉ, *contendo-se á força.*

Senhor... poupai-me!...

D. GIL

Que dizer podias?

COBÉ

Que o bem maior que aspiro é só a morte ;
E quem despreza a vida é mais que bravo...
Nada receia... e ousa até...

D. GIL, *com tom de ameaça.*

Repara!...

COBÉ, *não podendo mais contêr-se.*

Sim! reparo que todos me escarnecem!
Que sobre me lançarem duros ferros
Querem que eu beije a mão que ousou forjal-os...
Que bemdiga essa mão, que me deshonra!...
Bemdizel-a!! Senhor, misero escravo...
Ergo os olhos a vós talvez a medo ;
Porém se livre um dia... bemdizel-a?!!!...
Mordel-a, sim! e como o cão raivoso,
Ou como a anta que espedaça a victima!
Oh!... que piedade é essa que vos guia?...
O serviço de Deus?... Deus quer acaso
Que em grilhões os seus filhos se debatam?...
Offende ao pai quem lhe escravisa os filhos,
Vós a Deus offendeis... irmãos chamais-nos?...
Feroz hypocrisia!... irmãos aquelles
A quem roubais a patria, os filhos, tudo,
Lançando fogo ás placidas aldêas?...
Irmãos!... irmãos aquelles que em algemas
Ás praças arrastais, e em hasta pondeis

Como fardos á venda?... irmãos... oh! nunca!
Quando mesmo quizesseis não queria
Chamar irmãos tyrannos que me opprimem.

D. GIL

Miseravel!...

COBÉ

A vida assás me pesa,
Já vos disse uma vez e vos repito;
Qualquer que seja o meio me contenta
P'ra fazer que m'a tirem.

D. GIL

Não te afflijas,
Talvez que o desespero t'o ministre:
Jamais me esquecerei dos teus furores,
E amanhã... tu serás dos meus escravos.

Vai-se pelo patim.

SCENA VI

COBÉ, só.

Seu escravo? Cobé escravo d'elle?...
Amanhã ha de rir-se no meu rosto,
Ver-me em pé... respeitoso... de olhos baixos
Ouvindo, humilde, injurioso escarneo?...
Oh! Gil da Cunha, a confiança é cega;
O dia de manhã ninguem conhece:
Quem sabe se um de nós amanhã morre?...
Amanhã!... esta phrase é prova certa
De nosso orgulho vão; homem vaidoso,
Que hoje levantas insolente a fronte,
Amanhã por teu rosto o verme passa,

E o vil adulator que hoje te incensa
 Amanhã cuspirá no teu cadaver!...
 Amanhã! amanhã!... D. Gil da Cunha!
 O dia de amanhã saudemos ambos.

Suspendendo-se, ouvindo um canto.

SCENA VII

AGASSAMU', *que ouvindo o canto vem collocar-se ao lado de Cobé;* e COBÉ.

BRANCA, *cantando dentro*

Pobre tamoyo captivo
 Joven fidalga adorou,
 Sua paixão extremosa
 Com façanhas illustrou.
 Era bello, forte e bravo,
 Mas era tambem escravo.

AGASSAMU'

Ouves o canto seu?...

COBÉ

Ouço: silencio.

BRANCA

Pobre tamoyo captivo
 Que adoras com tal primor,
 Está mui alta quem amas,
 Lá não chega o teu amor.
 Tu és bello, forte e bravo,
 Mas ai que és tambem escravo.

AGASSAMU'

Ouves o canto seu?

COBÉ

Ouço : silencio!

BBANCA

Pobre tamoyo captivo
Foge para a solidão,
Se não queres ver o escarneo
Pagar a tua paixão.
Não és nem forte, nem bravo,
Porque soffres ser escravo.

Termina o canto ; applausos.

AGASSAMU'

Ouviste o canto seu?

COBÉ, *com muito fogo até o fim.*

Sim!... e dou graças

Ao poder dessa voz harmoniosa,
Que o encanto desfez que me prendia.
Por minhas veias corre a sangue em chammas;
Dentro em meu coração sôa, retine
Da inubia a voz guerreira: eia!... a meus bosques!...
Vou quebrar os grilhões que me deshonoram,
Vingar-me dos tyrannos que nos pisam!...
Eis-me livre!... sou livre!... emfim, sou livre!...
Já, portanto, sou bello, forte e bravo;
Minha paixão não mais tolera o escarneo.
Onde está meu cocar? onde essas pennas
Sobre as quaes namorado o sol brilhava?
Onde estão minhas flexas? que é do arco?

Que é da tacape minha? é tempo! devo
 P'ra o festim da vingança preparar-me!...
 Eis-me outra vez no empenho dos combates
 Em cada setta a morte despedindo!...
 A mim! a mim, tamoyos denodados!...
 Carregai sobre os perfidos imigos!...
 Zombemos do trovão! menos que a morte
 É elle, e um só de nós morte não teme!...
 Eil-os que fogem!... carregai!... matai-os!...
 Tingi de rubro sangue os nossos rios!...
 Sim.... victoria!... vencemos! salve amigos!...
 Salve!... o triumpho é nosso!... ávante! ávante!
 Sim! victoria!... victoria!... e a liberdade!...

F. RODRIGUES SILVA

NENIA

Nictheroy, Nictheroy, que é do sorriso
 Donoso de ventura, que teus labios
 Outr'ora enfeitiçava? Côr de jambo
 Pelo sol destes céos enrubecido
 Já não são tuas faces; nem teus olhos
 Lampejam de alegria. — Que é da c'roa
 De madresilva, de cecens e rosas,
 Que a fronte engrinaldava? — Eil-a de rojo
 Trespassada de pranto, e as flores murchas
 Myrrhadas pelo sopro do infortunio...
 De teus formosos olhos se desatam
 Dous arroios de lagrimas; — tu choras,
 Desventurada mãe, a perda infausta
 Do filho teu amado; e que outro filho
 Mais sincero chorar ha merecido?!

Da noite o furacão prostrou tremendo
Audaz jequitibá, que ainda na infancia
Co'a cima excelsa devassa os céos!
— Eu o vi pelos raios matutinos
Do sol apenas nado, auri-tingido
Inda sepulta em trévas a floresta!
Eu o vi, e asylou-me a sua sombra.

Tambem sou filho teu, oh minha patria,
E o melhor dos amigos hei perdido,
Da minha guarda o anjo... eia deixemos
Amargurado pranto deslisar-se
Por faces, onde o riso só folgára:
Que elle mitigue dôr que não tem cura!
Eu disse; — e magestosa e bella ergueu-se
A princeza do valle... Eil-a que os olhos
Crava nos céos, e aos céos as mãos levanta;
De tanta desventura enternecida
A viração da tarde parecia
Com ella suspirar, gemer-lhe em torno,
As luzidias tranças esparzindo-lhe
Pelo moreno collo tão formoso.
O sol já descambava p'ra o occidente,
E em cima das montanhas semelhando
Um cirio acceso pela mão dos seculos
A fronte illuminava-lhe: — dirieis
Que da maternidade o genio augusto,
Ante do Eterno as aras magestosas
Que a natureza por si mesma erguera,
Sobrepondo á montanhas altos serros,
Linitivo á seus males implorava.
— Oh! que mais lhe restava no infortunio,
Senão volver p'ra o céo olhos maternos,
Para o céo, derradeiro, unico abrigo,
Onde a esp'rança de vel-o se acoitava? —
Ouvi que ella dizia:

« — Oh! meu filho,
Entre milhares, filho o mais prezado ;
Oh! meu anjo, porque me abandonaste?

Ainda hontem pendente de meu seio
Com sorrisos aos beijos respondias
Que amor de mãe nos labios te arroiava.
De mil aromas perfumada a brisa
Embalava teu berço na palmeira,
E as rosas das campinas desfolhavam-se,
Porque teu vimeo leito amaciassem :
Oh! de meus filhos, filho o mais prezado ;
Oh! meu anjo, porque me abandonaste?!...

Ao donoso raiar da juventude
Vi-o mais bello do que o sol de Julho,
Que, desfeita a neblina, alto resplende!
De louro mel os labios borrifou-lhe
Mimosa jatahy ; — branca açucena
Mais candida não era que seu peito, —
Puro como os desejos da innocencia!
Ingenua sympathia lhe esparzira
Um não sei que de amavel no semblante,
Que vel-o era prezal-o ; — a fronte augusta
Trahia o genio que alma lhe accendia...
Oh! de meus filhos ufanía e gloria,
Oh! meu anjo, porque me abandonaste? —
Que é feito do condor que o vôo hardido
Arrojava por cima desses Andes?
Dos céos nas sendas transviou-se acaso?
. Ai! quão triste,
Quão sosinha deixou-me na floresta,
Gemendo de saudade! Vem, meu filho,
Consolo de meus males, minha esp'rança ;
Oh! meu anjo, porque me abandonaste? —

Tal como o rouco som das rôtas vagas
Que contra as penedias bramam furias,
Confuso borbórinho ao longe echoa
De gente que aproxima: — Eil-os — meus filhos, —
Seus semblantes são pallidos; o genio
Lampeja nos seus olhos scintillantes!
— Marchai avante, prole de esperança,
Á gloria, á gloria que o futuro é nosso... —
Mas que é d'elle? Não vai na vossa frente!
Oh! que é feito do rei da mocidade,
Tupá, Tupá, oh numem de meus pais!

Qual magestoso Chimboraso, esbelto
Alcantilado collo d'entre os picos
Dos desvairados Andes, oh meu filho,
Em meio dessas turmas avultavas! —
Oh Tupá, oh Tupá, que mal te hei feito!

Não guiarei a turma das donzellas
Quando choréas rapidas tecendo
Por princeza dos jogos me acclamarem.
— Minhas irmãs, eu lhes direi, deixai-me
Na solidão chorar minhas desgraças;
Sem dó, nem compaixão, roubou-me a morte
Do meu cocar a penna mais mimosa;
A joia peregrina do meu cinto,
O lyrio mais formoso das campinas,
O lume de meus olhos! — Oh meu filho,
Inda canta a araponga, e o rio volve
Na ruiva arêa a lobrega corrente;
Inda retouca a laranjeira a coma
Verde-negra de flores alvejantes;
E tu já não existes!»

Primeiro volverão sec'los e seculos
Que outra palmeira tão gentil se ostente

Nestas florestas altas, gigantescas!
Como estalaram tantas esperanças
N'um momento de dôr! — Eia, dizei-m'ô,
Erguidas serras, broncas penedias...
Oh Tupá, oh Tupá, que mal te hei feito?!... —
Não poude mais dizer... por entre as mattas
Como um sonho ligeira a vi sumir-se.
E o ouco som das vagas nos cachópos,
E o sibillo dos ventos nas florestas,
E o écho das montanhas, e dos valles,
A modo que n'um côro magestoso
Inda as ultimas queixas repetiam:
Oh Tupá! oh Tupá! que mal te hei feito?...

ANTONIO JOAQUIM RIBAS

A POESIA

Branda aragem do céu que nos revela
D'ignotas flores mystica fragrancia;
Doce scismar, que a vida embala em sonhos
Como no berço se acalenta a infancia;

Flor cultivada pela mão dos anjos
Nesses vergeis aos genios revelados;
Planta que mirra nos jardins da terra
Como a flôr do sorriso entre cuidados;

Sombra que fuge bella e vaporosa
N'alva da vida, diffundindo flores;
Astro a gyrar no azul do firmamento
E sobre a terra a derramar fulgores;

Brilho que n'alma as dores adormenta
Anjo do Eden, celeste poesia!
Dos roseos labios entre mago aroma
Manas a flux torrentes de harmonia.

Feliz quem de tua alma surprehendera
Teu e arcano ás canções melodiosas!
Mas inda mais feliz quem revolvera
Teu bello seio em ondas amorosas!

Que valem o poder, sciencia ou gloria
Ante um momento, d'extasi divino?
Dera as grinaldas de eternal memoria
Para a vida exhalar de amor n'um hymno!

JOAQUIM NORBERTO DE SOUZA SILVA

A CABEÇA DO MARTYR

CANTO EPICO

É dia! — O sol já doura o alto cume
Do Itacolomi, gentil mancebo
Que o indio vira converter-se em pedra:
Cantando, a turba dos mineiros folga,
Distinguindo no fundo da batéa
O aureo metal, ou nos cercados leitos
Dos turvos ribeirões, que além se escapam,
Os diamantinos grãos, rivaes do prisma.

É dia! — Já lá segue a carayana
Dos reaes quintos — o suor dos povos —
Pelos ingremes trilhos tortuosos
Da serra altiva, que os cabeços ergue
Calvos, arrepiados — ou cingidos
De donosas palmeiras, como outr'ora
O selvagem buçal — senhor das selvas —
— Rei sem sabel-o de um famoso imperio,
A fronte ornava de vistosas plumas!

É dia! — De um azul bello e sem nódoa
Se ostenta o céo; a natureza ri-se
Na pompa e gala das mimosas flores,
Que effluvios perfumaes aos ares mandam:
Murmura a brisa; o rio se espreguiça;
E as aves trinam canticos de amores:
Tudo é alegre, mas turbada e lugubre
Desperta a nobre filha das montanhas,
Fausto celeiro que engrandece Lysia.
Tem a faustosa côrte o seu celleiro
De diamantinos grãos, de grãos de ouro,
Cópia não vista de thesouro immenso,
Que as frotas annuaes ao reino levam,
Acendendo a cubiça em lusos peitos;
— Arcadia do Brazil, que afoita soube
Cantar de um povo escravo a liberdade,
— Mãe de heroes, que desterro estão soffrendo!

É dia! — Sobre a praça vê-se um poste,
E sobre elle hasteada uma cabeça;
Mirradas faces, moribundos olhos
Ainda vertem lagrimas de sangue;
Longos cabellos, mal encanecidos
Fluctuam ao passar da triste brisa,
Que geme, como um peito angustiado.

Jaz triste o povo. A mãe ao seio estreita
A innocente filha, que não ouse,
Pelas desertas ruas percorrendo,
Ir no poste fitar innoxias vistas ;
Passando o viandante a fronte curva ;
Leva na mente a prece, a dôr no peito,
As lagrimas nos olhos, n'alma a crença,
E a expressão, que expira á flôr dos labios :
« — Martyr da liberdade, eu te saúdo !... »

E o filho de Erin, que em duros ferros
Pagou seu pasmo por um novo imperio,
Brada em seu coração : — « Baldado exemplo !
Improficua lição da tyrannia !
Resurge da oppressão a liberdade...
Oh não se extingue o sangue do martyrio ;
— Fecundo germen — phenix da vingança,
Produce por sobre a terra e heróes pullulam !...
Remido o povo, adora o cadafalso,
Qual symbolo de fé, que ao céo se eleva ! »

De quem era a cabeça ? Se o selvagem,
Barbaro filho dessas brenhas rudes,
Aqui viesse, e suspendesse o passo,
Diria que arrancado havia sido
Á cahiçara, que contorna as tabas,
Onde em hasteas erguidas tambem tinha
Os craneos dos valentes inimigos,
Que devorára nos festins da morte !
Negreiros, Camarões, Henrique Dias
Jurariam ver nella a fronte exangue
Do traidor, que vendêra-se aos contrarios,
E aos estranhos abriu da patria as portas !

O sol, que a vira, resurgindo bello,
Pela primeira vez sobre este poste,

Torvo entre as sombras se sumiu do ocaso
E sobre elle entornou a escura noite
O luto envolto nas nocturnas trevas ;
Apenas sob a abobada celeste
Brilham da cruz as fulgidas estrellas ;
É mudo tudo ; as ruas são desertas,
E a villa, prostrada ante os altares,
Vota aos penates seus ardentes preces.

Do poste erguido um vulto se approxima ;
Mysterioso envolve-o negro manto ;
Desabado chapéo lhe cobre a fronte :
Pára ; estremece ; turva-se-lhe a mente,
E ao poste se apoiando, o poste abraça ;
Mas a hástea fatal se agita e treme ;
Rumoreja a cabeça ; ave de agouro
Solta, voando, desusado grito.
Breve a vertigem foi ; o animo volta,
E o vulto, a larga fronte descobrindo,
Corre a dextra nas tranças, que lhe descem
Pelos occultos, torneados hombros ;
Cruza depois os braços ; alça os olhos ;
E suspirando nestas vozes rompe :

« — Eis a infame justiça, a vil vingança !
— O opprobrio — a affronta á denodada villa,
Que um momento pensou em liberdade !
— Quitação da derrama não cobrada !...
— Blasphemia atroz á obra de Deus vivo
Que insulta um povo é a humanidade avilta ;
— Presente indigno — galardão cobarde —
Do régio tribunal, da atroz alçada !...
Oh ! maldição aos vis, que a patria offendem !
Gloria ao martyr ! Benção sobre o seu nome ! »
Calou-se. A brisa perpassando geme

Nos longos pinheiraes dos ermos valles ;
E a ave de agouro esvoaçou de novo,
Soltando tristes, agoureiros pios.

E o vulto proseguiu :

« — Eu sei que um martyr
No patibulo expiou o amor da patria ;
Que outros em vil desterro a morte affrontam
Nos areaes de inhospitos desertos ;
Porém não sei ao certo... Dá-se acaso ?
Talvez... pôde bem ser... de horror me gélo !
Frio tremor me cõa pelos ossos...

Ai ! me sinto morrer... mas a incerteza...
Oh ! a incerteza me envenena a vida...
Como sem elle viverei no mundo !
Viuvo o coração de amor tão puro
Findar-se-ha nas ancias da saudade,
Na aridez do pezar que me confrange ;
Em vão a mente reproduz em sonhos
Quanto frui sem saciar meu peito,
— Volcão que em chammas abrazou-se outr'ora,
E hoje sem erupção se extingue, acaba !
O que vale a lembrança do passado ?
O que gozei e gozarei ainda
Que pague o que hoje soffro?... Ave mesquinha,
Encontro o caçador e não o amante ;
Vejo o ninho boiando sobre as aguas
Da cheia immensa que inda inunda os campos,
Sinto a tormenta e não descubro o Iris,
Que magestoso liga o céu á terra ! »

Calou-se. A brisa perpassando geme,
Nos longos pinheiraes dos ermos valles ;
E a ave de agouro esvoaçou de novo,
Soltando tristes, agoureiros pios.

E o vulto proseguiu :

« — Quem quer que sejas,
 Oh! porque não te animas neste instante?
 Oh! porque me não vês e não me fallas?
 Ah! Dize se és quem penso — duvidosa —
 Animo tenho, escuda-me a coragem;
 Inda uma vez... um só signal me basta;
 Faze tremer a hástea que sustem-te,
 Ou rumoreja com o passar das auras...
 Falla no pio d'ave dos agouros,
 Com suas azas roça-me esta frente...
 Ou invisível, qual da morte o espectro,
 Toca-me as fibras que estremeça eu toda...
 Animo tenho... em paga desse gozo
 Nos frios labios te darei um beijo...

Sim, beijarei a frente onde brilhava
 Da patria independencia o pensamento...
 E onde o estro borbulhando, ardendo
 Nesse delirio, que arroubava as almas,
 Vertia em cantos amorosos sonhos!
 E onde eu vivia qual risonha imagem
 De amor, de graça, de belleza e encanto;
 Idéa fixa, a que jámais mesclou-se
 Alguma idéa que não fosse a amante! »
 Calou-se. A briza perpassando geme
 Nos longos pinheiraes dos ermos valles;
 E a ave de agouro esvoaçou de novo,
 Soltando tristes, agoureiros pios.

E o vulto proseguiu :

« — Dourado sonho
 De meu porvir de amor esvaeceu-se;
 Bem te dizia: « Apressa-te! Vem cedo!
 « Que esperas? Que te falta? Uma licença!
 « Dous annos já lá vão!... » Ah! bem sabias

Como eram lentas da saudade as horas...
Longo tempo esperei, louca de amores...
Vi depois enlutar-se a minha vida...
— O meu véo nupcial ennegrecer-se,
— Não servir o vestido que bordavas,
— Apagar-se o altar de nossos votos,
— O thalamo de amor cahir por terra,
— E da nossa união fugir o ensejo:
Vi-te perdido... na traição envolto...
E busquei te salvar... Ah! não te lembras
Do vulto que a deshoras te dizia:
« — Foge, evita a prisão, os teus avisa! »
E rapido, qual raio, se perdia
Pelas trevas da noite? Nem pensavas
Que abysmo immenso se cavava e abria
Sob os teus pés!... Ah! surdo não me ouviste;
Eu em vão te esperei; — contigo iria...
Para onde? Onde amor nos dêsse um thalamo,
E o abençoasse Deus. Mentiu a musa
Prazeres pastoris — fruticos campestres,
— Poeticas ficções — sonhos da vida,
— Enganos d'alma, que jámais voltaram!
Dêsse-me ella hoje a choça amiga
Com seu tecto de colmo e frescas aguas,
Verdes collinas contornando os campos,
E o gado errando ao frémito saudoso
Da fruta que o pastor meigo soprasse,
Satisfeito de si, nunca queixoso
De mim, ingenua companheira sua! »

Calou-se. A brisa perpassando geme
Nos longos pinheiraes dos ermos valles;
E a ave de agouro esvoaçou de novo,
Soltando tristes agoureiros pios.
E o vulto proseguia... mas distante

Córa da noite o vaporoso seio
Incerta luz, que a medo bruxolêa...
Já mais distincta a vê... um vulto a segue!
Quem será que, como elle, assim se occulta,
Não em manto, que imita a densa treva,
Porém em brancas desusadas roupas?
Alva mortalha o veste, qual espectro
De um justicado... Alampada funérea,
Que traz a dextra, lugubre derrama
Clarão sinistro, pallido, qual astro
Que a luz reflecte de cinéreas campas...
Quem será? D'onde vem? O que pretende?
Toma o chapéo, afasta-se, procura
Ver quem é, indagar o que alli busca.
O vulto se approxima. Oh! é um velho
De venerando aspecto e grave passo!
As longas cans descendo se confundem
No largo peito com as espessas barbas;
Acha brilhante de afiado gume
Contém a sestra mão, á cincta um gladio;
Pensativo no gesto, chega, pára;
Mede com a vista o poste; e suspirando,
Assim exclama merencorio e triste:

— « Cesse a vergonha atroz, a affronta cesse!

Não mais o opprobrio sobre a patria pése!
Não mais de insulto esta cabeça sirva
À nossa dôr, aos filhos desta terra!
Sim, ó meu filho, vem dormir tranquillo
No seio de tua mãi, em chão de mortos,
Onde a cruz do Senhor seus braços abre,
Até que um dia a patria livre seja,
E, novo imperio de Romanos novos,
Tua grata memoria rivindique!

Deus te condemnará, justiça humana,
 A assembléa dos justos presidindo,
 Coroado de gloria! A sua dextra
 As obras pesará, não uma idéa,
 Não uma causa, que não teve effeito,
 Que tentativa nem chamar-se pôde!
 Em Deus confio: — a humanidade um dia
 Liberta a venda arrancará do erro,
 E sancta lei de amor e de igualdade
 O Evangelho será dos povos digna. »
 Diz, ergue a acha, e o golpe descarrega;
 O poste treme como leve setta,
 Que vai cravar-se a um tronco; convulsivo
 Gyra o trophéo da morte, que o corôa.
 E novo e ousado e mais seguro golpe
 Desfecha o velho. O poste estala, tomba,
 Palpitando no chão. Salta a cabeça
 E cahe, e rola até o negro vulto,
 Que se ajoelha, a apanha, a abraça, a beija.
 Suspende o velho a alampada; caminha,
 Volteando curvo, tateando incerto
 O frio chão, que mal a luz aclara,
 Quando uma voz mysteriosa e doce
 Lhe diz: « — O que é que indagas? O que buscas?
 A cabeça talvez de... »

« Tiradentes

(Lhe brada o velho com accento austero)
 Dá-m'a si a tens; seu pai eu sou, e devo
 Cumprir de piedade um acto digno! »
 — « Toma, nobre ancião, e leva e dá-lhe
 Logar entre os que jazem, que não seja
 Affronta para nós, como esse poste,
 Aqui alçado, qual ingente braço,
 Ao céo erguido a alardear um crime;
 Até agora pensei — incerta — vaga —
 Que era de outrem... »

« Bem-sei (lhe torna o velho,
As vistas lhe cravando com malícia,
Lendo nos olhos seus, talvez, seu nome!)
De algum bardo de amor... que eternisasse
N'essas tão bellas e sabidas lyras,
Uma certa belleza... e mais ditoso
Fosse... que ao menos lhe coubesse o exilio,
Em que a esperança sempre alenta a vida,
E com a idéa da patria nos affaga. »

O vulto respirou ; — depois seguiram
Ambos por longos trilhos, caminhando
Silenciosos, como errantes sombras,
Ao pallido clarão da triste lampada,
Té que pararam junto de uma ermida ;
Cedeu do velho a porta ao leve impulso,
Sobre os gonzos rangendo, e entraram ambos.

Ao romper d'alva, ao toque d'alvorada,
De Villa-Rica as torres resoaram...
Aos sons funéreos, tristes e pesados,
Do merencorio toque da agonia,
Desperta a villa de pavor tranzida ;
Vê-se por terra o poste — sem cabeça...
Um não-sei-que de lédo alegra os peitos...
Um sorriso maligno trahe as faces
Do povo, que enche a envilecida praça...
Ha quem diga que viu pela alta noite
Um padre negro — um justicado d'alva !
Fazem-se indagações... mysterio é tudo !

JOAQUIM JOSÉ TEIXEIRA

A CHAVE DE RELOGIO**FABULA**

A um relógio dava corda
Chavinha de aureo metal,
E mui vaidosa do impulso
Parar não quiz afinal.

Forçou, pois, e desta força
Dentro a móla arrebentou,
E do tempo o mecanismo
Sem movimento ficou.

Resolvam, mandem governos
Nas raias do seu poder,
Vejam bem nesta chavinha
Que não basta o só querer.

OS CANHÕES**FABULA**

Deu á luz uma rainha
O nobre infante gentil ;
Bronzeos canhões o seu berço
Salvaram com vozes mil.

Correndo o tempo, o menino
Rei tornou-se no lugar,
Bronzeos canhões o seu throno
Foram com balas quebrar.

—
A mesma voz que dá vivas,
Tambem com morras atrôa ;
Feliz de quem só procura
Nos corações a corôa.

—
SYMPHRONIO OLYMPIO ALVARES COELHO

—
A FLOR DE CÊRA

Era de tarde... O céu limpo de nuvens,
E sem lua nem sol : fagueira a brisa,
E embalsamada pelo olor das flores :
Manso o mar, e gemendo melancolico !...
E o céu, e a brisa, e o mar ; e a terra, e tudo
Da poesia e do amor a meiga idéa
Do crepusc'lo com a voz calavam n'alma !

Era de tarde... Ao longo de uma praia
Terrestres Deusas divagavam... meigas,
Quaes meigas pombas, quando á tarde voltam
Buscando habitação, buscando os ninhos !
Tão lindas como as flores innocentes,
Que se abrem de manhã... encantadoras
Como os anjos dos céos... andavam juntas
Á tarde passeando, enchendo a tarde

De mais graça e belleza!...

Eil-as sentadas

Á beirinha do mar... d'entre ellas uma,
A mais sublime, a mais encantadora,
Expressões divinaes tendo no rosto,
Pedindo adorações co'a luz dos olhos
D'entro d'alma calava-me essa idéa
Que o céo, e a brisa, e o mar, e a terra, e tudo
Do crepus'lo com a voz calavam n'alma.

Estava muda pensativa e triste
Olhando para o mar... que, d'isto ufano,
Vinha submisso e murmurando amores
Render-lhe adorações, beijar-lhe as plantas!

Estava muda pensativa e triste...
E eu que de ha muito affectos lhe votava...
Eu, contemplando-a assim digna de cultos,
D'entro em meu coração cultos lhe dava!

Mas fallava só comigo...
E só co'o meu coração!
E desejando exprimir-me
Guardava n'alma a expressão!

Concentrava a expressão, guardava n'alma
Um fogo immenso...; o affecto de um poeta...
Porém, se as expressões podem conter-se,
Não se podem conter nem ais, nem lagrimas,
Fieis demonstrações com que o semblante
Descreve as sensações que a alma expr'imenta!
Ouviu-se um ai, rolaram duas lagrimas
Do poeta amador por sobre as faces...
Esse ai quem traduziu? quem seus affectos
Nessas lagrimas viu? Ninguem! Seus olhos

Humidos inda de expressivo pranto
Foram vistos então! ah! muito exprime
Na linguagem de amor um olhar de amante!

A bella os vendo, os entendeu... e d'alma
Um ai soltou, que, n'alma do poeta,
Alentou sensações, creando esp'ranças.

E ainda o poeta fallando comsigo,
Fallando somente com seu coração,
Lhe disse — meu anjo, fallaste comigo?
Teus ais de quem são?

E a bella o entendendo, n'um languido olhar
Responde ao poeta com tanta eloquencia;
E a bella e o poeta por justa decencia
Não querem fallar!

E mudos caminham... que as praias chorosas
Em brandos murmurios, em tristes querellas
Lamentam a ausencia das hospedes bellas
Que as deixam saudosas!

Diverso quadro e aspecto a natureza
Amostrava... O crepus'lo melancolico
Deixára de existir... Era de noite...
Porem já vinha d'entre opacas nuvens
Placida e bella despontando a lua...
A lua esse astro confidente meigo,
Testemunha ocular por tantas vezes
Dos bens, dos males dos amantes todos.
A lua, que talvez mais apressada
Naquella noite percorrera o espaço,
Seu benigno clarão prestar querendo
A uns anjos divinaes que então se achavam

N'um formoso jardim!

Tambem entre ellas,
 Á todas sup'rior, lá estava Olidia...
 Olidia aquella que de tarde estava
 Á beirinha do mar... e enquanto as outras
 Folgando andavam no escolher das flores,
 Olidia gozava o aroma
 De tres flores que escolhera!
 Um cravo branco, uma angelica,
 E uma linda — flor de cêra.

Olidia estava só... eu junto della,
 Eu e Deus... e cá d'entro de meu peito
 Um fogo abrazador!... Dizer não posso
 O que senti d'entro d'alma,
 Vendo-a sosinha e mais eu;
 Porém sei que só no céu
 Ha tanto prazer assim,
 Porque eu junto de Olidia
 Tive o céu junto de mim!

Não sei se fiquei na terra
 Tendo o céu junto de mim!
 Não sei o que lhe fallei,
 Só sei que fallei-lhe assim:

— Olidia, tu és meu anjo,
 Ou minha deusa querida,
 Tu és o romper da aurora,
 Do mundo de minha vida!

No templo deste universo
 Tu és o idolo meu;
 Tu és o sol da existencia,
 Da vida que Deus me deu.

Olidia! a vida qu'eu vivo
Da luz de teus olhos vem!
Olidia! Um sim de teus labios,
Mais do que o céo, me convem.

De teu amor, minha Olidia,
O meu coração precisa,
Como o peixinho das aguas
Onde a nadar se deslisa.

Como precisa a plantinha
Da matutina influencia,
Da posse dos teus affagos
Precisa a minha existencia.

Amo-te como no bosque
Ama o passaro o seu ninho,
Amo-te como o viajante
Ama o perdido caminho.

Amo-te como a donzella
Ama o dia nupcial;
Amo-te como o proscripto
Ama seu berço natal!

Amo-te emfim como ama
Terna mãe aos filhos seus;
Amo a ti mais do que a tudo,
Como a ti só amo a Deus.

Depois de ter-lhe fallado,
Dizendo tudo o que tinha...
Que tinha no coração,
Prostrado á seus pés lhe disse:

Oh, vida da vida minha,
Decide de minha sorte!
Dá-me a vida ou dá-me a morte,
Dá-me um sim, ou dá-me um não!

Não sei se decidiu!
Não sei se deu-me um não, se deu-me um sim,
Só sei que olhou p'ra mim,
Quando dos labios seus um ai se ouviu!...

Retirou-se!... Mas uma das tres flores
Ficou em meu poder! Comigo tenho
A flor que ella me deu, jurei guardal-a
Como emblema de amor... Como um thesouro!...
E, quer seja infeliz, ou venturoso
Neste extremoso amor, a flor de cêra
A flor que ella me deu, sempre adorada,
Ha-de enquanto eu viver, viver comigo.

JOSÉ SOARES DE AZEVEDO

AYRES IVO REDIVIVO

I

— « Dona Sancha, ó Dona Sancha
Que linda vista do mar!
Dez galés de cintas brancas
Lá se vão a pelear.

Em seis as côres d'Hollanda
Vejo no tôpo ondear;
As outras não têm bandeira,
Sabe Deus se a vão içar. »

— « Oh não me falles, Mafalda,
Do que vai por esse mar;
Deixa-me neste cantinho
A minha dôr me matar. »

— « Que tens tu, ó Dona Sancha,
Que assim te queres mirrar? »
— « Tenho a noite neste peito,
E quero sósinha orar. »

— « Grande deve ser a pena
Que tanto te faz chorar;
Onde estão aquelles risos,
Aquelle antigo folgar? »

Onde estão aquellas graças
Com qu'ensinavas a amar?...
Mas não tarda qu'ellas voltem,
Qu'*elle* não tarda a chegar. »

— « *Elle*? Mafalda, quem sabe?
Disse-me qu'ia buscar
Ou p'ra mim a gloria herdada,
Ou por mim a morte ao mar. »

Com elle foi-se-me a vida;
Já não sei rir nem brincar;
Anjo Custodio, trouxei-m'o,
Depois eu quero expirar.

Que som é esse medonho
Que ao longe se ouve soar? »
— « É fogo no Cabedello,
Sãos as náos a pelejar. »

Lá racham nuvens de fumo
Os raios a fusilar ;
Quantos filhos, quantas vidas,
Alli não vão acabar ! »

— « Mafalda, minha Mafalda,
Deus nos queira abroquelar !
Fecha já as gelosias
Vamos-nos pôr a resar. »

II

Nas costas da Parahyba
Já brilham armas d'Hollanda ;
Já no Cabo-Branco singram
As quinas da outra banda.

Mas em menos d'hora e meia
As fitas azues descoram ;
E as galés c'os bojos rotos
Altos mastros desarvoram.

No forte do Cabedello
Era Antonio de Saldanha,
Ao lado de João de Mattos,
O leão desta façanha.

Nas bandeiras do Albuquerque
Féro pelejava ainda,
Quando viu arder em chammas
O rico burgo d'Olinda.

E d'ahi voára altivo
Por todo o Gragy arriba,
E d'Hollandezes limpára
As costas da Parahyba.

Depois, de novo, no campo,
No certame do arrayal,
Com novas palmas adorna
As armas de Portugal.

Peito a peito com Reimbach
Luta o Saldanha atrevido,
E ao clamor de mil emboras
O prostra no chão ferido.

— « Gloria! gloria! ó Dom Antonio,
Que abateste o general! »
(Brada Albuquerque e Bagnuolo)
— « Gloria a ti », diz o arrayal.

— « Gloria a ti, ó Dona Sancha
(Comsigo o bravo repete),
Que esta gloria qu'eu alcanço
Em ti sómente reflecte. »

E não tinha ainda acabado
Quando um peloiro a silvar,
N'um dos hombros do guerreiro
Como um raio vem parar.

Eis a palmeira por terra,
Inda agora tão virente,
Na propria séve banhada,
Murcha, pallida, impotente!

E os cabos tão bella morte
Em derredor a invejar,
E os soldados a carpir,
E os anafis a tocar.

Dona Sancha, ó Dona Sancha,
 Onde estão os teus amores!
 Soprou-lhes o vento rijo,
 Como faz ás brandas flores.

III

São treze annos passados,
 E de JESUS ao mosteiro
 Chega a Olinda em pobres trages
 Um sacerdote estrangeiro.

Traz o rosto macerado,
 Que a dôr o esp'rito lhe rende;
 Nos olhos se lhe apagaram
 As paixões que o mundo accende.

Em anneis d'ouro os cabellos
 Pelos hombros lhe declinam;
 Palavras que esse anjo solta
 Só perdão e amor ensinam.

Mensagem qu'elle recebe
 Nunca alguém a saberá:
 Eil-o d'ahi a tres dias
 Que trilha Itamaracá.

— « Quem m'entrou nesse terreiro,
 Quem bate á minha portella?
 Vão-me ver quem é, perguntem
 Se vive Hollanda ou Castella ».

E os perros todos do engenho
 A ladrar pelo caminho:
 Armam-se escravos e livres
 Á voz de Nuno Coutinho.

— « Viva a lei de Deus, sou padre,
Só de Christo sigo a estreia ;
De Roma venho ; o meu nome
É Ayres Ivo Correia ».

— « Deus o trouxe, ó padre meu,
Em tão boa occasião ;
Estes hereges nos perdem :
Seja nosso capellão ».

E toda a gente de casa
Vem saudar o missionario,
E muitos lenhos recebe,
Muito breve e relicario.

Vivia ahi Dona Sancha
Ha muito tempo encerrada ;
Morto o amante, era no campo
Tenra bonina mirrada.

Quiz ser ella a derradeira
Em vêr o santo varão :
Mas põe-lhe os olhos no rosto,
— « Ai meu Deus ! » e cahe no chão.

Intenso abalo a matára ;
Não pôde o peito com tanto :
E o padre Ivo, de joelhos,
Banha o cadaver com pranto.

C'um alvo sendal envolvem
A rival dos seraphins ;
Orna-lhe a fronte uma c'rôa
De recedentes jasmíns.

E á noite, no cemiterio,
Onde a virgem se enterrava,
Ayres Ivo Redivivo
Estes salmos murmurava :

— « A minh'alma perturbou-se,
Bradei por ti no Hermon ;
Males sobre mim choveram,
Oh meu Deus ! kyrieleison.

« Do ventre de minha mãe
Por que insondavel razão,
O' Redemptor m'extraiste,
Senhor Deus ! kyrieleison.

« Foi na terra como a sombra,
Passou como a viração ;
Hoje é flor secca e pisada,
Ai Senhor ! kyrieleison.

« Quando me fui aborrido,
Entreguei-t'a em tua mão ;
P'ra que, Senhor, a ceifaste ? !
Oh meu Deus ! kyrieleison.

« Mas os meus labios blasphemam ;
Perdão Senhor, oh perdão !
Dos meus delictos t'esquece,
Oh meu Deus ! kyrieleison ».

E prostrado humilde em terra,
Batia no coração,
Repetindo a cada instante :
« Oh meu Deus ! kyrieleison ».

E no lugar do sepulchro
Uma mangueira plantou,
Onde o halito de Sancha
Até morrer aspirou.

Visões qu'ella offerencia
Não são d'humano juizo ;
A sombra que ella lhe dava
Era a sombra do p'raizo.

Inda em torno da mangueira
Se vê um lindo jardim ;
E as mangas do padre Ayres
São as mangas de jasmim.

Padre JOSÉ JOAQUIM CORRÊA DE ALMEIDA

Queixumes de um commerciante

O freguez novo, quando por mim passa,
Cumprimenta, atrapalha-se, e tropeça?!
Se me não tem pregado alguma peça,
Pregue-a já. Pois quem é que lh'o embaraça?!

Vai-se a vida tornando tão escassa
Que, depois de expedida uma remessa,
A paga se traduz em vã promessa,
A palavra converte-se em trapaça.

Debalde recorremos á justiça,
Embargos, citações não fazem moessa,
E o credor sahe-se mal da escaramuça.

— « Eis a linguagem filha da cobiça!
Dirá um caloteiro, e talvez possa
Entender que lhe talho a carapuça.

OMNIA VANITAS

O *branco*, o *pardo* e o *negro* são tres côres
Muito communs no Imperio Brasileiro,
E, como Adão não teve companheiro,
Sejamos irmãos, limpos de rancores.

Sentem-se á mesa escravos e senhores,
E neste paraíso verdadeiro,
O consorcio geral, sem paradeiro,
Desvaneça os illogicos pudores.

Mas, para ser completa essa igualdade,
Presando os preconceitos que contemplo,
Eu encontro esta grã difficuldade:

Se o *pardo* quer a *candida* no templo,
Casar filha com *preto* elle não ha-de,
Porque seria dar um máo exemplo.

REPUBLICA DOS TOLOS

POEMA

O ALMOÇO

Leitor, estou perante o senhorio,
E, feitos os devidos cumprimentos,
Meu semblante se alimpa do ar sombrio,
Ao cheiro da vianda e condimentos.

Cada qual, dando mostras de appetite,
Vai tomando o logar que lhe compete,
Depois que esse usual, cortez convite,
Ao hospede acanhado se repete.

Occupa o fazendeiro a cabeceira,
Ficando á dextra asthmatica matrona,
Que, para ter allivio da canseira,
Não dispensa a mais commoda poltrona.

Collocam-se d'ahi, do mesmo lado,
Fifina, Mariquinhas e Lolota,
Que entrou a lambiscar queijo ralado,
E almondegas em fórma de pellota.

Eu fiquei assentada á mão esquerda,
E lá muito distante, e bem no tópo,
Assentou-se, evitando maior perda,
A effigie sem o espirito de Esopo.

Constou-me que o rachitico estafermo
Inda era irmão germano da Senhora!
Foi rico, mas agora assignou termo
De entregar seus bens todos á penhora.

Sentados não passavamos de sete,
E esta conta é tão facil e tão clara,
Que a luz de azeite ou luz de esparmacete,
Por ser aqui superflua, se apagára.

Pois leitor, eu t'o digo com firmeza:
Sem fallar nos perús, nem nas leitoas,
O alimento que estava sobre a mesa
Fartaria alguns centos de pessoas!

Fazer a descripção minuciosa
Das duzias e mais duzias de bons pratos,
É tarefa difficil e ociosa,
E eu não quero á cabeça hoje dar tratos.

Se occupas em tal mesa um dos logares,
A trabalhar de queixo não te mates ;
Póde fartar-te assaz, sem mastigares,
O fortum das cebolas e tomates.

Por não destituil-as do interesse,
Das palavras que ouvi não direi nada ;
A falla desta gente, ao que parece,
No atticismo está mais do que abonada.

Ainda a refeição mal começára,
E eis que um annuncio traz grande alvoroço ;
O vizinho Abrahão e Dona Sara
E quatro filhas chegam sem almoço.

Rompe assim Dona Sara : — Emfim viemos,
E chegamos a muito boas horas ;
Esta visita ha muito que devemos,
Mas porém sempre somos bem caiporas!

Hoje manca uma besta da caleça,
Amanhã cahe Chiquinho com sarampos,
Depois, quando esperavamos o Lessa,
Eis que nos chega um hospede de Campos.

E assim se passa o tempo, sem ao menos
Cumprirmos os deveres mais forçosos,
Não fallando na récuá dos somenos,
Não cumpridos, por sermos preguiçosos. —

E antes que os outros rissem, a oradora
Foi quem riu, e seu riso é prova dada
De estar na convicção consoladora
De trazer a lição bem estudada.

Retribuindo alegre os cumprimentos,
Recebe o fazendeiro os visitantes,
Pedindo-lhes que tomem seus assentos,
Cedendo a falla ao bucho por instantes.

Entretanto eu notava que entre as moças
Havia o commum genero de trocas,
Não de phrases, que aliás são tão insossas,
Senão de pantomimicas beijocas.

Talvez por ser eu padre ou por ser pobre,
Não me enchergou Abrahão nem Dona Sara ;
Um finorio judeu alli se encobre,
Mas, unido á mulher, não me embaçara.

Logo que os recém-vindos se assentaram
(Faz-me lembrar as parentas de Dario),
Muitos gritos de pavor se levantaram
Da parte do mimoso mulherio !

— O que é? O que não é? Os machos dizem,
E as femeas, cada vez mais assustadas,
Respondem, mas depois que se maldizem :
Estão treze pessoas assentadas !

Que esta crença ridicula é da roça
Não me digas, leitor, pois tenho a oppôr-te
Que tal superstição não ha quem possa
Destruir nas familias lá da côrte.

— Levante-se um, haja um que se levante!
Era assim que as mulheres reclamavam;
Nem deixava o conflicto de ir avante,
Nem os sustos femineos se acalmavam.

Estive por um triz a levantar-me,
E a tal resolução me abalançava,
Porque me pareceu indigitar-me
Mariquinhas no olhar que me lançava.

.
.
.
.

Foi então que a mulher do fazendeiro,
Movendo o guardanapo como abano,
Diz com amor fraterno verdadeiro:
— É preciso um sahir, e saia o mano.

J. C. BANDEIRA DE MELLO

A VIDA E O AMOR

Quantos se afanam sofregos no mundo
No louco empenho de estender a fama;
Nescios! desse rumor, que o tempo leva,
Descaptivei minh'alma.

Jazem extinctos na memoria nossa
Os que em tanto labôr nos precederam;
A funerea mudez abafa os echos
Em torno dos seus tumulos.

Ingratos, como nós, nossos vindouros,
Ao frio esquecimento hão de votar-nos ;
No torvelim da vaga, que os arrasta,
Ha de o tempo envolvel-os.

Repassado do nada da existencia,
Rejeito com desprezo inuteis lidas,
E, isento de illusões, encaro a borda
Do golphão insondavel.

Por um raio de amor, que nos anima,
Constante n'alma jaz tristeza ou tédio ;
Vale acaso existencia tão mesquinha
O preço reclamado ?

Quero embalde sondar, jámais comprehendo,
Em que terrivel lei se estriba o esphinge,
Que a vida reproduz e após a entrega
Apodrecida aos vermes.

Triste juizo humano ! Apenas sabe
Que dia a dia o ser se lhe evapora
Entre a dôr e o prazer, alfim deixando
Descarnado arcabouço !

Eu maldissera os céos, se após a campa,
Da fria multidão me não restasse
Um peito, que por mim assiduo pulse,
E não possa esquecer-me.

Tua dôr nobre e santa, ó terna amiga,
Corresponda perpetua á extincta chamma ;
Praz-me o teu semblante, a frouxo sulquem
Mil copiosas lagrimas.

É-me doce prever que ellas um dia,
Tombando ardentes na gelada argilla,
Molharão tua voz, dirão meu nome
 Às auras do sepulchro.

Sei que o tempo veloz raro consente
Affecto que perdure em peito humano,
Porém (favor divino!) eterna magua
 A amor os céos concedem!

J. M. VELHO DA SILVA

ACASO

ANACREONTICA

Vejo-a mal, inda vem longe ;
Mesmo assim, incerto e vago,
Sinto-a pisar, tão airosa
Como a garça sobre o lago.

Parei, espero-a ancioso :
É uma fada ! vem perto...
Maldição !... a feiticeira
Traz o semblante coberto.

Quem inventou tal disfarce,
Quem estas malhas teceu,
Ou foi christão renegado,
Ou era mouro ou judeu.

Homem são, de gosto e d'arte,
Que admira a natureza,
Não ia inventar as sombras
Para esconder a belleza.

Inda mais, véo rôxo-lirio,
Fazendo a têz bronzeada,
Como faz do inverno a nevoa
Vir sombria a madrugada.

Quiz olhal-a, mas fugiu-me ;
Entra n'um *bond*, ligeira :
Fiz o mesmo e fui sentar-me
Bem fronteiro á feiticeira.

Eu tenho o instincto do bello,
Adivinho a perfeição ;
Não me enganei : que belleza !
Bem m'ô disse o coração.

Vi-a assim : uma refega
Para o ar soprou-lhe o véo :
Foi como a nuvem que foge,
Mostrando os astros do céu.

Que lindos olhos azues !
Perfil de grego modelo ;
Sobre as faces lhe cahiam
Ondas de louro cabello.

Não vi mais, fechou-se o templo ;
Escondeu-se o sanctuario,
Contrahiu-se, fez um gesto,
Puxou de novo o sudario ;

Fez como a lua formosa,
Que de formosa seduz;
Quando quer, tambem faceira
De repente esconde a luz.

A. C. DOS R. RAIOL

RECORDAÇÕES DA INFANCIA

Onde vaes que assim corres tão ligeiro,
Que atraz não olhas, e que a nada attendes!?

Espera, — espera, ó Tempo!

Não te volvas tão rapido e veloce,

Qual do arco fugitiva

A emplumada setta,

Por mão robusta arremessada aos ares!

Espera, — espera, ó Tempo!

Que é da viçosa flor, a flor da vida,

Que aura suave, que a innocencia espira,

Fagueira bafejava!

Tão candida e mimosa,

Como o fulgor da estrella, que percorre

Ao acordar da aurora;

Tão amena, tão pura,

Como o favonio, que no prado brinca,

Antes que o astro magestoso e ardente

A face mostre de sublime aspecto?!
Que é dessa flor, que eu tinha,

Quando em jogo infantil, em brinco eu via

Fugir as horas, deslizar-se o dia,
Dias tão doces, horas deleitosas,
 Que apreciar não soube?
Quando no berço os mimos e os afagos
Do seio maternal se me corriam
Em doces expressões, que aos labios vinham,
 Com risos de ternura,
Como aos implumes — innocentes filhos
Correm da rôla — cuidadosa e terna,
No mimoso arrulhar, que envida extremos?
 Sem que um só pensamento
De meu peito innocente a paz turvasse?

 Espera, espera, ó Tempo!
Mas ah! que não me escutas, nem me voltas
 A enrugada face!
Caminhas —, corres —, e contigo levas
Ao nada, que era, da existencia tudo!

Se o grosso tronco, que lá fende os ares
 Co'o estender das ramas;
Se a rocha altiva e dura, onde se quebram
Do mar, que em vão braveja em lucta insana,
 Enfurecidas ondas,
Ao nada, que era, da existencia levas;
Como escapar-me a flor pequena e debil;
Á esse abysmo de terrivel nome —,
Onde encerras, ó Tempo, tudo, tudo —
 Quanto existio outr'ora!?

 Mas a doce lembrança
 Da minha flor mimosa,
Em quanto a morte não roubar-me a vida,
 Hei de gozal-a, ó Tempo.
Tão doce —, como do alaude o accento.

Que a paz altera da calada noite,
Quando, em sons de ternura modulando,
 Às celestes abobadas
 Sob o canto mavioso!

O' meu patrio Japão! meu sitio ameno!
 Que testemunha foste
Desses momentos doces — venturosos!
Margens virentes do Mearim tranquillo,
 Que iroso se arrebatava,
Quando se encrespa a pororóca altiva,
Que ergue a cerviz e rola estrepitosa,
 Vencendo á força as aguas
 Da placida corrente!
Que vida a minha, que eu gosei tão bella?!
Então apenas fugitiva — a noite —,
 A terra vinha a luz doirar do dia,
Em canticos de jubilo profundo
Saudavam mil formosos passarinhos,
 Nos seus delgados ninhos,
 O Creador do Mundo!
Então nos bosques—, nas frondosas mattas,
 A pequapá canóra,
Na ausencia dessa luz, que baça e triste
 De longe reflectia,
Chorava em cantos, que saudosa erguia!

Oh! que saudade o coração me rala!
Mas, se geme e suspira, e afflicto arqueja,
Um ai mandando lá do imo aos labios,
 E uma lagrima aos olhos,
 Que me a face humedece,
 Ao recordar sereno,
Desses bellos instantes—, melindrosos,
 Que a menos se moviam

Como a torrente em limpido regato,
Que não tropeça no mais debil seixo,
Que não se enruga ao suspirar da brisa;
Tambem, tambem, no suspirado aperto
 Sinto banhar-me o peito,
Doce prazer, que mixto me confunde
 Nesses ais que suspiro!

Dias da infancia, dias fortuneiros—,
Quando moço e loução eu nescio cria
 O encanecido Tempo,
Recebei de meu peito o doce effluvio,
 Deste prazer, que eu sinto,
Dias da infancia, recebei meu pranto!

Hoje que, em balde, o coração resiste
Ao choque, á lucta das paixões do mundo,
Que, ardendo n'alma, o coração trucidam,
 Só vejo um após outro,
Dias sombrios, que a existencia pungem,
 Tão tristonhos, tão pallidos,
Como a flor pela sésta emurchecida,
Que pouco á pouco desfolhada expira!
Tibio reflexo funebre da lua,
A meia face despontando apenas
 Sobre o mar tranquillo,
Não é mais triste em socegada noite.

E á cada passo que volteja o Tempo,
Mais perto enxergo a negra sepultura;
De meus males tambem mais perto enxergo
 O infallivel termo.

A. FELIX MARTINS

BARÃO DE S. FELIX

DECOROPHOBIA OU AS ELEIÇÕES

A FAZENDA

As circumvoluções do Parahyba
Vão na fazenda alguns marneis deixando,
Causadores de febre intermitente ;
Mas o perspicaz dono já plantára
Milhares d'eucalyptos, bem seguro
De que hão de o mal neutralisar completo.
Honra e louvor lhe sejam tributados
Pelo muito que preza as mattas virgens,
Poupando nellas arvores de preço,
Gigantes centenarios das florestas,
Nas construcções, de duração eterna,
E do paiz riqueza incalculavel !
Ahi sobem ás nuvens monumentos
De nossa forte immarcessivel flora,
Sorprenhente prodigio no estrangeiro.
Aos ares, colossal, o ipé se eleva,
Eleva a sapucaia, a guaraúna,
Negro jacarandá, cannella preta,
Araribá, peroba, merindiba,
O esbrazeado páo que nos designa,
Dando seu proprio nome á terra nossa,
E materia corante apreciavel
Copioso fornece aos tintureiros ;
O rôxo guarabú, de tanto prestimo
Entre as mãos do segeiro exp'rimtado ;
A loucurana, da humidade amiga,
E cem outros de lei rijos madeiros,
Sem fallar nas especies de vinhatico

E de robustos cedros alterosos ;
Sendo, porém, das machadadas victima
O grão jequitibá, que, aberto em pranchas,
É em caixões de assucar transformado.
No cimo das montanhas, mais erguidos,
Onde a matta e a cultura não attingem,
Elegantes campeiam os coqueiros,
Que por alli, injustos, pullularam,
E os leques e as palmas agitando
Dirigem saudações á natureza,
E ao seu possuidor qu'em paz os deixa.

Faz gosto visitar as officinas,
A todos os trabalhos conformadas,
Pois tudo o que é moderno em machinismos
E de mór perfeição amplas comportam ;
A casa da morada é vasta e limpa ;
Velha de mais de seculo, conserva
Illesas as madeiras, derrubadas
No logar em que fôra construida ;
E si bem não conheça a *Renascença*,
Comtudo off'rece commodos bastantes,
De modesta mobilia guarnecidos,
Reservando a maior sumptuosidade
Á capella da missa, cujo orago
É a Virgem da Graça milagrosa.
Tal o modelo, de transumpto digno
Aos muitos fazendeiros deleixados,
Alguns dos quaes, inertes, viciosos,
As administrações dão a terceiros,
E no luxo e no jogo tudo esbanjam,
Os cascos das fazendas e os escravos
Entregando por fim a mil credores,
Que já no juro o dente lhe metteram !

FRANCISCO OCTAVIANO DE ALMEIDA ROSA

FLOR DO VALLE

Ouviste um dia os canticos do anjo?
Viste em seu rosto da belleza as côres?
E na manhã de doce primavera,
Flor do valle brilhando entre as mais flores?

Então puro era o céu, e verde o campo,
E a vida alegremente lhe corria;
Folgava em seu primor de mocidade,
E nos braços de Deus adormecia.

E tão bella e tão casta! Descuidosa
Do futuro em presente tão risonho,
Apenas em su'alma, e quasi a furto,
Vaga imagem de amor sorria em sonho.

Tanto mancebo esbelto que a cercava
Com olhares de candidos amores!
Porém ella, mais pura e mais formosa,
Flor do valle brilhava entre as mais flores.

A brisa da manhã lhe ouvia os cantos,
E o echo da campina os repetia;
À tarde, sobre a relva perfumada,
Cantando novamente adormecia.

E cantava e sorria! — E veio o inverno,
E trouxe suas nevoas, seus rigores;
E acharam-na sem vida e descorada,
Flor do valle morrendo entre as mais flores!

Quando voltou depois a primavera,
As florinhas e o campo vicejaram ;
O valle fez-se verde e o céu sereno,
Mas os cantos do anjo não voltaram !

Eu lhe escutei a voz harmoniosa,
Eu vi a flor do valle em seus verdores ;
Hoje só ouço o murmurar do vento...
A flor do valle abandonou as flores !

DESEJOS DE DOENTE

Querida, quando eu morrer,
Com tua boquinha breve
Não me venhas tu dizer :
« A terra te seja leve. »

Nesse dia vem calçada
De botinas de setim ;
Quero a terra bem pisada,
Tendo teu pé sobre mim.

Em paga de meus amores,
Quando tombar o caixão,
Deita-lhe um ramo de flores
Colhidas por tua mão.

E se mais posso pedir-te,
Nesta eterna despedida
Deixa dos olhos cahir-te
Uma lagrima sentida.

Porque, divino Mestre,
Com teu poder celeste
Ao homem que cegára
De novo ver fizeste ?
Que lhe mostrava a terra
Que a vista merecesse ?
Maldades e perfidias
De sordido interesse !
Tua doutrina, cego,
Ouvia e meditava ;
Sem cogitar no mundo
Ao céu se remontava.
Um cão, umas crianças
Lhe davam assistencia :
O cão, fidelidade ;
Crianças, innocencia !

De humana piedade
Teu acto foi, Senhor ;
Mantel-o na cegueira
Fôra de um Deus favor !

JOÃO CARDOSO DE MENEZES E SOUZA

BARÃO DE PARANAPIACABA

SAUDADES DA INFANCIA

I

Andorinha, que alegre esvoaças
Pelas grimpas do templo elevado,
Já pouzando na estreita seteira,
Já ligeira
Adejando no espaço azulado ;

II

Tú que as ondas do immenso oceano
No rasteiro adejar desfloraste,
E, fugindo do inverno aos horrores,
 Nossas flores
De um matiz eternal procuraste ;

III

Quem me déra roubar-te essas azas
Para ao berço da infancia eu vôar,
E na hora em que o dia desmaia,
 N'alva praia
Junto á beira do mar me assentar.

IV

Oh! que doce me fôra esse instante,
Que delicias minh'alma sentira
Se das ondas á nenha queixosa,
 Lacrimosa,
Suspirando a minha harpa se unira.

V

Recordando saudoso os folguedos
Dos meus dias de pura innocencia,
Como orvalho celeste, o meu pranto
 Doce encanto
Me espargira na dôr da existencia.

VI

Depois, eu pousaria dos coqueiros
 Á tremula ramagem,
Á escutar os cicios, que derrama
 A vespertina aragem.

VII

Quando a lua surgisse do oceano
N'um campo de saphira,
Este hymno trespassado de saudade
Arrancára da lyra :

VIII

Na quadra risonha da infancia fagueira
Um ente celeste meu berço embalou,
O' mãe carinhosa, meu anjo da guarda
Que fado terrivel de mim te roubou ?

IX

Brilhava em meus labios sorriso espontaneo,
Nas faces as rosas seu viço inda tinham ;
E as lagrimas tristes, que a dôr nos arranca
De rugas precoces surcal-as não vinham.

X

Se ouvia nos ares roncar a tormenta
Se via revoltos os seios do mar,
Eu ia asylar-me nos braços maternos,
E ás preces maternas meus hymnos juntar ;

XI

Se a aurora surgia do leito das aguas,
Se as aves saudavam o sol á romper,
Erguia as mãosinhas ao céu azulado,
E a prece nos labios me vinha morrer.

XII

Na crença a minha alma somente vivia,
Prazer innocente n'um sonho a embalava,
E a senda da vida, que espinhos tapisam
De risos e flores p'ra mim se esmaltava.

XIII

Mas subito a morte desfez este encanto,
No seio das dôres minha alma acordou ;
Oh ! mãi carinhosa, meu anjo da guarda
Que fado terrivel de mim te roubou ?

XIV

Tu eras meu norte e guia
Na aridez desta existencia,
Comtigo fugio p'ra sempre
Minha saudosa innocencia.

XV

Agora o que resta
Ao pobre cantor,
Sem gozos na terra,
Immerso na dôr ?

XVI

Se a aurora desdobra
Seu manto de flores,
Se trinam seus hymnos
Do bosque os cantores,

XVII

Se ruge a tormenta
Da noite no horror,
Se fere os seus olhos
Do raio o fulgor.

XVIII

Se o pranto roxeia
Seus turgidos olhos,
Se o peito lhe pungem
Da dôr os abrolhos.

XIX

Embalde procura
Maternas caricias,
Em vão; — que fugiram
Da infancia as delicias.

XX

Em vez da harmonia
Da voz maternal,
Escuta somente
Um som sepulcral.

XXI

Oh! que sina acerba e crúa,
Céos! que tão agro existir!
Asrael, vem com teu sopro
Esta lembrança extinguir.

A. AUGUSTO DE MENDONÇA

SAUDADE DO SEPULCHRO

Sobre um sepulchro isolado
Roxa *saudade* vi eu;
Solitaria vicejava
No chão frio em que nasceu;
Nunca *saudade* tão triste
Em sonhos me appareceu!...
Nunca!...

Senti então pelo rosto
Turva lagrima sentida
Deslisar.

Foi á hora do sol posto...
Hora de muito scismar!
Quando o archanjo da poesia
Harmonisa o céo com a terra
Na mesma melancolia...
Na mesma doce tristeza,
Que ás vezes nos faz chorar,
E chorar a natureza
Ao lento morrer do dia!

Ceguei... bejei a *saudade*,
Que assim, tão erma encontrei;
Com ella sympathisei;
Porque — da minha orphandade
Neste deserto profundo,
Pobre engeitado do mundo,
Só com saudades me achei!

Estranha, viva agonia
Ressumbrava-lhe na côr;
Na muda expressão dizia
Tantas penas, tanta dôr,
Que só no reino da morte
D'uma lagrima podia
Ter nascido aquella flor...

A *saudade*!

Emblema de muito amor!...

Poeta ás dôres affeito,
Tentei debalde arrancal-a,
Para no fundo do peito,
Como um thesouro, plantal-a.

Debalde!... porque a infeliz
Tinha encravada, segura
No fundo da sepultura
A desgraçada raiz!

Ah! quem soubera o destino
Daquella flor merencoria!
Quem a sua ignota historia
Porventura escutará?
Quem?... se a flor mysteriosa,
No seu recinto funereo,
Muda como o cemiterio
Para todos sempre está?

Quem sabe!... talvez que á triste
Que no sepulchro descança,
Dentre as sombras do futuro
Lhe sorria uma esperança...
Talvez!...

Quem adivinha se a brisa,
Que docemente a embança,
Não lhe vai de amor fallar?
Se o sol... se o sol ao deixal-a,
Não lhe deixa em despedida
N'um raio um germen de vida,
Saudoso de a não levar?

Se ardente, extremoso affecto,
Se estremecida paixão
Que já no peito não cabe,
Por indizível feitiço,
Não lhe dá alento e viço
Co'o sangue no coração?
Quem sabe!...

Sei que a misera *saudade*,
 Quando no feio horisonte
 Feia surge a tempestade ;
 E da cupola do céo
 Nem sol, nem tímida estrella,
 Atravéz do espesso véo,
 Despede um raio de luz ;
 Sei que a misera *saudade*,
 Porque o vento a não desfolhe,
 Nem as petalas lhe açoite,
 Encosta-se — ou dia ou noite —
 Nos braços de sua cruz.

EVANGELINA (*)

Ah pobre Evangelina !
 Inda o sol, inda a lua te pranteia
 O miserando amor, a negra sina,
 Passando pelo valle tão saudoso
 Da tua, outr'ora, tão risonha aldeia !
 Inda o genio soturno da floresta,
 Ao descair da tarde, alli vagueia
 Buscando a tua imagem peregrina
 Por entre as raras flores
 Da esterile campina.
 Com tua larga ausencia
 A feiticeira aldeia
 Tornou-se uma ruina !
 E as sombras da tristeza povoaram
 O teu ninho da infancia e dos amores,
 Que tão serenas brisas embalaram !
 Que sorte, Evangelina !

(*) Escripito apoz a leitura da traducção, feita por Franklin Doria, do poema *Evangelina*, de H. W. Longfellow.

Cedo fechou-se a rosa de teus dias,
Todos da côr do iris da bonança,
O' alma que subias
Nas azas da esperança
Ao seio das divinas harmonias !

O raio da desgraça fulminou-te
Do alto da ventura
Mostrando-te na areia — a sepultura
Do velho pai ; — e no baixel traiçoeiro,
Da praia já distante,
Da tua doce infancia o companheiro...
Teu desterrado amante !

Nesse fatal momento
Pelo teu coração suave e terno
Passou rapidamente o proprio inferno.
Estatua do tormento,
Revelavas a vida pelo pranto
Que tão de dentro d'alma te cahia,
E Deus abençoava,
E o teu anjo da guarda confundia
Com prantos que tambem por ti chorava !

Como a leve andorinha,
Que vai de clima em clima
Em procura do sol da primavera,
Que os prados reanima,
E tinge d'ouro o azul, o mar e a esphera,
Tu misera e mesquinha
Erraste longes terras — procurando
O suspirado sol dos teus amores...
E o sol sempre distante !

Quantas dôres
Reunidas na intima saudade,
Que te fere, e te arranca da ferida
Em copiosas lagrimas — metade
Da amortalhada vida!

Chegas, alfim, c'roada
De tão profundas dôres
Ao cimo do Calvario que te espera,
O' martyr do destino!
— Ave que, á rosea luz da primavera,
Podeste apenas ensaiar o hymno
Da perfumada lyra dos amores!

Ah, pobre Evangelina!
O astro que buscavas, incessante,
Já no mundano occaso a frente inclina.
O desditoso amante
No leito da agonia anceia, lucha
Por contrastar a sorte;
Mas — o cançado alento lh'o disputa,
Instante por instante,
A inexoravel morte.

Humilde e ajoelhada ante esse leito,
(Tão perto da cavada sepultura),
Fôras o proprio archanjo da piedade
Descido ahi da etherea immensidade,
Se não fôras a imagem da amargura.
Desfallecida a voz, e contra o peito
Nas convulsões extremas apertando
Aquelle rosto amado,
Sentes, fibra por fibra, ir-se quebrando
Teu coração em lagrimas banhado:
E ao derradeiro beijo que pousaste

No gelido semblante
Do já extinto amante,
Da terra, Evangelina, aos céos voaste,
Ao clarão d'uma estrella rutilante !

Mas inda o sol que te sorriu á infancia ;
Mas inda a lua errante lá pranteia
Teu miserando amor e negra sina,
Passando pelo valle tão saudoso
Da tua pobre aldeia !

Inda o genio soturno da floresta,
Ao descair da tarde, lá vagueia,
Buscando tua imagem peregrina
Por entre as raras flôres
Da esterile campina.

Inda, aos serões, os rudes lavradores
Referem, de memoria,
Da tua vida a luctuosa historia ;
E o murmúrio da trépida corrente,
E os echos magoados
Parece que repetem — tristemente
N'uma toada simplice e divina —
A lenda dos teus sonhos mallogrados,
E o teu formoso nome, Evangelina!

JOAQUIM AYRES DE ALMEIDA FREITAS

A PENSATIVA

Era um anjo!... Eu a vi c'ò a mão na face
Olhando para o mar, posta á janella.
Como era bella então! Dos negros olhos
Irresistivel, magica tristeza,
Pendia-lhe, arraiando o brando gesto

De celeste quebranto... Parecia
Fóra de si, na região dourada
Das fantasias d'alma, acompanhando
Não sei que pensamento... Talvez fosse
Caso d'ignoto amor... Quem sabe? Apenas
Ligeira ondulação lhe arfava o seio,
Como ao luzir de tímida esperança.

Era na hora em que o sol
O rosto banha no mar,
Depois de n'um raio tremulo
Saudoso adeus nos mandar.

Nessa hora tão suave,
Em que nosso lindo céu
Tem mais encanto e pureza
Em seu anilado véo...

Em que o cício da brisa,
Beijando a mimosa flor,
É uma nota saudosa,
É um suspiro de amor...

Hora de ternas lembranças,
Hora de melancolia,
Hora de amor, de saudade,
Hora toda poesia.

E ella, como se acordára presto
De aureo sonho encantado,
Levou a mão á frente... Porventura
Afangava o formoso pensamento,
Que lhe adejava ahí!... Depois sorrio-se...
Meu Deus! que riso! Como um céu aberto,
Alvoraçava as almas
Aquelle descerrar dos labios della!

Meiga virgem, quem te deu
Tal condão de formosura?
Não, tu não és creatura;
Pareces-me o anjo bello,

Qu'em sonhos me appareceu.
Meiga virgem, bella e pura,
Queres tu ser o meu anjo,
O anjo do sonho meu?

Não tem meu rosto primor,
Nem meus olhos expressão;
Porém taes dotes que são,
Que valem, candida virgem,
N'um peito de beija-flor?
Tenho leal coração,
Tenho um'alma que não finge,
Tenho ardente e santo amor.

Oh! que mal sabes, donzella,
Como em segredo hei te amado!
Quanta vez envergonhado,
Escondido, á furto, á medo,
Espreitei-te a face bella!
Quiz vêr teu rosto corado,
Ouvir-te a voz... isto basta
Á minha ambição singela.

E tanto amor desprezarás, ó virgem?
Ah! que mal pensas tu de que impossiveis
É no mundo capaz o affecto immenso,
A paixão de um poeta!
Irmão, esposo, amante, escravo a um tempo,

Só é aquelle, que unico na terra
Tem no peito um vulcão, na mente o raio,
A omnipotencia do estro.

Vem, ah ! vem ser meu anjo, ó virgem bella,
O anjo do sonho meu... Mas não, perdoa.
É loucura no misero, que esmola,
Pedir logo um thesouro...
Só um olhar por compaixão te peço...
Um olhar, mas bem languido, bem terno,
Que me transporte, que me vare n'alma.

Quero um olhar, por onde eu beba a sôrvos
De soberanos, ideaes prazeres,
A taça, transbordando ;
Quero um olhar, que me arrebate o sizo,
Me queime o sangue, m'escureça os olhos,
Me torne delirante...
Quero um olhar dos teus ! Depois, qu'importa ?
Depois... que venha a morte. É doce o golpe
Que pela mão de amor nos tira a vida.

B. J. DA SILVA GUIMARÃES

IDYLIO

Olha, ó querida, como é gracioso
Aquelle bosquezinho,
Que ao pé daquelle outeiro pedregoso
A sombra estende á beira do caminho !

A sombra da folhagem sempre viva
De uma sombria grotta,
Escasso lagrimal em fio brota,
E pelas sombras timido deriva.

Alli bem perto, as ruínas desdeixadas
De rustica mansão
Cercam rasteiras plantas enfezadas,
Painel tristonho da destruição ;
Emquanto além viçosa a natureza,
Que é sempre nova, e de crear não cansa,
Vai ostentando a perennal belleza
Té onde a vista alcança,
Ao lado dos destroços das feitura
Mesquinhas das humanas creaturas.

« Sim! — vais dizer — que sitio tão formoso
Para as campestres, prazenteiras festas,
Ou para em dias de verão calmoso
Dormir á sombra nas ardentes séstas! »

Oh! possam sempre tão gentis imagens
Embalar-te na vida a alma serena,
Como bafejam tepidas aragens
O calix da açucena.
Seja todo de luz teu horizonte ;
Jámais nem leve sombra de tristeza
Lance uma nuvem nessa linda fronte,
Que tem do lirio a virginal pureza.

Mas ah! painel tão lindo
Não tenho n'alma, que me andava agora
Longe dos quadros, que te estão sorrindo,
Como longe do occaso fulge a aurora.

Isolados em meio dos vargedos,
Aquella fonte, as sombras e o remanso
 Daquelles arvoredos
Estão offerecendo almo descanso
E o suspirado asylo, que deseja
O viajor, que de cansaço arqueja.

Eu tambem sou cansado caminheiro,
 Já bem extenuado ;
Estadio não mui longo, mas fragueiro
 Da vida hei palmeado.

Após tantos suores e fadigas
 Devo pensar no pouso ;
Devo pensal-o, sim ! embora digas,
Que inda vem longe a hora do repouso.

Porém que importa ! ao pé daquelle outeiro,
Debaixo do arvoredado, que na vargem,
As sombras deita do caminho á margem,
Quero dormir meu somno derradeiro,
 Quer sóe mesmo agora,
Quer lá mais tarde, minha extrema hora.

Não quero ahi nem marmores polidos,
 Nem goivos, nem cyprestes :
Bastam-me aquellas arvores agrestes
 Com seus ramos floridos,
E a relva humilde, e a fonte que murmura
Ao pé de minha pobre sepultura.

Nem consintas jámais que insulsos vates,
Dispensadores de tardia gloria,
Em minha campa venham dar rebates
 De posthuma memoria.

Eu, que na vida de ovações ruidosas,
De glorias vãs não procurei o incenso,
Goivos, perpetuas, nenias lagrimosas,
Morto tambem dispenso.

Eu cantei só por disfarçar o enfado
Do longo caminhar de peregrino ;
Como cantando o misero forçado
Busca esquecer o horror do seu destino.
Se a gloria não sorrio-me aquem da tumba,
Pouco me importa essa que além retumba.

Bastam-me as flores, que ao passar da aragem,
Deixem cahir da arvore as madeixas
Por sobre a tosca lagem ;
Nem quero nenias alguma,
Que não sejam as simples endeixas
Que á hora do sol posto
Alli o sabiá cantar costuma
Nas tardes saudosissimas de Agosto.

Nem permittas, que lugubres emblemas
Cerquem de horror o leito em que repousa
Teu fido amante ; nem sombrios lemas
Deixes gravar em sua pobre lousa.

Das galas mais gentis ataviada,
Em meu sepulcro brinque a natureza ;
E possas sem receio alli sentada
Scismar sózinha em horas de tristeza.

Se acaso alli vier o passageiro
Matar a sêde e procurar repouso,
Ao volver para a lousa olhar piedoso
Depare este lettreiro :

« Cansado viajor, neste retiro
Vem descansar em paz.
Que eu não te peço mesmo um só suspiro
Pelo pobre poeta que aqui jaz. »

« Dos amores foi bardo, e da belleza,
Brincou, cantou e amou.
Tambem soffreu, e de intima tristeza
Endeixas soluçou,
Té que por fim, cedendo á natureza,
Dormindo aqui ficou.
Dorme tambem, que a sombra te convida,
Ou canta, ou ri, ou chora,
Como quizeres; mas ao ir-te embora,
Não te esqueças da placida guarida
Que aqui achaste; e conta em tua terra
Quão lindamente um morto aqui se enterra. »

E tu tambem, querida amiga minha,
Quando a morte quebrar tão doces laços,
Para estes sitios, pallida e sózinha,
Dirigirás teus passos...
A campa, em que o amante teu descansa,
Não seja para ti mansão de horrores;
E lá irás ás vezes, em lembrança
De nosso amor, lançar algumas flores.

Vai, sim; não tenhas medo;
Eu não te surgirei fantasma pallido,
Mudo esqueleto, inexoravel, quedo,
Das campas arrastando o andrajo esqualido.
Nem ouvirás accents doloridos
De meus manes afflictos
Orações implorar entre gemidos

E em lastimosos gritos
A revelar os lugubres mysterios
Que se escondem no horror dos cemiterios.

Não ; se eu quizer fallar-te,
Da viração na voz harmoniosa
Desflorando-te o rosto côr de rosa
Hei de meigos segredos murmurar-te,
E sem que mesmo possas percebêl-o,
Beijar-te-hei as faces e o cabello.

A fórma tomarei de um colibri,
Ou de mimosa, vaga borboleta,
Que reflecta do iris a palheta,
E pousando n'um ramo ao pé de ti,
Bem limpo da poeira do jazigo,
Virei de amores conversar contigo.

Sim, pôdes ir tranquilla ; nada temas,
Ao vulgo deixa estolidos pavores,
Vai alli entoar esses poemas,
Em que cantei nossos fieis amores,
E verás como á voz da formosura
Desfaz-se todo o horror da sepultura.

Mas vai sózinha... nem jámais eu veja
Ninguém mais junto a ti, e nem profiras
Nome que o meu não seja,
Qual se vivo a teu lado inda me viras.
Se nunca em vida ouviste-me queixumes,
Morto, quem sabe?... ó bella tem cuidado
Que lá dentro da campa agros ciumes
Não vão morder-me o coração gelado.

Mas, porque assim descoras, ó querida?
As rosas de teu rosto empallidecem...
Teus olhos se escurecem
Qual se jazer me visses já sem vida!
Ah! não; não te entristeças por tal sorte;
Foi tudo um vão brinquedo,
Tu tens razão; para pensar na morte
É sempre muito cedo.

Olha, quão bellos os clarões purpureos
Do sol poente morrem no horizonte;
Os lavradores já descendo o monte
Demandam seus tegurios.

Não tarda a noite; a relva dos outeiros
De orvalho humida está.
Vamos, amiga; os sonhos agoureiros
Varre da mente, e vamos tomar chá.

PRIMEIRA EVOCAÇÃO

..... Das sombras do sepulcro
Eil-a que surge placida e formosa
Essa visão primeira,
Que me sorrio na quadra venturosa
Da infancia prazenteira...

Sê mui bem vinda, ó flor sempre lembrada
De minha leda aurora!
Graças te rendo, pois a consolar-me
Surges primeira agora.

Inda hoje mesmo, após tão largos annos,
Que repousas no leito funerario,
À minha voz acodes, e abandonas
Para escutar-me o gelido sudario...

Não; não morrestes; — ou bella como outr'ora
À voz do meu amor hoje renasces!...
Tombam-te ao collo as nitidas madeixas,
E adoravel pudor te adorna as faces.

Não vens da campa, não, que nos teus labios
Vejo o frescor e a purpura da rosa;
Palpita o seio, e brincam-te os sorrisos
Na boca graciosa.

Vejo-te os olhos limpidos, serenos,
Taes como costumava outr'ora vêl-os;
Nem dos sepulcros o halito mephytico
Exhalam teus cabellos.

Tu vens direito da mansão celeste
A mim descendo, ó anjo meu formoso,
Com azas de ouro desferindo o vôo
No espaço luminoso.

.
.

Lembras-te ainda dos felizes dias,
Que deslisámos, antes de trocares
Pela patria dos anjos, que hoje habitas,
A sombra de teus lares?...

Oh! quem me dera ver essas campinas,
De que me afasta tão fatal distancia,
E ver os céos, onde sorrio-me a estrella
De minha leda infancia!...

E a fonte, e o musgo, aonde te sentavas
Á sombra do florido limoeiro,
Ouvindo o trepidar harmonioso
Do proximo ribeiro ;

E os vargedos sem fim, onde alvejava,
— Em meio dos vergeis quasi encoberto, —
Teu lar ditoso, — ninho de alva pomba
Em meio do deserto ;

E do bosque a avenida solitaria,
— Tão grato asylo ao timido recato, —
E essa agreste alpondra, em que brincando
Saltavas o regato.

Lá, nas tardes serenas, eu te via
Por entre os perfumados laranjaes,
Ou qual errante Nayade, vagando
Nos campos teus nataes.

E ao teu passar, as arvores do bosque
Os ramos brandamente meneavam ;
E o chão, em que pisavas, á porfia
De flores alastravam.

Brisa amorosa bafejava aromas
Em torno a ti com placidos rumores ;
E murmurando a fonte te mandava
Um cantico de amores.

E eu te amava ; — mas do meu affecto
Dentro em meu coração continha as lavas ;
E o fogo, que nesta alma então fervia,
Nem seî se adivinhavas.

Eu era tão feliz, — e nem sabia
O nome a tão suaves emoções ;
Nem pensei que jámais se esvaecessem
Tão puras illusões.

E nossos corações eram quaes flores,
Que o casto seio mal abrindo ao lume
De nascente manhã, dentro do calix
Guardavam seu perfume.

.
.

Mas ah ! — no fundo do painel donoso
Vejo sinistra a campa, que se eleva !...
É lá que minha aurora para sempre
Sumio-se em negra treva.

Ha bem tempo que dormes nesse leito
Frio, que a dura morte preparou-te,
Ao fremito suave da palmeira,
Que em teu berço embalou-te.

Ha bem tempo ! — e ás vezes me parece
Ser nosso amor uma reminiscencia
Apenas de outro mundo, em que dormimos
O somno da innocencia !...

E é bem verdade que viveste outr'ora
 Vida real de humana creatura,
 Que no mundo tiveste o berço um dia,
 E n'outro a sepultura?...

Ou foste só visão da fantasia,
 Que em meus formosos sonhos de criança
 Me fascinava a mente descuidosa
 C'um raio de esperança?...

Vai, fantasma querido, volta aos bosques
 De nossa infancia, — ás verdes ribanceiras
 Do ribeirão, que vio de nosso affecto
 As emoções primeiras.

Debaixo desses céos de azul brilhante,
 Nessas campinas de eternal verdura,
 Dorme tranquilla aos placidos rumores
 Que a solidão murmura.

Lá vá de tarde o sabiá sósinho
 Saudoso murmurar tristes endeixas;
 E nos burityraes gemendo a brisa
 Sussurre eternas queixas.

Vai-te, ó lindo fantasma! — neste mundo
 Não mais profanes teus pudicos véos;
 Vai-te, que ha muito os cherubins saudosos
 Te aguardam lá nos céos.

MANOEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO

SONHANDO

Na praia deserta que a lua branqueia
 Que mimo! que rosa, que filha de Deus!
 Tão pallida — ao vê-la meu ser devaneia,
 Suffoco nos labios os halitos meus!

Não corras na areia,
 Não corras assim!
 Donzella, onde vais?
 Tem pena de mim!

A praia é tão longa! e a onda bravia
 As roupas de gaze te molha de escuma;
 De noite — aos serenos — a areia é tão fria,
 Tão humido o vento que os ares perfuma!

És tão doentia!
 Não corras assim!
 Donzella, onde vais?
 Tem pena de mim!

A brisa teus negros cabellos soltou,
 O orvalho da face te esfria o suor;
 Teus seios palpitam — a brisa os roçou,
 Beijou-os, suspira, desmaia de amor!

Teu pé tropeçou...
 Não corras assim!
 Donzella, onde vais?
 Tem pena de mim!

E o pallido mimo da minha paixão
N'um longo soluço tremeu e parou;
Sentou-se na praia; sósinha no chão
A mão regelada no collo pousou!

Que tens, coração,
Que tremes assim?
Cansaste, donzella?
Tem pena de mim!

Deitou-se na areia que a vaga molhou.
Immovel e branca na praia dormia;
Mas nem os seus olhos o somno fechou
E nem o seu collo de neve tremia.

O seio gelou?...
Não durmas assim!
O' pallida fria,
Tem pena de mim!

Dormia — na frente que niveo suar!
Que mão regelada no languido peito!
Não era mais alvo seu leito do mar,
Não era mais frio seu gelido leito!

Nem um resomnar!...
Não durmas assim!
O' pallida fria,
Tem pena de mim!

Aqui no meu peito vem antes sonhar
Nos longos suspiros do meu coração:
Eu quero em meus labios teu seio aqueantar,
Teu collo, essas faces, e a gelida mão!

Não durmas no mar!
Não durmas assim,
Estatua sem vida,
Tem pena de mim!

E a vaga crescia seu corpo banhando,
 As candidas fórmas movendo de leve!
 E eu via-a suave nas aguas boiando
 Com soltos cabellos nas roupas de neve!
 Nas vagas sonhando
 Não durmas assim:
 Donzella, onde vais?
 Tem pena de mim!

E a imagem da virgem nas aguas do mar
 Brilhava tão branca no limpido véo!
 Nem mais transparente luzia o luar,
 No ambiente sem nuvens da noite do céu!
 Nas aguas do mar
 Não durmas assim!
 Não morras, donzella,
 Èspera por mim!

O PASTOR MORIBUNDO

CANTIGA DE VIOLA

A existencia dolorida
 Cansa em meu peito: eu bem sei
 Que morrerei!
 Comtudo da minha vida
 Podia alentar-se a flor
 No teu amor!

Do coração nos refolhos
 Solta um ai! n'um teu suspiro
 Eu respiro!

Mas fita ao menos teus olhos
Sobre os meus: eu quero os ver
Para morrer!

Guarda contigo a viola
Onde teus olhos cantei...
E suspirei!
Só a idéa me consola
Que morro como vivi...
Morro por ti!

Se um dia tua alma pura
Tiver saudades de mim,
Meu seraphim!
Talvez notas de ternura —
Inspirem o doudo amor
Do trovador!

VIRGEM MORTA

Lá bem na extrema da floresta virgem,
Onde na praia em flor o mar suspira,
E, quando geme a brisa do crepusculo,
Mais poesia do arrebol transpira;

Nas horas em que a tarde moribunda
As nuvens rôxas desmaiando corta,
No leito molle da molhada areia
Manso repousem a belleza morta.

Irmã chorosa a suspirar desfolhe
No seu dormir da laranjeira as flores,
Vistam-na de setim, e o véo de noiva
Lhe desdobrem da face nos pallores.

Vaguêe em torno, de saudosas virgens,
 Errando á noite, a lamentosa turma:
 Nos canticos de amor e de saudade
 Junto ás ondas do mar a virgem durma.

Á brisa da saudade suspirando
 Ahi na tarde, mysteriosa e bella,
 Entregarei as cordas do alaúde
 E irei meus sonhos prantear por ella!

Quero eu mesmo de rosa o leito encher-lhe
 E de amorosos prantos perfumal-a,
 E a essencia dos canticos divinos,
 No tumulto da virgem, derramal-a.

Que importa que ella durma descorada,
 E velasse o pallor a côr do pejo?
 Quero a delicia que o amor sonhava,
 Nos labios della presentir d'um beijo.

Desbotada corôa do poeta,
 Foi ella mesmo quem prendeu-te flores...
 Ungio-as no sacrario de seu peito
 Inda virgem do alento dos amores...

Na minha fronte rio de ti passando
 Dos sepulchros o vento peregrino...
 Irei eu mesmo desfolhar-te agora
 Da fronte della no pallôr divino!...

E comtudo eu sonhava! e pressuroso
 Da esperanza o licor sorvi sedento!
 Ah! que tudo passou! — só tenho agora
 O sorriso de um anjo macilento!

.

O' minha amante, minha doce virgem,
Eu não te profanei, e dormes pura :
No somno do mysterio, qual na vida,
Pódes sonhar apenas na ventura.

Bem cedo ao menos eu serei contigo
— Na dôr do coração a morte leio...
Poderei amanhã, talvez, meus labios
Da irmã dos anjos encostar no seio...

E tu, vida que amei! pelos teus valles
Com ella sonharei eternamente,
Nas noites junto ao mar, e no silencio,
Que das notas enchi da lyra ardente!

Dorme alli minha paz, minha esperança,
Minha sina de amor morreu com ella,
E o genio do poeta, lyra eolia
Que tremia ao alento da donzella!

Qu'esperanças, meu Deus! E o mundo agora
Se inunda em tanto sol no céu da tarde!
Acorda, coração!... Mas no meu peito
Labio de morte murmurou — É tarde!

É tarde! e quando o peito estremecia
Sentir-me abandonado e moribundo!
É tarde! é tarde! ó illusões da vida,
Morreu com ella da esperança o mundo!...

No leito virginal de minha noiva
Quero, nas sombras do verão da vida,
Prantear os meus unicos amores,
Das minhas noites a visão perdida!

Quero alli, ao luar, sentir passando
Por alta noite a viração marinha,
E ouvir, bem junto ás flores do sepulchro,
Os sonhos de sua alma innocentinha.

E quando a magua devorar meu peito,
E quando eu morra de esperar por ella,
Deixai que eu durma alli e que descanse,
Na morte ao menos, junto ao seio della!

HYMNO DO PROPHETA

A TEMPESTADE

FRAGMENTO

Propheta escarnecido pelas turbas
Disse-lhes, rindo, adeus!
Vim adorar na serrania escura
A sombra de meu Deus!

O céo ennegreceu — lá no occidente
Rubro o sol se apagou
E galopa o corsel da tempestade
Nas nuvens que rasgou!

Da gruta negra a catarata rola,
Alaga a serra bronca,
Esbarra pelo abysmo, escuma uivando
E pelas trevas ronca.

O chão nú escalvado p'las torrentes
Tremulo se fendeu —
Da serra a lomba escaveirada
O raio ennegreceu.

Cede a floresta ao arquejar fremente
Do rijo temporal,
Ribomba e rola o raio — nos abysmos
Sibila o vendaval.

Nas trevas o relampago fascina,
A selva se incendêa ;
Chuva de fogo pelas selvas hirtas
Fantastica serpêa...

Amo a voz da tempestade
Porque agita o coração,
E o espirito inflammado
Abre as azas no trovão!

A minha alma se devora
Na vida morta e tranquillã...
Quero sentir emoções,
Vêr o raio que vacilla!

Emquanto as raças medrosas
Banham de prantos o chão,
Eu quero erguer-me na treva,
Saudar glorioso o trovão!

Jehovah! derrama em chuva
Os teus raios incendidos,
Tua voz na tempestade
Rebôa nos meus ouvidos!

É quando as nùvens ribombam
E a selva medonha está
Que no relampago surge
A face de Jehovah!

A tuba da tempestade
Rouqueja ños longos céos.
De joelhos na montanha,
Espero agora meu Deus!

O caminho rasgou-se. — Mil torrentes
Rebentam bravejando,
Rodam na espuma as rochas gigantescas
Pelo abysmo tombando.

Como em noite do cháos, os elementos
Incandescentes lutam
— Negra a terra — o céu rubro — o mar vozêa
E as florestas escutam...

Tudo se escureceu e — pela treva
No chão sem sepultura
Os mortos se revolvem tiritando
Á longa noite escura.

.
Propheta escarnecido pelas turbas
Disse-lhes, rindo, adeus!
Vim fitar ao clarão da tempestade
A sombra de meu Deus!

12 DE SETEMBRO

O sol oriental brilha nas nuvens,
Mais docemente a viração murmura
E mais doce no valle a primavera
Saudosa e juvenil é toda em rosa
 Como os ramos sem folhas
 Do pecegueiro em flor.

Ergue-te, minha noiva, ó natureza!
Somos sós — eu e tu : — acorda e canta
 No dia de meus annos!

II

Debalde nos meus sonhos de ventura
Tento alentar minha esperança morta
 E volto-me ao porvir...
A minha alma só canta a sepultura —
Nem ultima illusão beija e conforta
 Meu ardente dormir...

III

Tenho febre — meu cerebro transborda,
Eu morrerei mancebo — inda sonhando
 Da esperança o fulgor.
Oh! cantemos inda : a ultima corda
Treme na lyra... morrerei cantando
 O meu unico amor!

IV

Meu amor foi o sol que madrugava
O canto matinal da cotovia
 E a rosa predilecta...

Fui um louco, meu Deus, quando tentava
 Descorado e febril nodoar na orgia
 Os sonhos de poeta...

V

Meu amor foi a verde laranjeira
 Que ao luar orvalhoso entre-abre as flores
 Melhor que ao meio dia,
 As campinas — a lua forasteira,
 Que triste, como eu sou, sonhando amores
 Se embebe de harmonia. —

VI

Meu amor foi a mão que me alentava,
 Que viveu e esperou por minha vida,
 E a sombra solitaria que eu sonhava
 Languida como vibração perdida
 De roto bandolim...

VII

Eu vaguei pela vida sem conforto,
 Esperei o meu anjo noite e dia
 E o idéal não veio...
 Farto de vida, breve serei morto...
 Não poderei ao menos na agonia
 Descançar-lhe no seio...

VIII

Passsei como Dom Juan entre as donzellas,
 Suspirei as canções mais doloridas
 E ninguem me escutou...
 Oh! nunca á virgem flor das faces bellas
 Sorvi o mel nas longas despedidas...
 Meu Deus! ninguem me amou!

IX

Vivi na solidão — odeio o mundo,
E no orgulho embucei meu rosto pallido
 Como um astro na treva...
Senti a vida um lupanar immundo —
Se acorda o triste profanado, esqualido
 — A morte fria o leva...

X

E quantos vivos não caíram frios
Manchados de embriaguez na orgia em meio
 Nas infamias do vicio!
E quantos morrerão inda sombrios
Sem remorso dos loucos devaneios...
 — Sentindo o precipicio!

XI

Perdoa-lhes, meu Deus! o sol da vida
Nas arterias ateia o sangue em lava
 E o cerebro varia...
O seculo na vaga enfurecida
Levou a geração que se acordava...
 E nuta de agonia...

XII

São tristes d'este seculo os destinos!
Seiba mortal as flores que despontam
 Infecta em seu abrir —
E o cadafalso e a voz dos Girondinos
Não fallam mais na gloria e não apontam
 A aurora do porvir!

XIII

Fôra bello talvez em pé, de novo
 Como Byron surgir, ou na tormenta
 O heroe de Waterloo...
 Com sua idéa illuminar um povo,
 Como o trovão nas nuvens que rebenta
 E o raio derramou!

XIV

Fôra bello talvez sentir no craneo
 A alma de Goethe, e reunir na fibra
 Byron, Homero e Dante;
 Sonhar-se n'um delirio momentaneo
 A alma da creação, e o som que vibra
 A terra palpitante...

XV

Mas ah! o viajor nos cemiterios
 Nessas nuas caveiras não escuta
 Vossas almas errantes,
 Do estandarte da sombra nos imperios
 A morte — como a torpe prostituta —
 Não distingue os amantes.

XVI

Eu pobre sonhador — em terra inculta
 Onde não fecundou-se uma semente
 Comvosco dormirei,
 E d'entre nós a multidão estulta
 Não vos distinguirá a fronte ardente
 Do craneo que animei...

XVII

Oh! morte! a que mysterio me destinas?
Esse atomo de luz que inda me alenta,
Quando o corpo morrer —
Voltará amanhã — aziagas sinas
Da terra sobre a face macilenta
Esperar e soffrer?

XVIII

Meu Deus, antes — meu Deus — que uma outra vida
Com teu sopro eternal meu ser esmaga
E minha alma aniquila...
A estrella de verão no céo perdida
Tambem ás vezes teu alento apaga
N'uma noite tranquilla!...

LUIZ JOSÉ JUNQUEIRA FREIRE

A ORPHÃ NA COSTURA

Minha mãe era bonita,
Era toda a minha dita,
Era todo o meu amor.
Seu cabello era tão louro,
Que nem uma fita de ouro
Tinha tamanho esplendor.

Suas madeixas luzidas
Lhe cahiam tão compridas,
Que vinham-lhe os pés beijar.

Quando ouvia as minhas queixas,
Em suas aureas madeixas
Ella vinha me embrulhar.

Tambem quando toda fria
A minha alma estremecia,
Quando ausente estava o sol,
Os seus cabellos compridos,
Como fios aquecidos,
Serviam-me de lençol.

Minha mãe era bonita,
Era toda a minha dita,
Era todo o meu amor.
Seus olhos eram suaves,
Como o gorgueio das aves
Sobre a choça do pastor.

Minha mãe era mui bella,
— Eu me lembro tanto della,
De tudo quanto era seu!
Tenho em meu peito guardadas
Suas palavras sagradas
Co'os risos que ella me deu.

Os meus passos vacillantes
Foram por largos instantes,
Ensinados pelos seus.
Os meus labios mudos, quedos
Abertos pelos seus dedos,
Pronunciaram-me : — Deus!

Mais tarde — quando acordava
Quando a aurora despontava,
Erguia-me sua mão.

Fallando pela voz della,
Eu repetia singela
Uma formosa oração.

Minha mãe era mui bella,
— Eu me lembro tanto della,
De tudo quanto era seu!
Minha mãe era bonita,
Era toda a minha dita,
Era tudo e tudo meu.

Estes pontos que eu imprimo,
Estas quadrinhas que eu rimo,
Foi ella que me ensinou.
As vozes que eu pronuncio,
Os cantos que eu balbucio,
Foi ella quem m'os formou.

Minha mãe! — diz-me esta vida,
Diz-me tambem esta lida,
Este retroz, esta lã :
Minha mãe! — diz-me este canto,
Minha mãe! — diz-me este pranto,
— Tudo me diz: — Minha mãe! —

Minha mãe era mui bella,
— Eu me lembro tanto della,
De tudo quanto era seu!
Minha mãe era bonita,
Era toda a minha dita,
Era tudo e tudo meu.

TAMBEM ELLA

Ella tambem ouviu o som das vagas
Sobre os rochedos — e talvez dissesse :
— O som das vagas que embellece os outros,
Não me embellece.

Ella tambem sentio a fresca aragem
Sobre os cabellos — e talvez dissesse :
— A fresca aragem que adormece os outros,
Não me adormece.

Ella tambem deitou-se no sereno
Sobr'estas relvas — e talvez dissesse :
— Este sereno que empallece os outros,
Não me empallece.

Ella tambem olhou estas montanhas
Sobre as campinas — e talvez dissesse :
— A vista dellas que embevece os outros,
Não me embevece.

Ella tambem andou ao sol ardente
Sobre as planicies — e talvez dissesse :
— O sol ardente que enrubece os outros,
Não me enrubece.

Ella tambem provou dos cardos frescos
Sobre as areias — e talvez dissesse :
— O gosto delles que arrefece os outros,
Não me arrefece.

Ella tambem sentou-se neste muro
Sobr'estas pedras — e talvez dissesse :
— Este quadro gentil que encanta os outros,
Já me aborrece.

Este quadro gentil agrada aos outros,
É bello todo — ella talvez dissesse:
Porém tão longe o meu amor! — oh! tudo,
Tudo fallece!

Sim: ella o disse merencoria e amante;
Impios, não duvideis que ella o dissesse:
— Tão longe d'elle assim! sem vida tudo,
Tudo parece!

O MENESTREL DO SERTÃO

Eu toco em minha viola
Sonancias do meu paiz:
Eu canto as minhas cantigas,
Que fui eu mesmo que fiz:
Eu danso ao som dos pandeiros
Entre as pastoras gentis.

Eu canto em minhas cantigas
Os mattos, que eu percorri;
Eu canto as onças ferozes,
Que eu arrostrei e venci;
Eu canto as cobras astutas,
Que eu enganei e preendi.

Canto a jaqueira, que cobre
Minha casa, antes de mim;
Canto os peixes de meu rio,
As flôres de meu jardim;
Canto a rosa, que se enastra
Na candura do jasmim.

Canto os prados matizados
De verde e rubro café ;
Canto as altas sucupiras,
Como gigantes de pé ;
Canto o lago negro e fundo,
Onde mora o jacaré.

Canto tudo quanto vejo
Nos sertões da minha terra ;
Canto o bello, canto o feio,
Canto a paz, e canto a guerra ;
Canto tudo que me inspira,
Que me encanta, ou que me aterra.

Nos cantos, como na lucta,
Ninguem outro aqui me avança ;
Quando eu canto estas cantigas
Por entre rodas de dansa,
Os homens guardam silencio,
O matto pára e descansa.

As pastoras innocentes
Cravam seus olhos nos meus,
Como na festa do templo
O povo contempla Deus ;
Como vai o amante ao longe
Dizendo seu triste : Adeus.

Então no meio das bellas
Canto, canto os meus amores ;
Mais bellos que os nossos mattos,
Mais gentis que as nossas flôres,
Mais lindos que os nossos astros,
Mais fortes que seus fulgores.

De vergonha, as pastorinhas
Baixam seus olhos ao chão,
Como vagos pyrilampos
Que brilham na escuridão,
Como estrellas que não podem
Suster do dia o clarão.

Cada um que fórma a roda,
Cada um é meu rival ;
Cada um pensa vinganças
No coração infernal ;
Toda a roda, toda a aldeia
Arde em ciume fatal.

Todos da aldeia me invejam,
Todos têm raiva de mim ;
Raiva tomada em segredo,
Muda sempre até o fim ;
Como a raiva do covarde,
A sua raiva é assim.

Mas seus olhos me respeitam,
Sua voz me diz — amor ;
Como um escravo obrigado,
Que reconheee o senhor ;
Como um homem, que venera
Um anjo superior.

Ninguém canta como eu canto,
Ninguém luta como eu luto ;
Nos dedos, na voz, nos braços,
Ninguém ha mais resolutto ;
Eis ahi porque me pagam
Esse custoso tributo.

Eis ahí o meu dominio,
Dominio do coração:
Eu toco a minha viola,
Eu canto a minha canção;
Eu domino, — e como eu posso,
Meus rivaes não podem, não.

Assim seus labios de raiva
Me dizem sómente — amor;
Como um escravo obrigado,
Que reconhece o senhor;
Como um homem, que venera
Um anjo superior.

E a bella dos meus amores.
No meio da roda está;
Como um anjo feminino
Entre as donzellas de cá;
Como a estatua mais bonita
No altar do Senhor de lá.

E a bella dos meus amores
Sabe rir dos meus rivaes;
Applaude as minhas cantigas
Com seus labios virginaes;
Deita-me em roda da testa
Verdes cafés triumphaes.

Todos que formam a roda,
Murmuram, ardem então;
Mas eu vou, cantando ainda,
Com ella só pela mão;
Morrei, pastores! — eu vivo
Com ella e minha canção.

CONSTANTINO JOSÉ GOMES DE SOUZA**ADEUS Á VIDA**

Céos! neste abysmo de horrores
Em que desespero e gemo
Julgava já ter das dôres
Attingido ao gráo supremo.
Porem mentira! a desgraça
Preparava nova taça
De um martyrio novo, estranho...
Tenho saudade, meu Deus,
Dos passados males meus
A' vista de um mal tamanho!

Sob o céu tempestuoso
Da minha existencia escura
Vi passar, eu desditoso
Vi passar como a figura
Se de anjo ou mulher ignoro;
Mas passou qual meteóro
E estendido após de si;
Por onde a fulgir passou
Um sulco de luz deixou
O anjo, ou a mulher que eu vi.

Ou anjo ou mulher que é della?
Em que abysmo se sumiu
Luz que assim fulgiu tão bella,
Que tão breve assim fulgiu?
Deus! o mimoso clarão
Impresso na negridão
Da minha vida extingui,

Se é que eu tenha de morrer
Sem que torne mais a ver
O anjo ou a mulher que eu vi!

No sepulcro deste peito
Morto o coração dormia;
Já todo em cinzas desfeito
Nem dôr, nem prazer sentia.
Mas tu, celeste visão,
Ao já morto coração
Como dar vida pudeste?
De Deus tu não és, — do mal
Tremendo archanjo infernal,
Donde tal poder houveste?

Do inferno? poder sem fim
Satanaz — por Deus! não tem;
De lá tanta luz assim
Por Deus! ao mundo não vem.
O que és tu pois? infinita
Ventura que esta alma afflicta
Sobre as azas de um momento
No nada viu se abysmar
Para novo fel tragar
De immenso, immenso tormento.

Que aquelle sulco luzente
Que fulge na negridão
Da minha vida é serpente
Que leva-me o coração
Continuo, atroz a roer!
Que envolve todo o meu ser
N'um limbo de fogo eterno,
Luz que deu-me a ver no céu
De um anjo a face sem véo
Para arrojjar-me no inferno!

Se ainda pudera eu vel-a
Ao menos um só instante
Formosa, mystica estrella
Nas trevas da vida — errante!...
Feliz... Feliz... Mas loucura...
Ainda esperar ventura
Quem nasceu para a desgraça,
E curvo ao peso da sorte
Espera bem cedo a morte
E a vida gemendo passa!...

Tragando o calix das dôres
Para que viver? Não quero;
Só descanso entre os horrores
Do sepulchro e paz espero.
Do mundo illusões perdidas,
Esperanças descahidas
No gelo do desengano...
Luz de um só instante, adeus!
Vão volver os dias meus
Da eternidade ao arcano.

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA

ADEUS DE GONZAGA

Adeus, Marilia, adeus! o sonho corre,
Vai-se gastando a vida, vai fugindo;
Estremece-me a voz; eil-a que morre,
Inda o teu doce nome repetindo.

Uma hora lá vem, outra decorre,
 E eu vejo em prantos o teu rosto lindo!
 Adeus, Marília, adeus! a sepultura
 Abre-me agora um leito em terra escura.

Ai, como é feia a terra do desterro!
 Aqui não sopra a minha pátria aragem;
 Aqui laçou-me a liberdade — o erro
 De prestar á innocencia vassallagem;
 Aqui no chão do exílio, onde me enterro
 Inda placida brilha a tua imagem!
 Luar das minhas noites, sol do dia,
 O corpo aquece-me, — eis a terra fria!

Oh! tu não sabes como é negra a sorte,
 Quando tudo é horror, tudo castigo;
 Quando a memoria louca busca um norte
 E vê deserto o mundo, ermo jazigo!
 Olha: em roda de mim é tudo morte,
 Porque esta vida lá deixei contigo!
 Oh! não esqueças, não, quem te adorava,
 Oh! alma livre de minh'alma escrava!

Aquellas sombras do cahir da tarde
 Inda murmuram placidos amores;
 Inda um desejo treme, e vôa e arde
 No doce orvalho a gottejar das flores;
 Inda nos prados, da natura alarde,
 Sacode a viração meigos frescores!
 E nós sepultos — que tristeza e calma! —
 Eu em teu coração, tu em minh'alma!

Mas não morreu-me, não, a agra lembrança
 De tudo que viveu em teu sorriso;
 Luz perdida no ermo da esperança,
 Neste inferno de dôr, meu paraíso...

Isto só — nada mais... a vida cansa,
Cerca-me a escuridão, trévas diviso!
Meu peito é sepultura, onde enterradas
Estão nossas lembranças mais amadas!

Como um abysmo de saudades cava
A dôr neste meu peito dia a dia?!
Lá eu tinha a choupana onde habitava,
Lá brancas ovelhinhas que eu pascia.
Lá que aurora feliz quando acordava,
Lá que noite formosa se dormia!
Tinha, tinha dous sóes, — que luz tão bella! —
O sol do céo e o sol dos olhos della.

Aqui suspiro e gemo desterrado,
Avesinha nas grades da prisão;
Aqui, se busco em pranto o meu passado,
Vejo nuvens, deserto e solidão;
Aqui o céo é triste, annuviado,
Não tem echos de amor, não tem-n'os, não!
Lá eu tinha dous céos ao sol já posto,
Um céo no firmamento, outro em seu rosto.

Oh! como surge agora enfeitada
Aquella minha terra dos amores?!
Aqui vejo-a na fonte debruçada,
Flor que o rosto inclinou entre outras flores.
Alli, na face nivea a mão poisada,
Rosa que descorou em seus ardores;
Mais além, sob a copa do arvoredado,
Contando ao sol da tarde o seu segredo.

Ai, Marilia, Marilia! que é da vida
Que em meus braços comtigo então sonhava?!
A casa, o ribeirão, a luz sumida,
Detraz do monte... além... que desmaiava;

Da ovelha desgarrada a voz perdida,
O gado que sósinho alli pastava,
O chão, a relva, a fonte, as lindas flores,
Nosso céo, nossa luz, nossos amores?!

Nada, nada ficou!... neste deserto
O tenue sôpro desta vida expira;
Mal bate o coração, já não acérto
Esses hymnos de amor que a alma delira!
Eis lá na sepultura vejo ao perto
Murchas corôas e quebrada lyra,
Trevas... silencio... solidão... horror!
Nem um pranto... um gemido... uma só flor!

MANOEL ANTONIO DE ALMEIDA

AMOR DE CRIANÇA

Era um amor de criança
Puro como a luz! Que amor!
Que perfume de innocencia
D'aquella alma aberta em flor!
Inda era um anjo... peccou
No momento em que me amou!

Aquelle amor foi a crença
Mais doce da minha vida;
Tive outras depois... nenhuma
Chorarei de ver perdida,
Emquanto dure a lembrança
Daquelle amor de criança!

Quando ella me via triste
A olhal-a extatico e mudo,
Tinha dó de mim e afflicta
Jurava por Deus, por tudo
Amar-me sempre; mentia,
Mas sua alma é que a illudia!

Uma vez de fatigada
Junto a mim adormeceu;
Entre um beijo e um sorriso
Doce amor me prometteu,
Mas quando voltou á vida
De tudo estava esquecida!

Do rôto colar as perolas
Procurei ver se juntava,
Quiz colher na brisa a flor
Que esfolhando-se voava...
E o amor que um riso creara
N'um leve sonho acabara!

Inundei-lhe as mãos com pranto
Que a dôr funda me arrancava;
Sorrio-se... já não sabia
Que por amor se chorava!
Perdi de todo a esperança,
Já não era mais criança!

ESCUA

Escuta, virgem: tens um riso de anjo,
Que infunde n'alma singular quebranto;
Bello qual sonho que na doce infancia
Nos roça a mente no dormir de rosas.

Escuta ainda: — teu olhar fagueiro,
Espelho ingenuo de tu'alma pura,
Semelha o lago, que tranquillo e manso,
Mostra no fundo as perolas lustrosas!

Mas eu não quero que me infundas n'alma
Doce quebranto de teu riso d'anjo;
Mas eu não quero que me dêes fagueiro,
Volver donoso de teus lindos olhos.

Que se me déras um teu doce riso,
Que se me déras um olhar dos teus,
Podéra cégo, desvairado e louco,
Morrer de gozo de ventura tanta.

Tambem não quero aventurada rosa
Que entre teus dedos, amorosa, afagas,
Que descuidada, por teus labios passas,
E que perfumas de teus doces beijos!

Quero sómente que uma vez na vida
Digas meu nome; — que me dêes já murcha
A triste flor que desbotada arrancas
De teus cabellos e que ao chão arrojas...

Quero sómente que por meu sepulchro
Um dia passes; que meu nome leias...
Que, — amou-me — digas; isto só me basta
Por premio caro de um amor tamanho.

HENRIQUE CEZAR MUZZIO
—**CORAÇÃO DE MENINA**

Coração de menina é branco lyrio
 À sombra vegetado ;
Que perfuma, consola, divinisa
 Um peito á dôr votado.

O amor que elle gera
 É puro, nobre e santo.
E basta uma só vez tel-o gosado
P'ra que raio de luz largo e brilhante
 Nos doure nesse instante
O presente, o porvir, mesmo o passado !

Coração de menina é grande pulha
 Que nos prega o amor ;
É bolha de sabão que brilha rapida
 Das aguas sobre a flor.

É um mono da sorte
 Aos caloiros de Venus ;
É pedra falsa que reluz nas trevas,
Que engana até aos mais atiladinhos,
 Offusca-lhes os olhos
E obriga-os a cahir como patinhos.

CONSTANTINO DO AMARAL TAVARES

MELANCOLICA

Eu vejo-a sempre de cabellos soltos,
Pendida a frente, a vaguear sem tino,
— Visão, dissereis, vaporosa e bella,
Cumprindo as sinas de fatal destino!

Nos meigos olhos, em que treme o pranto
Eu vejo ás vezes se expandir um riso,
Mas logo triste, silenciosa, muda,
Na branca face lagrimas diviso.

Naquelle peito, onde eu quizera a preço
Da propria vida a fronte recostar,
Morou talvez uma esperança outr'ora,
Que nem o tempo a saberá matar.

Escura magua lhe tortura o seio,
Em frouxos ais transsuda dolorida,
Deixa entrever nessa alma espedaçada
Amargo fel, que lhe envenena a vida.

Oh! como soffro, quando vejo ao longe
A branca sombra da gentil visão!...
Oh! Se eu pudera?... Porém temo vê-la
Deixar dos labios descahir um — não!

JOÃO SILVEIRA DE SOUZA**A FILHA DOS MEUS SONHOS**

Eu vejo-a sempre reclinada a fronte,
Pensativa a seismar; triste e sem côres,
Candida e bella, a filha dos meus sonhos,
A celeste visão dos meus amores.

Tremem-lhe ás vezes sobre o véo castanho
Dos longos cilios de setim lusente
Aljofares do céo, qual treme o orvalho
Das alvas folhas de uma flor pendente.

Vejo-lhe as formas d'anjo e as faces lindas:
Onde as vejo não sei; — n'um mundo aereo!
É sua patria talvez um céo phantastico
E seu nome é tambem p'ra mim mysterio!

Creáram-na os meus sonhos melancolica
Sempre e sempre em silencio, em magua e prantos,
Cobre-lhe a fronte bella um véo d'angustias
E eu não posso trocal-o em véo de encantos!

Vejo ás vezes em fio ardentes lagrimas
Rorejarem-lhe a tez — embalde as vejo,
Não a posso abraçar, se a busco, foge-me,
Não posso as faces lhe enxugar c'ó um beijo!

E pois corre tambem meu pranto esteril,
Quando contemplo assim entre amargores
Candida e bella, a filha dos meus sonhos,
A celeste visão dos meus amores.

Dá-lhe existencia o meu sonhar, contemplo-a
Sempre e sempre através d'um véo tristonho;
Não lh'o posso doirar, seu fado é esse,
Sem matal-a e também matar meu sonho.

Oh! muitas vezes lhe pergunto afflicto,
Porque desmaias linda flor tão cedo?
Virgem, meus sonhos te crearam bella,
Nunca amaste, eu o sei, nem tens segredo!

E sempre e sempre a interrogal-a em balde,
Não me diz seu penar, nem seus martyrios,
Não me responde e sempre muda e triste
Vejo a filha ideal dos meus delirios.

Oh! que eu não possa dar-te a voz co'o um beijo!
Trocar-te em risos do martyrio a palma!
Comtigo a vida repartir no mundo,
Minha pura visão, meu sonho d'alma!

M. HILARIO PIRES FERRÃO

A CANÇÃO DO ESCRAVO

N'uma alta e frondosa
Brazilia floresta,
Que o sol açoutava
Na hora da sésta;

Ao som compassado
Da fouce pesada,
Que os troncos derruba,
Prepara a *queimada*;

Com voz rude e triste,
Que ao longe echoava,
Chorando, um escravo
Taes queixas soltava :

« Em simples palhoça
« Eu livre nasci,
« Mas preso e *vendido*,
« Escravo me vi !

« O filho, a mulher,
« Forçado deixei ;
« A pobre familia
« Não mais avistei.

« São livres os brancos,
« Não soffrem rigor ;
« Mas eu, por ser *negro*,
« Eu tenho um *Senhor* !

« Como elle, nem devo
« Com as dôres chorar,
« Mas devo, soffrendo,
« Me rir e cantar.

« A dôr, o prazer,
« Em mim crimes são ;
« Castigos, por isso,
« No corpo me dão.

« Á chuva e ao sol,
« Sempre a trabalhar,
« De pouco descanso
« Eu posso gozar.

« Os fructos da terra,
« Que cavo a suar,
« Não são p'ra meus filhos,
« Que vejo penar !

« O ouro que ganho
« Não faz-me ser rico :
« Por muito que dê
« Eu forro não fico !

« O mesmo sustento
« Que dão-me, grosseiro,
« Me dão porque temem
« Perder *seu dinheiro*.

« De um máo captiveiro,
« Soffrendo os rigores,
« Minha mocidade
« Gastou-se entre dôres ;

« Ao peso dos annos
« Já hoje curvado,
« P'ra todo o serviço
« Sou inda chamado !

« Ao *branco*, se é velho,
« Têm todos respeito ;
« Eu, inda ao *chicote*
« Vivo hoje sujeito !

« De que serve a vida
« A quem, como eu,
« Sem ter liberdade,
« Já tudo perdeu ?...

« Só uma esperança
 « Eu sempre hei de ter;
 « Morrendo, outra vez
 « Eu livre hei de ser.

» Meu bom Pai do Céu,
 « Ah! Tende clemencia!
 « Ouvi minhas vozes,
 « Findai-me a existencia!... »

Aqui o escravo
 Cançado parou;
 E com a mão callosa,
 O pranto enxugou;

E o echo pausado,
 Que a voz repetia,
 — *Findai-me a existencia!*! —
 Ao longe dizia.

LAURINDO JOSÉ DA SILVA RABELLO

IMPOSSIVEL

É — impossivel — escreveu-me, e a penna
 Da mão lhe não cahio! — Parece incrível!...
 Lendo, disse comigo: essa palavra
 Ella não escreveu, — é impossivel.

E, comtudo, a palavra estava escripta
 E a letra era sua!... Quem diria,
 Que a mão do tempo o coração mudasse
 D'aquella que, escrevendo, isto escrevia!

Vou também decorar essa palavra,
Também quero sabel-a e repetil-a,
Dita como um completo desengano,
Talvez quem m'a ensinou goste de ouvil-a.

Na linguagem de amor não se conhece
Essa palavra, não; — Esta sentença
Sim, no livro de amor acha-se escripta;
« *Impossiveis não ha que amor não vença.* » (*)

A MINHA RESOLUÇÃO

O que fazes, ó minh'alma!
Coração, porque te agitas?
Coração, porque palpitas?
Porque palpitas em vão?
Se aquelle que tanto adoras
Te despreza, como ingrato,
Coração, sê mais sensato,
Busca outro coração!

Corre o ribeiro suave
Pela terra brandamente,
Se o plano condescendente
Delle se deixa regar;
Mas, se encontra algum tropeço
Que o leve curso lhe prive,
Busca logo outro declive,
Vai correr n'outro lugar.

(*) Verso da *Nova Castro*, de João Baptista Gomes.

Segue o exemplo das aguas,
Coração, porque te agitas?
Coração, porque palpitas?
Porque palpitas em vão?
Se aquelle que tanto adoras
Te despreza, como ingrato,
Coração, sê mais sensato,
Busca outro coração!

Nasce a planta, a planta cresce,
Vai contente vegetando,
Só por onde vai achando
Terra propria a seu viver;
Mas, se acaso a terra esteril
Às raizes lhe é veneno,
Ella vai n'outro terreno
As raizes esconder.

Segue o exemplo da planta,
Coração, porque te agitas?
Coração, porque palpitas?
Porque palpitas em vão?
Se aquelle que tanto adoras
Te despreza, como ingrato,
Coração, sê mais sensato,
Busca outro coração!

Saiba a ingrata que punir
Tambem sei tamanho agravo:
Se me trato como escravo,
Mostrarei que sou senhor;
Como as aguas, como as plantas,
Fugirei dessa homicida;
Quero dar a um'alma fida
Minha vida e meu amor.

A SAUDADE BRANCA

Que tens, mimosa saudade?
Assim branca quem te fez?
Quem te pôz tão desmaiada,
Minha flor? Que pallidez!...

Ah!... já sei: n'um peito vario
Emblema foste de amor:
O peito mudou de affecto,
E tu mudaste de côr.

Mas não; só peito animado
Por constancia e lealdade,
Unida póde trazer-te
Comsigo, minha saudade.

Demais tu não mudas: seja
Qual fôr o destino teu,
Conservas sempre o aspecto
Que a natureza te deu.

Que tens, mimosa saudade?
Assim branca quem te fez?
Quem te pôz tão desmaiada,
Minha flor? Que pallidez?

Quem sabe si és flôr, saudade?
Quem sabe? Da sepultura
Amor nas pedras penetra
Por milagre da ternura.

Quem sabe... (Oh! meu Deus não seja,
Não seja esta idéa vã!)
Se em ti não foi transformada
A alma de minha irmã?!
17

« Minh'alma é toda saudades ;
« De saudades morrerei » —
Disse-me, quando a minh'alma
Em saudades lhe deixei :

E agora esta saudade
Tão triste e pallida... assim
Como a saudade que geme
Por ella dentro de mim !...

A namorar-me os sentidos !
A fascinar-me a razão !...
Julgo que sinto a voz d'ella
Fallar-me no coração !

Exulta, minh'alma, exulta !...
Aos meus labios flor louçã !
No meu peito... Toma um beijo...
Outro beijo, minha irmã !

Outro beijo, que estes beijos
Não te prohibe o pudor ;
Sou teu irmão, não te mancham
Os beijos do meu amor.

Falla um pouco. Se almas podem
Em flores se transformar,
Sendo almas encantadas,
As flores podem fallar,

Mas não fallas?... não respondes?...
Oh! crueis enganõs meus !
Saudade, porque me illudes?
Minha irmã !... Meu Deus !... Meu Deus !...

Minha irmã!... minha ventura,
Esperança, encanto meu!
E teu irmão quem te chama...
Responde! falla!... Sou eu!

Dista muito o céu da terra?
Os anjos azas não tem?
Desata um vôo, meu anjo!
Não tardes, meu anjo! Vem!

Vem! ao menos um momento
Quero vêr-te, irmã querida:
Embora, depois de vêr-te,
Fique cégo toda a vida.

Mas não vens! Deus te não deixa
Vir ao mundo, meu amor?
Só devo encontrar no pranto
Lenitivo á minha dôr?

Ah! minh'alma desfallece...
E o coração, que apressado
Com tanta força batia,
Mal palpita... está cansado.

Muda, sem termos, nem vozes
Me vai ralando a agonia:
A tempestade de angustias,
Mudou-se em melancolia.

Que é isto?! Como tão negro
Ficou-me todo o horisonte!
Que suor me banha o rosto!
Que peso sinto na fronte!

Ah! Meu Deus! graças! aos olhos
O pranto sinto chegar;
Se a boca não falla, ao menos
Os olhos podem chorar.

Nós temos duas saudades:
Uma de sangue ensopada
Pela mão do desespero
No seio d'alma plantada;

Outra da melancolia
Toma o gesto, e veste a côr,
Exangue, pallida e fria,
Mas calada em sua dôr...

Parece que a natureza
Quiz provar esta verdade,
Quando diversa da rôxa
Te creou, branca saudade.

CARLOS AUGUSTO DE SÁ

A CHAPELLEIDA
ENCAPELLAÇÃO VIII

FRAGMENTO

Depois da mysteriosa conferencia,
Nos suinos olhos do famoso PENCA
Vivo prazer a seu pezar brilhava.
Novo *Jacques Ferrand* no corpo e n'alma,
Desejára occultar o que sentia:
Mas a sua emoção era tamanha,
Que debalde compunha a carantonha.

Foi á noite a um sarão ; nunca o guilhote
A festanças faltou de paparola :
A esta com razão maior corria.
Guloseimas ahi metteu no bucho,
« Onde nunca o fastio achou guarida, »
Quantas ás largas ventas lhe arrumaram,
Bebendo-lhe melhor. Cheio d'esp'ranças,
Desfrutavel esteve; e lambareiro
Taramelou assás; mas o segredo
Do Estado a ninguem disse... Era um mysterio!
Quando não teve mais que dar aos queixos,
Himpando á casa regressou contente
Nos futuros successos reflectindo,
Que iam dar-lhe renome e fama eterna.

Tudo disposto e acautelado estava ;
Pois em tempo, do paço á guarda tinha,
Como habil general, valente, energico,
Ordens severas, terminantes dado.
E ai dos que as não cumprissem ! qu'elle aos bravos
Fazendo reprehender um commandante
Que a seus caprichos sujeição negára,
Já seu poder manifestado havia.
Do porvir, pois, seguro, de um recurso
Contando certo o portentoso effeito,
Tarde bastante se atirou na cama
Pelo sol do outro dia suspirando.

Na seguinte manhã, quem tal diria !
Estava salva a patria !! Turba immensa
De boqui-abertos pasmos funcionarios
(A quem elle arrancára da miseria)
Á porta da cocheira, inda na rua,
Pela boca de um *bravo*, em voz bem forte,
De grande novidade era informada,

Transcendental medida financeira,
 Com phrase curta e expressivo gesto :
 « *Chapeau bas ! Chapeau bas !* » — Embasbacados
 Por algum tempo, com a calva á mostra,
 Admiravam todos em silencio,
 Concentrados em si, do grande homem
 O talento profundo, a enorme tromba,
 A astucia, o tino, a vastidão da idéa.

Inimigos, porém, da autoridade
 Os *soberbos* revoltam-se, bradando
 Que era a medida estúpida, infamante,
 Offensiva do brio, um vilipendio,
 Uma affronta sem nome ! E secundados
 Por outros *insolentes*, pateada
 Redonda intentam dar ao sabio PENCA,
 Que um serviço real prestava á patria,
 Erguendo-a assim de inevitavel ruina !!
 Ah ! quando foi jamais que idéas novas,
 Que não compr'ende o vulgo, dos humanos
 Sem luta conquistaram a intelligencia ? !...
 N'uma masmorra Galileu não 'steve ?
 Graças, porém, á lei da força bruta
 Frustrou-se o tão nefando, horrido intento :
 A prisão de um ou dous impoz a todos.
 No entanto os fraldisqueiros caudatarios,
 Que as acções do *senhor* quaesquer applaudem,
 A tanta audacia e reluctancia enfiam,
 E apatetados mudamente se olham.

Mas subito fugindo á pasmaceira
 A um novo berro — *Chapeau bas ! canalthas !*
 A outros que chegavam dirigido,
 Com freneticos hymnos, brados, vivas,
 Com tres *hyps*, tres *hurrahs* estrondosos,

Que da cocheira ao tecto a um tempo erguêram,
Da patria ao salvador, o caixa d'oculos,
De enthusiasmo cheios victoriaram!
Não foi preciso mais: o povo em massa
Na rua agglomerou-se, perguntando
De tão grande alegria a causa ingente:
Os moleques tambem, os infalliveis
De taes actos juizes competentes,
Da resposta á espera alli se achavam.

Bem como avulta logo em qualquer praça
A pequena assembléa de vadios
Que de dois gallos presencia a briga,
Em frente ao *paço do ouro* o ajuntamento
Dos curiosos cresce dentro em pouco.
Daqui, dalli afflue o povo em bandos:
Que, electrica centelha, em breve tempo
Na cidade correu de um ponto a outro
Do caso estupendissimo a noticia!
Mais contê-lo não pôde a estreita rua,
Desde o palacio, então sem calçamento
Té ao proximo campo: transformada
Por copiosas chuvas esta parte
Em fundo tremedal, fetido e negro,
Mal de um peão ao transito off'recia
Uma acanhada e lubrica vereda.
Por semelhante causa, p'r'a direita
Só podia estender-se a turba-multa;
Era pequeno o espaço: muitas casas
Invade o povo á força; enche as janellas;
E o resto nos telhados se apinhôa.

Os que inscientes do grandioso factó,
Sem saberem porque alli se achavam,
A perguntar começam: — « Que ha de novo?

« Que sublime, que extranho, alto successo
 « Por tal modo alvoroça os Fluminenses,
 « Que os faz assim correr ao *paço do ouro*?!
 « Achou alguém acaso a tão buscada
 « Pedra philosophal, ou mina aurifera
 « Mais fecunda que a mais da California?!
 « Ou por amplificada santa bulla,
 « A favor do progresso e a bem da patria,
 « De todo os feriados se extinguiram!? »
 Em altos gritos procuravam muitos
 O motivo explicar do ajuntamento;
 Mas ninguem se entendia. Por encanto,
 Morno silencio succedeu-se á bulha...
 Então o ensejo aproveitando logo,
 Da larga porta da cocheira *angusta*
 Uma voz proclamou a população:
 « N'um abysmo a cahir esteve a patria!
 « Os cofres da nação a olhos vistos
 « Entisicavam por ignota causa...
 « Aqui dentro a anarchia alçava o collo!
 « Os madraços, furtando-se ao trabalho,
 « Sob futeis pretextos muitos dias,
 « Ousavam reclamar o jornal todo
 « Com insolencia incrível. Atrevidos,
 « Do seu senhor á casa outros não iam
 « As zumbaias fazer-lhe necessarias.
 « Outros, já sem temor, se elle uma escripta,
 « Que má julgára, lhes rasgava em face,
 « Da triste condição de jornaleiros,
 « Da sua baixa laia deslembados,
 « *Raiva* mostrando no rubor do rosto,
 « Desaforados respingar queriam!
 « Em vez de, vis escravos, se humilharem
 « A quem o jus do mando tem sobre elles,
 « Todos queriam ter a idéa livre,
 « Livre o direito de escrever p'r'as folhas;

« Livre o direito de pedir mais cobres.
 « E para ser a situação mais triste,
 « Quem pôde a sangue-frio ouvir tal cousa!
 « De chapéo na cabeça entravam todos
 « No sagrado recinto: oh! sacrilegio!
 « Onde seu throno tem o illustre PENCA,
 « Famoso economista, o financeiro
 « Mais consummado que tem visto o mundo!!
 « Não dormitou, porém, o mathematico;
 « Novo Archimedes, mas em menos tempo,
 « Medida salvadora a mal tão grande
 « Procurou... descobriu — *péo! péo!* gritando
 « *'Stá salva a patria! a eternidade é minha!* »

Aqui foi do orador a voz coberta
 Pelos da multidão vivos applausos,
 Que por cima e por baixo, ao sabio, ao genio,
 Homenagem prestava enthusiasmada.
 Logo que a trabuzana, a berraria
 Um pouco serenou, mais animado
 Exprimiu-se inda assim quem já fallára:
 « Ninguem mais os umbraes deste recinto
 « De chapéo na cabeça invadir pôde!!...
 « Eis a medida que do abysmo ás bordas
 « A nação suspendeu! Deve-se ao PENCA
 « A bonança em que a patria existe agora!
 « Sómente a elle, cuja mente ousada,
 « Oh nunca! nunca em conceber portentos,
 « Produzir maravilhas, cousas destas,
 « Nunca fallivel foi, nunca foi lerda!!... »
 Calou-se a voz, e da cocheira os écos
 Longo tempo bradaram: — *erda! erda!*

F. L. BITTENCOURT SAMPAIO**A CIGANA**

Lá corre a morena, levando faceira
Na cinta punhal,
Veloz como a ema saltando ligeira
Por montes e val!

Gentil, engraçada,
Dissereis levada
Por artes de amor!
Agora fugindo,
Sorrindo
Innocente,
Lá vai de repente
Pulando...
Brincando...
Fallando...
No prado co'a flor.

A linda trigueira cançada sentou-se
No verde tapiz;
Mas — logo — um momento de pé levantou-se
Contente e feliz.

— « Travessa menina,
Vem ler minha sina,
Não fujas, vem cá! »
Chegou-se a cigana,
Que engana
Innocente
Com ditos a gente,
Saltando...
Cantando...
No seu patuá.

Que vida de louca! Que amores! Que ditos!
Que voz que ella tem!
Seus olhos são grandes, são pretos — bonitos —
Reluzem tão bem!...

Que momo engraçado!
Seu pé delicado
Mal toca no chão!
Arfava-lhe o seio
De enleio
Innocente!
Olhou-me de frente,
Parando...
Corando...
Scismando...
Travou-me da mão.

Medita enleuada, — talvez vergonhosa, —
Das graças que fez.
Agora tremendo parecê uma rosa
Cahindo de vez!

— « Que sentes, morena?
Acaso tens pena
Que eu morra por ti?
Que sorte, querida!
Que vida,
Innocente!
Viver docemente
Te amando...
Brincando...
Beijando...
Teus labios — aqui! »

Olhou-me raivosa! Seus labios tremendo
De vivo coral

São mudos, não fallam. — Nos ares movendo
Mostrou-me o punhal.

— « Que genio tão forte!
Me dás cruel morte
Por beijos, ó flor?!
Cruza de ingrata!
Pois mata,
Innocente!
Qu'eu saiba sómente,
Te amando...
Brincando
Folgando...
Que a morte é de amor! »

A linda cigana tirando do seio
De clicia um botão,
Fallou ás folhinhas com susto e receio,
Contando-as na mão.

Agora sem medo
Mansinha do dedo
Tirou-me um anel:
Então ja fugindo,
Sorrindo,
Innocente,
Me diz de repente,
Pulando...
Voando
Cantando...
« Serei-te fiel! »

E foi-se a cigana, levando faceira
Na cinta punhal,
Veloz como a ema saltando ligeira
Por serras e val.

A SOMNAMBULA

Alta noite nas trevas perdida
Branca sombra de um'alma sentida
Aerea caminha... caminha á voar!...
Parece a neblina levada do vento.
Da noite ao relento
Phantasma que a mente costuma sonhar!

Lá corre ligeira...
Talvez feiticeira
Quem sabe si o é?
Mas eil-a cançada, que agora parando,
Medita scismando
Ao longe — de pé!

Das estrellas á luz frouxa, escaça
Mais se eleva e medonha se exalça
Nas trevas a sombra que surge acolá!
Cheguemos ao perto... — Meu Deus que mysterio!
Emblema funereo
De negros pezares acaso será?!

Ai! pobre menina!
Gentil peregrina
Desprende o teu véo!
Estatua não falla: seus labios abertos
Murmuram concertos
Dos anjos do céu!

Tem a face sem cor desmaiada,
Meiga rosa talvez desbotada
Em lubricos gozos de immundo prazer!
Dos olhos o lume tão languido, escaço,
Vagueia no espaço
Buscando as estrellas que avista sem ver!

Coitada! que vida!
Tão moça perdida
Dos annos na flor!
Oh pallida sombra de virgem serena!
Incauta açucena,
Tu morres de amor?...

Não responde: nos lábios o riso
Da donzella bem mostra que o siso
Perdera-se em noite de orgia infernal!
Um anjo dissereis da graça cahido,
De todo perdido,
Perdido nas trevas chorando o seu mal!

Oh louca amorosa!
Gentil mariposa,
Não fujas de mim!
Eu quero em teus braços a vida de amante
Passar um instante
Beijando-te assim!

Frio vento soprou-lhe os cabellos,
Desprendidos e soltos e bellos,
Quaes harpas celestes dos anjos de Deus!
São notas aereas o canto da brisa,
Que assim se deslisa
Nas cordas sonoras, voando p'ra os céos!

Que doce belleza!
Se d'alma a pureza
Não desses de mão,
Serias, ó bella, de Deus invejada,
Dos anjos amada
Com louca paixão!

Não importa! ha de amar-te minh'alma
 Co'este fogo que nunca se acalma
 Na tôrva existencia do meu padecer!
 Comtigo abraçado no riso e nas dores,
 Morrendo de amores
 Farei a ventura do nosso viver!

Ai! tremes, suspiras?
 Amante deliras
 De amor que seduz?!
 Oh pallida sombra de virgem perdida!
 Procura na vida
 Um astro, uma luz!

E olhou-me calada chorando,
 E convulsa sorriu soluçando,
 Que o sangue gelar-se no peito senti!
 Idéa de mortos a mente me assalta,
 Eis cresce e se exalta...
 Até que por terra tremendo cahí!...

Que sina! — dormia
 Em noite tão fria
 Correndo a sonhar!
 Estrella nas trevas tremendo, luzindo,
 A pobre sorrindo
 Fugiu-me a voar...

JOSÉ ALEXANDRE TEIXEIRA DE MELLO

IGNOTÆ DEÆ

Quando eu dormir á sombra do salgueiro
 Que em minha cova arrebentar por si,
 Tu, que nem sabes por meus frios cantos
 O que sou, o que fui e o que soffri,

Sobre o meu nome, pobre grão de arêa
Que uma criança arremessou no mar,
Deixa uma gotta, a unica de pranto,
Sobre o meu nome lenta escorregar ;

Como uma per'la que gentil princeza
Dos seus cabellos desprendesse rindo
E aos pés lançasse de voraz mendigo
Que em seu caminho adormeceu pedindo.

Ai ! tu não sabes como o leito é gélido
Aos que no seio as illusões seccaram !
Ai ! tu não sabes como é quente o tumulto
Aos que entre os vivos como um som passaram !

Eu, que por flores suspirei da terra,
Que não dormi por tanta flor do céu,
Que descorei por tanto olhar de fogo,
Coado a furto de zeloso véu ;

Que mergulhei em tanto mar de amores,
E me enxuguei a tanto sol de outomno,
Que vejo o mundo ao pé de mim e durmo...
Despertarei do meu pesado somno.

E quando o mar por alta noite estenda
Lenções de espuma em que se deite a lua,
Aerolithe que incendeia o espaço
Virei banhar de luz a fronte tua.

E quando um dia a tempestade as azas
Por sobre o azul de teu viver abrir,
Eu, da tormenta asserenando o grito,
Virei ao pé do teu dormir — dormir.

À M.

Um dia — estava eu triste e triste em torno tudo —
E tu me perguntaste, a mim que envelheci
Ouvindo palpar teu seio de velludo,
Porque ficava eu triste e mudo ao pé de ti.

Pergunta antes á fonte a dor que a faz carpir-se,
Ao vento que te espalha as tranças fluctuantes
Porque t'as beija assim, calado e sem sorrir-se;
Pergunta antes a ti; pergunta aos anjos antes.

Pergunta á flor que vérga a um pingo de sereno;
A tudo o que é tristonho e sem fallar padece;
Pergunta ao sol que é grande, ao vérme que é pequeno,
Que sina os fez assim, que dor os emmudece.

Pergunta á folha sêcca, ao lirio, á verde palma;
A tudo quanto nasce e vive e soffre e morre;
A tudo o que tem voz, perfume e luz e um'alma;
A tudo o que se affana e para a morte corre;

Que fado os guia assim, pelo arido e maninho
Deserto da existencia em que se estorce a dor;
Pergunta um dia a Deus que poz-me em teu caminho,
Que fez tão longe o sol e fez tão perto o amor.

Eu vi o amor nascer, crescer ao pé de mim
Sem nunca me aquentar a um raio seu siquer!
Eu vi teu seio arfar por baixo do setim...
E as varzeas do destino andei sem ti, mulher!

Pergunta pois a Deus, tu que és tão casta ainda,
Porque suspende um berço ao pé da sepultura!
Pergunta antes a Deus porque te fez tão linda
E poz em mim o amor e em ti a formosura.

E poz assim o amor tão perto da belleza ;
Tão perto da innocencia a compaixão e o dó !
E atou n'um mesmo feixe os risos e a tristeza,
E fez o sol de luz e a mim me fez de pó.

Pergunta pois a Deus porque nos fez assim :
A ti de orvalho e luz, a mim de amor e fel ;
Porque te fez, oh flôr, crescer ao pé de mim
E poz tão junto ao labio a taça do hydromel !

Mas não perguntes nunca, a mim que te amo tanto,
Porque emmudeço ao ver teu seio de velludo,
Tu, flor que abriu de noite o calix do amarantho
De medo de o queimar ao sol que queima tudo !

Si ás vezes penso em ti recordo-me de Deus,
De minha meiga mãe, de tudo quanto amei,
Da terra em que nasci, dos brincos todos meus,
Das dores que soffri, das que inda soffrerei ;

De minha triste infancia, de minha mocidade,
De tudo quanto ha doce e casto e bello e puro !
Enxugo então de novo ao sol da eternidade
As carnes que esfriou-me o medo do futuro.

E lanço-me de novo ao dedalo do mundo !
E penso em gloria e louro e como achal-o e aonde.
Nas mãos abarco a terra, aos pés remexo o fundo
Do mar, — para roubar-lhe as perolas que esconde.—

E aos pés jogar-te tudo a trôco de um sorriso,
Do teu desdem, quem sabe ? ! Adoro o teu desprêso !
Teu odio é meu amor ; é ter, não paraiso,
O inferno ao pé do ceu ! vulcão em gelo acceso !

E em minha mente inferna ideio um mundo á parte,
Que um anjo crystalisa e Deus de amor semeia,
Onde eu durmo comtigo um sec'lo sem gosar-te?
Sem tedio, sem cansaço e sol que queime a areia.

Oh não perguntes mais a mim porque sou triste!
Sou como a alcyon que geme sem saber por que,
Pobre alma de poeta, a quem por dó surriste,
Que já descreu de tudo e em ti somente crê.

JOSÉ DE VASCONCELLOS

JUIZOS DIFFERENTES

Maria e João casaram,
E, como era de razão,
Depois da santa funcção
Para casa regressaram.

A chronica não diz, nem sei de fé,
Se foram de carrinho, nem se a pé.

Pela estrada elles acharam
Um bando de curiosos,
Que d'olhos maliciosos
Noivo e noiva contemplaram.

Tão pouco achei na historia claridade,
Sobre se foi d'inveja ou caridade.

Um cura, um marinheiro e um letrado,
Um toureiro e tambem um jornalista,
Um marido e inda mais uma modista,
Contava a reunião, de que hei fallado.
Cada um disse allí o que pensou,
E isto repetir agora vou.

Cura. — Que Deus os faça felizes
E abençõe a união.

Marinheiro. — Cuidado com os arrecifes,
Não se espete a embarcação!

Advogado. — Essa moça que passou,
É riquíssima e é pobre,
Ao menos emquanto cobre
A legitima que herdou.

Toureiro. — (Disse o toureiro uma cousa...
Que toureiro tão perverso!
Não posso dizel-a em prosa,
E muito menos em verso).

Modista. — Que vestido mal cortado!
Ai Jesus! Ave Maria!
Muito melhor estaria
Se por mim fosse arranjado.

Jornalista. — Quem foram os seus padrinhos?
Em que templo se casaram?
A que horas se desposaram?
De que rua são visinhos?
Queria sabel-o agora
P'ra fazer uma local,
Um bonito madrigal,
Que votaria á senhora.

Marido — E que cara d'alegria
Que leva o recém-casado!
Como se houvesse tirado
Um premio na loteria!
Vais hoje em alegre tom
Sonhando paz e ventura...
Ai! que se a mulher te dura
Tu saberás o que é bom!

AURELIANO JOSÉ LESSA

A CREAÇÃO

Quando tudo era Deus, quando só elle
Pejava o horror do espaço,
Deus disse: — é bom, que surja o Universo,
Recuemos um passo.

Depois co'a dextra contrahindo o vacuo
Informe, e tenebroso,
Deixou cahir o Universo inteiro
No espaço luminoso.

O silencio expandiu-se: era um sussurro
De sublime harmonia;
Hymno da vida, por que o sol gerava
O primitivo dia.

Um chuvaireiro de mundos despenhou-se
Pelos desertos ares,
Como a saraiva, ou como os grãos de areia
Lá no fundo dos mares.

Quodava a terra verde e a lua pallida,
Ia a noite após ellas;
E cahiu sobre as trevas, que fugiam,
Uma chuva de estrellas.

E cometas correram desgrenhados
Quaes profugos do inferno,
Quando aos astros dos confins da esphera
Os decretos do Eterno.

Do seu leito de abysmo o Oceano
Tenta em vão levantar-se:
Vem tombando, mugindo e espumando
Co'as terras abraçar-se.

Abre o condor as azas sobre nuvens
Leviathan dos mares;
E os jubados leões bramindo atrôam
Os échos dos palmares.

Vêm descendo dos montes, debruçados
Como enormes serpentes
Pelas campinas té beber no Oceano
Os rios e as correntes.

Os passaros cantando, a luz da aurora
Floreos botões desata;
A selva freme, a viração murmura
Sussurrando a cascata.

Immovel nos umbraes da Eternidade
Té li o Tempo estava;
Mas após o primeiro movimento
Já veloz caminhava.

Então milhões de mundos e mais mundos,
Céos e céos ao redor
Todos em brado universal cantaram
Hosanna ao Creador.

No meio da harmonia do Universo
Deus despertou o homem,
Lançando sobre a terra um véo de nuvens
Que ao seu olhar o somem.

Co'a dextra incerta tateando os ares
O homem despertava...
Ebrio de vida, os membros apalpando
— Tu quem és?... Perguntava.

Tentou fallar, do peito a voz lhe brota,
E recúa admirado ;
As aves cantam, e o cantar das aves
Escuta extasiado.

Quiz caminhar, correu pela planicie
E galgou as collinas ;
Derrama em torno, ao longe, o olhar vago,
Vê montes e campinas.

Os échos escutou por muito tempo,
Encruzados os braços,
E de lá vem descendo pensativo
Com vagarosos passos.

Debalde as vistas erra pelos troncos
Da nemorosa selva ;
Em vão percorre as grutas, fatigado
Assenta-se na relva.

Pensa, medita, e erguendo-se mais forte
De novo a selva explora ;
Volve, revolve tudo, e o vasio
Do coração deplora.

Subito estaca, palpitante o peito
E co' o abraço aberto...
Estão seus olhos devorando a scena,
Que descortinam perto...

Na borda d'uma fonte crystallina
A mulher se mirava ;
Rubra de pejo, as graças inda núas,
Co'as brancas mãos tapava.

Ria-se á sua imagem ; para ella
Os braços estendia...
Mas vendo a sombra abrir-lhe um terno abraço
Recuava e sorria.

Elle exclama : — eras tu ! E ella fugiu
Co'as faces em rubor...
Não pôde proseguir, cahiu, cahiram
E levantou-se Amor.

O ÉCHO

Quando eu era pequenino
Subia alegre e traquino
Da montanha ao alto pino
Para os échos escutar ;
Suppondo ser uma fada
Que me fallava occultada,
Para ouvir sua toada
Gritava á tóa no ar.

Contava-lhe os meus amores,
Meus segredos, minhas dôres,
E os desejos matadores,
Que eu tinha no coração ;
Eu tinha amores suaves,
Meus segredos eram graves :
Sentia não ser as aves
Que no ar voando estão.

Eu amava a nuvem lisa
Que pelo ar se deslisa,
Amava o sopro da brisa,
Que beija o calix da flor ;
Amava a lua encantada
Com sua côr prateada,
Ora inteira, ora cortada,
Sempre triste e sem calor.

Ouvir do écho eu queria
Todo o nome, que dizia,
Mas o écho repetia
Só das palavras o fim ;
De certo, o mesmo fallando,
Estava o mesmo pensando ;
E o écho me confirmando
Eu ia dizendo assim :

Se o teu amiguinho
Fiel, não te enfada,
Fada,
Vem já responder-me
Com tua voz linda
Inda,
Se as cousas bonitas
Que alguns disseram,
Eram
Verdade ou mentira.
Meu peito esta tarde
Arde,
Por saber se as fadas
Um bello condão
Dão,
Que faz criar azas,
Que se vai volvendo,

Vendo
Jardins d'outras terras,
Cheios de cheirosas
Rosas,
Ao pé d'uma fonte...
Oh ! isto é assim ?
Sim.
Pois dá-me umas azas,
Quero ir á corrente,
Rente,
Ver a mãe das aguas
Que está no profundo
Fundo ;
E ver perto a nuvem,
Que no céu deslisa,
Lisa ;
E ver se as estrellas
São frias, ou quentes
Entes ;
Se ha anjos na lua,
Se o sol tem cabellos
Bellos...
Tu qu'és uma fada
Depressa, responde,
Onde
Acharei taes azas ?
Eu hei de atroar
O ar
Bemdizendo as fadas
Que o mago condão
Dão.
Oh ! tu juras dar-me
Um condão assim ?
Sim.
Adeus, boa fada,
Que o dia s'esvai...

Vai.
Amanhã as azas,
Oh ! não é assim ?
Sim...

MANOEL A. DUARTE DE AZEVEDO

O TROPEIRO

Tambem sou rei ; se tanjo as minhas tropas
Tremem todos a um só dos gritos meus ;
Na terra não respeito mais que as chuvas,
Não dou contas de mim senão a Deus.

Se me cortejam, bem ; tambem lhes tiro
Meu chapéo de aba larga á senhoria ;
Quando não, vou seguindo repimpado,
E meu burro que faça cortezia.

Não sei de classes, mas ninguem me vence,
Que sou filho legitimo de Adão ;
Bastardia não entra-me da raça,
Porque nunca mudei de geração.

Não soffro lérias ; quem quizer que passe,
Mas que não venha me contar façanhas...
Ai delle ! pelas tripas do machinho
Que lhe faço no ventre umas aranhas.

De cima sempre ; e como prova disto
Passo do mesmo aqui publica fé ;
Conheço-me tropeiro ha muitas luas,
E ninguem me vio ainda andar á pé.

Portanto sou senhor: só estremeço
Quando ronca no céu a trovoada;
Sou homem do calor; não amo o frio,
Muito mais quando a capa está molhada.

Sou amigo do ponche e da viagem;
É elle o meu constante companheiro.
E assim vou indo como vão as bestas,
Alegre quando mesmo sem dinheiro.

Amo entretanto os cobres; na taberna
Gosto vel-os rolar sobre o balcão;
Tem muzica suave que penetra
Nas dobras mais fieis do coração.

Tomo o codorio, que não é por isso
Que minh'alma ha de ir parar no inferno;
Não o despenso nunca quando ha calma
Nem quando cahem neves pelo inverno.

Desprezo as moças, mas recebo os beijos
Da caipirinha á beira do caminho,
São doces como o orvalho das boninas
Ou como a espuma do rozado vinho.

Sou rei; amo sómente as minhas tropas,
O dinheiro, o facão e a luz dos céos;
Não temo tentação de excommungados,
Não dou contas de mim senão a Deus.

Nem mais nem menos; é assim que gira
O tropeiro feliz quando caminha;
Anda altivo e soberbo como um frade,
Como a besta que vai co'a campinha.

Alerta, pois! ó tropas de viagem!
Que os nevoeiros sobem já no monte;
É tempo de partir; o sol desponta,
E a serra lá apparece no horisonte.

BRUNO SEABRA

THEREZA

Quem vem da igreja? Thereza
Que foi casar-se... surpresa!
Não esperava este azar!
Nunca me turbara a idéa
Esta lembrança tão feia
De que podia casar!

Que *não cuidei* vejo agora,
Por que m'ó affirma esta hora,
Que inesperada bateu!
Casada! vejo-a casada!
Jesus! como está mudada!
Pois tambem mudarei eu.

Seccai, esp'ranças viçosas,
Immurchecei, perfumosas
Flores, que eu tanto reguei!
Coração, meu pobre filho,
Velho 'stás, segue o meu trilho,
Inruga como inruguei!

Casou-se aquella trigueira,
Que para nós tão fagueira
Se mostrava; já casou!

Aquella mesma Thereza,
Que a correr pela deveza,
Tantas vezes nos cansou!

Olhem como vem pimpona!
É uma senhora dona,
Reparem como ella vem...
Seu marido vem com ella
Todo cheio de cautela,
Que muitos ciumes tem!

Olhai-a, como nos fogue!
Como mais esquivos hoje
Seus olhos fogem de nós!
Agora que 'stá casada...
Não irá mais á latada
Colher as uvas a sós...

Já não veste saias curtas,
Como outr'ora a colher murtas,
Jambos ou maracujá,
Pelos declives dos montes
Ia, e depois vinha ás fontes,
E nós estávamos lá...

V'em? é outra! é outra... olhai-a!
É vestido, não é saia,
Thereza a mesma não é!
E que vestido comprido!
Não deixa ver o vestido,
Nem a pontinha do pé!...

Adeus, senhora Thereza!
Salve o pobre na pobreza,
Que isso não lhe fica bem!

Suberba co'o seu marido,
Suberba co'o seu vestido,
Já não conhece ninguém!

Deixe-se de suberbias,
Lembre-se daquelles dias,
Á sombra dos cafezaes...
Descóra... não tenha medo!
Vá tranquilla que o segredo
De minha boca... jámais...

Jámais... e jámais supponha
Seu marido que a vergonha
Á casa lhe hei de levar...
Jámais, senhora Thereza,
Que eu tambem tenho a certeza
De algum dia me casar.

MORENINHA

- Moreninha, dás-me um beijo?
— E o que me dá, meu senhor?
— Este cravo...
— Ora, esse cravo!
De que me serve essa flor?
Ha tantas flores nos campos!
Hei de agora, meu senhor,
Dar-lhe um beijo por um cravo?
É barato; guarde a flor.
- Dá-me o beijo, moreninha,
Dou-te um córte de cambraia. —
— Por um beijo tanto panno!
Compro de graça uma saia!

Olhe que perde na troca,
Como eu perdera co'a flor;
Tanto panno por um beijo...
Sai-lhe caro, meu senhor.

- Anda cá... ouve um segredo...
— Ai, pois quer fiar-se em mim?
Deus o livre; eu fallo muito,
Toda a mulher é assim...
E um segredo... ora um segredo...
Pelos modos que lhe vejo
Quer o meu beijo de graça,
Um segredo por um beijo!?
- Quero dizer-te aos ouvidos
Que tu és uma rainha...
— Acha, pois? e o que tem isso?
Quer ser rei, por vida minha?
- Quem dera que tu quizesse...
— Não duvide que o farei;
Meu senhor, case com ella,
A rainha o fará rei...
- Casar-me?... inda sou tão moço...
— Como é criança esta ovelha!
Pois eu p'ra beijar crianças,
Adeusinho, já sou velha.

A FILHA DO MESTRE ANSELMO

Mestre Anselmo — sapateiro,
No seu officio o primeiro,
(O primeiro remendão),
Tinha uma filha formosa,
Chamava-se a filha Rosa,
E era rosa em botão.

Como n'um throno assentado,
Mestre Anselmo repimpado
Na tripeça era um sultão ;
Mas, á mingua de freguezes,
Passava mezes e mezes
Sem remontar um tacão.

Um dia o rei da craveira
Nomeia a filha caixeira,
E põe a filha ao balcão :
Acabaram-se os revezes,
Mestre Anselmo tem freguezes,
Já não póde medir mão.

De tão grande freguezia
O mundo todo dizia
Ter ganho o mestre um milhão ;
Não que lh'o dêsse a craveira,
Mas os olhos da caixeira
Que tinha posto ao balcão...

Certo ou não certo o commento,
Por minha vez accrescento,
E tenho *certa razão*...
Mestre Anselmo enriqueceu,
Mas a filha... impobreceu
No *melhor* do seu *quinhão* !...

Quem quizer no seu officio,
De mesquinho beneficio,
Ser rico do pé p'ra a mão :
Tenha uma filha formosa,
E, como o patrão de Rosa,
Vá pondo a filha ao balcão.

J. DE ALENCAR**NICTHEROHY**

LENDA DO RIO DE JANEIRO

PROLOGO**I**

Meia noite. Frouxa a lua
Palleja um céo macillento ;
No largo voga a falúa
Ao sopro de escasso vento.
Arqueja o mar somnolento ;
Na praia a vaga não plange,
Nem a folha a brisa agita ;
Oh ! que offegante mudez !
Como a vida se confrange,
Como o silencio palpita
Nessa mesta placidez !

Mas teu seio arfa e entumece ;
Soluçaste, Nitherohy !...
Porque tua alma estremece ?
Choras tu por teu heroe ?
Não te esqueceram, formosa,
Aquelles tempos felizes ?
Na tarde meiga e calmosa,
Brincava em langues deslises.
A beijar-te leve a face,
Ligeira e subtil ygára,
Que impellia o remo audace,
Do guerreiro Guanabara.

Como era gentil a ygára,
Como era forte o guerreiro!
Jamais o raio affrontára
Outro olhar tão sobranceiro.
Vencia, ao largo, a borrasca;
Na matta o bravo jaguar;
Á enorme baleia a vasca
Nas profundezas do mar,
Levava o braço feroce
Que ao céo desferia a morte
Na longa seta veloce.
Chegára um dia do norte;
A tribu de seus valentes
Deu-lhe patria nesta terra,
E ás selvas lançou frementes
Seu fero grito de guerra:
« Não ha tamoyo que escape
Aos golpes de meu tacape! »

Como era bello e robusto
O guerreiro Guanabara!
No rosto moreno, adusto,
O sol os raios vasára.
Da flexa tinha a esbelteza,
E do negro ibiritan,
Que o aço cospe, a rijeza
Das pennas da jaçanan;
A mão de Cary mimosa
Lhe prendêra, carinhosa
Á espada, rubra arassoia.
Era bello, Nictherohy,
Era grande, tão heroe,
O valente Arariboia!

Tempos, tempos que fugiram,
Saudades da tua infancia!...

Agora em teu mar se miram
Destes paços a elegancia
E as galas da cortezã.
A taba humilde e selvagem
Que ao despontar da manhã
Te saudava entre a ramagem,
Varreu da noite a lufada
Com o folhiço da selva.
A collina avelludada
Ao matiz da fina relva,
Eil-a, de pedra esqueleto.
Que o homem — verme carcome.
A matta o fogo consome
E bulcão de fumo preto
Te envolve como um sudario.
Olha! Na praia bravia,
Lá se eleva solitario
Dentre a negra penedia
O rochedo nú e esqualido.
Como um guerreiro precito,
De vulto sinistro e pallido,
Zomba de ti, Nictheroy,
Com seu riso de granito.
Ah! quanto este escarneo dóe!
Que te vestissem a flor,
A flor do valle ensombrado,
Lindas galas de primor
E o regio manto dourado,
Que d'altiva fronte pura
Tua c'roa de boninas
E teu mastro de verdura
Trancem rosas peregrinas,
Era, terra, o teu destino.
Este solo vigoroso
Attesta o sello divino
No prospecto magestoso.

Nictherohy, da patria minha,
Throno e regaço fecundo,
Fez-te Deus para rainha
De um povo ingente, d'um mundo.
Mas, virgem do mar, perdeste
Doce nome brasileiro!
Como depressa esqueceste
O nome de teu guerreiro,
Do valente Guanabara,
Por um nome forasteiro?
De quem primeiro te amára
Já não és viuva esposa,
Nem mais te lembras, ingrata,
Que em teu seio elle repousa!
Pelo mar que se dilata,
Beijando a terra fagueiro,
O echo só repercute
Fallas de labio estrangeiro.
Ai, que o triste não te escute!

No borbório da praça
Que teu socego perturba,
Todo povo, cada raça,
Tem voz, nessa voz da turba.
Só a lingua do tupy
De teu primeiro senhor
Não se escuta mais aqui,
Às patrias brisas não falla
Nem vibra cantos de amor.
Apenas a rosa-opala,
Flor da face que desbota,
Ou branca e triste gaivota,
Alma nos mares errante
Do indio que se finára
Dizem ao vento inconstante
O nome de Guanabara.

Passai, passai, lindas aguas
Das praias de Nicterohy,
Lançai ao vento estas maguas
Que o tempo tudo destroe.

II

Veleja a falúa. Na proa batendo,
Marulha
A onda pesada, e a espuma fervendo
Borbulha.
Á popa sentado, o velho barqueiro
Dormita ;
No peito curvado o rosto trigueiro,
Sopita.
No mastro sem vento a vela banzeia,
E a escota
O grosso costão, da vaga, que alteia,
Açouta.
O remo esticado na borda plangente
Rangia,
E a tona subtil das aguas cadente
Frangia.
Os quatro remeiros na borda escorando
Se erguêram,
Nos bancos, porém, de novo sentados,
Batêram
A pá que tangia a mão destemida
Retalha
O seio profundo da vaga dormida,
Que ralha ;
Os homens agora o lombo vergáram
Deitados,
Aos ares salvando os remos alçáram,
Crusados.

Da vaga ao compasso um canto soturno
Modulam ;
As vozes, do mar ao quebro nocturno,
Ullulam.

Grande dia vae nascer,
É dia do grande sancto.
De que serve querer tanto
A quem não sabe querer ?
Rema ! Que o vento banzeiro affrouxou.
Eh-lou !...

Hoje é dia de folgar,
Viva São Sebastião !
O' gente, vá se enfeitar,
São horas da procissão !
Rema ! Que o vento banzeiro affrouxou.
Eh-lou !...

A cidade já está perto,
Mais um pucho p'ra chegar.
Menina, esse cós aberto
É capaz de me matar.
Rema ! Que o vento banzeiro affrouxou.
Eh-lou !...

III

Mais livida a lua,
A face velando
De nevoa, fluctua.
Um raio oscillando
Na calva batia
Do velho barqueiro.
A barba tremia

Ao bafo ligeiro
D'um halito breve,
Qual floco de espuma
Que a vaga, de leve
Frizada, reçuma.
O velho sonhava:
Sua alma senil
Aos tempos voltava
Da infancia gentil.

Na terra fremente
O bronze retroa
E o echo dolente
Ao longe reboa:
O velho desperta
E brusco alça a frente;
Olhar turvo, alerta,
Contempla o horisonte.
O braço já tropego
Aos ares remonta.
E, rapido e sofrego,
No mar longe aponta
D'um vulto a figura
Em pé no rochedo.

— É elle!... Murmura
O velho hirto e quedo;
Os outros de medo
Ficáram tremendo;
E mudos de espanto,
Vão já se benzendo.
O velho no emtanto
Solemne se erguia
— Quem é? balbucia
Por fim um remeiro.
E o velho responde

— O indio guerreiro!
— O indio!... Mas onde?...
A lua esmaece ;
Na estranha visão
Absorto, emmudece
O calvo ancião.
Além entre as fragas
Na espuma das vagas
A nevoa assomava
Qual branco phantasma
Que o mar dominava ;
A gente olha pasma,
Tranzida de horror.
Da vaga ao sabor
O barco se embala
E atoa resvala,
Das aguas á flor.

CESARIO DE AZEVEDO

NENIA

Mestre, onde vais? — A tunica da vida,
Que ao sol da primavera destendida,
Começava a brilhar,
Temes que o estio lhe desbote as côres?
Foges do inverno aos frigidios rigores?
— Onde a vais gasalhar?!

O sol do teu viver inda não arde ;
A noite inda está longe, e pela tarde
Tens muito que gozar:

Mestre, não vás! — As flores do teu peito
Não vás amarrotar no frio leito
Da lousa tumular.

Tens muita mocidade... e a morte é fria,
Vai apagar a chamma, que acendia
Teu sangue e pensamento.
Amanhã tua patria ha de chorar-te;
Teus filhos, tua esposa hão de buscar-te
Nesse negro aposento!

A liberdade do paiz, que te ama,
Perde mais um mancebo que se inflamma
Da patria no amor!
Bom soldado da causa do progresso,
Abandonas a luta no começo...
Mas não foste traidor!

Sempre bem vindo nos festins do povo
Eras alli como um talento novo,
De esperançosa sina,
Saudado pela voz do entusiasmo,
Que arranca as turbas da inacção do pasmo,
Quando o genio as domina.

Mestre, não vias? — Ao fervor dos vivas
Que hypocritas feições entre os convivas
Lá estavam de pé!
E a patria, pobre não com os pannos rotos,
Voga entregue nas mãos desses pilotos
Sem destino e sem fé!

Ao menos vás dormir os somnos puros
De uma vida sem trévas, sem futuros,
Sem noite e ventanias.

Vai, mestre! — O sol alli é sempre lindo,
O céu é sempre azul e os anjos rindo
Tem doces melodias.

Embala-se o viver naquelles cantos,
Sem o pungir da dor e o fel dos prantos,
Que desce ao coração!
Pelo halito de Deus embalsamada
Toda alma vive lá arrebatada
Em muda adoração.

Quem pergunta á andorinha, que arribára,
Que céos a pobre ave demandára,
Quando o inverno chegou?
Se uma penna cahir-lhe da plumagem,
Quem já foi perguntar a fresca aragem
Em que sitio parou?

Assim o homem, viajor de um dia,
Se a fronte antes do occaso lhe resfria,
E elle cahe sobre a estrada;
Passam sobre elle, nem perguntam rindo:
Que pobre viandante alli dormindo
Se esqueceu da jornada!

Guardo tua lembrança e o nome qu'rido
Como um recordo desse tempo ido,
Em que tu me ensinaste.
Digo ao povo tambem que o guarde puro,
E ás gerações transmitta do futuro
O exemplo que deixaste.

PEDRO LUIZ PEREIRA DE SOUZA**NUNES MACHADO**

Vai a noite medonha — a lua triste,
Rodeada de nuvens côr de sangue,
Lá corre pelo céu...
Como virgem de amores perseguida
Por demonios horriveis que procuram
Despedaçar-lhe o véo.

A campina s'estende immensa, escura...
E da floresta ao longe na espessura
Braveja o turbilhão!
Quem passasse ouviria a voz dos mortos
Tocar nas folhas e roçar-lhe a face
Pedindo uma oração.

São horas de sonhar! Pallido e triste
Um vulto alli de pé murmura e chora!...
Que sonhos que elle tem!
Dessa cabeça o negro pensamento
Sabem sómente Deus, a lua, o vento,
E mais... e mais ninguem.

Junto d'elle se via denegrada
Lousa funerea, tendo á cabeceira
Signal de redempção!
Passa a noite com todos seus horrores,
Mas não conta o segredo que alli mora,
As cinzas de quem são.

Mas de repente rapido relampago
No céu, depois no ar, depois na pedra
Vermelho reluzio.

Quem pôde lêr o nome do finado
Do relampago á luz? — NUNES MACHADO —
 Escripto alli se vio.

E o peregrino que jazêra mudo
Ouvindo só as notas da tormenta,
 Quando o raio vibrou,
Cruzando os braços, alteando a fronte,
Fitou alguns minutos o horisonte,
 Depois assim fallou :

Este viveu no meio da batalha
E á santa liberdade se abraçou,
Tinha por voz o estouro da metralha
Que palacios e thronos abalou ;
Hoje somno fatal dorme o gigante,
Mas inda vive aqui su'alma errante,
Que o cadaver sómente se destróe :
Ella passa gritando « Liberdade! »
Os ribombos da negra tempestade
São gemidos que sóta o grande heróe.

Oh ! sombra augusta, sombra veneranda,
Despreza nossa pobre geração!
Ella chamou de vil e de nefanda
A bandeira que erguias nessa mão :
Lá nos campos escuros do passado
Tua figura está, Nunes Machado,
Tão grande como é grande um semi-deus!
Elles querem manchar-te o nobre vulto,
Mas tu debes te rir, calcar o insulto :
O gigante desdenha os pygmeus!
Elles querem que rasgue-se da historia
Essa folha — epopéa de valor : —
São blasphemias ! um cantico de gloria
Ha de sempre seguir o lidador.

Oh! revistam-se embora de mil côres,
Podem de braços entoar louvores,
Estendendo o tapete aos pés do rei,
Mas não queiram cuspir do heróe na face,
Pois se a luta algum dia se travasse,
O seu nome talvez marcasse a lei!

A columna de fogo no deserto
Guiava a raça inteira dos hebreus:
Sem ella o caminhar seria incerto...
Pharol acceso pela mão de Deus!
Pezadelo fatal da tyrannia,
O seu nome tambem nos allumia,
Dissipa do futuro a cerração;
Mas o povo esqueceu-se dessas lendas,
Levantou no deserto suas tendas,
E não chega ao paiz da promessa.

Oh! que pezar terrivel não opprime
A frente do valente sonhador!
Se elle falla, quem falla é a voz do crime,
Cobrem-se os rostos de mortal pallor;
E elle passa além, cantando um hymno
E murmura pensando no destino:
« Quando é que avistaremos o Sinai?
E um dia vem que a voz morre no peito,
A terra lhe offerece um frio leito...
O pobre sonhador soluça e cahe.

A vingança depois é muito nobre!
São blasphemias e gritos e baldões!
Na terra fria que o cadaver cobre
Não ha flôres, nem cruz, nem orações!
A raça dos escravos tripudia,
Com esse arrojo vil da cobardia
Mesmo em cima da campa folga e ri!

E ás vezes nem sobre ella o povo chora,
Caminha indifferente, vai-se embora
E não sabe quem é que dorme alli.

Tu, heróe, que viveste grande e forte,
Sempre cheio de crenças no porvir,
Tu que lutaste tanto — até á morte,
Sem no peito a esperança succumbir,
Vem dizer aos soldados do futuro
Que se acaso o horisonte está escuro,
Nem por isso elles devem vacillar;
Vem dar força dos bravos á fileira,
Que elles hão de seguir tua bandeira
E com ella na frente hão de lutar.

Elle devia vir cheio de gloria,
De braços estendidos para nós,
Avivar-nos o sangue e a memoria,
Fazendo retumbar a sua voz.
Oh! diante da sombra o mundo pasma!
Levanta-te dahi, — grande phantasma —
Envolvido no funebre lençol,
E mostra á geração que está corrupta
Como deve lutar, como se luta
Com espada valente á luz do sol!

Levanta-te, vem vêr, nobre guerreiro,
O que neste paiz hoje se faz;
Ha de lêr algum dia o mundo inteiro
Infamia, perdição! nos seus annaes:
Tu que outr'ora bradaste furibundo,
Á face do Brazil, de todo o mundo,
Pela santa bandeira da nação,
O que farias hoje, heróe sublime,
Se é sómente poder — fingido crime,
Liberdade — fingida escravidão?

Elle era immenso, tinha uma esperança,
Era um sonho de gloria e de valor,
E ao mesmo tempo um grito de vingança,
Blasphemia horrivel de pungente dôr!
Tinha planos tambem de f'licidade
Mas lembrou-se da patria e liberdade,
Na peleja medonha se atirou:
Despedaça inimigos, rompe fardas,
Ri do canhão, despreza as espingardas...
Quanto sangue d'escravo derramou!

Era louco por nossa liberdade,
Por ella como um louco se bateu:
No entretanto, cruel fatalidade!
Por mão de um assassino o heróe morreu!
Quanto melhor não fôra, na batalha
Aos gritos pavorosos da metralha
Succumbir abraçado ao pavilhão!
Veria o céu azul enfumaçado,
E de sangue e suor todo banhado
Como um bravo tombára alli no chão!

Mas não choreis, irmãos, se elle está morto
A liberdade ainda está de pé!
Como jazer sem vida, sem conforto,
Se é tão viva e brilhante a luz da fé!
Oh! tyrannos, o deus da liberdade
Quando cahe não vos pede piedade:
Levanta-se mais forte, — é outro Antêu:
Quando um braço valente cahe por terra,
Surgem quarenta promptos para a guerra,
No lugar desse bravo que morreu!

LUIZ DELFINO**CAPRICHOS DE SARDANAPALO**

Não dormi esta noite: — a vida exhalo
N'uma agonia indomita e cruel.
Ergue-te, ó Radamés, ó meu vassallo,
Faço-te agora amigo meu fiel.

Deixa o leito de sandalo: a cavallo!
Falta-me alguém no meu real docel:
Ouves, escravo, o rei Sardanapalo?
Engole o espaço... é raio o meu corcel.

Não quero que igual noite em mim caia:
Vai busca-a; remonta-te ao Himalaya,
Ao sol, á lua... vóa Radamés...

Emquanto a rica Assyria a meus pés acho,
Quero também dormir feliz, debaixo
Das duas curvas dos seus brancos pés.

A CIDADE DA LUZ

A ESCOLA

Vós que buscais a senda da esperança,
Entraí: aqui ha mundos luminosos
N'um céu, que a mão, por mais pequena, alcança.

A alma aqui se refaz de ethereos gozos;
Vindes para o paiz da primavera,
Vós, que deixais os mundos tenebrosos.

Tanta luz aqui dentro vos espera,
Que sahireis estrellas redivivas,
Como as que brilham na azulada esphera.

Almas, das trévas lugubres captivas,
Abri as vossas azas rutilantes ;
Entraí, bando de pombas fugitivas.

Nas curvas destes porticos gigantes
Haveis de ler uma inscripção, que alente
Os vossos vóos inda vacillantes.

É aqui o paiz do amor ardente.
Quem entra, leva um peso aos pés atado,
Como o mergulhador do mar do Oriente,

Que sobe á tona leve e festejado,
E vem de tantas perolas coberto,
Que nem se lembra do labor passado.

Para encravar um eden no deserto,
Fazer um sol de um monte de granito,
E para vêr melhor o céu de perto,

Encostar uma escada no infinito,
Entrar pela estellifera voragem,
Ser razão o fanal, verdade o mytho,

E armado de tenaz, feroz coragem,
Arrasando os enigmas da vida,
Cavar nas trevas lucida passagem...

A isto esta cidade vos convida.
Entraí ; por mais que a noite em vós se note
Terei um astro á frente na sahida.

Da cidade moderna é luz o mote,
Que na porta da entrada arde e flammeja.
Entraí! a escola é cathedral, igreja;
Hostia — a sciencia; o mestre — sacerdote.

AGRARIO DE SOUZA MENEZES

O GUARDA NACIONAL

« Guerra! guerra! » trovejam tyrannos.
« Guerra! » brada o feroz dictador!
Geme o pobre, o miserrimo povo,
E recúa transito de horror!

O que foste, Brazil, e o que és hoje!
Como prestes murchou tua gloria!
Qu' é dos brios, que outr' ora mostraste?
Qu' é dos louros da tua victoria?

Como, ó Patria, cahiste no abysmo
Da politica féra, oppressora?
Como curvas o collo á nação,
De que outr' ora já fostes senhora?!

Pobre terra do meu nascimento,
Já tomaste o vil nome d' — ingrata — !
O teu guarda espontaneo e valente,
Já recebe por premio a chibata!

Decretais essa lei, ó malvados,
Pois o fado sorri-vos gentil,
Mas tremei quando a Constituinte
O seu solio assentar no Brazil!

Nós teremos então de extremar
Vil mentira de pura verdade ;
E do throno, que agora vacilla,
Timbre sempre será — *Liberdade!*

« Guerra, guerra! » trovejam tyrannos!
« Guerra! » brada o feroz dictador!
Geme o pobre, o miserrimo povo,
E recúa transito de horror!

Já lá sôa o clarim do combate,
Já ribomba o estridor do canhão!
Lá se escuta o gemido da patria
Entre as garras da dura oppressão.

Corre, corre valente soldado,
Vai á patria teu sangue entregar ;
Assoberba os furores do tigre
Que só quer o Brazil supplantar.

Ao combate jámais eu irei,
Para inda na paz ser escravo!
Guerra, guerra ao governo tyranno,
Contra elle serei forte e bravo!

Para seres das outras temida,
Ergue o collo, nação brasileira!
Do teu seio repelle os tyrannos,
Que enxovalham a nossa bandeira!

Se tu queres, ó rei, qu'eu m'exponha,
A espada, á metralha, ao fuzil,
Brada já pela *Constituente*
Imperador tu serás do Brazil!

Com chibata, senhor, não iremos
 O teu solio jámais, defender,
 Quem é livre não quer ser escravo,
 Nunca, nunca tereis de vencer!

Como guarda que sou da nação,
 Altaneiro te digo a verdade —
 Se quizeres ser rei do Brazil
 Tem por timbre — *Razão, Liberdade!*

CALABAR

ACTO PRIMEIRO

Casa de Calabar. Pequena sala mal mobiliada. Algumas armas dispersas, e encostadas na parede do fundo. Aqui uma porta, que, ao abrir-se, deixa ver algumas arvores pela extensão de um valle.

SCENA V

CALABAR e ARGENTINA (*pausa*)

CALABAR, *á parte*.

Eis-nos sós. Tanta vez que assim nos vemos...
 E eu jámais lhe disse uma palavra,
 Uma palavra só do amor ardente,
 Que agora em labaredas me incendia!...
 Miserrimo de mim!... perante uns olhos
 Tremo, qual nunca do medonho fogo!...

(*Com pungente exclamação*)

Argentina!!

ARGENTINA, *assustada*

Senhor!

(*Indo a ajoelhar-se*)

Eis-me prostrada
Aos vossos pés!... Aqui quero que desça
O perdão para mim, se sou culpada.

CALABAR, *levantando-a.*

Culpada! que dizeis? ah! levantai-vos.
Culpado fôra Deus, se crime houvesse
Em termos coração!... Eu não te accuso.
Como tu és, são todos. Para amarmos
É que no céu scintillam as estrellas,
É que na terra as flores desabrocham!
Ante o quadro gentil da natureza
Tudo respira amor, amor é tudo.
Deste nosso paiz nas densas mattas
Eu vi as mesmas fêras se ameigando.
Certo dia, na pista do inimigo,
Pelos invios silvedos entranhei-me;
Duas pequenas onças reclinadas
Uma n'outra, lambendo-se, beijando-se,
Eu encontrei alli. Tremendo ao vel-as,
Pude logo fugir-lhes sem ser visto.
Cegava-as o amor, como nos cêga.
Eu mesmo tenho amado, ó Argentina!!
Eu, que nascido á sombra das florestas,
Quasi indomita fêra me suppunha,
Desconhecendo amor, tambem me curvo
Á soberana lei que os entes rege!...
No meio da refrega encarniçada,
Em que só fumo e sangue respirava,
Uma como fragrancia, um doce aroma,

Senti que vinha deleitar-lhe o olfato.
Era uma joven, pallida morena,
Que, como uma visão de amigo sonho,
Tinha ante mim!... Não peza-me dizel-o:
Foi a primeira vez que tive medo!...
E eu nunca lhe disse que a adorava!
Nunca, Argentina! os labios do mulato
Temeram descerrar-se! Quem dissera
Que as suas vozes fossem escutadas,
Que os seus protestos fossem attendidos?...
Como ao leão das selvas, um rugido
Era o unico som que lhe escapava!...
Então valeu-me o amor duro da guerra!
Como um suspiro — escuto os sons estridulos
Dos ferros que se batem no conflicto!
Como um olhar furtivo — a luz vivace
Do fogo que nas laminas reflecte
Como a luz do relampago nos mares!
Como uma nota angelica e magoada
De labios de mulher, o arquejo extremo
Do moribundo em vomitos de sangue!
Como o perfume roseo da corôa
De nupcias, o bafo pestilente
De cadaveres mil que enchem os campos!
É um amor horrivel! não? Embora.
Assim o quer a sorte, assim o queres,
Tu, Argentina!!

ARGENTINA

Que! meu Deus! que escuto?
Que me dizeis, Senhor?! Não vos entendo...

CALABAR

Assim deve de ser! Linguagem nova
É esta que me ouvis! Pois bem, senhora;

Resumindo o que sinto neste instante,
Direi por fim com a força de minh'alma :
Argentina, eu te amo!!...

ARGENTINA, *estremecendo*.

É impossivel!...
Oh! meu Deus!... soccorrei-me!... estou perdida!...

CALABAR, *brandamente*.

Perdida!... que disseste?... Nos meus braços
Já receiaste os golpes da fortuna?
Já te dobraste ao sopro da tormenta?
Linda, mimosa flor, quem te ha valido
Nestes amargos transes da existencia?
Quem te ha prestado a sombra caroavel
A que foges do sol, que as flores cresta?

(*Mudando de tom*)

Será que me despreses, Argentina?!
Será que sejas de outro?!... Oh! desvario!...

(*Comsigo mesmo*)

Ameia-a como pai!... foi um engano :
Era outro amor o que eu lhe consagrava!
Ante ella emmudeci... fatal silencio!...
É tarde agora!...

(*Com força*)

Ou sempre havia sel-o?!...
Astro horrendo luzio sobre o meu berço;
É negro, como era, me imprimira
A sua côr!... Assim nascê o mulato!...

(*Arrebatadamente*)

E tu, mulher, me julgas pelo rosto,
Ou pelo que por ti hei praticado?!...
Decide-te!...

ARGENTINA, *com angustia.*

Senhor!... quereis ouvir-me
Palavras que não devem, que não podem
Retratar fielmente o que ora sinto?!...
Que valêra dizer-vos que vos amo,
Se ha muito o coração hei dado a outro?...
Perdoai-me... talvez sou criminosa...
Porém maior delicto certo fôra
Mentir a quem merece-me a verdade!...

(*Com candura*)

Mas eu vos amo... Sim, eu vos adoro ;
Adoro-vos, senhor, como uma filha
Que por seu pai a Deus constante roga!...

CALABAR

Basta, basta, por fim... O subterfugio
De que vos soccorreis, quasi me indigna!...
Que quer dizer, senhora, o amor de filha?...
Ephemero e fugaz como o sorriso
De labios infantis, pobre de aroma,
É desbotada flor, que n'um só dia
Nasce pela manhã, e á tarde morre!...
Falta-lhe a seiva, o orvalho matutino,
O ardor do sol... A seiva é a esperança,
Que faz reverdecêr flores já murchas...
O orvalho... são as lagrimas sentidas
Que verte o coração, nadando em goso...
O ardor do sol é a chamma bemfazeja

Que, rebentando d'alma, a vida aquece!...
 Eis o amor que desejo... ardente e forte,
 Irrequieto e audaz como o oceano,
 Grande, infinito, immenso como o espaço!...
 Eu vi a luz á sombra das florestas,
 Onde o vento sibila e a féra ruge!...
 Criei-me ao som das vagas espumantes,
 Que lutam peito a peito co'os rochedos!...
 Hoje, adormeço ao pé de annosos troncos,
 Ou escutando o silvo das serpentes,
 Ou recordando a orchestra das batalhas!...
 Meu amor deve ser como o meu genio,
 Como o meu coração, como a minh'alma!...
 Soberbo e altivo, indomito e tyranno,
 Que uma vez posto em lucta, ou vence ou morre!...

(*Moderando-se*)

Mas eu não quero impor-te os meus affectos,
 Não, Argentina... Quero que me falles
 Co'a voz da candidez que te ennobrece...
 Não me amas como pai?... Pois bem: escuta.
 De placido e suave que nascera
 Esse bom sentimento, que me votas,
 Muda-lhe facilmente a natureza;
 Crê-te esposa, deixando de ser filha!—
 Dá-me um riso de amor... sim, Argentina...
 Que lagrimas de amor te tenho eu dado!...
 Dize... dize...

ARGENTINA, *timidamente*.

Senhor, um juramento
 Ante os céos, ante Deus... me liga a Faro...
 Perdão...

CALABAR, *exaltado*.

Perdão!... Maldito o que perdôa
 Quem o condemna á morte nesta vida!...
 Perdão!... e para quem?... para esse indigno,
 Esse vil e covarde aventureiro,
 Que além da patria as affeições me rouba?!
 Traidor!... infame!... Longe dos perigos,
 Longe da guerra, em ocio criminoso,
 Deixando a espada — qu'inda mal lhe deram —
 Enferrujar-se dentro da bainha,
 Vem perturbar os sonhos innocentes
 De uma virgem tão bella, e seduzil-a!...
 Perdão!... e para quem?... p'ra quem dictou-me
 A sentença fatal que me aniquila?!
 P'ra ti, que neste instante, me respondes
 C'o um desengano atroz?!...

(Pequena pausa)

Pois bem, senhora :
 Antes assim, conheço o meu futuro...

(Com amarga ironia)

Sereis feliz ; não é?... Nos braços-delle,
 Vereis brilhar no céo lindas estrellas,
 E rebentar do chão mimosas flores!...
 Do passarinho o canto matutino
 Irá vos despertar no roseo leito!...
 Á noite, quando a lua prateada
 Espargir seu clarão por sobre a terra,
 Ou nas margens de um rio, ou nas collinas,
 Desprenderéis suspiros, brandos, ternos,
 De amor e de esperança!... Unidos ambos,
 Ambos ligados por um laço eterno,
 A mesma sorte levareis no mundo

De goso e de ventura!... Então lembrai-vos
De Calabar maldito!... Aos céos por elle
Uma oração singela e piedosa
Vós mandareis de certo...

ARGENTINA, *com aprasimento.*

Oh! sim... de certo.
Por vós, por vossos dias...

CALABAR, *atalhando.*

Por minha alma,
Por minha alma!... que então serei já morto!!

ARGENTINA

Oh! não, jámais, jámais... Deus ha de ouvir-me.
Vós...

CALABAR, *idem.*

Irei para a guerra em continente!...
Mais bravo que um leão, mais indomavel
Que um tigre, as minhas garras afiadas
Irei pregar no peito do inimigo!...
Depois, cansado já de acerba lida,
Em que derramarei um mar de sangue,
Virão tomar-me fraco, sem alentos,
E me farão subir o cadafalso!...
Irei tranquillo, placido, e sereno,
Não duvideis, senhora... irei contente!...
Vosso amante ha de ter já succumbido!...
Não sereis minha, não?! não sereis delle.

ARGENTINA, *aterrada.*

Meu Deus!... meu Deus!..

(*Ajoelhando-se*)

Senhor, por piedade!...

Dizei-me que mentis... que tão perverso
Ah! não sereis assim... que a vossa filha
Não matareis, meu pai! oh! sim, dizei-me...

(*Pequena pausa*)

Mudo estais? oh! então...

(*Com firmeza*)

Sois um tyranno!...

Se mal vos fiz, em mim deveis punil-o...
Eis-me ante vós, descarregai o braço!
Feri-me, se podeis... quem vos impede?...
É meu o crime?... seja minha a pena!
Uma fraca mulher nunca fez medo...
Tendes-me aqui, não fujo... Valoroso,
Intrepido guerreiro, erguei a espada!...
Cravai-a neste peito criminoso!...
Avante! avante!... Falta-vos coragem?
Nunca se ouviu que Calabar tremesse...
Eia, senhor, matai-me!...

CALABAR

Nunca!... nunca!...

Morto fui eu por ti... que mais tu queres?
Elle o será por mim!... Morte por morte!

ARGENTINA, *à parte.*

Como salvá-o, ó Deus?!...

(*Pausa. Alto.*)

Pois bem, ouvi-me:

De mim, dissestes, pende a vossa vida...

Vós me amparastes... Sou-vos devedora!...
 Bem o conheço... Então nm só instante
 Dai-me p'ra meditar... depois...

CALABAR

Que dizes?
 Sim, Argentina, vai... Oh! esperança!...
 Tomas de novo posse da minh'alma...
 Eu espero por ti...

(*Argentina, sahe*).

ACTO TERCEIRO

Interior da Fortaleza do Rio Grande. No fundo, correm dous muros, inferior e superior, unidos por uma ponte de taboas, em seguida da qual desce uma escada até á scena. Ao pé do superior cujas ameias se avistam, está uma guarita. Em baixo, na scena, um banco comprido, e uma mesa velha.

SCENA IV

JAGUARARI, e depois CALABAR

JAGUARARI, *só*.

Vai, nobre mancebo;
 Tão nobre como os teus antepassados,
 Como foram os lusos de outras eras!...
 Os de hoje... oh! já não vivem para a gloria;
 Perverte-os a cubiça, a sêde de ouro...

(*Pausa*)

Quem me dará noticias de Argentina?...
 Pobre filha, tão bella e tão formosa,

Tão infeliz!... Quem sabe se inda existe?...
 Oh! pesada existencia a que hei levado!
 Oh! miserrimo pai que tenho sido!...

(Cae com desanimo em cima do estrado, e deixa pender a cabeça. Calabar, galgando as ameias do forte, salta com cautela, e vai até á guarita.)

CALABAR, *espreitando.*

Está sem sentinella... eu já previa.
 Que silencio!... Está tudo solitario.
 Se não o encontro...

(Avistando Jaguarari)

Um homem!... será elle?...

(Desce a escada de vagar)

E força aventurar-me... Prosigamos.

JAGUARARI

Sinto passos...

(Levanta-se)

Quem é?...

(Vendo Calabar)

Tupá!... que vejo?...

Calabar!... Calabar!!... Será possivel?...

CALABAR

Jaguarari!...

JAGUARARI, *com alegria.*

Depressa... nos meus braços...

(Abraçam-se)

Vejo emfim um amigo de outro tempo:
Um fiel companheiro de batalhas,
Um leal e constante...

CALABAR, *atalhando*.

Oh! não prosigas...
Eu nada sou, medindo-me contigo...
Mas, primeiro, dirás: onde esta gente,
Que deve defender a fortaleza?...

JAGUARARI, *distrahido*.

Quantos mezes lá vão que não nos vemos!...
Dize-me, Calabar, oh! sim, depressa,
Tens visto minha filha?... Onde está ella?...

CALABAR

Não sei... não sei... parece...

JAGUARARI, *ancioso*.

Acaba, acaba...

CALABAR

Parece que partio...

JAGUARARI, *aterrado*.

Partio!... p'ra onde?...

CALABAR

Não sei dizer... ignoro...

JAGUARARI, *com angustia*.

Oh! desventura!...

Já m'o dizia o coração presago!...

(*Cahe no estrado. Pausa*)

CALABAR, *com intenção.*

Quantos males te hão feito os portuguezes!...

JAGUARARI, *com pesar.*

É verdade... é verdade!...

CALABAR, *continuando.*

Em campo aberto

Foste com a tua tribo defendel-os,
Foste ajudal-os a ganhar victorias;
Depois, estás por elles condemnado
A respirar sepulto em vil masmora!...

JAGUARARI

Dizes bem, Calabar!...

CALABAR

Por muitas vezes

Pendeu de ti a sorte do combate,
E sempre, com teu animo esforçado,
Seguraste o triumpho aos lusitanos;
Hoje estás expiando o teu delicto,
Delicto que traduz-se por coragem,
Por feitos de valor, de heroicidade!...
É muito ingrata a gente a quem serviste!

JAGUARARI

Muito, muito!...

CALABAR

Por elles esqueceste,

Por elles renegaste os sãos prazeres,
Que o indigena desfructa á sombra amena

Dos nossos bosques, longe das insidias,
Da maldade dos homens; como homem,
Sacrificaste o pai, perdeste a filha!

(Jaguarari põe as mãos na cabeça)

Depois deram-te o premio dos sicarios,
O ergastulo perpetuo, o horror, a morte!!...

JAGUARARI, *levanta-se com impeto.*

É uma sina horrenda!!

CALABAR, *com firmeza.*

É uma infamia!!...

(Pausa)

JAGUARARI, *placidamente.*

Prosegue, Calabar...

CALABAR

Quem nos escuta?

JAGUARARI

Quem?... O Governador não póde ouvir-nos.

CALABAR

Elle onde está?...

JAGUARARI

Eu sei?... e que te importa?...

CALABAR

Não quero que me veja...

JAGUARARI

E que motivo?...

CALABAR

Sabel-o-has, depois. Ouve primeiro:
Preciso que me digas, como amigo,
Quanto val o presidio deste forte.

JAGUARARI

Val o governador, que vale nada,
Um joven capitão, que vale muito,
E um preso, que sou eu.

CALABAR

Porém as portas
Estão todas trancadas, e por isso
Resolvi-me a subir pelas ameias.

JAGUARARI

Foste atrevido, e mais que temerario!...
Jámais houve quem tal emprehendesse.
E que forte razão pode impellir-te
A tão grande perigo?...

CALABAR

A de fallar-te.

JAGUARARI

Então sabias que...

CALABAR

Que estavas preso.

JAGUARARI

E o porque, não sabes?...

CALABAR

Sei de tudo.

JAGUARARI

Então... que vens fazer?...

CALABAR

Persuadir-te

A acompanhar-me.

JAGUARARI

Do General?... Que !... Trouxeste ordem

CALABAR

Dispenso-a.

JAGUARARI

Que disseste?...
Que quer isto dizer?... Eu não te entendo...

CALABAR

O General e a ordem nada valem
Diante da vontade inabalavel
De Calabar !... Entendes?...

JAGUARARI

És um louco.
Ainda não perdeste essa ousadia,
Que tanta vez custou-te muito caro?...
Inda és revel aos teus superiores?...

CALABAR

Jámais os tive em animo e vontade ;
Hoje nem mesmo os tenho em jerarchia.
Sou livre como as ondas do oceano,
Como o sôpro dos ventos no deserto !

JAGUARARI, *ancioso.*

Calabar, Calabar, o que fizeste?...
O que és agora?...

CALABAR

Um transfuga !

JAGUARARI

Que escuto?!...
Que escuto, oh ! gran Tupá?!...

(Pausa)

Tu desertaste?!...
Foste traidor aos teus, traidor á patria?!...

CALABAR *(amargamente)*

A patria ! a patria!... é sempre vil escrava !
Victima da cubiça e da rapina,
Nós pugnamos por ella, e os lusitanos
Supplantam-lhe a cerviz, como senhores.
Os meus sómente são os brazileiros ;
Sois vós, vós os indigenas da terra,
Senhores natos de um paiz immenso,
Reduzidos a servos de estrangeiros!...

JAGUARARI

Calabar ! Calabar !...

CALABAR

Não me respondes?...

Que jus tem ao Brazil os hollandezes?
 Nenhum, dirás: nenhum, direi contigo:
 Pois assim são também os lusitanos.
 Aventureiros ambos, alentados
 Só pela sêde de ouro e de riquezas,
 Ambos querem mandar pela conquista!
 Hollanda e Portugal são nesta guerra
 Abutres esfaimados que se agarram
 Por sugarem o sangue do gigante!

JAGUARARI

Calabar! Calabar!...

CALABAR

Não me respondes?...

Quem é Jaguarari? Bravo guerreiro,
 Que, não por si, combate por estranhos!

JAGUARARI, *no mesmo tom.*

Quem és tu, Calabar?...

CALABAR

Um vil escravo
 Que serve a quem melhor o recompensa!...

JAGUARARI

Tremo, tremo de ouvir-te!...

(*Pausa*)

E o que tens feito?...
 Que louros, Calabar, tens recolhido?...
 Que gloria? que renome?...

CALABAR

Isto é um sonho
P'ra quem, como nós outros, tem vivido
Sujeitos ao poder do captiveiro.
Renome tem o que liberta a patria,
O que lhe arranca o jugo de tyrannos!
Que tenho eu feito? Tudo que é possível;
Tudo que faz um tigre desesp'rado,
Famelico, voraz, sanguisedento!...
Em frente dos ferozes hollandezes,
Hei parecido o anjo do exterminio,
Ceifando vidas, espalhando mortes!...

(*Com emphasis*)

Perante nós, de um panico tomada,
Iguarassú revolve-se no saque;
Soffre profanações e crueldades;
E, quando já vazia de despojos,
Recebe o fogo que a reduz a cinzas!!...

JAGUARARI, *com força*.

Foste tu, Calabar!!...

CALABAR

Rio Formoso
Guarda cinco navios carregados,
Que ao portuguez os animos altêam:
Chegamos nós, soltamos a metralha,
E vão a pique se afundar no pégo!...

JAGUARARI

Foste tu, Calabar!!...

CALABAR

Em continente,
 Ganhamos os trophéos nos Afogados ;
 E — mal Rimbach succumbe na peleja! —
 A ilha audaz que rende-se á conquista,
 É Itamaracá! Nas Alagôas
 Ateamos sem dó um incendio horrivel!...
 Ainda ha pouco, em frente á Parahyba,
 Dez navios submergem-se no abysmo,
 Mil cadaveres boiam sobre as ondas!...

JAGUARARI, *com explosão.*

Foste tu, Calabar?!...

CALABAR, *com ancia.*

Não m'o perguntes!...
 Fui eu, Jaguarari, sim, fui eu mesmo!...
 Foi este braço quasi amortecido,
 Foi este coração quasi gelado!...

(Pausa. Mudando o tom)

Estás disposto, ou não, a acompanhar-me?...

JAGUARARI

Não!... É melhor morrer. Prefiro a morte.
 O arco dos indigenas se dobra,
 A alma nunca!...

CALABAR

Enganas-te, guerreiro:
 O indigena correu aos nossos braços.
 Os Janduis em tribu numerosa,
 Combatem pela causa dos Flammengos.

JAGUARARI

Os Janduis?!... Que dizes?...

CALABAR

A verdade.

E tu, eia, decide-te!... partamos...

JAGUARARI

Não!

CALABAR

Queres que a fortuna te abandone?...

JAGUARARI

Sim!

CALABAR

Oh! velho!... e a filha que procuras?...

JAGUARARI, *afflicto*.

A filha?! a filha?!...

CALABAR

Sim, a tua filha...

Parte comigo, que a verás em breve...

JAGUARARI

Tu dizes, Calabar?... Mas essa filha
Partio, disseste...

CALABAR

Foi uma surpresa
Que aprouve-me fazer-te. Queres vel-a?...

(Segura Jaguarari pelo braço, e sobe com elle a escada, que leva á muralha. Aponta para baixo.)

Eil-a alli!...

JAGUARARI, *exclamando.*

Oh! Tupá!... Minha Argentina!...

ARGENTINA, *de fóra.*

Meu pai, meu pai!...

(Jaguarari, descendo com pressa a escada, pára subitamente no meio da scena, denotando luctar com sentimentos oppostos. Pequena pausa.)

CALABAR, *batendo-lhe no hombro.*

Sigamos...

JAGUARARI, *com heroico esforço.*

Não.

CALABAR

Que dizes?...

JAGUARARI

D'aqui p'ra defender a minha gente!...

CALABAR

Então, Jaguarari, vais ver agora
 Como se rende mais a fortaleza
 Do Rio Grande.

*(Sobe a escada, e do alto das ameias dá um signal
 para fóra, tocando uma pequena corneta, que
 trazia pendente do cinto.)*

JAGUARARI, *comprehendendo, com força.*

Calabar, suspende!...
 Pára, traidor!...

*(Correndo a scena. Ouve-se um sussurro de vozes
 da parte exterior)*

Soldados, apressai-vos!...

(O barulho augmenta progressivamente.)

EPIPHANIO DE BITTENCOURT

N'UM ALBUM

O homem é como a ave, que, aquecida
 Sob a aza maternal, fugio um dia
 E o ninho abandonou,
 A grata sombra d'arvore querida,
 Do trinar das irmãs a melodia,
 E nem sequer chorou!

A essencia inebriante de mil flores,
A fonte do deserto crystalina
 Onde a sêde estancava,
Onde a lympha murmura em tom d'amores,
Onde se mira a estrella matutina,
 Onde o sol se espelhava.

E a brisa que a beijava docemente,
Toda perfumes, toda melindrosa,
 Arfando de prazer...
Tudo esqueceu o passaro! sómente
Porque viu uma nuvem caprichosa
 Em lindo amanhecer!

Com franjas de ouro em rumo do oriente
Uma nuvem de rosas matizada
 A seduzio apenas,
Ella a sombra seguiu-lhe refulgente...
— Sua mãe ficou só e abandonada
 No bercinho de pennas!

Ficou — só como o tumulo gelado
Que o tronco do cypreste ao cemiterio
 Só tem por seu irmão!
Ficou — só — como um cirio descorado,
Que luz n'um templo ás sombras do mysterio
 Da noite á solidão!

E a filhinha sumio-se no horisonte...
E errou de clima em clima fugidia,
 Atravessando os mares:
— Uma vez recordou a antiga fonte,
Sua mãe que talvez longe gemia,
 E chorou de pezares!

E olha tudo em redor no estranho clima,
Arvores novas, céo mais carregado,
E tardes sem languor...
Uma aurora sem brilho a desanima;
Lembrou-se do seu ninho abençoado,
Das tardes do Equador.

E volta para a patria; azas desata
Sobre o ether azul, que a patria a chama,
A floresta — seu lar!
Oh! a terra estrangeira quasi a mata,
Lá o inverno que perpetuo brama,
E a podia gelar!...

O homem é como a ave que anda errante
E suspensa n'altura co'a plumagem
Os espaços devassa;
Feliz d'elle — cançado viajante —
Se depois das fadigas da romagem
A sua mãe abraça!...

Se não depára nos tristonhos ermos
Cruz de braços abertos vigiando
Negro claustro de paz!
Se não lê já lavrado em aureos termos
Um nome... qu'elle está adivinhando
Sobre a pedra... « *Aqui jaz...!* »

Mancebo, tu já viste outros paizes,
Outros céos, outras zonas differentes,
Hoje estás em teus lares,
Mas tua estrella foi das mais felizes
— Encontraste teus velhos pais contentes
Na terra dos palmares!

O cantor que estas linhas fugitivas
Traça nas laudas de teu livro de ouro
 Saúda o viajor!
— Que tu sejas ditoso em quanto vivas!
Que conserves o teu melhor thesouro
 De tua mãe o amor!

TRAJANO GALVÃO DE CARVALHO

SOLÁO

JOVINO

(O SENHOR DE ESCRAVOS)

JOVINO

O' crioula, esses teus olhos
De luz tão meiga e lasciva,
São quaes pombinhos que trazem
De amores terna missiva.

CEZARINA

Ai pobre de mim coitada,
Que sou negra e sou captiva!

JOVINO

És captiva, mas dominas,
Tens da belleza o condão:
Eu sou branco, mas captivo
Hei no peito o coração.

CEZARINA

Vou cumprir minha tarefa,
Tres arrobas de algodão.

JOVINO

Alli na matta ao murmurio
Do regato que deriva,
N'um leito molle de relvas
De seres fôrra quem priva?

CEZARINA

Ai! triste de mim coitada,
Que sou negra e sou captiva!

JOVINO

Hei de pôr-te de sapatos,
Luvas de seda na mão,
Se quizeres ouro e per'las
Não pedirás nada em vão.

CEZARINA

Vou cumprir minha tarefa,
Tres arrobas de algodão.

JOVINO

És escrava — serás livre,
Erguerás a frente altiva
Entre os que ora te desprezam,
Se me não fores esquiva!...

CEZARINA

Ai! triste de mim coitada,
Que sou negra e sou captiva!

CANTO II

Já os caminhos se escurecem
Da matta co'a sombra espessa,
Vem as negras uma a uma
Com seus cofos na cabeça.
Qual cantando vem alegre,
Qual mais velha vem gemendo,
Qual em tom sentido e grave,
Tristes cantos vem tecendo.
Ante o feitor se pesaram
Mil arrobas de algodão :
E ao duro lidar do dia
Succede o duro serão.

JOVINO

O' feitor, lá no terreiro
Forma toda a escravatura !

FEITOR

Olá! cheguem-se todos,
Aqui houve travessura...

JOVINO

Mande vir cordas e banco,
Seja o castigo exemplar...
Sai á frente, Cezarina,
Vai-te no banco assentar.
Faceira, esquiva e donzella...
Ninguem me peça por ella.

CEZARINA

Meu senhor, por piedade,
Por amor do vosso pai!
Sou castigada sem culpa.
Meu senhor, ah! perdoai!

JOVINO

Faceira, esquiva e donzella,
Ninguem me peça por ella.

CEZARINA

Eu dei conta da tarefa,
Nunca fiz mal a ninguem,
Sou humilde e sou creança,
Tanto odio donde vem ?

JOVINO

Faceira, esquiva e donzella
Ninguem me peça por ella.

ANTONIO

Jorra o sangue, insopa a terra
Olhe... a pobre vai morrer...
Minha filha!... o que inda falta,
Meu senhor, eu vou soffrer !

JOVINO

Faceira, esquiva e donzella...
Ninguem me peça por ella.

ANTONIO

Meu senhor, eu nada valho,
Ah! sou negro... mas sou pai ..
Por amor dos vossos filhos
Oh! meu Deus, ah! perdoai!

JOVINO

Faceira, esquiva e donzella...
Ninguem me peça por ella.

CANTO III

Apoz os cães que ladravam
Na floresta escura brava
Jovino, abrindo caminho
Co' o facão, lá se embrenhava!...

JOVINO

Hekô! meus cães bons de raça!
Heis de me dar muita caça!...
Parte dos cães á direita,
Parte á esquerda latiam;
A um lado pende Jovino,
A outro os negros corriam.

JOVINO

Hekô! meus cães bons de raça!
Heis de me dar muita caça!
E no meio da espessura
Do emaranhado cipó,
O senhor de mil escravos
De repente se achou só.

JOVINO

Hekô! meus cães bons de raça!
Heis de me dar muita caça!

JOVINO

Quem vem lá, quebrando o matto,
Olá! quem é que está hi?

ANTONIO

Tu andas após das antas,
Mas eu ando após de ti!...

JOVINO

Antonio — o negro fugido...
Tu, infame calhambola!!
Nem mais um passo ou desfeixo
Sobre ti esta pistola!!
Busquei-te por toda a parte
Ora sim hei de amarrar-te.

ANTONIO

Amarrar-me?... isso é mais fino...
Bala tambem aqui ha.
Vós estaes a descoberto,
E eu atraz de um jatobá.
 Branco só vós é que sois;
 Mas homens somos nós dois.

JOVINO

Como? oh negro! pois atreves-te,
Ousas um branco attacar?!
Meus negros aqui não tardam,
Pensas tu que has de escapar!
 Busquei-te por toda a parte
 Ora, sim, hei de amarrar-te!

ANTONIO

Se um brado só levantardes
Morto vos deitarei já!
Vós estaes a descoberto,
E eu atraz de um jatobá...
 Branco só vós é que sois;
 Mas homens somos nós dois!...

Treme Jovino de colera,
Dos beiços sangue lhe corre.

JOVINO

Pois que o queres, insolente,
Infame, captivo morre!...
 Busquei-te por toda a parte;
 Mas agora hei de matar-te.
Raivoso desfecha o tiro,
Risadas o negro dá...

ANTONIO

Vós estaes a descoberto,
E eu atraz de um jatobá.
 Branco só vós é que sois;
 Mas homens somos nós dois!

CANTO IV

Dão-se tiros no terreiro,
Tangido ronca o tambor,
Vinte negros battem matto
Em procura do senhor:
 A caçar elle sahiu,
 Nunca mais ninguem o viu

E aos negros que veem do matto
Perguntam: qu'he do senhor?
Respondem tristes, limpando
Da negra testa o suor:
 A caçar elle sahiu
 Nunca mais ninguem o viu!...

F. DIAS CARNEIRO

PELO ITAPICURÚ

A tarde era bella; — sopravam macias
As brisas; — tardias
Rolavam-se as nuvens do espaço no azul.
As sombras cahiam do outeiro visinho; —
Ninguem no caminho; —
O rio sosinho; —
A margem de areia; — o chão sem paul.
As folhas se agitam; — o remo estridente
Fere a agua dormente...
Eis passa uma barca ligeira a correr.
As vezes um surdo gemido se ouvia;
A quilha tremia;
A areia rangia
E a barca cingrava sem nunca empecer.
As aves já dormem; o som que rebenta
É voz scmnolenta
D'algum passarinho desperto ao remar:
As garças somente se encolhem de frio
À beira do rio,
Fitando o sombrio
Silencio das aguas no lento escoar.
Seus galhos pendentes a velha engaranna
Balança de ufana
Ao sopro dos ventos — ao fresco do val:
E os ramos mais fortes nos troncos ferrados,
Gemendo curvados,
Os fructos pesados
Atufam nas ondas do puro crystal.

E a barca passava. — O sol no horisonte
Por cima do monte
Seus ultimos raios a pouco vibrou :
E a tarde mais bella nos ares se arreja
Do brilho que a teia
Das nuvens roseia
Nas orlas do espaço que o sol despresou.

Silencio! escutemos, — ás prestes arfagens
Da barca, — ás aragens, —
Aos silvos das garças que espanta o rumor, —
Aos remos que espumam entôa orgulhoso
Seu canto amoroso,
Vulgar, mas saudoso,
Dos rudes barqueiros um bom trovador.

— Já vejo as altas palmeiras
Dos bosques da minha terra ;
Meus barqueiros, cerra ! cerra !
Té chegar no meu sertão :
Tenho saudade das noites
Que só goza o sertanejo,
Ha bem tempo que não vejo
Desafio no serão.

Quero ver de novo as varzeas
Onde pasta o bizerrinho,
Onde occulto no caminho
Canta á noite o jacamim :
Quero gozar essas brisas,
Que passam sobre a lagoa
Pelas margens, que povoa
Sem cultura alvo jasmim.

Quero ver pelas montanhas
O lento pingar do orvalho,

Se embebendo no cascalho
Como nos seios de irmã —
E as flores além nos valles
Mais perfumes exhalando
Nas azas da aragem — quando
Das nuvens desce a manhã :

Quero ouvir também á tarde
Quando o silencio penetra
A doce voz que interpreta
Dos bosques o encanto e a dôr :
Quero ver do alto rochedo
No horisonte de palmeiras
De palhas por entre esteiras
O sol rodando ao se pôr.

Tenho saudades das festas,
Que fazem na minha terra,
Onde a viola na serra
Seus harpejos vai soar :
Quando a lua côr de prata,
Nos serões da cercania,
Correm versos á porfia
Como as ondas sobre o mar ;

— Onde a bella sertaneja,
Vergonhosa e feiticeira,
Puxa a dança por fieira,
Como aqui não sabem não :
E lançam meigos, serenos,
Seus olhos tão indolentes,
Que de amores innocentes
Fallam vivo ao coração.

Já sinto meu peito alegre
Mais folgado nestes ares,

Este céu longe dos mares
 É mais terno e varonil:
 Por aqui já se respira
 O agreste aroma das flores,
 Que matizam de mil cores
 Os campos no mez de abril.

O viço deste arvoredos,
 O cahir destas folhagens
 E o rumor destas aragens,
 De flores tocando o chão,
 Tudo isto é já sertanejo,
 Meus barqueiros, cerra! cerra!
 Té chegar na minha terra
 Que eu só vivo no sertão.

O verso e a harmonia que cantam da prôa
 Se espalham, — e soa
 Nos echos dos montes um cantico igual.
 E a barca ligeira que increspa a corrente...
 No canto indolente
 Descuida-se a gente
 E a barca se enlaça n'um crú cipoal.

E logo revolta no leito do rio
 Como um corropio
 Deslisa ao declive das aguas á foz:
 Mas subito estaca, que as varas se curvam,
 As ondas se turvam,
 Intensam-se, incurvam,
 E estalam-se os nervos dos rijos cipós.

E a barca passava; — n'aerea penugem
 De limpida nuvem
 Prateiam-se os limbos de magica luz;

No frouxo ambiente destouca-se a lua,
A nuvem recua
E o espaço tressua
Dos vagos encantos que a lua conduz.

E os ares condensam-se; e a noite trespala,
E a vida se exhala
Nos doces effluvios dos astros do céo:
E a barca no rio c'o a lua parece
Aranha que esquece
O fio que tece
N'argentea brancura de tremulo véo.

E os remos batendo coacham certos
Quaes passos matreiros
Das antas nas folhas, que o sol derrubou.
E ao fresco da noite, que espessa cahia,
A barca corria,
Arfava, estendia,
Sumindo-se ao longo do rio... e chegou.

AUGUSTO F. COLIN

AMOR E MYSTERIO

I

Quando das noites no silencio amigo
Minh'alma adeja em pensamentos intimos,
E a vida ant'olho em resumido quadro,
Que fundas dôres hão tornado escuro,

Candida imagem me apparece á mente
De linda virgem, que minh'alma adora
Co'o amor mais puro, co'o mais casto affecto,
Mas em silencio, n'um cruel mysterio.

Profunda chaga, que meus dias rala,
A morte n'alma deshumana crava:
Vida mesquinha que não vale a morte,
Que a morte é o termo dos mais crús tormentos.

Amo em silencio. A solitaria noite
Meus ais escuta, e enternecido orvalho
Piedosa verte, e a viração suave
Tambem suspira por me ouvir gemendo

II

Amo e padeço; e o innocente objecto
De meus suspiros nem talvez suspeita
O incendio eterno que em meu peito lavra,
E que em tormentos faz passar-me a vida!

E nem jámais abrir-se-hão meus labios
Para dizer-lhe: — eu te amo, ó virgem!
Como n'um tum'lo jazerá sepulto
O meu affecto nos arcanos d'alma.

Feroz ciume me lacéra o peito,
Quando em seus labios o sorriso assoma
Em face de outrem, que extasiado a encára,
E o nectar bebe de seus lindos olhos.

Então de dôr o coração me estala!
C'o inferno n'alma, delirante a mente,
Fujo a esconder-me de odiosas vistas,
Tragando a morte nos mais duros tratos.

III

Da minha vida no horisonte escuro
Um astro ao menos nem sequer fulgura !
Medonhas trévas me rodeiam ; negros,
Como n'um cahos, se escoarão meus dias.

Até que a morte compassiva o pranto
Venha estancar-me sob o pó dos tumulos,
Onde um suspiro não irá saudoso
Meus tristes manes consolar gementes.

Mas antes *Ella*, divagando alegre
Pelos lugares, onde durmo, as cinzas
Talvez me pize, sem lembrar-se ao menos
Do triste amante que alli jaz sepulto.

A. M. RODRIGUES

A REVISTA NOCTURNA

(IMITAÇÃO DE ZEDLITZ)

Á meia noite, quando todos dormem,
E ladra á lua o solitario cão,
Ouvem-se rufos: um tambor estranho
Acorda os mortos que enterrados são !

Das negras campas apressadas surgem
Hostes guerreiras, que tiveram fim:
A caixa rufá répetidos rufos,
Retumba ao longe o marcial clarim.

Da Italia bella nos fecundos campos,
Da Russia fria no terreno atroz,
No Egypto ardente, na briosa Hespanha,
Repetem échos do instrumento a voz.

Os bravos formam as tremendas filas,
Que ao peito incutem natural pavor:
Não correm, voam os corceis fogosos,
Que a espora incita ao desmedido ardor.

Os alvos craneos ao luar reluzem;
— Tremem penachos que formosos são;
— As armas tinem; — os cavallos rincham,
Mastigam freios, escarvando o chão.

Entre mil vivas, o famoso Chefe,
Eis que da campa resurgindo vem:
Não traz divisas no casaco branco,
Move impassivel o corcel que tem.

Seguem-no ao lado os marechaes valentes,
Que a morte arrostram, que não têm temor:
Ney destemido na refrega intensa,
Murat fervendo em marcial ardor.

Erguem soldados as luzentes armas;
Beijando a terra o pavilhão está,
E o Chefe exclama: « A denodada França
Eterna gloria nas nações terá! »

É a revista que o moderno Cesar
Passa aos guerreiros que enterrados são:
À meia noite, quando todos dormem,
E ladra á lua o solitario cão!

A. J. NASCENTES BURNIER

É TARDE

Tarde te vi, mulher, porque a existencia
Pouco a pouco consome-me a agonia ;
Por que perdi as illusões brilhantes
Com que outr'ora sonhava a phantasia.

Tarde luziste, minha linda estrella,
Sobre o denso horisonte desta vida ;
Tua luz é brilhante, é casta e pura,
Mas para o cego a luz quasi é perdida.

E comtudo, mulher, eu te amo ainda,
Embora um triste amor só possa dar-te ;
És o ultimo sonho de minh'alma
Como ao ultimo sonho — quero amar-te.

Outr'ora eu via calma approximar-se
De mim, com passos lentos, lenta a morte ;
Mas depois que te vi, depois que amei-te
Virgem, de te perder, lastimo a sorte.

És o amor mais puro, o amor mais bello,
Que na vida sentio meu coração ;
E's a ultima flor das crenças d'alma,
Ai! não sejas tambem uma illusão!

ANTONIO JOAQUIM FRANCO DE SÁ**O POETA**

No rio que o sol aclara,
O caboclo do Brazil
Deslisa na leve ygára
Rasgando as ondas de anil.

Em quanto a brisa suspira
Na folhagem dos mangaes,
D'onde a garça a fronte mira
Nos espelhos de crystaes ;

Da corrente do remanso,
Verde a terra, o céu azul,
Vai fugindo, como o ganso
Que á margem nada taful.

Mas que o vento o rio açoute,
E co'as ramas varra o chão,
Que se torne o dia noite,
Bem como a onda caixão ;

Que em lugar de campos ledos
Ou frondoso palmeiral,
Sómente veja rochedos
Por entre sombra fatal ;

Eis, fazendo esforço extremo
Das vagas rompe através,
Sentindo ás vezes o remo
No dente dos jacarés.

E receia se espatife
A leve ygára em que vai,
Sobre as pontas do arrecife
Que das aguas sobresaí.

Por isso de vez em quando
Sustendo o braço veloz,
Um grito solta, escutando,
Só responde-lhe uma voz.

Oh! se então pouco distante
Distingue as vozes de alguém,
Que lhe diz: « Animo, avante!
Eu soffro e luto tambem... »

Seu braço recobra força,
O remo ronca outra vez;
Foge a ygára, como a corça
Pelos campos em nudez!

Mas volta depois a brisa
E raia limpido o sol;
De novo a ygára deslisa
No transparente lençol.

Co'a procella que se acaba,
Ao temor dizem adeus,
E alegres chegam á taba
Por entre vivas dos seus.

Nós tambem do mesmo rio
Lançamos nossos bateis;
Poetas em desafio
Alçamos cantos noveis!

A onda por ora é mansa,
Uma estrella nos conduz;
Temos n'alma uma esperança,
No olhar um raio de luz!

Ainda a inveja não brama;
Podemos antes ouvir
Muita voz que nos exclama:
« Crê na gloria e no porvir! »

No entanto, com mão segura,
Nas cordas tirando o som,
Nos lembremos que ventura,
Nos traz a lyra por dom.

Que Deus fadando o poeta,
A fronte beija-lhe e diz:
« Terás a vida inquieta,
E quasi sempre infeliz! »

Que á onda succede a vaga,
Que envolve-se a lua em véo,
Que a esp'rança n'alma se apaga,
Bem como a estrella no céu!

E quando se nos affronte,
E a turba, dando-nos fel,
Engrinalde a nossa fronte
De espinho em vez de laurel;

Então na luta sublime
Entremos sem medo algum;
A mutua voz nos anime,
E seja gloria commum.

Então surjamos altivos
E lancemos ao redor,
Do olhar lampejos mais vivos,
Da lyra canto melhor!

Embora a turba resista,
Ganhemos nosso lugar;
Generosos dando vista
A quem quizer-nos cegar!

Façamos nectar divino
Dessas gottas de amargor!
De cada gemido um hymno,
De cada espinho uma flor!

Cantemos! do peito enfermo
Erguendo mais alto a voz;
Que desta luta no termo
Um premio teremos nós!

Padeçamos! e nossa alma
Na magua se apure assim;
Poeta! dobrada palma
Havemos colher emfim!

Da poesia pelas flores
Um louro no mausolêo;
Da nossa alma pelas dôres
Os puros gozos do céo!

JOSÉ JOAQUIM DA C. MACEDO JUNIOR**AGORA EU TE QUERO AMAR**

— És muito linda ! teu labio
Tem um riso de matar,
Quando tu choras, donzella,
Quem fica sem soluçar ?
Teus feitiços de magia,
Mas eu não te posso amar.

Quando tu sahes a passeio
Tanto requebro no andar,
Teu seio langue estremece
Como de amor a chorar.
Tens tantas graças ! tantas !
Mas eu não não te posso amar.

Teus olhos negros e ardentes
Vivem só a requebrar,
Dizem volupias das chammas,
Que vibram a scintillar,
Falam tantos... tantos gozos...
Mas eu não te posso amar.

— Sou muito linda ! meu labio
Tem um riso seductor,
Tudo em mim — tudo é volupia,
Tudo estremece de ardor :
Amor : suspira o meu seio
Meus olhos falam : amor.

Na minha alma nunca pousam
As afflicções de uma dôr,
Borboleta da inconstancia
Eu corro de flor em flor,
Busco em todas mel de gozo
Em nenhuma achei amor.

Hoje te vi; minha face
Perdeu logo a sua côr,
Ai! tanto fogo nos olhos
No seio — tanto calor!
Borboleta, eu corto as azas,
Não procuro mais o amor.

Eu te vi; agora triste
Não sou borboleta não,
Sou mariposa perdida
Na chamma de uma paixão,
Agora eu quero somente
Somente o teu coração!

Eu amo a flor desmaiada,
Na campina soluçando,
Junto ao regato pendida,
Seus amores descantando,
Onde a briza pouse alegre
E saia triste e chorando.

Eu amo a rola singela
Gemendo na capoeira,
Mandando á luz, que desmaia,
Sua prece derradeira
Num soluço, que estremece,
Os galhos da laranjeira.

Eu amo um pranto cantado
Pela paixão da agonia,
Na hora, em que a flor desmaia
Aos beijos da brisa fria,
Quando o sol morre nas ondas
Com seus raios de harmonia.

Eu amo o deserto augusto,
Repetindo a voz de amores
Da canção do pinta-silgo:
Eu amo os prados, as flores,
Amo o riso em labio triste,
Amo o gemido das dôres.

Tudo é o que é melancolia,
Tudo é o que eu sinto chorar;
A voz augusta da noite,
Que Deus só pode escutar,
Se eu amo tudo que é triste
Como é que eu te posso amar?

— Amas a flor desmaiada
Da rola gemendo o pranto,
Na solidão da agonia
Um triste e inteiro canto,
Tudo o que rouba da noite
Um véo de dôr ao seu manto?

Pois eu sou a flor pendida
Que tem a dôr por altar,
Sou a rolinha singela
Que vive de soluçar:
Agora — bem vês — sou triste
Não me podes inda amar.

— Não és — donzella — bem vejo
Não és borboleta, não ;
És mariposa encantada
Nas chammás de uma paixão ;
Não tens azas — borboleta,
Eu te dou meu coração !

CASIMIRO J. M. DE ABREU

SAUDADES

Nas horas mortas da noite
Como é doce o meditar
Quando as estrellas scintillam
Nas ondas quietas do mar ;
Quando a lua magestosa
Surgindo linda e formosa,
Como donzella vaidosa
Nas aguas se vai mirar !

Nessas horas de silencio,
De tristezas e de amor,
Eu gosto de ouvir ao longe,
Cheio de magua e de dôr,
O sino do campanario,
Que falla tão solitario
Com esse som mortuario,
Que nos enche de pavor.

Então — proscripto e sósinho —
Eu solto aos échos da serra
Suspiros dessa saudade
Que no meu peito se encerra.

Esses prantos de amargores
São prantos cheios de dôres:
— Saudades — dos meus amores,
— Saudades — da minha terra !

MEU LAR

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
Meu Deus, não seja já !
Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,
Cantar o sabiá !

Meu Deus, eu sinto e tu bem vês que eu morro
Respirando este ar ;
Faz que eu viva, Senhor ! dá-me de novo
Os gosos do meu lar !

O paiz estrangeiro mais bellezas
Do que a patria não tem ;
E este mundo não val um só dos beijos
Tão doces d'uma mãe !

Dá-me os sitios gentis onde eu brincava,
Lá na quadra infantil :
Dá que eu veja uma vez o céu da patria,
O céu do meu Brazil !

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
Meu Deus, não seja já !
Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,
Cantar o sabiá !

Quero vêr esse céu da minha terra
Tão lindo e tão azul !
E a nuvem côr de rosa que passava
Correndo lá do sul !

Quero dormir á sombra dos coqueiros,
As folhas por docel ;
E vêr se apanho a borboleta branca,
Que vôa no vergel !

Quero sentar-me á beira do riacho
Das tardes ao cair,
E sósinho scismando no crepusculo
Os sonhos do porvir !

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
Meu Deus, não seja já !
Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,
A voz do sabiá !

Quero morrer cercado dos perfumes
D'um clima tropical,
E sentir, expirando, as harmonias
Do meu berço natal !

Minha campa será entre as mangueiras,
Banhada do luar,
E eu contente dormirei tranquillo
Á sombra do meu lar !

As cachoeiras chorarão sentidas
Porque cedo morri,
E eu sonho no sepulchro os meus amores,
Na terra onde nasci !

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
 Meu Deus, não seja já!
 Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,
 Cantar o sabiá!

JURITY

Na minha terra, no bolir do mato,
 A juryty suspira;
 E como o arrulo dos gentis amores,
 São os meus cantos de secretas dôres
 No chorar da lyra.

De tarde a pomba vem gemer sentida
 Á beira do caminho;
 — Talvez perdida na floresta ingente —
 A triste geme nessa voz plangente
 Saudades do seu ninho.

Sou como a pomba, e como as vozes della
 É triste o meu cantar;
 — Flor dos tropicos — cá na Europa fria
 Eu definho, chorando noite e dia
 Saudades do meu lar.

A juryty suspira sobre as folhas seccas
 Seu canto de saudade;
 Hymno de angustia, férvido lamento,
 Um poema de amor e sentimento,
 Um grito d'orphanidade!

Depois... o caçador chega cantando,
 Á pomba faz o tiro...

A bala acerta e ella cahe de bruços,
E a voz lhe morre nos gentis soluços,
No final suspiro.

E como o caçador, a morte em breve
Levar-me-ha comsigo ;
E descuidado, no sorrir da vida,
Irei sósinho, a voz desfallecida,
Dormir no meu jazigo.

E — morta — a pomba nunca mais suspira
À beira do caminho ;
E como a jurity, — longe dos lares —
Nunca mais chorarei nos meus cantares
Saudades do meu ninho!

MORENINHA

Moreninha, Moreninha,
Tu és do campo a rainha,
Tu és senhora de mim ;
Tu matas todos d'amores,
Faceira, vendendo as flores
Que colhes no teu jardim.

Quando tu passas n'aldeia
Diz o povo á boca cheia :
— « Mulher mais linda não ha !
« Ai vejam como é bonita
« Co'as tranças presas na fita,
« Co'as flores no samburá ! —

Tu és meiga, és innocente
Como a rôla que contente
Vôa e folga no rosal ;
Envolta nas simples galas,
Na voz, no riso, nas fallas,
Morena — não tens rival !

Tu, hontem, vinhas do monte
E paraste ao pé da fonte
A fresca sombra do til ;
Regando as flores, sósinha,
Nem tu sabes, Moreninha,
O quanto achei-te gentil !

Depois segui-te calado
Como o passaro esfaimado
Vai seguindo a juryty ;
Mas tão pura ias brincando,
Pelas pedrinhas saltando,
Que eu tive pena de ti !

E disse então : — Moreninha,
Se um dia tu fores minha,
Que amor, que amor não terás !
Eu dou-te noites de rosas
Cantando canções formosas
Ao som dos meus ternos ais.

Morena, minha sereia,
Tu és a rosa da aldeia,
Mulher mais linda não ha ;
Ninguem t'igualá ou t'imita
Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá !

Tu és a deusa da praça,
E todo o homem que passa
Apenas viu-te... parou!
Segue depois seu caminho
Mas vai calado e sósinho
Porque sua alma ficou!

Tu és bella, Moreninha,
Sentada em tua banquinha
Cercada de todos nós;
Rufando alegre o pandeiro,
Como a ave no espinheiro
Tu soltas também a voz :

— « Oh! quem me compra estas flores ?
« São lindas como os amores,
« Tão bellas não ha assim ;
« Foram banhadas de orvalho,
« São flores do meu serralho,
« Colhi-as no meu jardim. »

Morena, minha Morena,
És bella, mas não tens pena
De quem morre de paixão!
— Tu vendes flores singelas
E guardas as flores bellas,
As rosas do coração?!...

Moreninha, Moreninha,
Tu és das bellas rainha,
Mas nos amores és má ;
— Como tu ficas bonita
Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá!

Eu disse então : — « Meus amores,
« Deixa mirar tuas flores,
« Deixa perfumes sentir! »
Mas naquelle doce enleio,
Em vez das flores, no seio,
No seio te fui bulir!

Como nuvem desmaiada
Se tinge de madrugada
Ao doce albor da manhã ;
Assim ficaste, querida,
A face em pejo accendida,
Vermelha como a romã!

Tu fugiste, feiticeira,
E de certo mais ligeira
Qualquer gazella não é ;
Tu ias de saia curta...
Saltando a moita de murta
Mostraste, mostraste o pé!

Ai! Morena, ai! meus amores,
Eu quero comprar-te as flores,
Mas dá-me um beijo tambem ;
Que importam rosas do prado
Sem o sorriso engraçado
Que a tua boquinha tem?

Apenas vi-te, sereia,
Chamei-te — rosa da aldeia —
Como mais linda não ha.
— Jesus! Como eras bonita
Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá!

NA REDE

Nas horas ardentes do pino do dia
Aos bosques corri;
E qual linda imagem dos castos amores,
Dormindo e sonhando cercada de flores
Nos bosques a vi!

Dormia deitada na rede de pennas
— O céu por docel,
De leve embalada no quieto balanço
Qual nauta scismando n'um lago bem manso
N'um leve batel!

Dormia e sonhava — no rosto serena
Qual um serafim;
Os cilos pendidos nos olhos tão bellos,
E a brisa brincando nos soltos cabellos
De fino setim!

Dormia e sonhava — formosa embebida
No doce sonhar,
E doce e sereno n'um magico anceio
Debaixo das roupas batia-lhe o seio
No seu palpitar!

Dormia e sonhava — a boca entre-aberta,
O labio a sorrir;
No peito cruzados os braços dormentes,
Compridos e lisos quaes brancas serpentes
No collo a dormir!

Dormia e sonhava — no sonho de amores
Chamava por mim,

E a voz suspirosa nos labios morria
Tão terna e tão meiga qual vaga harmonia
De algum bandolim!

Dormia e sonhava — de manso cheguei-me
Sem leve rumor ;
Pendi-me tremendo e qual fraco vagido,
Qual sopro da brisa, baixinho ao ouvido
Fallei-lhe de amor!

Ao halito ardente o peito palpita...
Mas sem despertar ;
E como nas ancias d'um sonho que é lindo,
A virgém na rede córando e sorrindo...
Beijou-me — a sonhar!

FRANKLIN DORIA

AMOR PERPETUO

Houve tempo em que nós descuidosos,
Attrahidos por força invencivel,
No retiro ridente, aprasivel
Só em casos cuidamos de amor ;
Mas então nós jurar não sabiamos
Nem guardar precioso segredo ;
Era tudo innocencia e folguedo,
Era tudo franqueza e candor.

Nossos labios unidos, seus halitos
Cada um brandamente inspirava ;
Em teus olhos meu rosto mirava ;
E nos meus aprazia-te olhar :

Retractava-se nelles teu gesto,
Cuja graça minh'alma embebia,
Como desde o reflexo do dia
Às entranhas dormentes do mar.

O senil pescador nos topando
Mergulhados em alta verdura,
Sob a tolda da vasta espessura,
Murmurava a sorrir: — São irmãos. —
— São dois anjos, — mais este dizia,
— Feitos um para o outro dois entes ;
Hoje longe do trato das gentes,
Amanhã entre os homens, bem vão. —

Como a lua, que as trevas espanca
E deslisa no céu solitaria,
Vai co'a flamma suave e precaria
Augmentando em tamanho e fulgor,
Com assombro de quantos te amavam,
Tu crescias na agreste deveza
Em contornos de rara belleza,
E dos dotes moraes no esplendor.

À noitinha se abriam teus labios,
Como se abre a bonina rosada,
Cujo calis recolhe a orvalhada
Que gottejam as fontes dos ceus,
A exhalar seu aroma infantino
Em um beijo opulento de seve,
Em um canto facillimo e breve,
Em um hymno dos coros de Deus.

Quanta vez a canoa maneira,
Empenada ás refegas do vento,
Nos levava em fugaz movimento
Às paragens do curto canal!

Era bello, visinho á corôa
Na saphira do mar embutida,
Onde a garça se assenta luzida,
Comtemplar o sombrio casal ;

Ver a ilha selvatica e linda
Ostentando seu viço tamanho ;
Semeado na relva o rebanho
Como flocos de alvura sem par ;
Ver os mangues, de nuas raizes,
Marchetados de buzios marinhos,
Enfeitados de flores e ninhos,
Curvas ramas na onda ensopar.

A ventura que então promettia
Este amor mavioso e celeste,
Que o disfarce não tinha por veste,
Nem jámais precisou confissão
Hoje a gozo, sim, gozo completa ;
Mas, consocio de um mundo malino,
Eu occulto o amor de menino,
Prendo a chamma no meu coração.

Resguardado qual sancta reliquia,
Meu amor infantil, solitario,
Eu perfume co' o puro incensario
Que se accende nos lumes da fé.
Quero-a assim : redivivo nos prantos,
Não sabido das turbas loquazes,
Não vulgado em estridulas phrases,
Que não dizem amor o que é.

Quero-o assim, a brotar, cada noite,
Nos meus sonhos o sonho primeiro ;
Nas vigalias meu doce luzeiro,
Meu mais casto e febril phrenesim.

Entre nós este amor se dilate,
Não qual sombra, mas viva lembrança;
Seja amor de mysterio e esperança,
Seja amor que jamais tenha fim!

O SOL NASCENTE

Sob o throno de Deus o sol se accende;
E, logo após, aureo clarão estende
Pelo céu azulado, e a terra e o mar;
Tudo luz, tudo brilha, tudo encanta,
Se espreguiça, se agita, se alevanta,
Como rendido a feiticeiro olhar.

As nuvens são corceis que dispararam
Da arena afogueada que formaram
As faxas do horizonte em combustão;
Freios partidos, pelo ar galopam,
Sangue vivo escumando, já se topam,
Em busca do infinito já se vão.

A branca estrella que o crepusc'lo adorna,
E torrentes de amor languida entorna,
Nos trasflores celestes immergiu;
Amplio saio de malha coruscante
Ao placido oceano circumstante
A lisa superficie revestiu.

O orvalho transparente o chão prateia;
Aqui sobre uma flôr tremulo ondeia,
Sobre outra n'uma lagrima se esvai;
Alli parece pedra preciosa;
Nas moitas, como chuva luminosa,
Lento e suave do arvoredo cai.

Ave enorme, do chão vôa a neblina;
Frouxo arraiar de lampada illumina
Do valle o solitario penetral,
Pagina escripta em flôres, que fechando
Estão dous altos serros, imitando
Parenthesis de pedra colossal.

Mattas que enche, alta noite, a fantasia
De mysterios e scenas de magia
E pallidos fantasmas infernaes;
Do sol nascente aos raios purpurinos,
Entre harmonias de singelos hymnos,
Como tão jubilosas acordais!

Um mundo sois mysterioso, vasto,
Aonde imprime fugitivo rasto
O bravio animal, ave, reptil;
Em logar de palacio altivo e nobre,
Que fausto e lodo juntamente cobre,
Simples ninho abrigais, rude covil.

Oh! eu irei um dia, eu o primeiro,
Vaguear namorado e aventureiro
Por vossos labyrinthos de cipó;
Vêr a azul borboleta que esvoaça,
A suçurana que raivada passa,
E a cobra de coral rojar no pó.

E voltarei, a mente incendiada,
Sentindo em mim a vida mais ousada,
Mais bello o céo de minhas illusões;
E comigo trarei riqueza immensa,
Mancebo, cheio de esperanza e crença,
Vate, cheio de mil inspirações.

É toda um paraíso agora a terra.
Abraçam-se collina, oiteiro e serra,
Enfeitados de arreio perennal ;
Lá se ostentam pennachos de esmeralda ;
Em cada tronco a mais gentil grinalda ;
Sósinha a choça, que atalaia o val.

Começa agora tudo o seu caminho :
O verme sai do pó, a ave do ninho,
Da cabana de palha o pescador ;
A abelha infatigavel da colmeia,
Da luz o brilho, da palavra a ideia,
O perfume do calice da flôr.

Que orchestra sobe ao céu ! O mar vozeia,
Murmura a fonte, o passaro gorgeia,
A briza da manhã vôa a gemer ;
Canta á viola a joven camponeza,
O desditoso chora, o crente reza...
Acompanham-se assim dôr e prazer.

Quão bello é o sol nascente ! Elle afugenta
Do ar a cerração grossa e cinzenta,
D'alma o desgosto e pensamentos vis ;
Os homens todos ao labor convida,
E dá força e vigor, e alento e vida,
Ao que é desgraçado, ao que é feliz.

O que se fina a mendigar consola
Com a promessa de abundante esmola
Ou de mão protectora, liberal ;
Ao pobre manda um raio de ventura ;
Ao orphão, desvalida creatura,
Faz sonhar doce affago maternal.

Elle diz ao que é forte: — Hoje clemencia!
Ao fraco: — Mais um dia paciencia!
Ao que solta lamentos: — Esperai!
Aos tristes: — Ora sús, sêde contentes!
E diz ainda: — Rebentai, sementes!
Preciosas idéas, rebentai! —

Tambem diz ao poeta: — Alevantai-vos!
Dos grandes pensamentos inspirai-vos!
Ide, correi, correi, ás multidões!
A fé levai-lhes no queimar dos hymnos,
Como outr'ora os apóstolos divinos
Levaram luz e graça a mil nações. —

Aos labios todos elle diz: — Sorri-vos!
A toda flôr e coração: — Abri-vos!
Lançai perfumes, transbordai de amor!
Para tudo o que nasce, e vive e sente,
É bello, sempre bello o sol nascente,
Fulgindo sob os pés do Creador!

JORGE H. CUSSEN

FALLA!

Falla! meus versos serão cadentes,
Se forem echos da tua voz,
Hymno mais puro que o som da aragem
Quando nos valles divaga a sós.

Falla! Em minha alma resôe o puro
Timido accorde do teu fallar,
Como nas vagas de arreda costa
Sôa o gemido frouxo do mar.

Quande cessarem os alaridos
Que se repetem á luz do sol,
Canta, suspira co'a philomela
Té que renasça roseo arrebol.

A essa hora calma, Deus se debruça
Sobre os seus mundos, e os vê sonhar;
A luz serena que então derramam
São reverberos do seu olhar.

Ah! não consintas, anjo querido,
Que só as flores vivam então,
Que só as auras levem perfumes
Ao sabio artista da creação.

Falla! Nos mudos preitos da terra
Não ha tão doce, tão puro encanto
Como nas phrases com que revelas
Dos teus affectos o fogo santo.

É esse o hymno que mais se eleva,
Que mais na terra falla de Deus;
E' esse o echo de estranhos carmes
Que entornam vida nos versos meus!

AO LUAR

Á luz desses astros que brilham scentelhas
De chamma celeste — librados no ar,
Eu sinto entre os sonhos de extrema ventura
Vagar-me na mente secreto pezar.

Se olhas, se os labios de nacar descerras,
 Soltando suaves effluvios de amor;
 Eu sei que em mim pensas, pois creio que evitas
 Manchar com a mentira teu niveo fulgor.

Mas ora — dormida — não sei se teus sonhos
 São vivas lembranças que guardas de mi,
 Não sei se, constante, n'um brando suspiro,
 Porção de minh'alma, me chamas a ti.

Mas, dorme, minh'alma, que enquanto me faltas
 Não posso lembrar-me, soffrendo, de ti:
 Se morro não sinto — nos olhos que cerras
 A vida sonhando tão perto de mi!

JOÃO SEVERIANO DA FONSECA

NA SEPULTURA

de meu irmão o major Eduardo Emiliano da Fonseca
 commandante do 40.º corpo de Voluntarios da Pa-
 tria, morto gloriosamente no combate de Itororó,
 em 6 de Dezembro de 1858.

Dorme, oh lutador, que assaz lutaste!
 (G. DIAS.)

Sim, dorme, dorme em paz.

A pouca terra
 Em que descansas, que te guarda o corpo,
 Compraste-a á preço do teu sangue heroico...
 — Teus sonhos de mancebo, teus anhelos,
 Anceios, esperanças do futuro,
 Tudo por ella déste — e a vida e a gloria!

Oh! dorme, dorme em paz na sepultura!
É terra tua, dorme...

Quando intrepido

Ao som electrizante da corneta

Que á carga ordena,

Arremeteste á frente dos teus bravos,

E *primus inter pares*, carregaste

Sobre o inimigo, seus canhões tomando,

Não pensavas, talvez, — fosse teu leito,

— Ultimo leito! o campo da victoria.

E quando reformando os teus quadrados

Reducto d'aço, inquebrantavel, forte,

Vencedor do inimigo tantas vezes

Quantas elle atacou, — alfim sentiste

Fugir-te a voz no sangue que ás golfadas

Encheu-te a fauce... — e c'o gladio, apenas

Acenavas á carga,

A voz supprindo que a manobra ordena,

— Ahi sentiste — e perto — o leito heroico

De lidador que cahe ;

Entrevistel-o, talvez na furia horrenda,

Na horrida pujança...

— Foi um instante só... e já voavas

No ardego corcel em poz da gloria!...

— Foi um intante só... e novo raio

De Mavorte cruel tocou-te o cerebro.

Cahiste, heróe, á frente de teus bravos...

Com a espada assignalaste a sepultura...

Compraste-a com teu sangue... — É tua, dorme!

Sim, dorme, dorme em paz!

Tens por cruzeiro,

Á tua cabeceira a cruz de um sabre ;

Por magestoso templo a Natureza

E por zimbório o céo. São candelarios

As estrellas e o sol ; são-te epitaphio
Uma alampada, o sabre e a marcia tuba
Que mão amiga ahi depoz, piedosa,
Por unico signal.

Cantam-te as glorias

As meigas avesinhas das florestas,
E o *itororó* das aguas que se esbatem
Á saltar pedra á pedra a cachoeira,
Gemendo marulhosas sob a ponte,
Theatro de teus feitos,
Nesse teu grande e derradeiro dia!

Ai! dorme, dorme em paz...

Não agoureiras

Aqui ululam merencorias aves
Te perturbando o somno ; nem sacrilegas
As vozes de importunos curiosos
Quebram ruidosas a mudez dos êrmos.
— Só da floresta o farfalhar queixoso,
Das meigas aves o mimoso canto
Acalentam-te o somno derradeiro...
— E o som das aguas desse *arroyo* celebre
Rumorejando á se esbater nas rochas
— se a placidez de teu descanso turbam,
Contam-te os feitos nessa heroica luta,
Cantam-te os louros que lucraste nella.

Dia por dia, apoz quatro annos feitos
Do teu primeiro prelio e gloria prima,
Cahiste, lidador!... baqueou-te o braço
Desfallecido, inerte... — e a espada invicta,
Que desde Paysandú e Riachuelo
Sempre ao triumpho conduzio teus bravos,
Cessou de lhes mostrar a senda heroica,
Rolou no chão, viuva de teu braço...
— Dia por dia, apoz quatro annos feitos!

Sorte fatal!... Ao mesmo tempo, quasi,
Em que tua alma nobre e generosa
A deusa da victoria aos céos levava
Á reunil-a aos mañes gloriosos
De Hyppolito e Affonso, — o ferro imigo
Rompia as carnes á Deodoro e Hermes
Irmãos todos na liça,
Irmãos no sangue, irmãos, todos na gloria!

Horroró!... na tua ponte augusta
Legaste ao mundo nome immorredouro!
— Combate de gigantes!... nessa ponte
Seis vezes investida e seis tomada,
Á gloria ergueste bem crueis altares!
Tiveste neste dia novas fontes
Á soberbar-te o curso. As tuas ondas
Rubras correram, sangue de mil bravos!...
... E caso incrível nos annaes da Historia,
D'envolta ás ondas turvas e sangrentas
Corpos aos cem, em torbilhão, se chocam,
Precipitam-se e vão de rocha em rocha
Da torrente no vortice.
— Que luta e que horrores! Nessa hora
Era, ó funebre arroio, — essa cascata
Cascata de cadaveres!

Quanto sangue, meu Deus!

— Ai, pobre Patria,

Compras bem caro os louros deste dia!
A flor dos teus soldados, quasi toda,
Ahi verteu por ti seu nobre sangue
Se não cahio exanime, prostada.
Aqui, sómente em tão restricto espaço
Eu vejo, par á par, no somno eterno
Azevedo, Machado, Eduardo e Guedes...

— E os outros?... e mil outros?... onde jazem?
 — Ai victoria fatal!... gloria funesta!...

— Aqui, ali, bem perto, além, ao longe,
 Quantos destroços desse dia, quantos!...
 — Aqui as furias se fartaram em sangue!...
 Podres correias, gôrros já sem fórmãs,
 Restos de fardas, de fusis quebrados,
 De rotos sabres, de partidas lanças,
 Em toda a parte e sempre!...

— Quanta metralha pelo chão esparsa!...
 — Quanto pelburo arremessou a morte!...
 Presos ainda ao pedregal do abysmo
 Esparsos na campina, entre os baledos,
 A orla das estradas, na floresta,
 — Ai!... quanto craneo a alvejar ao tempo!

Que sorte a do soldado!... tanto brio
 Tanto arrojo e valor, — ah! — tanta vida
 Presa a voz do canhão, — de um sabre ao fio!...

Pobres valentes... se lençol ligeiro
 De terras soltas inhumou seus corpos,
 Veio o pampeiro e os exumou de novo!

Á ti, meu pobre irmão, bondosa e amiga
 Mão protectora veio abrir-te o leito
 Do teu ultimo somno; e previdente
 Para amparar-te do furor dos tempos
 Te ergueu de leivas, mausoléu relyoso;
 — E á falta de epitaphio assignalou-te

A mansão derradeira

— Com esse sabre — que uma cruz suppriu-te
 — Com essa alampada á teus pés poisada.,
 — Com a mavorcia tuba que nos prelios
 Transmitta a voz do mando e excita os bravos.
 Pois, dorme, dorme em paz na nobre campa.

Mais feliz do que Hippolyto, não foste
 Por selvagem inimigo trucidado
 No proprio campo onde arrojou-te o brio

E o heroismo extreme:

— Mais feliz do que Affonso, o pobre martyr,
 Que envolto no pendão sempre adorado
 Os membros teve rôtos á metralha,
 E por sepulchro a valla em chão ignoto,
 — Tu tens, Eduardo, a tumba assignalada
 Sabem os teus a campa onde repousas,
 E onde um dia buscarão reverentes
 Teus restos preciosos.

Dorme em paz á sombra do Cruzeiro
 Da dupla cruz, que á cabeceira ergui-te.

Se o céo propicio fôr á mão que os planta,
 — Hão de brotar jasmims no teu sepulchro
 E rosas nos dos outros.

Dorme, dorme em paz!...

A pouca terra
 Em que descansas, — que te cobre o corpo,
 Compraste-a com teu sangue...

— É tua... dorme!...

RANGEL DE S. PAIO

O POEMA DE LAZARO

I

VOLTA DO TUMULO

Vinha a turba contente apregoando
 O milagre inaudito commentado.
 Do grupo, uns vinham hymnos entoando
 Ao moço thaumaturgo, ao Mestre amado.

Ia a meiga Maria o chão juncando
De flores, que colhera; ia afastado
Lazaro, o resurgido meditando;
Jesus calmo, sereno, ia calado.

Martha chega-se e diz ao irmão querido:
— Pois triste apoz tão grande beneficio
Triste quando do tum'lo has resurgido?!...

— É que co'a vida volta-me o supplicio
De amar sem jamais ser comprehendido!
— Amas?!... — A Magdalena!... — Um sacrificio!...

II

SOLILOQUIO

Ah! porque não fiquei na sepultura
Envolto em meu sudario apodrecendo,
Eu que me vi feliz, quando morrendo
Suppuz findar-se a minha desventura!...

Lá na camara petrea, fria, escura,
Entre os vermes que iriam carcomendo
Meu corpo, não 'staria ora soffrendo
Este inferno de amar, sem ter ventura!

E o Rabbi me chamou de novo á vida
Julgando me outorgar a f'licidade,
Quando ella para mim está perdida!

Deu-me a vida, mas não tranquillidade,
Minh'alma não ergueu, deixou cahida,
Nas garras de mulher sem piedade!

III

VISÃO

Jesus, que como em livro aberto lia
O pensamento alheio, devassara
A borrasca, que a Lazaro arrojara
Ao parcel de pezares que o ruía.

Depois que a turba aos poucos se espalhara,
A Lazaro que a um canto se estorcia,
Fez o Mestre, por divinal magia,
Ver a excelsa mulher, que o malsinara.

Era n'um camarim rico, opulento
Onde as per'las d'Ophir, tapetes d'Asia,
E vasos d'oiro aos mil se entrechocavam.

Ella estava prostrada, em desalento,
Mais bella que Artemisia, Irene, Aspasia,
E a soluçar, seus labios murmuravam:

IV

QUEIXAS DE MAGDALENA

« É uma expiação! Sempre que eu via,
Out'ora, alguém silente, retirado
Triste, afflicto, saudoso, angustiado,
Preso em laços de amor; eu me sorria.

Afeição ideal não compr'hendia,
Tomava-a por um conto mal contado
Poder-se amar, e amar sem ser amado,
Era um mytho de que eu escarneia.

Hoje sei, ai de mim! quanto é verdade
Esse cruel soffrer! ... Amor intenso,
Voraz como o *Simoun* me inunda o seio.

Amo e hei de fingir serenidade!
Pois esse amor insano, enorme, immenso,
Tem um grande obstaculo de permeio.

V

BEATI, QUI LUGENT

E a visão se apagou como na mente
Do tenro infante a dôr, se a mãe o oscula,
A mãe, que sorri terna e docemente,
Meiga como a rolinha quando arrula.

Como corcel indomito, que pula
Ao sentir do acicate o ferreo dente,
O Lazaro de um salto, bruscamente
Puxa Jesus a si pela cogula,

E brada: — Que homem és tu, Rabbi?! Amado
Por aquelle primor de graça e encantos,
E a desprezas!... Jesus fita-o magoad.

E responde: — Amor puro, affectos santos,
Só os compensa Deus!... Aventurado
O que soffre. Ao céo vai quem verte prantos...

GENTIL HOMEM DE ALMEIDA BRAGA

O ORVALHO

Nas flores mimosas, nas folhas virentes
Da planta, do arbusto, que surge do chão,
Reunem-se as gottas do orvalho nitentes,
Tombadas á noite da aerea soidão.

Provindas dos ares, dos astros cahidas
Em globos argenteos de um puro brilhar,
Dêscansam nas flores, ás folhas dão vida,
Remontam-se aos astros, erguendo-se ao ar.

A luz das estrellas, do vidro mais fino
O tremulo, incerto, brilhante luzir,
Não tem mor belleza, fulgor mais divino,
Nem pôde mais claro, mais bello fulgir.

E o sol, que rutilla no manto dourado,
Feitura sublime das nuvens do céu,
Beijando estas gottas co'um beijo inflammado,
Desfaz taes prodigios nos beijos, que deu.

Quem foi que as vertera, quem foi que as chorára,
Quem, limpido orvalho, do céu vos lançou?
Quem pôz sobre a terra belleza tão rara?
Quem foi que nos ares o orvalho formou?

Dos anjos, que outr'ora baixaram da esphera,
Morada longinqua dos anjos de Deus,
São prantos o orvalho, que amor os vertera,
Depois que perdidos volvêram-se aos céos.

Baixados á terra, sedentos de amores,
Gozaram delicias de um breve durar.
Depois em lembrança dos tempos melhores
Os anjos á noite costumam chorar.

E o pranto saudoso dos olhos vertido
Converte-se em chuva de fino crystal;
Procura das flores o calix querido,
Recahe sobre as plantas do monte ou do val.

E os anjos sósinhos vagueam no espaço,
Buscando as imagens, que o céo lhes roubou,
Seguidos das nuvens, do lucido traço,
Que o brilho das azas traz elles deixou.

E a voz que dos labios lhes sahe suspirante,
Semelha um queixume pungente de dôr.
E o ar, que circula girando incessante,
Repete os suspiros só filhos do amor.

Em vão taes suspiros, tão tristes endeixas,
Pezares tão fundos são todos em vão.
Ninguem os escuta; carpidos ou queixas
Vai tudo sumido na etherea soidão.

E os anjos, que outr'ora viveram de amores,
Gozaram delicias de extremos sem par,
Saudosos relembram seus tempos melhores
E tem por consolo seu triste chorar.

E o pranto saudoso dos olhos vertido
Converte-se em chuva de fino crystal;
Procura das flores o calix querido,
Recahe sobre as plantas do monte ou do val.

L. VIEIRA DA SILVA**O RETRATO**

A VIRGEM MIRANDO-SE

Nas fontes, ah! não procures
O lindo retrato teu;
Nem procures nos meus versos
Essa pintura do céu.

Teus olhos procura ver
De noite — no firmamento;
Nos astros, terás seu brilho,
— E na noite o meu tormento!

Eu amo os olhos formosos,
Que inspiram tanta paixão;
Em quanto que mudos sempre
Para nós os astros são.

Procura teu meigo riso,
Na serena madrugada;
Nas flores, aves, em tudo,
No azul da nuvem dourada.

Eu amo tanto esse riso,
Riso de boca formosa,
Que esmalta teus lindos lábios,
Como o orvalho a flor mimosa!

Procura a doce expressão,
Do formoso rosto teu,
No grato aroma das flores,
Na lua, que vês no céu.

Eu amo o rosto gentil,
Que exprime tão vivo amor ;
Amo o riso, a boca, os olhos
Que brilham com tanto ardor.

Nas fontes, ah! não procures
O lindo retrato teu ;
Mas procura, bella virgem,
No abrasado peito meu.

MACEDO SOARES

A MALDIÇÃO DO PIAGA

Vês na ygára este joven guerreiro
Cortar ondas em cheia maré?
Calmo o olhar, calmo o rosto, o primeiro
Entre os fortes por certo que o é!
Larga frente, de peito robusto,
Da realeza dissereis o busto
Requeimado aos ardores do sol.
Em seus olhos o genio lampeja,
Na vontade a energia sobeja,
Dos mais bravos é tido no rol.

Por victorias se contam seus dias,
Seus pensares só visam trophéos,
Como se erguem no mar penedias
Entestando c'as nuvens dos céos!
Não ha féras que o passo lhe impeçam,

Inimigos que as forças lhe meçam,
Que a Jaguar (*) não conhece outro rei!
De Tupan cantem bardos as glórias:
Onde o bravo contar mil victorias,
A vontade do bravo é a lei.

Ante o dia da idéa que surge
E illumina-lhe a fronte immortal,
O sorriso em seus labios resurge,
Como a flor que desponta no val.
Tal nos ermos, em noite sombria,
Secco tronco de luz se irradia,
Quando corre do raio o clarão.
Mas foi breve! e da noite ao negrume
Mais sentido se exhala o queixume,
Que desprende na voz o sertão.

Em seu peito que o aço forrara
Nesses tempos que a idéa era a cruz;
Em seus olhos que o pranto orvalhara,
Quando a fé das nações era a luz;
Reina o calmo socego das selvas,
Quando a aragem no verde das relvas
Se debruça, da noite ao cahir:
Tambem calmo, tambem orgulhoso,
Onde as rochas mais têm de escabroso,
Solitario caminha o tapir.

Mas do fado aos dictames austeros
Tambem curvam-se as fronte dos reis...
Pouco importa se a um povo — severos
Seus caprichos lhe dictam por leis.
Homens são: e dos homens a sorte
É prostrar-se ante a estatua da morte

(*) *Tribu.*

E ao sepulchro a cerviz inclinar.
Tambem toca dos astros ao astro,
Entre nuvens de puro alabastro,
Enconder sua fronte no mar.

Murmurando deslisa-se o rio
Aos perfumes e á voz do sertão;
O arvoredado, da brisa ao cicio,
Suas flores sacode no chão.
Nas montanhas que além se perfilam,
Quaes gigantes que torvos se enfilam
Para em tredos combates entrar,
Sempre grande, na quêda ou no brilho,
Deixa o sol o fulgente rastilho,
Vai no leito de azul repousar.

Entretanto o valente guerreiro
Corta as ondas em cheia maré;
Entre os bravos contado o primeiro,
Não desmente dos bravos a fé.
Pulso forte a piroga impellindo,
Entreabertos os labios sorrindo,
Negro fado, dir-se-hia, o conduz...
Ai, guerreiro! o que buscas nas ondas?
Que mysterios no espirito sondas,
Que funéreo clarão te seduz?...

Nesses prelios de immensos gigantes,
Nessas lutas de heróes contra heróes,
Quando os tigres das selvas — possantes
Combatiam com tigres a sós;
Quem teu braço de ferro affrontára,
Quem medir-te um olhar; quem ousára,
Que na matta encarasse outro sol!?

E se a luta mais féra rugia,
Em teu peito o valor refervia,
Qual referve o metal no crisol.

Mas, ai, cégo! a fortuna inebria,
Pois tentaste, guerreiro, a Tupan!
Só o condor por occulta magia
Fita placido o sol da manhã.
Esqueceste que a insignia do forte,
Se é mostrar-se mais alto que a sorte,
É também o seu Deus respeitar:
Se ha vileza em ser de outros escravo,
Ao preceito da lei deve o bravo
Gloria, vida e fortuna curvar.

Essas tribus que ouviram-te os hymnos
Da victoria ganhada entoar,
Pelos valles, da serra nos pinos,
Na floresta, nos plainos do mar,
Choram hoje seu chefe perdido,
Pasmam ante o colosso abatido
Desses montes que entestam co'o céu;
Do propheta o inflexivel espectro
Arrancou-te das mãos o teu sceptro...
Mas o erro, ó cacique, foi teu!

D'entre a turba que em roda se prema,
Para os sacros agouros tentar,
Tu cuspiste a fatal tangapema...
Té o futuro quizeste domar!
« Rei potente! a fortuna cegou-te;
Já nas nuvens Tupan condemnou-te:
Mal apenas tres sóes has de vêr.
Foste grande alcançando victorias;
És pequeno no gozo das glorias:
O castigo do bravo é morrer! »

Disse o piaga. Aos guerreiros mal sôa
A palavra fatal: maldição!
Tal por noites sombrias entôa
Tredos cantos a voz do tufão.
Mas o bravo ante a idéa da morte
Não maldisse a amargura da sorte,
No infortunio ainda heróe se mostrou:
A alta fronte curvando, sorriu-se;
D'entre a turba dos indios partio-se:
Só a tribu feroz murmurou.

Eil-o agora, guerreiros possantes,
Na piroga cortando a maré!
Inda calmo, inda heróe, como d'antes
Sustentando os combates de pé.
Vai cumprir o seu triste fadario...¹/₂
Talvez chora o destino precario,
Que ha de em breve não mais ver os seus.
Fito o olhar na corrente que passa,
Com seu arco de guerra se abraça...
Foi do bravo o seu ultimo adeus!...

Murmurando deslisa-se o rio
Aos perfumes e á voz do sertão;
O arvoredado, da brisa ao cicio,
Inda as flores sacode no chão.
Mas aos cantos funéreos do vento
Desprende-se mais triste lamento,
Quando á terra o crepusc'lo baixou...
A' mercê da corrente lá voga
Entre as balsas do rio a piroga,
Que sem remo e sem norte ficou.

QUINTINO BOCAYUVA

INNOCENCIAS

— Vês acaso, minha filha,
Aquella nuvem formosa
Que vem correndo no céu?
— Vejo, sim, minha mamãe,
E que linda côr de rosa
Que ella tem; oh! quem lh'a deu?

— E vês, filha, lá mais longe
Aquella sombra que andando
Cada vez mais vem crescendo?
— Ah! mamãe, que tão escuro
Parece que vai ficando,
Vai como que anoitecendo!

— É isso mesmo, filhinha
São horas já de deitar-te,
A noite não tarda vir!
Vem depressa, vem rezar
E irás depois reclinar-te
Sobre teu leito, a dormir.

Olha, aquella nuvemzinha
Que vai da noite tremendo,
Douda a correr pelos céos
Quasi tonta de assustada;
Vai abrigar-se correndo
No vasto seio de Deus!

— Ah! mamãe, vou já dormir
Vou cerrar os olhos meus
Porém não no leito meu;
Quero dormir em teu seio
Como no seio de Deus
A nuvensinha do céu!

FELIX DA CUNHA

SETE DE SETEMBRO

Silencio! não turbeis na paz da morte
Os manes que o Brazil quasi esquecia!
É tarde! eis que espedaça a lousa fria
Do vulto venerando o braço forte!

Surgio! a magestade traz no porte
Onde o astro da gloria se irradiava!
Vem, grande Andrada! advinhaste o dia
Vem juntar ao da patria o teu transporte!

Recua?! não se apressa em vir saudal-a?
Cobre a fronte brilhante de heroismo?!
E soluça?! o que tem?... eil-o que falla!

« Oh! patria que eu salvei do despotismo!
« Lá vejo a corrupção que te avassala
« Não te conheço! » E se afundou no abysmo!

JOAQUIM DE CALASANS

Podem outros achar em beijos tímidos
De tímidas donzellas,
Sabor de mel com ambar misturado,
E outros bagatellas.

Podem achar essencias peregrinas
Das vestes no roçar,
E encanto no subtil, aerio passo
Na relva a resvalar.

Á coma atada com jasmíns e rosas
Prendam-se outros que eu não ;
Por olhos que de tímidos se abaixam
Eu não sinto paixão.

Beijo-te a perna torneada e lisa,
Descalhida do leito,
E a pequenina mão toda escondida
Á sombra de teu peito.

Ahi! oh! sim! ahí te vejo bella,
Te vejo qual tu és,
E posso até beijar as roseas unhas
Dos teus mimosos pés.

ANTONIO PEDRO GORGOLLINO

QUADRAS PARA UM LENÇO

Este lenço é como eu,
Soffre e não sabe fallar,
Eu bordei com meus suspiros
Para meu pranto enxugar.

Quando o pranto de minh'alma
Vem nos olhos gotejar,
Só este lenço recebe,
Só elle o sabe guardar.

Elle comigo conversa,
Elle sabe o meu viver ;
Contra o meu peito o aperto,
Só elle o sabe entender.

Só elle é meu companheiro
No prazer ou no desgosto ;
Hade ser só meu na vida,
Na morte cobrir-me o rosto.

ULTIMO PEDIDO

Quando um punhado de terra
Meus tristes ossos guardar,
E quando a rezar por mim
Uma cruz te convidar ;

Pendura-lhe uma saudade,
Reza, ó bella, uma oração,
Não me craves inda morto
O punhal no coração.

A reza de quem se amou
O morto deve escutar;
Para os extremos da vida
O perdão deve alcançar.

Goza então nos braços d'outro
Dos prazeres da ventura,
Mas não pizes sem remorsos
Minha triste sepultura.

F. FRANCO DE SÁ

INNOCENCIA E AMOR

Ah! se ao menos eu pudesse
Dizer-te quanto padece,
Minha alma dê que te vi!
Pois nem suspeitas ainda,
O' minha bella Lucinda,
O que hei soffrido por ti!

A tua alminha innocente,
A teus pais ama somente,
E nem conhece outro amar:
Co'a mente inda erma de amores,
Só vives de luz e flores,
Sabes só rir e brincar!

Se meus olhos amorosos,
Os teus encontram formosos,
Inda não sabes corar ;
Não sentes ainda a chama,
Que no peito nos derrama,
Um terno, dormente olhar!

Tua mimosa mãosinha,
No aperto não sente a minha,
Em convulsivo tremer ;
Nem vês um ai delirante,
Que vem do peito arquejante,
A' flor dos labios morrer!

Oh ! quem me dera a innocencia
Dessa limpida existencia,
Desse virgem coração,
Em vez de longo martyrio,
Dessas horas de delirio,
De loucura, de paixão !

Tu que hoje, minha Lucinda,
Vives alegre, e tão linda,
Innocente como a flor,
Ai ! cedo talvez já cores, —
E tristes lagrimas chores,
Por já sentires amor !

Nessa alminha de criança,
Lucinda, guarda a lembrança,
De meu terno suspirar ;
E um saudoso pensamento,
Dá-me siquer um momento,
Quando souberes amar. —

PEDRO DE CALASANS

A VISINHA

Se chego á janella, se lanço-lhe a vista
Com ar de desprezo, me diz — que maçada!
Se acaso confesso que morro por ella,
Recebo em resposta tremenda risada.

Ao passo que ri-se de mim que a venero
Não pensa, não scisma senão no *calouro*.
Oh! tempos de outr'ora! meus tempos de Olinda
Em que se podia tocar um *estouro*.

Se ensaio nos labios um terno sorriso,
Sorriso que exprima meu culto por ella,
Ou volta-me as costas, ou cheia de orgulho
Abaixa as vidraças e sahe da janella.

Mas logo que ao longe se mostra o *calouro*,
Calouro maldicto que é meu Cabrion,
Correndo faceira procura a janella
Com todo o requebro de moça do tom.

Oh! tempos felizes! oh! tempos de Olinda!
Quem era um calouro p'ra ter namorada?
É em quanto suspiro por pratos e buzios
Vai elle fazendo gentil barretada.

E ella vermelha qual uma cereja,
Com olhos brejeiros pregados no chão,
Dá mais uma prova que morre por elle
Com tal embaraço, com tal confusão.

E o tolo, o janota, saltando de alegre,
Por dar um codilho no seu veterano,
Diz quatro graçolas, mas secca-lhe a musa
E eil-o citando *direito romano*.

Recorre ao Waldeck, procura argumentos
Que provem que a moça o não deve deixar,
E cita o *digesto* fallando em *pandectas*
Diz cousas horriveis de ao mundo pasmar.

Que moça sem gosto! prefere o calouro
A mim que sou grande, que sou veterano;
Pois bem, teu castigo será aturares
Os textos insulsos do Direito Romano.

AS FLORES DE LARANJA

Cada flor tem de certo varia sorte,
Tem diverso condão:
Ha flores para vida e para a morte,
Que dizem sim, ou não.

Ha flores para as maguas da anciedade,
Para os sonhos de amor,
Ha flores para as scismas da saudade,
Ha tambem para a dôr.

Ha flores que só vingam no chão frio
Da fria sepultura,
Borrifadas das lagrimas a fio
Que chora a desventura.

Ha flores que só crescem no retiro
De amiga solidão ;
Uma flor diz um ai, outra um suspiro,
Todas tem seu condão.

Esta vai perfumar as lindas jarras
Dos altares radiantes ;
Aquelle ser de amor propicias arrhas
No peito dos amantes.

Alli — campeia altiva uma na frente
Do bravo que venceu ;
Acolá — sobre a face bella, insonte,
Da virgem que morreu.

Além — sobre os degráus do capitolio,
Nos penetraes da gloria ;
Aquem — cobrindo o desditoso espolio
De um genio, e a sua historia !

Cada flor tem de certo varia sorte,
Tem diverso condão :
Ha flores para a vida e para a morte,
Que dizem sim, ou não.

Mas de todas as flores mais felizes,
As que tem melhor sina,
Não são as rosas, nem jasmims, nem lizes,
Nem dhalias, nem bonina.

As flores de laranja mais ditosas
Que as outras flores são :
Tem mais poesia, tem ! São mais cheirosas,
Tem mais inspiração !

As flores de laranja se entrelaçam
Na virginal capella!
De perfume suavissimo repassam
O seio da donzella!

Das essencias de amor sublime extracto,
Sublime é o condão seu:
Fel-as Deus para honrar o doce pacto
Do sagrado hymeneu.

Por isso eu amo a flor de laranjeira
Da donzella na coma,
Ou então quando a brisa passageira
Me traz seu doce aroma.

Amo a flor de laranja, quando a avisto
Num seio de mulher!
Quando a noite me toma de imprevisto,
Ou d'alva o rosicler.

Amo-a, quando a donzella meiga a esfolha
Em pura distracção,
Ou com o pranto dos olhos seus a molha,
Abrindo o coração.

No teu album, portanto, eu quiz as flores
De laranja depôr:
Synthese bella de ideaes amores,
Dos amores a flor.

E a tua mão, formosa Therezinha,
Que mil graças esbanja,
Aceite a triste, a pobre offerta minha
De flores de laranja.

MACHADO DE ASSIS

O DESFECHO

Prometheu sacudiu os braços manietados,
E supplice pediu a eterna compaixão,
Ao vêr o desfilar dos seculos que vão
Pausadamente, como um dobre de finados.

Mais dez, mais cem, mais mil e mais um billião,
Uns cingidos de luz, outros ensanguentados...
Subito, sacudindo as azas do tufão,
Fita-lhe a aguia em cima os olhos espantados.

Pela primeira vez a viscera do heróe,
Que a immensa ave do céo perpetuamente róe,
Deixou de renascer ás raivas que a consomem.

Uma invisivel mão as cadêas dilue ;
Frio, inerte, ao abysmo um corpo morto rue :
Acabára o supplicio e acabára o homem.

CIRCULO VICIOSO

Bailando no ar, gemia inquieto vagalume :
« — Quem me dera que fosse aquella loura estrella,
Que arde no eterno azul como uma eterna vela ! »
Mas a estrella, fitando a lua, com ciume :

« — Pudesse eu copiar-te o transparente lume,
Que da grega columna á gothica janella
Contemplou, suspirosa, a fronte amada e bella ! »
Mas a lua, fitando o sol com azedume :

« — Misera ! tivesse eu aquella enorme, aquella
Claridade immortal, que toda a luz resume ! »
Mas o sol, inclinando a rútila capella :

« — Pesa-me esta brilhante aureola de nune...
Enfara-me esta azul e desmedida umbella...
Porque não nasci eu um simples vagalume ?

JOSÉ MARIA GOMES DE SOUZA

A PALAVRA

O que és tu, o que és tu, alto prodigio,
Que, pousando no barro, o barro ergueste
 À altura do Increado ?
Quem és, que aos astros a carreira estorvas ?
Quem és, que fazes redivivo erguer-se
 O Lazaro prostrado ?

Tu que dos labios de Moysés fulmineos
Cahiste unguida de eternaes verdades
 Ao clangor da procella ?
Vens de um a outro seculo rompendo
Ao travez das ruinas e exterminio
 Sempre incolume e bella ?

És bella quando scintillante trôas
No senado de Roma, e ahi fulminas
 A traição e o traidor.
És bella quando inspiras-te de colera
E irrompes d'alma apaixonada e livre
 De Catão, o censor.

Creas thronos e thronos despedaças,
Do povo as iras de improviso accendes,
De improviso subjugas ;
Qual do Senhor á voz ruge a procella
E de subito pára, amenisando
Do oceano as rugas!

Pódes por cima dos longinquos mares,
Levar o fio electrico instantaneo,
O pensamento escripto!
Ao cadaver de um seculo passado
Só tu pódes dizer — *surge e caminha!*
Parodiando o Christo!

E eu vejo erguer-se o seculo futuro,
Como uma salamandra gigantesca,
Inundado de luz!
E a nossa geração purificada
Quebrando o sabre, bemdirá sómente
A palavra e a Cruz!

JUVENAL GALENO

O BOIADÃO

Dizendo sentido adeus
Ás varzeas do meu sertão,
P'ra feira vou caminhando
Na frente do boiadão.
Ê cou... mansão,
Ê cou... ê cão!...

Pois sou vaqueiro de fama,
Com minha vara na mão,
Como ninguem sou teméro
Na frente do boiadao.

Ê cou... mansão,
Ê cou... ê cão!

Nos campos sou destemido,
Alegre n'uma funcção,
Como um guerreiro, orgulhosó,
Na frente do boiadao.

Ê cou... mansão,
Ê cou... ê cão!

As raparigas me estimam,
Pois rapaz sou de feição;
Todas correm para ver-me
Na frente do boiadao,

Ê cou... mansão,
Ê cou... ê cão!

Não tenho medo de nada,
Sou Ferrabraz, sou Roldão,
Encourado, em bom ginete
Na frente do boiadao.

Ê cou... mansão,
Ê cou... ê cão!

Derrubando um bravo touro,
Tenho forças de Sansão,
Quem duvidar, que me falle
Na frente do boiadao.

Ê cou... mansão,
Ê cou... ê cão!

Ao deixar meus velhos pastos,
Julguei-me sem coração,
E até sem alma este corpo
Na frente do boiadao.

Ê cou... mansão,
Ê cou... ê cão!

Mas vendo formosa dona
Lá perto do Riachão,
Eia que sinto doces chammas
Na frente do boiadao.

Ê cou... mansão,
Ê cou... ê cão!

A menina ao divisar-me
Ficou muda, e logo então
Eu parei, já todo amores,
Na frente do boiadao.

Ê cou... mansão,
Ê cou... ê cão!

Esqueci-me que saudosa
Eu deixara a obrigação,
Esqueci-me que marchava
Na frente do boiadao.

Ê cou... mansão,
Ê cou... ê cão!

Esqueci-me que d'affectos
Eu já tinha uma porção,
Pois via travessos olhos
Na frente do boiadao.

Ê cou... mansão,
Ê cou... ê cão!

E saltando do ginete,
Largo a vara de ferrão,
E fallo á dona formosa
Na frente do boiadao.
 Ê cou... mansão,
 Ê cou... ê cão!

E lhe disse: — bella moça,
É de fada o seu condão,
Pois me sinto um estrangeiro
Na frente do boiadao.
 Ê cou... mansão,
 Ê cou... ê cão!

Ella sorriu-se... ó diabo!
Que riso, que tentação!
Fiquei louco, fiquei brazas,
Na frente do boiadao.
 Ê cou.. mansão,
 Ê cou... ê cão!

E lhe disse: — Bella moça,
Tenha de mim compaixão,
Se não quer ver-me sem vida
Na frente do boiadao.
 Ê cou... mansão,
 Ê cou... ê cão!

Ella disse: — vá-se embora...
Respondi-lhe: — não vou, não!
Por minh'alma ha de seguir-me
Na frente do boiadao.
 Ê cou... mansão,
 Ê cou... ê cão!

— «Olhe que tenho defeza
Nas balas de meu irmão...
Eu tornei-lhe: — sou teméro
Na frente do boiadao.

Ê cou... mansão,
Ê cou... ê cão!

— Dou-lhe, dona, o boi Espaço,
Boi de minha estimação,
Que marcha aqui tão formoso
Na frente do boiadao.

Ê cou... mansão,
Ê cou... ê cão!

Ella aceitou... ó má lingua,
Nada mais nesta canção,
Sobre outro assumpto descorre
Na frente do boiadao.

Ê cou... mansão,
Ê cou... ê cão!

O RAPAZ DA GUIA

Pobre rapaz da fazenda,
Nos campos do Ceará,
Foi-me sorte ser guieiro,
Oh, meu Deus, que sorte má!
M'escolheram por esperto,
Em susto continuo vou;
Segui-me, gado formoso,
O' boiada, ê cou... ê lou...

Vou cantando aqui na frente
 Deste gado, a caminhar.
 Onde terei certa a morte
 Quando a boiada arrancar ;
 Pois o gado sequioso,
 Se uma fonte adevinhou,
 Corre todo — eu fico morto ;
 Oh, que sina!... ê cou... ê lou...

Oh, que sina! No perigo
 É meu dever aboiar ;
 Dão-me sempre um bom ginete,
 Em qu'eu me possa salvar.
 Ai, qu'apenas me consola,
 Nesta vida em que estou,
 Toadas de minha gaita...
 O' Espaço... ê cou... ê lou...

Eu, por isso sou humilde,
 E por isso canto assim...
 Se minha voz a boiada
 Não escutar... ai de mim!
 Mas, uma voz entoada
 Sempre a boiada escudou,
 Até mesmo a mocambeira
 Vai direito — ê cou... ê lou...

Quando o guieiro saudoso
 Sabe seu canto dizer,
 Marcha o gado reunido,
 Como que chora a gemer!
 Pois elle conhece o canto
 Que terno choro molhou!
 Ama a rez a voz saudosa...
 Eia, avante... ê cou... ê lou...

Mas, a catinga receio,
Que pode gado esconder ;
E nas pontas d'um novillo,
Tenho medo de morrer !

E comtudo eu sou sozinho,
Minha mãe já se finou...
É minha familia o gado...
Eia, avante... ê cou... ê lou...

Minha vacca Noite-escura,
Nada, nada de parar !
Meu Surubim, meu boi Liso,
Côr de noite de luar ;

Toca, toca para a feira,
A viagem não findou :
Adiante, ó Pintadinho,
O' Bargado... ê cou... ê lou...

O VOLUNTARIO DO NORTE

Adeus, gente desta terra,
Campinas do meu sertão,
Que a corneta está chamando
Os caboclos da nação :

Vou-me embora para a guerra :
Commigo quem é que vai ?
Que sou um cabra de fama
Vou mostrar no Paraguay !

Sou gallo neste terreiro,
Quando me ponho a cantar :
Tambem na terra sou gallo,
Quando estou a pelejar :

E o gallo, batendo as azas
Lá vai cantando, lá vai...
Com seu biquinho afiado
Vai picar o Paraguay.

Quando bolem nesta terra,
Commigo bolem tambem ;
O cacete relampeia,
Quando cahe, derruba cem !
Troveja pancadaria...
Massaranduba lá vai...
Qu'atrevido está ralhando
O Lopes do Paraguay!

Elle diz : — Eu faço pouco...
O Brazil não vence, não! —
Ai... cabra! porque não sabes,
Qu'eu sou corisco e trovão!
Espera, espera, que o fama
Vai ensinar-te, lá vai...
Cabra, não morra! m'espera
Dentro do teu Paraguay!

Quem fôr valente me siga,
Quem não fôr não venha, não!
Qu'arranco páo com raiz
Sem deixar marca no chão ;
Que sou bala, que sou onça,
Que sou cabra famanaz :
Quando estou no meu destino
Venço até mil Paraguays!

Se no mundo houver um homem
Que duvide o meu valor,
Almoça páo, janta peia,
Merenda chiquerador!

Que sou filho de tapuya,
E' curiboca, meu pai. .
Que sou mão, sou topetudo,
Vou mostrar no Paraguay!

Adeus, prados e rochedos,
Florestas de piquiá,
Adeus, mulatas faceiras,
Adeus, ó meu Ceará!
Marréquinha da lagôa...
Teu cantador já se vai...
Vai pisar brabo e corado,
Nos tróços do Paraguay!

E tu, Joanninha Balaio,
Não admittas ninguem...
Espera, tem paciencia,
Qu'eu mesmo serei teu bem!
Adeus, adeus quem se fica...
Vamos nós, vamos quem vai
Castigar o atrevimento
Do perverso Paraguay!

A viola está dizendo
Que o Lope' está derrotado,
E a rabeça confirmando
A derrota do malvado ;
Se fôr assim, mato o resto,
Ao menos arranco um ai...
Se não fôr, eu mato o Lopes,
Esmago seu Paraguay!

Vamos, vamos, tenho pressa...
Mulatas, não chorem mais !
Sou cabra destabocado,
Sou fama destes geraes !

Hei de vencer o tyranno...
Minha viola esperai
Até qu'eu volte cantando
Dos campos do Paraguay.

Hei de voltar triumphante,
Me diz o meu coração,
Deixando o vil inimigo
Ciscando... morto no chão!
E gritarei: — Viva a patria
De quem cantando lá vai!
Que já não pia... está morto
O maldito Paraguay!

JOAQUIM SERRA

A MISSA DO GALLO

Repica o sino da aldeia,
Trôa o foguete no ar!
O rio geme na areia,
Na areia brilha o luar.
Quantas vezes, que alegria!
O povo da freguezia
Corre em chusma, folgazão.
No caminho arcos de flôres,
Por toda parte cantores,
Folguedos e agitação!

Alli no largo da ermida
O tambor toca festeiro,
Se apinha o povo em redor;

E a igrejinha garrida,
Tendo defronte um cruzeiro,
É toda luz e fulgor!

Vêm do monte umas devotas
Trazem o rosario na mão;
Uns camponezes janotas,
Calças por dentro das botas,
Seguindo o grupo lá vão!

Que raparigas formosas,
Cheias de rendas e rosas
A ladeira vão subir!
Fallam cousas tão suaves,
Parece gorgueio de aves
O que ellas dizem a sorrir!

A brisa sopra fagueira,
Brincando na jussareira
E vai o rio enrugar;
Chegam de longe canôas,
Os barqueiros cessam as lôas,
Que modulavam a remar!

O sino da freguezia,
Da branca igreja da aldeia,
Cada vez repica mais;
O povo corre á porfia,
A capella já está cheia,
Soam threnos festivaes!

Porque produz tanto abalo
Esta festa sem rival?
É hoje a missa do gallo,
Santa missa do Natal!

.

Este festejo tão lindo
Que grande mysterio encerra!
Poema de amor infindo
Que o céo ensinou á terra!
Faz-se humano o ente divino,
O Eterno se faz menino,
Vem viver entre os mortaes!
Lei christã, santa e formosa,
Salve, crença magestosa,
Qu'eu recebi de meus paes!

.
Na palhoça illuminada,
Que fica junto da ermida,
Dês que a missa foi cantada
Se congrega a multidão ;
Tôlido de murta florida,
Flores de magico aroma
Ornam o presepe, que toma
Na sala grande extensão.

Quão lindo está! Não lhe falta
Nem o astro milagroso,
Que de repente brilhou ;
Nem o gallo, que o repouso
Deixára por noite alta,
E que inspirado cantou!

Tudo o que a lenda memora
E consagra a tradição,
Vê-se alli, grosseiro embora,
Despido de perfeição.

Céu de estrellinhas douradas,
Estrellas de papelão ;
Branças nuvens fabricadas

Da plumagem do algodão !
Anjos soltos pelos ares,
Peixes sahindo dos mares,
Féras chegando d'além,
Marcha tudo, e vêm na frente
Os reis magos do Oriente
Em demanda de Belem !

É esta a lapa ; o menino
Nas palhas está deitado,
Co'um sorriso de alegria,
Todo doçura e amor !
Contempla o quadro divino
S. José ajoelhado,
E a Santissima Maria,
De Jericó meiga flôr !

Trajando risonhas côres,
Com muitos laços de fitas,
Rapazes, moças bonitas
Formam grupos de pastores.

Que curiosos bailados,
Com maracás e pandeiros !
E o ruído dos cajados
D'esses risonhos romeiros !

Essa quadrilha dansante,
Cantando versos festivos,
Aos pés do celeste infante
Vai depôr seus donativos :

Fructas doces, sazoadas,
Ramilhetes de açucenas,
Cêra, pelles delicadas,
Pombinhos de brancas pennas.

São as joias qu'os pastores
 Dão ao Deus Omnipotente!
 E o povo applaude os cantores
 E o espectáculo innocente.

Eis o presepe singelo
 Da devoção popular;
 Oratorio alegre e bello,
 Sagrado, risonho altar!

.

Que noite, que madrugada!
 A familia reunida,
 Uma festa em cada lar!
 Quanta saudade esquecida,
 Quanta tristeza apagada
 Só co'um sorriso, um olhar!

Na terra tanta alegria,
 Tanta paz celestial!
 Que dia, que lindo dia!
 Festa santa do Natal!

A DESOBRIGA

« Chegou o padre da villa
 « Cessem amores e briga;
 « Corra a semana tranquilla,
 « Que é tempo de desobriga.

« Lá na varanda da frente
 « Vai ser o confissionario ;
 « A capella está luzente
 « E já chegou o vigario.

« Eu não quero irreverencia,
 « Cumpro á risca a Escriptura,
 « Exame de consciencia
 « Vá fazer a escravatura.

« Não quer o menor brinquedo
 « Neste negocio o patrão ;
 « Assim pois, amanhã cedo
 « É virem p'ra confissão ! »

Fazendo este aviso, da extensa senzala
 Sahio o feitor ;
 Começa a gritada, ninguem mais se cala,
 Que grande rumor !

Ouçamos o que diz com vozes lentas
 Aquella velha quasi secular.
 As outras companheiras são attentas,
 Escutam sem fallar !

« Desta feita não veiu o barbadinho
 « O santo das missões !
 « O vigario da villa é bem mocinho...
 « Jesus ! Santa Maria !
 « Acho que padre moço não devia
 « Metter-sê em confissões !
 « Boca que tal disseste ! Sou bem louca,
 « Já viram cousa igual ?
 « Murmurar do vigario ! Calo a boca...
 « Que peccado mortal !
 « Mas se o padre barbadinho

« Era um bom confessor, santo varão,
« Eu posso lamental-o um bocadinho,
« Sem maldade fazer comparação!

« Deu-me elle este rosario
« Que foi de S. José,
« E neste relicario
« Um dente de Noé.

« Benzeu esta fazenda
« Um dia ao pôr do sol,
« As casas de vivenda,
« A eira e o paiol.

« Bom padre! Era bem quisto
« Por todo este sertão ;
« Quando partio, está visto,
« Levou um bom quinhão

« De esmolas, de presentes,
« Eu dei-lhe os lucros meus ;
« Quem dá aos indigentes
« Dizem que empresta a Deus! »

Cochicham as creoulas
N'um canto a sorrir,
Zombando dos contos
Que deixam de ouvir.

E as velhas pensando
No confissionario,
Assim vão fallando
Do moço vigario...
E as moças creoulas
Murmuram : Que tolas!

ANASTACIO DO BOMSUCCESSO**AS NUVENS E O SOL**

FABULA

O dia era fulgente, o sol brilhava
Em vivido esplendor;
De repente mil nuvens se agglomeram,
O sol perde o fulgor.

E as nuvens encobrem
Do sol lindos raios,
As terras se cobrem
De turvos desmaios;
Ninguem se conduz
Nas trévas sem luz.

E o sol de seu posto
Taes cousas bem via:
Das nuvens no rosto
Com força batia;
A tanto calor
Desfaz-se o vapor.

Perdidas nos ares
As nuvens passaram,
Das zonas polares
Que rumo levaram?
Não viram do sol
O novo arrebol.

MORALIDADE

Luz um talento, os tolos anuviam
 Os fogos da razão ;
 A luta é transitoria — os zoilos morrem,
 O genio brilha então !

OS VÔOS DO CONDOR

FABULA

O pequeno condor no chão rasteiro
 Os vôos ensaiava,
 E vio além, no proximo canteiro,
 Arbusto, cujo galho se agitava ;
 Ligeiro esvoaçando,
 Nesse ramo pousou,
 E, o arbusto vergando,
 Outro ramo o condor logo buscou.

Arvore mais forte procurou depressa.
 Nos ramos da mangueira
 Não fica satisfeito, e se arremessa
 Á alta cópa de gentil palmeira :
 De lá, mede as alturas
 E vê donde partiu :
 Ainda vê planuras,
 Não está contente, e o condor subiu.

— Em que novo remigio a aza valente
 Ousadamente expandes ?
 Os ventos perguntaram. E o echo ingente
 Dos euros respondeu: — Procura os Andes !

Ahi, dos altos montes,
Jámais ao chão desceu:
Só quiz por horisontes
A altas serras, a amplidão do céu!

Vôa o condor, procura a immensidade,
E lá nos montes pára.
Vôe o talento em nobre actividade,
Buscando da sciencia a fonte clara!
Nem fique no finito
Grandes esforços seus;
Procure o infinito,
Cumpra o destino que mandou-lhe Deus!

TOBIAS BARRETO DE MENEZES

OS TABARÉOS

A noite bole-me n'alma,
E eu sinto não sei que pena...
Amor de minha morena?
Quebrantos do seu olhar?
Grossas auras repassadas
De perfumes e lembranças
Carregam-me as esperanças,
Eu só me vingo em chorar...

Chorar? que bem fazem lagrimas?
A folha secca abrazada
Não vale a fresca orvalhada...
Chorar!... eu nunca chorei:

Ergo a frente, aparo o raio,
Desgraçado e sempre altivo,
Não morro, porque não vivo;
Não choro, porque não sei.

Não sei! quem é que não sabe
N'uma lagrima sentida
Alliviar-se da vida,
Que pesa no coração?
Não sabes como são tristes
Os olhos de quem não chora,
Como o teu rosto descora
No calor deste sertão?

Deste sertão! é bem duro
Soltar inutil queixume,
Amar, sentir um perfume
De que não se sabe a flor...
Não me recordes, não falles
No meu rosto descorado,
No meu olhar desvairado:
Não bulas co'a minha dôr.

Interrompendo os lamentos,
Calaram-se. Ambos attentos
Ouvem como que um tropel,
Que se augmenta, que se engrossa...
A poucos passos da choça
Nítido fegoso corcel.

E a todos que alli se achavam,
Guarda-os Deus! Não me esperavam!...
Disse um moço que esbarrou;

De casa aqui n'uma hora!
São rasgos de quem namora...
Palavra dada, aqui estou!

Consta-me que ha muito arrojo
Nos festejos de S. João ;
Vim hoje ver a novena
E conversar com a morena
Que trago no coração.

Conversar?! e vim disposto
A carregal-a tambem
Nas ancas do meu murzéllo,
Demonio que só eu séllo,
Só eu monto e mais ninguem...

Olharam-se todos. Tu és um damnado!
Disseram. E o moço já estava de pé:
N'um cêpo de angico, depois assentado,
Contava proezas, mostrando quem é!

Conversa o terrivel, que sabe de tudo,
De espectro e phantasma que á noite se vê;
Um diz: é mentira! O camponio pelludo,
De um pulo s'erguendo, responde-lhe: o que?!

A noite formosa do Santo Baptista
Tem muitas virtudes, sustenta o rapaz,
Eu conto uma historia da bella entrevista
Que têm os valentes com o diabo sagaz.

Peguei, como ensinam, de um galho de arruda,
Depuz no caminho que encruza-se alli ;
Gritei pelo nome da féra sanhuda,
E ao cheiro da herva com poucas eu vi...

Em negro cavallo, de arreios de fogo,
 Figura medonha me diz: aqui estou!
 Sinti-me medroso de entrar n'este jogo.
 Não sei... de repente meu sangue esquentou.

Nos olhos, no punho correu-me a coragem;
 Que estava montado no meu alazão:
 Cravei-lhe as esporas, cheguei-me á visagem,
 Tomei-lhe a distancia, metti-lhe o facão.

E o ferro tinia no corpo de pedra,
 Faíscas enormes cahiam no chão;
 Eu cégo bradava: comigo não medra!
 Virou-se n'um porco, metti-lhe o facão.

Virou-se... virou-se... piquei o cavallo,
 Bem alto dizendo-lhe: é como quizer!...
 Lancei-me por cima, queria pegal-o...
 E esta?!... O diabo virado em mulher!...

*
 * *

Metto o facão na bainha;
 Pergunto-lhe: e quem és tu?
 D'alto a baixo era Joanninha,
 Por alcunha — *Pucassú*.

Mas aqui havia engano:
 Como é qu'essa meretriz,
 Que morreu, ha mais de um anno,
 De cousa que não se diz,

Vinha encontrar-se comigo?
 Não acho a causa. — Já sei
 Que ante a cara do inimigo
 Fui firme, não recuei.

Não fugi, não tive medo
Das astucias infernaes.
Ella pedio-me segredo,
Por isso não digo o mais.

FRANCISCO CARDOSO AYRES

BISPO DE PERNAMBUCO

OLINDA (*)

Inda no escuro, vaporoso manto
Rebuçada jazia a tarda noite,
De molles dormideiras rodeada,
Quando, sulcando as somnolentas ondas,
De manso me inclinei de Olinda ao seio.
Pouco tardou porém, que de meus olhos
Se ausentasse a nocturna impertinencia.
Ao longe a viva luz que os nautas guia,
Que no espaço do céu com lume vario
Sôlta brilhava como um sol da noite,
Já pouco e pouco se mostrava assente
Sobre a cónica torre, e se apagava.
Iam depois surgindo d'entre as sombras
Um e outro edificio, um bairro e outro,
Uma cidade emfim ; tudo em silencio
Respirando o viver, só na esperança
Da presença gentil do rei dos astros.
Como é bello o romper d'um bello dia !
Como é grato o purpureo do horisonte !

(*) Esta poesia escreveu-a o poeta quando contava apenas 16 annos. Elle a offereceu ao Sr. Visconde de Paranaguá, que teve a bondade de honrar-nos com uma cópia, extrahida da edição rarissima que possui.

Como é grande e sublime e magestosa
Do sol primeiro a rutilante face !
De raios aureos mil por todo o espaço
A saphira do céu se vê cortada :
E, quando o sol um pouco a fronte occulta
N'um ligeiro sendal de alegre rôxo,
Em catadupas de fulgor mais lindo
Sobre o crespoc horisonte os raios lança.
D'um lado, e d'outro a perfumada brisa
Do verde mangue meneando as folhas,
Mostra aos raios do sol que as tinge de ouro
Os nitidos crystaes do Bebiribe,
Onde esses renques de verdor continuo
Se espelham, se enamoram, se duplicam.
Eis que ao longe se eleva a pudibunda,
A pittoresca, sempre amada Olinda :
Seus montes, seus vergeis como são lindos !
Como é linda tambem, como é saudosa
A singelleza de seus velhos templos !

Alma extatica minha, enamorada
Da esperanza d'um prospero futuro,
Não te agrada tambem, não te domina
Um quadro encantador de antigas eras ?
— Oh ! pungente incentivo de saudades,
Despertador dos tempos que passaram,
Quanto és tambem querido de minha alma !
Que de scenas tocantes me presentas
Na longa serie de successos grandes,
Em que de meus avós, de meus patricios,
Alguns nomes encontro que da morte
As injurias não temem, defendidos
Por seus illustres, generosos feitos !
Olinda ! Olinda ! ao coração tu fallas
Na tacita expressão da imagem tua !
Pareço ouvir nas margens de teu rio

Algun dos filhos teus carpir teus damnos...
Pendentes do engazeiro, ao vento entregues,
Gemendo sôam do alaúde as cordas,
Como outr'ora pendentes dos salgueiros
Que as margens bordam do famoso Euphrates
Gemeram de Sion saudosas lyras.

Mas então longe estava a patria santa
Desses que em Babylonia assim choravam;
E tu, dos filhos teus presente aos olhos,
De infortunios coberta, e de improperios
Captiva do Hollandez, que dôr mais fina
Não lhe devias ministrar ness'hora!
Amargura cruel do captiveiro
Não lhes pôde sorver, porém, de todo
O lisongeiro succo da esperança:
O filho do Equador voltou-se afflicto
Ao Senhor dos Exercitos, e disse:

« Ah! meu SENHOR, ah! salva-me
« Por amor do teu nome, vem julgar
« Com fortaleza intrepida
« A minha causa, vem me consolar.

« Escuta as minhas supplicas,
« Ouve, piedoso DEUS, minha oração,
« Vê que inimigos perfidos
« Já me assaltam com duro coração.

« Matar-me intentam rabidos,
« E não curam teu Nome, ó grande DEUS!
« Nem os seus olhos nescios
« Jámais fitaram nos preceitos teus.

« Eis que o meu DEUS abranda-se,
« E desce a socorrer minha afflicção;
« Esperançado bate-me
« De alegria no peito o coração.

« O justo salva, e fine-se
 « Entre males embora o peccador :
 « Destruê, abate o impio,
 « O' DEUS, que és da justiça zelador. » (*)

E o Rei das Gerações, o Rei dos Tempos,
 O Senhor do Universo ouviu seu canto.
 A voz de — Liberdade — eis levantou-se,
 E — Liberdade — os echos resoaram
 Do Brazilico céu no espaço longo,
 E ao som da tuba electrica infundiram
 Enthusiasmo aos seus, terror a estranhos.
 — Olinda! Olinda, de taes filhos digna,
 Teu regaço amoroso então prestou-lhes
 As doçuras da paz e da alegria!
 A benção do Senhor fadou-te amada
 Dos filhos teus, e até de teus tyrannos.
 O Bátavo — cruel quando potente —
 Chorou quando perdeu-te, e te bemdisse:
 — Chorou mais pela Flor do Novo Mundo,
 Do que o Filho de Agar pela perdida
 Flor das Hespanhas, a gentil Granada.
 Feliz quem deixa um traço de saudade
 No coração do que julgava amigo!
 E muito mais feliz o que merece
 Do inimigo uma lagrima saudosa!!
 Tres vezes te saúdo. Salve! salve!
 Salve, ó Princeza destes longos mares!

Assim fallei: aos céos ergui meus olhos,
 E em silencio bemdisse o DEUS Supremo
 Que deu-me a vida, e libertou-me a patria.

Silencio que seguiu meus puros votos,
 Entrecortado só pelo ruido,

(*) PSALMO LIII, incompleto, traducção do Padre Caldas.

Que o rude canoeiro levantava
Com a vara longa da lustrosa areia,
Pouco tempo durou. Doce harmonia
Meus ouvidos levando alliciados
De minh'alma as potencias tinha presas.
Que harmonia será que assim me enleia?
Será voz d'um mortal, ou voz divina?
— Ora parece vir do airoso monte,
D'onde os não fartos olhos não se ausentam,
Perfumada descendo a verde encosta
Té na margem bater do quedo rio...
Parece ora que vem da fulva praia,
Onde as vagas fremendo, (*) em fôfa espuma
Ao longe mostram feiticeira imagem
De argentea renda n'um setim ceruleo.
De que parte virá tão doce encanto?
— Filha do enlevo que os mortaes illude,
Filha d'uma fantastica belleza
Do bardo ou menestrel não seja a mente:
Voz celeste não é, nem voz humana
Essa harmonia que me arrouba o peito;
Mas é da natureza a voz ingenua
Que, ao despertar dos lumes do Oriente,
A feudal gratidão levanta, humilde,
Ao sublimado throno do INFINITO.

O canto que lançou em rosto a Pedro
Seu perjurio, tres vezes repetido,
No povoado se levanta alegre,
Na campina o cantar dos passarinhos,
Nos montes o susurro dos coqueiros,
Nos valles o mugir das nedias vaccas,
No alagado o ruido dos insectos,

(*) As vagas fremendo em fôfa espuma, e ao mesmo tempo o rio estando quedo, produzem uma contrariedade apparente para quem nunca observou em Olinda este contraste poetico da natureza.

No rio o murmurar da cachoeira,
 Que adrede alli formára humana industria ;
 Tudo cadencia, melodia, encanto.
 Mas sempre tão harmonico sentimos
 Este doce concerto da natura,
 Que as delicias do espirito apascenta ;
 Combinação do bello e do perfeito,
 Cuja copia feliz se esquivava aos traços
 Do tímido pincel d'um bardo novo ?
 Aqui é que ha mysterio, aqui poesia!

Aquelle amanhecer loução, sublime,
 Aquelle gorgear das avesinhas,
 Aquelle murmurinho da corrente,
 Aquelle doce harpejo dos insectos,
 Aquelle balouçar d'alta palmagem,
 Aquelle aspecto encantador de Olinda,
 (De O-linda ! oh por seu nome se enuncia !)
 Aquelle céo azul, e as tão saudosas,
 Tão vivas emoções do moço bardo ;
 Tudo em meiga, e poetica linguagem
 Ao bardo que era eu mesmo annunciava
 Um dia de prazer, de gloria minha.

Foi este o dia que passei primeiro,
 O' bom Paranaguá, meu doce amigo,
 Na tua amavel, preciosa estancia ;
 Dia, em que de minh'alma apoderou-se
 O sacro fogo que meu estro anima.
 E quem dirá que magica belleza
 D'inspiração romantica illudio-me ?
 — Quem juntos não nos viu, nem n'um momento,
 Quem da tua amizade os dons ignora
 E um candido louvor não mereceu-te ! (*)

(*) Refere-se a uma circumstancia particular.

J. DE SOUZA ANDRADE

GUESA ERRANTE

POEMA

EXCERPTO DO SEGUNDO CANTO

Opalecem os céos — clarões de prata —
Beatífica luz pelo ar mimoso
Dos nimbos d'alva exhala-se, tão grata
Acariciando o coração gostoso!

Oh! doce enlevo e bemaventurança!
Paradiseas manhãs! risos dos céos!
Innocencia do amor e da esperança
Da natureza estremecida em Deus!

Visão celeste! angelica encarnada
Co'a nitente humidez d'hombros de leite,
Onde encontra amor brando, almo deleite,
E da infancia do tempo a hora foi nada!

A claridade augmenta, a onda deslisa,
Scintilla co'o mais puro luzimento;
De purpura, de ouro, a c'rôa se matiza
Do tropical formoso firmamento!

Qual um vaso de fina porcelana
Que através o sol alumiasse,
Qual os relevos de pintura indiana
E' o oriente do dia quando nasce.

Uma por uma todas se apagaram
As estrellas, tamanhas e tão vivas,
Como olhos que languidas captivas,
Mal nutridas de amores, abaixaram.

Aclaram-se as encostas viridantes,
A espriguiçar-se a palma soberana;
Remonta a Deus a vida, á origem d'antes,
Amiga e matinal, d'onde dimana.

Acorda a terra; as flores da alegria
Abrem, fazem do leito de seus ramos
Sua gloria infantil; alcyon em clamor
Passa cantando sobre o cedro ao dia.

Lindas lôas boyantes; o selvagem
Cala-se, evóca d'outro tempo um sonho,
E curva a fronte... Deus, como é tristonho
Seu vulto sem porvir em pé na margem!

Talvez a amante, a filha haja descido,
Como esse tronco, para sempre o rio —
Elle abana a cabeça co'o sombrio
Riso do iris da noite entristecido.

.
« Vagas eternas, se escondeis no seio
Alguma cousa que, de mim, procuro
Neste afan mudo, solitario, obscuro,
Embalançai, adormecei, — já creio...

Cante o nauta a partida na alvorada,
Retina á amarra o cabrestante oppresso,
Rujam chammás fornalhas abrasadas,
Erga-se e trema o carro do progresso! »

E como o corvo taciturno vóa
Atravessando o rio sobre o vento,
O vapor fumegando, n'um momento
Rente á riba direita alveja a prôa:

Caminha ousado nas vermelhas rodas
Que espanejam ao longe: aos sons ruidentes
Sahem da brenha ás alterosas bordas,
Ficam olhando os Indios innocentes.

Além, do rio se encobriu na volta
O balcão ideal, onde altas frentes
Duas nações debruçam! não são montes,
É Tabatinga que ao Imperio escolta:

Presidio imaginario! taes a aurora
Miragens pinta por um céu de amores —
Já da terra, que afasta-se e descóra,
Ao movimento se encobriu co'as flores.

.
« Desço a corrente mais profunda e larga
Que se ha visto rasgar de pranto a face
Da terra de miserias! outra nasce
Na dôr dos homens, porém negra, amarga:

« Quando, voltando dos festins culpados
A alma vã, prostituta arrependida,
Só traços da fortuna que é partida
São, dos olhos que choram, encontrados ;

« Ou quando a que nasceu para ser nossa
Vemos em braços d'outrem delirando ;
Ou meiga pátria, esperançosa e moça,
Do seu tumulto ás bordas soluçando. »

*
* *

Gela na Cordilheira ; hartas costellas
Descarnam ribas ; á corrente afoita
Chamaloteiam ondas lédas, bellas,
Amplas de sombras largas. Sobre a moita,

Nestas noites alvissimas de estio,
Felizes nos desertos, encostada
A montaria do Indio, abandonada,
Na indolencia cantando desce o rio.

O Eden alli vai naquella errante
Ilhinha verde — portos venturosos
Cantando á tona d'agua, os tão mimosos
Simplices corações, o amado, o amante,

Esta é a região das bellas aves,
Da borboleta azul, dos reluzentes
Tavões d'ouro, e as cantilenas suaves
Das tardes de verão mornas e olentes ;

A região formosa dos amores
Da araçarana flor, por quem doudeia,
Fulge ao sol o rubi dos beija-flores,
E ao luar perfumado a ema vagueia.

*
* *

Ao longe as praías de crystal se espaçam,
Vibrando a luz, e os bosques s'emmaranham,
Cabelleiras do vento que se assanham...
— As feitorias os seus tectos traçam :

São muitos arraiaes, nações diversas,
São filhos do ocio, que ora despertaram
Na ambição vária (as multidões dispersas
Do arrau medroso ás aguas se arrojaram);

Tumultuados volvem as areias,
Esquadrinham, revolvem, amontôam,
Com a sede dos que da terra as veias
De suor não regam, vozes não entôam.

Na socegada lavra, esperançosas
Tangendo o boi do arado. O povo infante
O coração ao estupro abre ignorante
Como ás leis dos Christãos as mais formosas.

Mas o egoismo, a indiferença estendem
As éras do gentio; e dos passados
Perdendo a origem cara estes coitados,
Restos de um mundo, os dias tristes rendem.

Quanta degradação! Razão tiveram
Vendo, os filhos de Roma, todos barbaros
Os que na patria os olhos não ergueram,
Nem marcharam á sombra dos seus labaros.

O estrangeiro passa: que lhe importa
A magnolia murchar, se elle carece
Tão só de algumas flores?... Anoitece
N'um somno afflicto a natureza morta!

Julgai do que dous sec'los embrutecem —
E lá estão a dansar (que a mais não podem)
Porque do sol que nasce ainda lhes sobem,
No sangue os raios — amo-os... me entristecem...

Que mentirosos genios predestinam,
Deus clemente! nos quadros do Amazonas,
Tanta miseria ao filho destas zonas
Onde em psalmos os dias matutinam!

*
* *

Mas, que dansas! não são mais as da guerra,
Sacras dansas dos fortes, rodeiando
A fogueira que estala, e a que inda aterra
Victoria os hymnos tiumphaes cantando:

Quando os olhos altivos lhe não choram
Ao prisioneiro, enfurecido aos gritos
Do vencedor que insulta seus avitos
Manes, que para além das serras foram.

Crepitante cauim girava ardente
E os guerreiros na gloria deliravam,
Solemne e vasto o circulo cadente
Onde valor os chefes assestavam.

No sacro fumo, rebramando o espaço —
Oh! como eram selvagens os seus gritos
Lá no meio da noite dos recitos,
Sombrio a balançar pendente o braço!

*
* *

Selvagens — mas tão bellos, que se sente
Um barbaro prazer nessa memoria
Dos grandes tempos, recordando a historia
Dos formosos guerreiros reluzentes:

Em cruentos festins, na vária festa,
Nas lédas caças ao romper da aurora;
E á voz profunda que a ribeira chora
Enlanguecer, dormir saudosa sésta...

A voz das fontas celebrava amores!
As aves em fagueira direcção
Alevantando os vôos, trovadores
Cantavam a partir o coração!

Selvagens, sim; porém tendo uma crença;
De erros ou bôa, acreditando nella:
Hoje, se riem com fatal descrença
E a luz apagam de Tupana-estrella.

*
* *

Destino das nações! um povo erguido
Dos virgens seios desta natureza,
Antes de haver coberto da nudeza
O cinto e o coração, foi destruído:

E nem pelos combates tão feridos,
Tão sanguinárias, barbaras usanças;
Por esta religião falsa de esp'ranças
Nos apóstolos seus, falsos, mentidos.

Ai! vinde ver a transição dolente
Do passado ao porvir, neste presente!
Vinde ver do Amazonas o thesouro,
A onda vasta, os grandes valles de ouro!

Immensa solidão vedada ao mundo,
Nas chammas do equador, longe da luz!
Donde fugiu o tabernac'lo immundo,
Mas onde inda não abre o braço a cruz!

.

« Vejo, oppresso de um máu presentimento,
A lanterna, os quatro olhos á noitinha
Fazendo esgares funebres, sózinha
Da verga a olhar e a se mover co'o vento...

« Olá! que apagem? temos bellos astros
Que os caminhos alvejam sobre o rio,
E vigilante o practico gentio,
E fallam rodas pela luz dos mastros! »

Abalrôam a noite sonora

Longas vozes ondeando nas soidões ;
Resôa a margem, taciturna, umbrosa,
De alvoradas cantadas nos serões.

Amava o Guesa Errante esses cantares

Longinquos a deshoras nas aldeias ;
Se aproximava, triste, dos lugares
Tão saudosos —

.
« Saltemos nas areias —

« Porém que é isto?! peste! que descoras,
Depravas d'alma o instinto, que os perfumes
Divinisam, alegram sobre os cumes
Das trescalantes flores destas horas !

« E eu vi, longe d'aquí, a morte o seio
Da família feliz despedaçando,
Rotos os laços do mais puro enleio,
A virtude, a belleza soluçando.

« O silencio cahio, fez-se a tapéra
Na Concordia dos cantos e os amores...
Magalhães, Magalhães, na primavera
Partiste — e em teus jardins já murcham flores. »

JOÃO CORIOLANO DE SOUZA LIMA

O TOURO-FUSCO

EXCERPTO DO PRIMEIRO CANTO

No bello Crateuz, sertão formoso,
Obra sublime do Supremo Artista,
N'um terreno, coberto de *mimoso*,
Está sita a fazenda « Boa-vista » ;
Do Principe Imperial, pravo e rixoso,
Villa do Piauhy, seis legoas dista :
Ahi, n'um *massapê* torrado e brusco,
Nasceu o valeroso « touro-fusco. »

Em certo anno do sec'lo desenove,
Além de peste e fome assoladora,
No pobre Crateuz nem se quer chove,
A sêcca é por demais abrasadora.
Um aqui jaz faminto — nem se move !
Outro alli, ante a Imagem da Senhora,
Pede, em pranto banhado, ao Bento Filho
Chuva, arroz e feijão, farinha e milho.

Foi n'esse anno de peste e de carencia
Que o *fusco* neste mundo foi botado ;
Mas da sêcca terrivel a inclemencia
A mãi-vacca matou-lhe: eil-o engeitado !
Porém delle tratou com diligencia
O bom do creador, com tal cuidado
Que, embora magro e feio e cabelludo,
Foi crescendo o bezerro barrigudo.

Já era garrotinho, e inda a barriga
Parecia querer romper-lhe o couro ;
Quem olhava o infeliz — dava-lhe figa,
Dizendo: este nunca ha de ser touro !
Quantas vezes, me lembra, eu tinha briga,
Se barriga chamavam-no de sôro,
A ponto de chorar, de coitadinho
Chamar o desgraçado garrotinho.

No anno trinta e seis ou trinta e sete
Era pai de curral o bello touro ;
As proezas que fez, inda repete
Quem nunca lhe notou um só desdouro :
Ouvir-lhe as duras brigas terror mette,
Às vezes de prazer rebenta o chôro !
Se o *fusco* fosse gente, elle seria
Mais heróe que esse heróe da Alexandria.

Pouco a pouco foi-se elle endireitando,
Já suas finas pontas amolava
Na dura ribanceira, onde passando,
Uma e outra a seu turno elle enfiava.
Já quando algum garrote ouvia urrando,
Cavando com a mão tambem urrava ;
Té que, alfim, de peloso, e barrigudo,
Tornou-se um touro bello e cachaçudo.

Os seus chifres não eram nem *espaços*,
Nem *combucos* tambem: pouco virados ;
Com que garbo gentil movia os passos,
Quando vinha ao curral co'os outros gados !
Era *fusco* na côr, mas tinha traços
De *liso* pelas costas espalhados :
Seu *cupim* era grande e tão roliço
Como em outro não vi igual toutiço !

Quando vinha ao curral, tocando adiante
A manada de vaccas que guardava,
Tinha um modo de andar tão elegante,
Tão grave qu'eu com gosto lh'o notava!
Tinha um urro saudoso e retumbante
Que nos valles floridos reboava:
Toda a terra do urro estremecia,
E o matto em derredor todo tremia!

Sempre me hei de lembrar da vez primeira,
Em que elle se pegou com outro touro,
Que veio da fazenda Cachoeira;
Era grande e *lavrado* em todo o couro;
Sempre tinha vencido na ribeira,
D'onde vinha alcançar triumpho e louro;
Mas, coitado! — sahio-lhe o anno bissexto,
Como diz o dictado ou reza o texto.

Quando o *fusco* se viu em pé na frente
Do *lavrado* inimigo que cavava,
N'uma moita amolando a ponta quente,
Com as mãos para o ar o pó lançava;
Mas, eis que serio fica, e de repente
Abanando a cabeça, que abaixava,
Contra o féro inimigo elle arremette
De um modo que o pavor em todos mette.

Trava-se a lucta encarniçada e dura,
Grande circ'lo descrevem na refrega;
Já meia hora que a peleja dura,
O *fusco* do inimigo se despega;
Mas, de novo, sacode com bravura
A testa, e novamente a lucta pega
Co'o *lavrado*, que em pouco urra na ponta
Do *fusco* que, espetando-o, se remonta.

Mais de um palmo sabio do opposto lado
Do cachaço do misero vencido,
A ponta com que viu-se traspassado,
Os campos atroando suspendido!
Todo o dia levára pendurado,
Se seu proprio senhor, compadecido,
Não o fosse arrancar do chifre brusco
Do valente e brioso touro-*fusco*.

Em breve toda aquella redondeza
Só do touro valente se occupava:
Se um urro, acaso, ouviam na deveza,
Diziam que era o *fusco* quem urrava.
Todos queriam ver sua fereza,
Quando com outro touro elle brigava,
E até vinham de mais de uma fazenda
Muitos e muitos touros de encomenda.

Dos touros vencedor, nunca vencido,
Era o *fusco* o terror d'aquelles campos,
Seu urro, qual trovão, era temido,
Seus olhos fuzilavam, quaes relampos.
Era um touro valente e destimido,
Seu valor e denodo não estampo-os:
Tudo quanto disser, é pouco, é nada,
P'ra mostrar desse touro a nomeada.

Não faltava ao curral nem um só dia,
Por de mais era manso e curraleiro;
Só brigava co'o touro que queria,
Mas nunca a procurar foi o primeiro;
Furtar pelos roçados nunca ia,
Embora fosse o pasto mui vasqueiro:
Todavia, lhe andavam já na pista
Na fazenda chamada Boa-vista.

CONSULTA E RESPOSTA

— Bom dia senhor doutor.
« — Bom dia, senhor Soares,
D'onde vem ? » — « *dos patrios lares*
Desse sertão seductor :
Eu venho do Piauhy.
Trouxe cento e tantos queijos
Saborosos como os beijos
Das mulatas do Poty ;
Porém por desgraça minha,
Foi ter a certa covinha...
Que não direi ser de Caco,
Pois Caco já não existe,
Onde infelizmente assiste,
E onde tudo abarca e vende,
Sem dar o menor cavaco,
Um certo atravessador.
Por fim de contas, entende
Que por ser *grande* senhor,
Deve ao credor, bom ou máo,
Responder sempre : *babão ?* »

« Vendi-lhe senhor doutor,
Os queijos por atacado,
Só por tresentos mil réis :
Venceu-se o prazo marcado,
Fui cobrar do comprador.
Insultou-me, — nem dez réis !
Agora o que hei de fazer
Para os cobres receber ? »

O letrado empavonou-se
Na cadeira de balanço,
Tossiu, cuspiu, assoou-se,

Depois de breve descanço,
Riscou estalante phosphoro,
Accendeu louro charuto,
E respondeu sem mais prologo
Em som grave e estylo arguto :

(Soares reprime o folego
E prega e concentra a vista
Na boca florida, altiloqua
Do grande e sabio jurista :
Vai ouvir na voz harmonica
A resposta salomonica).

« — Senhor Soares, o caso
Não me parece tão leve,
Pois não o,li no Parnaso,
Nem no afamado Vanguerve ;
Porém deixando de parte
Mais perluxas citações,
Dir-lhe-hei com engenho e arte,
Sem Pandectas, sem Lobões,
Que presto e presto demande
O tal brejeiro malsim.

« Á casa cital-o mande
Por esperto beleguim,
E citar com hora certa :
Pois se elle vir, não o encontra :
Mergulhará como a lontra
Do caçador descoberta. »

« Mas onde, senhor doutor,
Mergulhará, pois é fama
Não ha lá rio ou açude? »

« — Ahi, em qualquer palude,
Ou nessa fetida lama
Do brejo do tal senhor. »

« — Bom dia senhor doutor.
« — Bom dia, senhor Soares!
— Como vai co'o devedor?
« — Em roseos serenos mares.

« Todos dizem com razão
Que sentimento ou vergonha
Não ha mais na carantonha
De tão velhaco truão.

« Inda usou de escapatorio,
Inda tentou mergulhar,
Ou quem sabe? mergulhou ..
Mas o sujeito é finorio;
Julgou prudente pagar
Os queijos que me comprou.

« Certificou o meirinho
Que elle se havia occultado,
Para não vir á audiencia;
Mas, sabendo, de caminho,
Que eu já tinha advogado,
Concordou com a consciencia.

« — Agora, ja que sou velho
Quero lhe dar um conselho:
Quem usar vender fiado,
Logrado bem pode ser;
Mas, se fugir do tratante,
Avante, pode vender.

Tem o tratante na cara
Cousa rara! certo quê,
Ferrete que o experiente
Logo sente, logo vê. »

« — Sim, doutor, para o futuro
Protesto andar mais seguro.
Quanto lhe devo doutor? »

« Eu não recebo dinheiro
Por consulta de crédor
Feita contra caloteiro
Ou contra máo pagador. »

« — Muito obrigado, doutor. »

JERONYMO GUIMARÃES

* * *

Ha dôres tão crueis que p'ra soffrel-as,
Não nos basta sómente a valentia;
— Carecemos tambem que a Providencia
Nos sirva de conforto, amparo e guia.

O valor, a coragem de noss'alma,
Tem um certo limite — que termina
Quando aquelle que soffre embalde espera
Triumphar um instante da má sina! —

D'ahi — o desespero, a morte lenta
Que invade os corações desamparados;
— Aquelles que não têm por nórté — Deus,
Que os olhos para os céos não têm voltados.

Assim — feliz ainda o desgraçado
 Que na dôr que o afflige — á Deus recorre ;
 — É maior, mais sublime do que o *grande*
 Que esquecido de Deus — descrê e morre!

* * *

Nega-se a sôrte, o destino !
 Mas porque sentem as flôres ?
 Porque a diversidade
 Que existe nellas — de côres ?
 — Porque symbolisam umas
 O praser, outras as dores ?

.

Vingam saudades e rosas...
 — Vestem estas da belleza
 Os esplendores, as graças,
 Como contraste á tristeza
 Daquellas, — que trajam luto
 Queixosas da natureza!

.

Oh ! não se negue que tudo
 Tem seu fim — por Deus prescripto ;
 Que tudo occupa um lugar
 Á um poder circumscripto,
 — Desde a planta até ao homem,
 Desde a terra ao infinito!

ELZEARIO PINTO

O FESTIM DE BALTHAZAR

Mané... Thecel... Pharés...

I

« Queimai perfumes, escravas !
Trazei-nos sandalo e flores !
Vinho ! Do vinho os vapores
Levem presagios crueis !
Por *Baal* ! Senhores e donas,
Não morra o prazer da festa !
Por *Baal* ! Por *Baal* ! sôe a orchestra,
Tangei, tangei, menestréis ! »

As luzes tremem nas salas,
Treme o ouro e a pedraria ;
Das amphoras transborda a orgia
Como as espumas do mar :
— « Por *Baal* ! Senhores e donas,
Repete a nobre assemblêa,
Ao grande rei da *Chaldéa* !
Ao grande rei *Balthazar* !

Rompe a orchestra — e as concubinas,
Com os seios nús, palpitantes,
Entoam febris descantes,
Lasciva, ideal canção ;
E em volta ao seu throno d'ouro
Nabonid, rei poderoso,
Sente alma a nadar no goso,
Em que se afoga a razão.

E ferve, referve a orgia
 Ao som da orchestra estridente!...
 E a lua toca o occidente
 Sobre a cidade immortal.
 Talvez mande a peregrina,
 Do monte *Ephraim* pendida,
 Um raio por despedida
 Do *Cedron* sobre o crystal.

II

Manda, sim, sobre ruinas
 (Que ahi só resta um montão)
 Mirando a gentil captiva,
 Dilecta filha de *Abrahão* :
 — Ai terra de Deus querida!
 Ai terra da promissão !

« Terra, terra bemfadada,
 Outr'ora — esposa de *Arão*,
 Hoje ruinas dispersas,
 Hoje o lucto e a escravidão :
 — Ai terra de Deus querida!
 Ai terra da promissão !

« Teus filhos gemem distantes,
 Jámais aqui voltarão...
 Murchai, gardenias do prado!
 Chorai, divino *Jordão* :
 — Ai terra de Deus querida!
 Ai terra da promissão !

« Onde as endeixas saudosas
 Dos cantores de *Sião* ?
 Aves do céo, vossos carmes

Não solteis mais aqui, não :
— Ai terra de Deus querida !
Ai terra da promessa !

« Lyrio pendido no valle,
Varreu-te acaso o tufão ?
Nem uma gotta de orvalho !
Isaac ! David ! Salomão !
— Ai terra de Deus querida !
Ai terra da promessa !

E pela encosta do monte
A tristezinha lá vai,
Mandando um ultimo pranto,
Um doce e sentido ai,
De um lado á immersa *Sodoma*,
Do outro ao monte *Sinai*.

III

E cresce, recresce a orgia
Nos salões de *Balthazar*,
Ondas de pura harmonia,
Ancias de impuro gosar.
— Entanto a cidade dorme
Envolta no manto enorme
Da noite — somno fatal !
E aquelle peito gigante
Devora sede arquejante
De vicios — sede infernal !

Nas salas grato ruido,
Luzes, perfumes e amor ;
Lá fóra estranho rugido,
Surdo — ao longe — e ameaçador.
No horisonte um fumo denso

Se eleva, bem como o incenso
 Nas salas e a embriaguez...
 Que importa ao rei o horisonte,
 Se as flores ornem-lhe a frente,
 Se o ambar corre-lhe aos pés?!

« Ao rei! ao rei poderoso!
 Ao reino que não tem fim!
 Como o *Euphrates* caudaloso
 Corra a onda do festim! »
 — « Perdão: as taças, senhores,
 Não podem, tão sem labores,
 À festa de um rei convir;
 Temos os vasos sagrados,
 São soberbos, cinzelados,
 Do ouro fino de *Ophir*.

« Trazei-nos — » já vacillante
 Diz o rei: « Viva o Senhor! »
 E ruge o vento distante,
 Como um gemido de dôr.
 Entram luzidos criados
 Trazendo os vasos sagrados
 Do templo de *Salomão*...
 — E ruge o vento mais forte,
 Lançando vascas de morte
 Pelos umbraes do salão.

« Transborde o nectar, amigos!
 Eis os vasos de *Jehovah*!
 Nesses labores antigos,
 Vê-se a captiva *Judá*. »
 E cresce o estranho rugido,
 Surdo, rouco, indefinido...
 « São os soluços do *Iran*! »

E ruge, ruge mais perto...
« São os ventos do deserto
Sobre as areias de *Oman!* »

Nas caçoulas fumegantes
Arde o myrto e o aloés,
Ao som das notas vibrantes
Sobe, sobe a embriaguez.
— « Por *Baal!* Por *Baal!* pelos *Medos!*
Quebrem-se as harpas nos dedos,
Trema o tecto do salão! »
Horror! ao tinir das taças,
Nuncio de eternas desgraças,
Brame na sala um tufão.

« Depressa, luzes, depressa... »
Diz o rei: « longe o terror!
Mas não... » e o vaso arremessa,
Recúa tremulo... horror!
É que, em meio á noite brusca,
Mão, que de brilhos offusca,
Toda a sala illuminou;
Cometa, a correr ardente,
Estranha cifra candente,
Pelas paredes traçou!

IV

« Meu collar de pedrarias
Áquelle que decifrar!
Venham magos e adivinhos,
Depressa, *Beltisasar,*
Elle, o mais sabio de todos,
Póde o mysterio explicar! »

E dorme a cidade lassa
Dos vícios na prostração,
E cresce, cresce o rugido
Qual resonar de um volcão:
Ou é tremenda borrasca,
Ou é povo em multidão.

Entre os famosos convivas
Mais um conviva apparece,
As sandalias do proscripto
Traz — quem é que o não conhece?
Diante do rei se inclina,
Do rei, que ao vel-o estremece.

« Bemvindo sejas, captivo,
Daniel Beltisasar;
Se sabes ler no impossivel,
Tens alli, pôdes fallar:
Terás um manto de purpura,
Terás meu regio collar. »

De novo ante o rei se inclina
A cabeça do ancião,
Depois, elevando a fronte
Altiva, e estendendo a mão,
Busca achar da ignota cifra
A divina inspiração.

Nem do *Tibre* o velho roble,
Nem os cedros do occidente
A fronte mais alto elevam,
Mais nobre, mais imponente!
O genio é como as estrellas,
Beija os pés do Omnipotente.

« Rei! escuta a voz do *Eterno*,
Que por meus labios te falla:
O crime mais execrando
O teu reinado assignala:
Vê, revê tua sentença
Escripta em letras de opála.

« Não ouves bramir confuso
Como o arfar da tempestade?
São os *Persas* que se arrojam
Sobre os muros da cidade:
Perdeu-te a lascivia impura,
Rei! perdeu-te a impiedade.

« Profanaste os vasos santos
Nas torpezas de um festim,
Teus dias foram contados
Como os da bella *Séboin!*
Agora o brinde, senhores,
— Ao reino que não tem fim! »

V

Gesto grave, altivo, acerbo,
Assim falla o escravo hebreu,
Soletrando o ardente verbo,
Que mão de raio escreveu:
E depois, braços pendidos,
Olhos de chamma incendidos
Verberando a maldição,
Deixa a sala, onde se espalha,
Como trevosa mortalha,
O terror na escuridão.

E quando o raio primeiro
 Do sol, singrando o horisonte,
 Rompe o denso nevoeiro
 Sobre o cabeça do monte,
 Em vez da cidade altiva,
 Vê — desgrenhada captiva,
 A dissoluta *Babel*,
 E além dos muros colossos,
 D'aquelle povo os destroços,
 E um homem só — Daniel!

RODRIGUES PEIXOTO

PHANTASIA

Que pejos que tinha! queriam as ondas
 As plantas tão alvas humildes beijar;
 A tímida virgem fugia, corando,
 Medrosa dos labios impuros do mar.

Às vezes á agua fingia render-se,
 Veloz avançando p'ra lymphá azulada;
 Se os seixos acaso roçavam-lhe a cutis,
 Volvia de prompto sorrindo enleuada.

Sentado na relva quedei-me a fital-a,
 Mirando donaires que tinha indecisa;
 Faziam-me zelos as conchas da praia,
 Faziam-me zelos os beijos da brisa.

Mas eil-a que pára n'um ponto, impossivel...
 As ondas aguarda fitando-as, de face;
 Passados instantes, qual sombra esvaida,
 Nas aguas se atufa ligeira, *fugace*.

Perdi-a de vista. Sumio-se n'um pego,
Qu'em flocos de espumas a forma envolveu ;
Julguei-a perdida ! Rojei-me no vortice...
Mas, eil-a ! lá surge ! Prostei-me ante o céu !

Tirei-a das ondas : febril quiz beijal-a !
Eu dera-lhe vida, se morta estivesse !...
Mas, não ; palpitante, volvendo-me os olhos,
Arfou n'um soluço : mil vezes morresse !...

Ouvindo este verbo tremeram-me os labios...
Minh'alma fundio-se ralada de dôr !
Eu li-lhe na boca tão fundo segredo !
Eu li-lh'o nas faces crispadas, sem côr !

Por que tão formosa querias um crime,
Ondina tão pura, meu idolo sancto ?!
Mancebo, silencio ! Respeita em mysterio...
Bradou-me co'os cilios banhados em pranto.

ROZENDO MONIZ

O GENIO

Que força és tu, maravilhoso agente
De creações divinas,
Que tens no craneo luminosa enchente
Com que o mundo fascinas !
Para onde vaes, arauto do Infinito,
Que os seculos attens ao curso teu,
Que a rigidez convences do granito
E arrebatas na chispa o raio ao céu ?

Desmentidor ovante do impossivel,
Que as crenças retemperas
Das idéas na fonte enexhaurivel,
Da gloria nas esphas!
Donde o teu ser dimana, antagonista
Da sorte neste humano tremedal!
Donde tiraste o sol que tens na vista!
Como serves ao bem no proprio mal!

Bem vejo — em ti — que no fulgor do Empyreo
O atmo animou-se;
Que de Satan, motor do teu martyrio,
A inveja originou-se.
Baixaste á terra e, respeitando as raias
Dos dominios guardados pela fé,
Disseste ao throno da razão: — Não caias.—
E o throno da razão ficou de pé.

De peço em peço resvalando incerta,
Que fôra a humanidade,
Se o teu animo, aos erros sempre alerta,
Não guiasse á verdade?
No prophetico verbo de Izaias
Dos tyrannos zombaste, arma de Deus,
E a vinda predisseste do Messias,
Calcando as furias de horridos atheus.

Ao tempo que apagar quiz as idéas
Heroicas, — torvo e fero —
Contrapuzeste a voz das epopéas
Na trombeta de Homero.
Vendo uma geração oppressa, á mingua
De bens, que o despotismo lhe usurpou,
Da eloquencia divina ungeste a lingua
E com ella Demosthenes fallou.

Nas almas, contra o negro scepticismo,
Com Socrates entraste;
Do corpo contra os males o aphorismo
De Hippocrates guardaste.
Ao pensamento dando leis, no erroneo
Caminho que ao teu methodo se oppoz,
Mais forte que o poder do Macedonio,
Os evos Aristoteles transpoz.

Ao contemplar o Homem do Calvario
Abraçaste o Evangelho.
Entre os barbaros, martyr solitario,
Foste do Christo o espelho.
Os gemidos do Golgotha acolhendo,
Quando espirava o Filho de Jehovah,
Entregaste ao porvir o crime horrendo
E aos mortos prometteste Josaphat.

Quando pensava o mundo que o teu solio
Era feito em pedaços,
Triumphante ascendeste ao capitolio
E á fama abriste os braços.
Aos posteros mostrando a Grecia e o Lacio,
De Italia ergueste, em cultos festivaes,
Eschilo, Juvenal, Phidias, Horacio,
Ás aras de oblações universaes.

De todos esses cerebros de fogo,
Fundidos n'um instante,
Vasaste a essencia, que inflammou-se logo
Na cabeça do Dante.
Daquelle craneo, cheio de prodigios,
A transcender dos orbes a amplidão,
Miraste o inferno que deixou vestigios
Em versos de volcanica impressão.

Depois que assim cantaste ampla victoria
Pelo estro mais intenso,
Subiste, enchendo o Pantheon da historia,
Neste mosaico immenso,
Ao theatro Shakspeare, á esculptura
Miguel Angelo, á musica Mozart,
Kant á critica, Rubens á pintura
Newton aos astros e Colombo ao mar.

Ao troar do canhão, que acende a guerra
Em fogo sempre novo,
Impondo em Bonaparte aos reis da terra,
Enthronizaste o povo.
Aguia, illesa entre nuvens de metralha,
Feriu-te as pandas azas Warteloo,
Mas os trophéus do genio da batalha
De Guttemberg a filha registrou.

Nessa invenção pasmosa, que te entrega
Ás benções do vindouro,
Descança, que jamais ella te nega
Ante os idolos de ouro.
Coroado das folhas do loureiro
Que offusca os europeis de mil brazões,
Sobrevives a escravos do dinheiro
Que atiraram-te ao merito baldões.

Entranhe-se comtigo o pensamento
Nos abysmos mais fundos,
Sondando o mar de luz do firmamento
Nos enxames de mundos.
Da natureza, a abrir-te o almo regaço,
Vê se pela arte retribues o ardor,
Tu, que já tens contra o poder do espaço
A bussola, o telegrapho, o vapor.

Em ti se ostente, divinal columna,
A inspiração que ensina
Nos certames da imprensa e da tribuna,
Na escola e na officina.
Suppressor da tyrannica distancia,
Terás sempre a energia que destróe
No espirito a barreira ignorancia,
E na materia os obices do heróe.

Gloria ao trabalho, em que tens nobre accesso,
Em prol da humanidade,
Para affirmar conquistas do progresso
No amor da liberdade!
Mas, propulsor da industria e da sciencia,
Em mil veredas que lhes vaes abrir,
Por mais que o fim procures da existencia,
Tua origem não negues ao porvir.

Genio! genio! que a mente humana excedes
Em mirifico arroubo,
Queres ter a alavanca de Archimedes
E deslocar o globo?!
Has de tombar, quando te falte o apoio
Que os orbes equilibra na amplidão;
Has de sumir-te, qual se perde o arroio
Nas aguas de oceanica invasão.

Então, quando o imperio teu desabe,
Com que tanto fulgiste,
Dirás ao mundo, a quem teu fim não cabe,
Que só por Deus cahiste.
E trasformado em astro, para ao manto
Do firmamento addir mais esplendor,
Has ser sempre o élo sacrosanto
Que prenda a creatura ao Creador.

SANTA HELENA MAGNO**A SECCA NO CEARÁ**

O sol do Novo-Mundo, o sol que em resplendores
O firmamento alaga e accende em vivas côres
De opalas e rubis ;
O sol, que doira a coma ás selvas viridantes,
E enchera de ambrosia os caules odorantes,
De mil flores gentis ;

Almo sorrir do Eterno, olho da Providencia,
Que no germen fecunda o mysterio existencia
Ao provido calor ;
O sol, que faz vingar no campo a farta messe,
Que o fructo nos sazona, e os membros nos aquece
E infunde-nos vigor ;

O sol, que bemfazejo á festa do trabalho
Aqui preside e anima, e á noite o doce orvalho
Como benção gotteja ;
Além, como um flagello, assola a terra ardente,
E, não já doce luz, mas lava incandescente,
Sobre os campos dardeja !

Olhai :—pela amplidão dos páramos desertos,
Na planura sem fim, nos serros descobertos,
Não brota a planta agreste, ou desabrocha a flor ;
Adusto e negro o chão, nem mesmo o cardo nutre ;
No ar nem vôa ave : apenas negro abutre
Companheiro da morte, habita em tanto horror !

Abobada de fogo, o céu a terra esmaga;
A natureza inteira afoga-se na vaga
Que implacável o sol lhe atira sem cessar!
Não ha sombra nem véo que tanta luz embace;
E o firmamento azul sorrindo mostra a face
Como escarneo pungente á tanto agonisar!

Na amena placidez das noites estrelladas
Não corre alli frescor das brisas perfumadas,
Nem refrigera a terra o rocio matinal;
E o vento que atravessa a planicie tostada
É como a exalação da furna incendiada,
Como o simoun que varre o libico areal!

Senhor, basta de luz! das nuvens no sudario
Amortalha esse sol, o facho incendiario
De fulgores lethaes;
Descerra agora, ó Deus, do abysmo a cataracta
E applaca a sêde atroz, que os homens punge e mata
Em torrentes caudaes!

Sequioso e faminto o gado muge errante
Em busca d'agua e pasto; a nuvem doudejante
D'aves atrôa os céos;
Brutos e vegetaes, tudo que vive e sente,
Pelos labios de fenda a terra exhausta, ardente
Tudo clama por Deus!

Da montanha nas quebradas
Caminha uma turba inteira:
Basta nuvem de poeira
Nas azas leva o suão:
São todos rostos queimados,
Labios da sêde gretados,
Semi-nús, esfomeados,
Fugindo ao quente sertão!

Successivas caravanas
Já nas estradas transbordam ;
Do valle os echos acordam
Dos tropeiros ao rumor :
Na marcha desordenada,
Na presença esgazeada,
Semelham horda accossada
Do inimigo vencedor.

Onde vão? sinistra força
Os expellio de seus lares !
Não mais os doces cantares
Quebram da noite a mudez.
Sómente flebeis accentos
Nas azas voam dos ventos,
Dos homens e dos armentos,
Das aves, como da rez.

Como o proscripto do Eden
Levam na frente abatida
O desespero da vida,
Do soffrimento o signal!
Como elle, de *fogo a espada*
Lhes impôz a retirada
Da triste patria abysmada
Em catastrophe fatal.

Eil-os caminho das plagas
Onde ha rios caudalosos ;
Dos ferteis valles umbrosos,
Das frescas ribas do mar :
Além, na farta cidade
Lhes acena a caridade
Com doce affago ; — quem hade
Pão ao faminto negar?...

Mas ai! o deserto é longo!
No esbraseado horisonte
Oasis não ha, nem fonte
Que refocille o viajor;
Na extensão que a vista alcança,
Onde a chusma afflicta avança,
Desmaia á muitos a esp'rança
Entre o cansaço e a dôr.

Oh Deus! que funebres scenas
De miseria e de agonia
Teu sôl formoso alumia
Nesses aridos sertões!
Alli ha homens roidos
Do abutre — fome; incendidos
Olhos de sêde; — gemidos
De quebrantar corações!

Nova Agar aqui no solo
Depõe semi-morto o filho,
Dos olhos extincto o brilho,
Labios seccos á estalar;
E segue exangue sem vida,
N'um mar de angustia perdida,
Porque a alma estremecida
Recusa vel-o expirar!...

Além é um velho que morre
No desamparo da estrada,
Por leito, a terra abrasada,
O sol por mesto brandão;
Em torno a orchestra de gritos
De esposa e filhos afflictos,
Resôa nos infinitos,
Nos echos da solidão!

Longe, além, por toda a parte,
Pela planicie pulvérea,
Do poema da miseria
Lê-se as estrophes fataes ;
E o vento, que passa ardente
Por essa plaga inclemente,
Murmura na voz plangente
A nenia dos funeraes !...

E vós, cuja alma terna e maviosa
Ensombra o quadro deste immenso horror,
E em cuja face roia descuidosa
Lagrima doce de sincera dôr ;

Vós, á quem dadivosa Providencia
De sorrisos enflora a paz do lar,
E adoça o travo amargo da existencia
A voz da infancia e a luz de um meigo olhar ;

Abri as mãos — deixai cahir a esmola
No regaço do misero infeliz
Á quem a angustia intima desola
E a fome abate a pallida cerviz !

Esses, que a fome esqualidos tornara,
E estendem, á pedir, supplices mãos,
São todos filhos desta patria cara,
Irmãos nas crenças e no sangue irmãos !

Cruel destino fel-os n'um momento
Indigentes de pão, orphãos de amor ;
Dai-lhes vós compassivo lenimento
Ao pungir do infortunio, ao fel da dôr !

Enxugue o pranto a mão da Caridade
 A predilecta filha de Jesus;
 Cale-se a voz dolente da orphandade;
 Pão aos famintos e vestido aos nós!...

VICTORIANO PALHARES

MYSTERIOSA

Se tens nos olhos o fulgor da aurora,
 Mostras na face a pallidez da santa.
 Não sei por que, tu és Venus, que chora,
 Tua linda tristeza prende e espanta.

Por cima do diadema da belleza
 Cinge-te a aureola opaca do martyrio.
 Tens do crepusc'lo, acaso, a natureza?
 Devêras ser um sol, e és um cirio.

Sei que em tua alma se travou a lucta
 Do amor com o dever, que a vida abala.
 Deus te clama do céo: — Mulher, escuta!
 E alguém te diz na terra: — Archanjo, falla!

.....

Onde irás tão formosa e pensativa,
 Fugindo á sina que ferio Suzana?!
 O mundo inteiro chama-te — captiva;
 Sómente o poeta diz que és soberana.

.....

Lá, onde a escrava derramou seus prantos ;
Lá, onde Agar da culpa se redime ;
Tu, com teus beijos, pagarás meus cantos ;
Alguem, com prantos, lavará teu crime.

APRIGIO DE MENEZES

A TAPUIA

Curumy, dá-me o cachimbo,
Traze tiquira na cuia,
Arma a rede de maqueira,
Que vou cantar a tapuia.

E hoje que o cavaquinho
Dá melhor afinação,
Satisfaço o meu desejo,
Desabafo o coração.

Tapuia, minha tapuia,
Sou filho do Ceará,
Mas tu fizeste, demonio,
Que eu me ficasse por cá.

Não sei mesmo que attractivos
Achei no teu frouxo olhar,
É cousa que não se explica...
Porém é certo eu te amar.

Quando apuras um sorriso
De teus labios no crysol,
Parece que ao desprendel-o
Prendes um raio do sol.

Desta côr quasi da noite,
Desta côr que Deus te deu
Se as brancas todas não gostam,
Que importa se gosto eu?...

Por ciume ou por capricho,
As brancas te querem mal;
Este odio só se explica
Por seres dellas rival.

Se faço alguma viagem
E remas no jacomam,
Se durmo á boca da noite,
Só acordo de manhã.

Então na beira do rio
Encostas a ygarité,
Almoçamos peixe-boi,
Depois tomamos chibé.

Quando dansas o *chorado*,
Corpo mais agil não ha;
De um lado sahe um « bonito »,
Um « bravo » sahe de acolá.

E neste lance que deixas
Teu cabelo se soltar,
Para a roda que te applaude
Inteira se embriagar;

Pois usas de pripióca,
Que é perfume tão subtil,
Como não ha no Oriente,
Como só ha no Brazil.

Então sahes n'um miudinho,
Tão miudo que é capaz
De tentar a muito velho,
De perder muito rapaz.

Da viola vai-se a prima,
Perde a rabeça o bordão ;
Mas se eu estou no cavaquinho
Sósinho aguento o rojão.

Curumy, dá-me o cachimbo,
Traz mais tiquira na cuia,
Que vou terminar o canto
Que dediquei á taquia.

Hoje, sim... o cavaquinho
Deu melhor afinação,
Satisfiz o meu desejo,
Dei largas ao coração.

- Que á tapuia do Amazonas
- Quem quizer venha dizer,
- Se ha mulher mais formosa,
- Se houve, se póde haver.

JOAQUIM HELEODORO

O BOIADEIRO

Alegrias tenho n'alma,
Consolo no coração ;
Vejo a aurora nos teus olhos
Quando chego no sertão.

De pequeno fui fadado
Para andar leguas aos centos!

Oh! birrentos,
Toca a ponta, mandrião!

Me criei entre os amigos,
Entre amigos sei folgar;
Minha avó, que Deus lá haja,
Me ensinou logo a rezar;
Santo altar busca minh'alma
No teu seio bem fadado!...

Eh! pintado,
Toca á frente! toca andar!

É em teu seio que vejo
O meu Deus no teu amor,
E quanto mais me atormentas
Mais te quero com ardor;
Não sei buscar alegrias
Longe de ti, minha amada...

Oh! pintada,
Não fujas p'ra o logrador!...

Quando Deus me poz no mundo
Foi p'ra te amar com paixão,
Vêr por teus olhos a vida,
Sentir no teu coração;
Tenho seguido o destino
Passo a passo com certeza...

Oh! Belleza,
Guia certo o boiadao!

Não me cansa esta existencia
Atormentada que vai;
Cada qual tem uma sina,
A vida não vale um ai;

Mas sou feliz, nem mais peço
A Deus louvado os favores...
Oh! tres côres,
Sai da frente, esperto, sai!

Quem tem mulher que bem queira,
Quem tem luz n'um santo olhar,
E' ditoso, e como eu ando,
Nos sertões passa a cantar;
O boiadão é a alegria
Que quando te deixo busco...
Eh! oh! fusco,
Queres-me o sangue ralar?

Santo Deus, eu vou caminho
Da f'licidade na vida;
Tenho a paz dentro em minh'alma,
Tenho uma mulher querida;
Quando acordo é sempre rindo,
Nunca me deitei tristonho;
O meu sonho
É não mudar esta lida!

Sou feliz! trocar meu rumo
Por outro fôra peccar:
Cada qual nasce p'ra um norte;
O meu destino é te amar!
Ouve a cantiga! oh! morena,
Que canta o meu coração,
E tem pena
De quem toca o boiadão.

OCTAVIANO HUDSON

SANTINHA

Eu a vi no caixão, que linda estava!
Parece que dormia!
As loiras tranças sobre o collo algente
Molduravam o rosto resplendente,
Parece que sorria...

Naquella mesma sala de trabalho,
Ha mez e alguns dias,
A morta ahi se achava inda com vida,
Destribuindo premios — hoje, ai, Ida
Sepulta as alegrias

Daquella legião de criancinhas,
Queridas de Jesus,
Que solução de dôr e de tristura,
Ao contemplar a morta creatura,
Aquella extincta luz!

Que coração angelico e suave,
E que dedicação,
Por tudo o que concerne á humanidade,
Não se perdeu — voando á Eternidade,
Á divina mansão!

Santinha assim chamavam-n'a, *Santinha*,
As crianças diziam:
E por que tinha o nome celestino?
— Por ter um coração meigo — divino,
Os anjos respondiam.

J. KUBITSCHECK**EURICO**

Hermengarda! ousei amal-a,
De Favila a nobre filha,
Das Hespanhas maravilha,
Mimoso esmero de Deus;
Ousei construir-lhe um templo
De adoração em minh'alma,
Sonhei a vida tão calma,
Vendo o céo nos olhos seus.

Quem era eu p'ra tão alto
Erguer meu amor ardente?
Era um tymphado valente,
Um gardingo, — nada mais!
Na historia dos meus não tinha
Priscos brazões de nobreza;
Não tinha tanta riqueza,
Como os cofres de seus pais.

O orgulho, e ambição se ergueram
Entre nós — muro gigante!
Quem póde transpôl-o ovante?
O leão rugio de dôr!
Entre nós escancarou-se
Fauce de abysmo sem fundo:
— De um lado — os homens, o mundo,
— De outro lado — nosso amor.

Era impossivel! Que importa
Tivesse eu affectos santos,
Como o diziam meus prantos,
Minhas lagrimas de fel?

Das esferas argentinas,
Do céu azul da ventura,
Despenhei-me á noite escura —
— Como o archanjo revel. —

Nunca da virgem o amiculo
Rozará meu labio ardente ;
Sua alma pura, innocente
Não me dará um sorrir ;
Nunca a benção do presbytero
Ligará nossos destinos ;
Do noivado os santos hymnos
No templo não hei de ouvir.

Nunca ! Flamma dos infernos,
Que a flor da esperança abraza,
Estylete agudo em braza
Nas fibras do coração ;
Nuvem prenhe de tormentas,
Que no céu rugindo passa,
Hyena, que despedaçá
Minha mais bella illusão.

Cobrio-me a fronte p'ra sempre
A nuvem dos pesadelos,
Alvejaram meus cabellos
Da mocidade no ardor.
O tufão do desengano
Levou-me a flor da alegria,
Como arranca a ventania
Dos campos mimosa flor.

Fugi dos homens ! No claustro
Fui chorar minha desdita,
À santa Virgem bemdicta
Fui pedir consolações :

Quiz de mim proprio exilar-me,
Exilando-me do mundo ;
Do olvido arrojlar no fundo
Do passado as affeições.

E o céo na profunda chaga
Doce balsamo vertia,
Serena melancolia
Pairou no servo da cruz,
E de meus labios brotavam
Canticos pios, suaves,
Que reboavam nos mares
Das cathedraes de Jesus.

Depois... travou-se o conflicto
Entre Deus e a imagem linda,
Porque no meu peito ainda
Não se extinguiu o volcão:
Ora a razão imperando
Na consciencia — Deus — bradava,
Ora em delirios chamava
— Hermengarda — o coração.

Debalde entre mim e o mundo
Ergui a immensa barreira,
E do templo na soleira
Lhe disse um eterno adeus:
Toda vestida de encantos
Vinha a imagem da donzella
Sorrir-me na erma cella
Qual mensageira dos céos.

Eil-a ao desmaiar da tarde,
Nos coloridos vapores,
Da aurora nos esplendores,
Na branda luz do luar,

Na hostia dos sacrificios,
Nas flores ao pé das cruzes,
Dos bentos cyrios, nas luzes,
Nos ornamentos do altar.

Dizei, virações nocturnas,
Esta historia de agonias,
Do Calpe nas penedias,
Na mais funda solidão:
Que não chegue ao mundo um echo
Desse amor que me acompanha,
Que, como bronzea montanha,
Me peza no coração.

Cala essas dôres minha alma!...
A serpente do deserto
Já dispara o bote certo,
E ensanguenta o chão natal.
Sobre um montão de ruinas
Campêa altivo o crescente;
Por onde avança a torrente
Surdem os genios do mal.

E tú, bella Hespanha!... O louro
Colhido ao sol das victorias,
Emblema de tuas glorias,
Te vai da frente cahir?
Na espuria raça de hoje
Nos teus mais valentes filhos,
Que accendam de novo os brilhos
Da estrella de teu porvir?

Como tigres de vingança
Teus soldados não mais rugem?
Embotou a vil ferrugem
Os gladios da nobre grey?

Não é mais fouce de morte
O frankisk do Wisigodo?
Não provaram-lhe o denodo
As aguias do povo rei?

Silencio! O vento do norte
Passou em busca dos mares;
Silencio! echoou nos ares
Um grito de maldição:
É o Cesar das montanhas,
É o Pelayo ardendo em furias
Na caverna das Asturias
Bramindo — como um leão.

Tambem no horror dos combates
Eu fui um soldado forte;
Semeei o estrago, a morte,
Como um raio vingador.
Pela armadura de ferro
Troquei a stringe sagrada;
Pela borda ensanguentada
Meu cajado de pastor.

As hostes fugiam lividas
Diante de meu aspecto;
Nem uma flexa meu peito
Não veio rasgar sequer;
E ainda no cahos revolto
Dessas guerreiras phalanges,
No afuzilar dos alfanges,
Tu me sorrias, mulher! —

.
.

Me disseste um dia a historia
De teus infantis amores;
Porque orvalhaste flores,
Que não podiam viçar?
Fundir minha alma na tua
Em cadeia inextinguivel,
Oh! nunca, nunca, impossivel!
Entre nós está o altar!

Oh! Deus! do abysmo do nada,
Porque meu ser arrancaste?
Porque no mundo o lançaste,
Como em funesta prisão?...
Que uma alma christã não possa
Apagar da vida o lume,
Enterrar de um ferro o gume
Bem fundo no coração!

FAGUNDES VARELLA

CANTICO DO CALVARIO

Eras na vida a pomba predilecta
Que sobre um mar de angustias conduzias
O ramo da esperanza. — Eras a estrella
Que entre as neves do inverno scintillava,
Apontando o caminho ao peregrino.
Eras a méssa do dourado estio,
Eras o idyllio de um amor sublime,
Eras a gloria — a inspiração — a patria,
O porvir de teu pai! — Ah! no entanto,
Pomba — varou-te a flecha do destino!
Astro — enguliu-te o temporal do norte!
Tecto, cahiste! — Crença, já não vives!

Correi, correi, oh! lagrimas saudosas,
Legado acerbo da ventura extincta,
Dubios archotes que a tremer claream
A lousa fria de um sonhar que é morto!
Correi! Um dia vos verei, mais bellas
Que os diamantes de Ophir e de Golconda,
Fulgurar na corôa de martyrios
Que me circunda a fronte scismadora!
São mortos para mim da noite os fachos,
Mas Deus vos faz brilhar, lagrimas santas,
E á vossa luz caminharei nos ermos!
Estrellas do soffrer — gottas de magua,
Brando orvalho do céo! — Sêde bemditas!
Oh! filho de minh'alma! Ultima rosa
Que neste solo ingrato vicejava!
Minha esperança amargamente doce!

Quando as garças vieram do occidente,
Buscando um novo clima onde pousarem,
Não mais te embalarei sobre os joelhos,
Nem dos teus olhos no ceruleo brilho
Acharei um consolo aos meus tormentos!
Não mais invocarei a musa errante
Nesse retiro, aonde cada folha
Era um polido espelho de esmeralda,
Que reflectia os fugitivos quadros
Dos suspirados tempos que se foram!
Não mais perdido em vaporosas scismas
Escutarei, ao pôr do sol, nas serras,
Vibrar a trompa sonora e lêda
Do caçador que aos lares se recolhe!

Não mais! A areia tem corrido, e o livro
Da minha infinda historia está completo!
Pouco tenho de andar! Um passo ainda,
E o fructo de meus dias, negro, pôdre,

Do galho eivado rolará por terra!
Ainda um threno, e o vendaval sem freio,
Ao soprar quebará a ultima fibra
Da lyra infausta que nas mãos sustenho!
Tornei-me o echo das tristezas todas,
Que entre os homens achei! o lago escuro,
Onde ao clarão dos fogos da tormenta
Miram-se as larvas funebres do estrago!
Por toda a parte onde arrastei meu manto,
Deixei um traço fundo de agonias!

Oh! quantas horas não gastei, sentado
Sobre as costas bravias do oceano,
Esperando que a vida se esvaisse
Como um floco de espuma, ou como o frizo
Que deixa n'agua o lenho do barqueiro!
Quantos momentos de loucura e febre
Não consumi perdido nos desertos,
Escutando os rumores das florestas,
E procurando nessas vozes torvas
Distinguir o meu cantico de morte!
Quantas noites de angustias e delirios
Não velei, entre as sombras espreitando
A passagem veloz do genio horrendo
Que o mundo abate ao galopar infrene
Do selvagem corcel? — E tudo embalde!
A vida parecia ardente e douda
Agarrar-se a meu sêr!... E tu, rão jovem,
Tão puro ainda — ainda na alvorada,
Ave banhada em mares de esperança,
Rosa em botão, chrysalida entre luzes,
Foste o escolhido na tremenda ceifa!

Ah! quando a vez primeira em meus cabellos
Senti bater teu halito suave;
Quando em meus braços te serrei, ouvindo

Pulsar-te o coração divino ainda ;
Quando fitei teus olhos socegados,
Abysmos de innocencia e de candura,
E baixo e a medo murmurei : — meu filho!
Meu filho; phrase immensa, inexplicavel,
Grata como o chorar da Magdalena
Aos pés do Redemptor... ah! pelas fibras
Senti rugir o vento, incendiado
Desse amor infinito que eternisa
O consorcio dos orbes que se enredam
Dos mysterios do sêr na têa augusta
Que prende o céu á terra e a terra aos anjos!
Que se expande em torrentes ineffaveis
Do seio immaculado de Maria!
Cegou-me tanta luz! Errei, fui homem!
E de meu erro a punição cruenta
Na mesma gloria que elevou-me aos astros,
Chorando aos pés da cruz hoje padeço!

O som da orchestra, o retumbar dos bronzes,
A voz mentida dos rafeiros bardos,
Torpe alegria que circunda os berços.
Quando a opulencia doura-lhes as bordas,
Não te saudaram o sorrir primeiro,
Clicia mimosa, rebentada á sombra!
Mas ah! se pompas e esplendor faltaram-te,
Tiveste mais que os principes da terra,
Templos, altares de affeições sem termos!
Mundos de sentimento e de magia!
Cantos ditados pelo proprio Deus!
Oh! quantos reis que a humanidade aviltam,
E o genio esmagam dos soberbos thronos,
Trocariam a purpura romana
Por um verbo, uma nota, um som apenas
Dos secundos poemas que inspiraste!

Que bellos sonhos! Que illusões bemditas
Do cantor infeliz lançaste á vida,
Arco-iris de amor! luz da alliança,
Calma e fulgente em meio da tormenta!
Do exilio escuro a cithara chorosa
Surgio de novo, e ás virações errantes
Lançou diluvios de harmonia! — O gozo
Ao pranto succedeu. As ferreas horas
Em desejos alados se mudaram:
Noites fugiam, madrugadas vinham,
Mas sepultado n'um prazer profundo
Não te deixava o berço descuidoso,
Nem de teu rosto meu olhar tirava,
Nem de outros sonhos que dos teus vivia!

Como eras lindo! Nas rosadas faces
Tinhas ainda o tépido vestigio
Dos beijos divinaes — nos olhos langues
Brilhava o brando raio que accendêra
A benção do Senhor quando o deixaste!
Sobre o teu corpo a chusma dos anginhos,
Filhos do ether e da luz, voavam,
Riam-se alegres, das caçoulas niveas
Celeste aroma te vertendo ao corpo!
Eu dizia comigo: — teu destino
Será mais bello que o cantar das fadas
Que dansam no arrebol — mais triumphante
Que o sol nascente derribando ao nada
Muralhas de negrume!... Irás tão alto
Como o passaro-rei do Novo-Mundo!

Ai! doudo!... Uma estação passou-se,
E tantas glorias, tão risonhos planos
Desfizeram-se em pó! O genio escuro
Abrazou com seu facho ensanguentado
Meus soberbos castellos. A desgraça

Sentou-se em meu solar, e a soberana
Dos sinistros imperios de além-mundo
Com seu dedo real sellou-te a fronte!
Inda te vejo pelas noites minhas!
Em meus dias sem luz, vejo-te ainda;
Creio-te vivo, e morto te pranteio!

Ouço o tanger monotono dos sinos,
E cada vibração contar parece
As illusões que murcham-se contigo!
Escuto em meio de confusas vozes,
Cheias de phrases pueris, estultas,
O linho mortuario que retalham
Para envolver teu corpo! Vejo esparsas
Saudades e perpetuas — sinto o aroma
Do incenso das igrejas — ouço os cantos
Dos ministros de Deus, que me repetem
Que não és mais da terra! E choro embalde.
Mas não! Tu dormes no infinito seio
Do Creador dos sêres! Tu me fallas
Na voz dos ventos, no chorar das aves,
Talvez das ondas no respiro flebil!
Tu me contempas lá do céu, quem sabe,
No vulto solitario de uma estrella.
E são teus raios que meu estro aquecem!
Pois bem! Mostra-me as voltas do caminho!
Brilha e fulgura no azulado manto,
Mas não te arrojés, lagrima da noite,
Nas ondas nebulosas do occidente!
Brilha e fulgura! Quando a morte fria
Sobre mim sacudir o pó das azas,
Escada de Jacob serão teus raios
Por onde asinha subirá minh'alma.

MELLO MORAES FILHO

TARDE TROPICAL

É a hora do dia em que das mattas
Desce a sombra da basta gamelleira,
E saltando das lapas as cascatas
Espadanam das aguas a poeira...
Em que a onça lambendo as ruivas patas,
Rente o peito com o chão da cordilheira,
Encurva o dorso e cerra, ao abandono,
Os olhos d'ouro, de fadiga e somno...

Em que o indio perdido na savana
Conta a Tupan seus barbaros segredos...
E a tarde, — bella moça americana,
Côa a luz do crepusc'lo em bronzeos dedos!
Em que as flores vermelhas da liana,
Da ponte de cipós dos arvoredos,
Cahindo ao sopro da macia aragem
S'estendem sob as redes do selvagem !...

Hora de amor, de prece, hora de encanto !
Tu murmuras nos rios transparentes ;
E tens por voz da guaraponga o canto
E o ronco das giboias nas vertentes !...
Quando tinges no occaso o claro manto,
E além descambas desses céos ardentes,
Mão de mysterio por velar-te a urna
Ergue no espaço a lampada nocturna !

É já quasi ao sol posto, quando a terra
Trescala de selvatica harmonia...
Que á cascavel que dorme pela serra
Espanta o silvo da canuan bravía !...

E se rugem o jaguár que o fogo aterra,
Aceso á porta da cabana esguia,
Retumbam echos nos rochedos fundos,
— Titans rolando do Equador nos mundos!...

Os cactus em flor pela clareira
S'illuminam de insectos scintillantes;
E a velha da tribu, a feiticeira,
Evoca os genios da floresta errantes!
E se os lumes sinistros da fogueira
Aos sortilegios lustram mais fumantes,
As corujas nos ares ululando
Á face do crescente vão voando!

Hora de amor, de adoração, de crença,
Ave-Maria! — Estrella dos palmares!
Tu mitigas do escravo a dôr intensa,
Á santa uncção dos mysticos cantares!
Quando baixas do céo, a selva immensa
Manda esperar-te os largos nenuphars...
E o oceano na vaga que fluctua
Reflecte de teus pés a meia lua!

Nos braços do lethargo, á frouxa luz
Do sol que morre, — dorme a natureza!
E as rolas pelas moitas dos bambús
Arrulam doces cantos de tristeza!
E o caboclo que leva os filhos nús,
Do Amazonas á rija correnteza,
Penetrando a floresta, em mudo assombro,
A um tem pela mão, — traz outro ao hombro!...

Tardes de minha terra! ó prado! ó flores!
Bosques cheios de sombra e de harmonias!
Valles e serras, magicos vapores,
Ninho das garças nas lagôas frias!

Vós recordais-me a trilha dos amores,
O colmo das deixadas phantasias,
Por onde essa illusão que a alma nos cança
Pendura as redes d'ouro da esperança!

Adeus, ó tarde, adeus! que os horisontes
Cobrem do dia morto o corpo algente...
Turva neblina róla pelos montes,
— Cinzas das azas desse sol poente!
Ave-Maria! Ao céu quando remontes,
Da natureza eterna ao hymno ardente,
Que a ti subam dest'harpa os sons finaes
Aos enlevos das tardes tropicaes!

A TAPÉRA DA LUA

FORMAÇÃO DA LUA

As auroras do sol e as nuvens do occidente
Encontram-n'a bem só no horisonte vago...
E pia a yerêrê na quéda da vertente,
E bebe o cangussú lambendo o morno lago.

A serra enorme é lá: — quaes negros crocodilos
Que serpeando vão a se lançar nos rios,
Da noite á bruma fria, aos colossaes estylos,
Semelham em tropel os pincos seus sombrios.

A serra, contemplando as equatoreas zonas,
Resguarda ao seio a luz d'eterno talisman;
Ao perlustral-a outr'ora as bravas Amazonas
Chamou-se *Taparé* — e hoje a d'Acunan.

E dous irmãos, após combate crú, renhido,
Ficaram sobre o monte — irmão e irmã — á tóa.
— Tu ficas na Tapéra, ó meu irmão querido,
Eu desço ao lar amigo, ás margens da lagôa!

Já tua rede armei nos castanheiros grossos:
Ao lado um arco eu puz e as flechas mais bonitas;
De cada rama antiga, aos perennaes destroços,
Virá sempre afagar-te o odor das parasitas.

Adeus, eu parto, adeus! Té quando? sim, té quando?
— Té quando a noite fôr-se e despontar o dia!
— Que venha despertar-te o sonoro bando
Das aves mais gentis, rompendo a manhã fria.

E desce lentamente a india a vasta encosta,
A coma ao dôrso nú, a pallidez no rosto...
E quando o braço alonga á rede e se recosta,
Fica-lhe em frente o sol, o sol já quasi posto.

E vinha a noite além, pelos outeiros,
Enxugando o fulgor da luz do espaço;
Na testa chata, ao longo dos madeiros,
Acolhe o reptil um brilho escasso!...
Rumor perdido de animaes matreiros
No estalar da folha, ao leve passo...
E do insecto á tímida algazarra
Das rãs no charco a tetrica fanfarra.

Ella sentiu amor! — Foi no momento
Em que sósinha, em meio á natureza,
Ouviu a selva segredar ao vento,
A estrella á cascata, á correnteza!
— Á Tapéra eu irei! O meu tormento

Quero afogar-te d'alma na grandeza...
 Na tréva te amarei; de dia — irmã!
 Avante, coração! Tupan! Tupan!

.
 Quando á rede chegou, a branda aragem
 Do sassafráz batia pelas frestas;
 Escuridão no céo, calida arfagem,
 Saltos no matto das cotias lestas...
 Estremecia toda... Ella, a selvagem,
 Quer da mente apagar sombras funestas!
 E toca a rede... a rede se estremece...
 — Quem és?! — Susurra um beijo e a voz fallece!

E toda a noite assim na serra vasta,
 — Pomba das selvas, procura o ninho —
 E ás margens puras da lagôa casta
 Sempre a noite a topava em seu caminho.
 — Mas quem na solidão meu fado arrasta?...
 Quem tanto affecto dá-me e tal carinho?
 Genio dos serros d'além mundo, azues,
 Como na luz verei a tua luz?...

Viceja o urucú e a brisa afaga
 Da Tapéra a extensão, prados, ruinas;
 E o orvalho que chove a terra alaga
 E o verde genipapo das campinas.
 Delles terei a côr que não se apaga,
 Com que lhe tingirei as faces finas!
 Só assim saberei que aos negros
 Vai a aurora acordar com seus fulgores.

Pela terceira vez — ella — o pudor e o crime,
 Sentiu o que sentira. A terra era sublime
 Bem como os idéaes do bello, a fantasia

Da natureza inteira ao primitivo dia.
 O que fazer? o que? Reflecte, e olha e scisma:
 A alma vê no corpo a tréva em que se abysma.
 O lago se arripia. Às aguas branqueadas
 Ao através da folha estrellas desmaiadas
 Como espalhar-se vão... A india se levanta,
 A serrania explora e á rede se adianta.

Elle a espera então — ella, a irmã d'outr'ora,
 Que a noite faz amante — e fal-o irmão a aurora.
 — Porque tardaste tanto? Os genios bemfazejos
 Ciosos são de ti, de ti, desses teus beijos?...
 Eu amo-te, vem cá... E presa a seus joelhos,
 O labio aos labios seus esplendidos, vermelhos,
 Lhe amima e o doce oval que tinge, do semblante,
 Com as tintas do urucú.

A india nesse instante,
 Turbada, a mão levou ao rosto e sorprendida
 Notou achar-se a face um pouco humedecida.

• • • • •

Depois que ella desceu, e os longes da manhã
 Orlavam d'ouro fusco os cimos d'Acunan,
 E as trombetas em flor e os lyrios pelos valles
 Entornam sobre a terra as perl'as de seu calix,
 Ella, trepada a um galho, o qual secco projecta
 A sombra sobre o azul da lagôa quieta,
 Pendendo a frente vê, do alto pendurada,
 Por entre a côr do pejo, a face então manchada.

Tomando o arco rijo, o arco affeito á guerra,
 Ao céu manda uma flecha: a flecha lá s'enterra.
 E outra logo após, e aos lumes sideraes
 Flechando vai assim — e n'uma, n'outra — mais.

E rente estando a si a oscillante vara,
Por ella galga o céo, — torna-se em lua clara!

Nas fontes, desde então, e rios, pelos mares,
Das aguas no crystal, nos lagos dos palmares,
A india vem mirar-se, á noite, em seu desgosto,
A ver s'inda conserva as manchas de seu rosto.

A NOVENA

Rubro no occaso o sol, casa e terreiro
Da fazenda descobre,
Na fumaça das nuvens suspendido
Qual bacia de cobre.

Os *puxados* de palha então scintillam,
— Ninhos dos altos lenhos ;
O rio move a pá inchada d'agua
Da roda dos engenhos.

A ave canta ao longe, e tange o gado
O vaqueiro na frente,
O cão dispara a perseguir na matta
A novilha doente.

Forte escada se encosta a branco muro
Entre montões de arêa ;
Um balde ao lado, perto... e a luz da tarde
Se retira e escassêa.

Da montanha descendo — um povo esqualido
Ganha a estrada lisa ;
O busto sahe-lhe, descarnado e negro,
Da grosseira camisa.

Ao ulcerado hombro pende a enxada,
No pescoço a colleira ;
As campainhas tinem balançando
Na ferrea gargalheira.

Os escravos seguiam... uma escrava
Quasi que vem de rastos!
E aquece o filho que sorrindo brinca
Junto aos seus seios castos.

Vira a escada, o sol dourando o tampo,
E sonhou com a partida ;
Não queria morrer ! oh não se morre
Quando se deixa a vida!

Oito dias de surra não bastavam
Aos odios canibae!
A fazenda tem leis ; são nove dias ;
Era um dia de mais!

A criança tomaram de seus braços,
Que foi morder o pó ;
Se erguendo cambalêa, quer seguil-a...
Tão pequenina e só!

Jungida ao poste a pobre da captiva,
Regaçam dous feitores
A manga — e estiram do chicote as pontas,
Oh ! que quadro de horrores !...

Gemidos abafados... pranto... sangue...
Que revoltante scena!
Rebentam chagas... Bravo ! — diz um delles,
São *rosas* da novena!

.

Eis uma scena dos meus patrios climas,
Que infamia, meu Deus!
E é livre um paiz que reconhece
A escravidão dos seus!...

CASTRO ALVES

A CACHOEIRA

Mas subito da noite no arrepio
Um mugido soturno rompe as trévas...
Titubantes — no alveo do rio —
Tremem as lapas dos titães coevas!...
Que grito é este sepulcral, bravio,
Que espanta as sombras, ululantes, sevas!...
É o braço atroador da catadupa
Do penhasco batendo na garupa!...

Quando no lado fertil das paragens,
Onde o Paraguassú rola profundo,
O vermelho novilho das pastagens
Come os canniços do torrão fecundo ;
Inquieto elle aspira nas bafagens
Da negra suc'ruiuba o cheiro immundo...
Mas já tarde... silvando o monstro vôa...
E o novilho preado os ares trôa!

Então, doudo de dôr, sanie babando,
Com a serpente no dorso parte o touro...
Aos bramidos os valles vão clamando,
Fogem as aves em sentido chôro...

Mas subito ella ás aguas o arrastando
 Contrahe-se para o negro sorvedouro...
 E enrolando-lhe o corpo quente, exangue,
 Quebra-o nas roscas, donde jorra o sangue.

Assim dir-se-hia que a caudal gigante
 — Larga sucuruiuba do infinito —
 Co'as escamas das ondas coruscante
 Ferrára o negro touro de granito!...
 Horrido, insano, triste, lacerante,
 Sobe do abysmo um pavoroso grito...
 E medonha a suar a rocha brava
 As pontas negras na serpente crava!...

Dilacerado o rio espadanando
 Chama as aguas da extrema do deserto...
 Atropella-se, empina, espuma o bando...
 E em massa rúe no precipicio aberto...
 Das grutas nas cavernas estourando
 O côro dos trovões travam concerto...
 E ao vê-lo as aguias, tontas, eriçadas,
 Cahem de horror no abysmo estateladas...

A cachoeira! Paulo Affonso! O abysmo!
 A briga colossal dos elementos!
 As garras do Centauro em paroxismo
 Raspando os flancos dos parceiros sangrentos.
 Reluctantes na dôr do cataclysmo
 Os braços do gigante suarentos
 Aguentando a ranger (espanto! assombro!)
 O rio inteiro, que lhe cahe no hombro!

Grupo enorme do fero Laocoonte
 Vira a Grecia acolá e a luta estranha!...
 Do sacerdote o punho e a rôxa fronte...
 E as serpentes de Ténédos em sanha!...

Por hydra — um rio! Por augure — um monte!
 Por aras de Minerva — uma montanha!
 E em torno ao pedestal, laçados, tredos,
 Como filhos, chorando-lhe — os penedos.

VOZES D'AFRICA

Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?
 Em que mundo, em qu'estrella tu t'escondes,
 Embuçado nos céos?
 Ha dous mil annos te mandei meu grito,
 Que embalde, desde então corre o infinito...
 Onde estás, senhor Deus?...

Qual Prometheu, tu me amarraste um dia
 Do deserto na rubra penedia
 — Infinito galé!...
 Por abutre — me déste o sol ardente,
 E a terra de Suez — foi a corrente
 Que me ligaste ao pé...

O cavallo estafado do beduino
 Sob a vergasta tomba resupino,
 E morre no areial.
 Minha garupa sangra, a dôr poreja,
 Quando o chicote do *simoun* dardeja
 O teu braço eternal.

Minhas irmãs são bellas, são ditosas...
 Dorme a Asia nas sombras voluptuosas
 Dos *harens* do Sultão,
 Ou no dorso dos brancos elephantes
 Embala-se coberta de brilhantes
 Nas plagas do Indostão.

Por tenda — tem os cimos do Himalaya...
 O Ganges amoroso beija a praia
 Coberta de coraes...
 A brisa de Mysora o céo inflamma;
 E ella dorme nos templos do deus Brahma,
 Pagodes colossaes...

Europa é sempre Europa, a gloriosa!...
 A mulher deslumbrante e caprichosa,
 Rainha e cortezan.
 Artista — córta o marmor de Carrára:
 Poetisa — tange os hymnos de Ferrára
 No glorioso afan!

Sempre o laurel lhe cabe no litigio...
 Ora uma *c'róa*, ora o *barrete-phrygio*
 Enflora-lhe a cerviz.
 O Universo após ella — doudo amante —
 Segue captivo o passo delirante
 Da grande meretriz.

.
 Mas eu, Senhor... eu triste abandonada
 Em meio das areias esgarrada,
 Perdida marchô em vôo!
 Se choro... bebe o pranto a areia ardente;
 Talvez... p'ra que meu pranto, ó Deus clemente!
 Não descubras no chão.

E nem tenho uma sombra de floresta
 Para cobrir-me, nem um templo resta,
 No solo abrazador...
 Quando subo ás pyramides do Egypto,
 Embalde aos quatro céos chorando grito:
 « Abriga-me Senhor!... »

Como o propheta em cinza a fronte envolve,
Vélo a cabeça no areial que volve

O sirôco feroz...

Quando eu passo no Sahâra amortalhada...

Ai! dizem: « Lá vai a Africa embuçada

No seu branco albornoz... »

Nem vêm que o deserto é meu sudario,

Que o silencio campeia solitario

Por sobre o peito meu.

Lá no solo onde o cardo apenas medra,

Boceja a esphinge colossal de pedra

Fitando o morno céo.

De Thebas nas columnas derrocadas,

As cegonhas espiam debruçadas

O horisonte sem fim...

Onde branqueja a caravana errante,

E o camello monotono, arquejante,

Que desce de Ephraim...

Não basta ainda de dôr, ó Deus terrivel?!...

É pois teu peito eterno, inexaurivel

De vingança e rancor?...

E o que é que fiz, Senhor?! que torvo crime

Eu commetti jámais que assim me opprime

Teu gladio vingador!...

Foi depois do *diluvio*... Um viajante

Negro, sombrio, pallido, arquejante

Descia do Ararat...

E eu disse ao peregrino fulminado:

« Cham, serás meu esposo bem amado...

Serei tua Eloá!... »

Desde este dia, o vento da desgraça
Por meus cabellos ululando passa
 O anathema cruel;
As *tribus* erram do areial nas vagas,
E o *Nomada* faminto corta as plagas
 No rapido corcel.

Vi a sciencia desertar do Egypto...
Vi meu povo seguir — judeu maldito —
 Trilho de perdição .
Depois vi minha prole desgraçada,
Pelas garras d'Europa — arrebatada,
 Amestrado falcão !...

Christo! embalde morreste sobre um monte...
Teu sangue não lavou de minha fronte
 A mancha original.
Ainda hoje são, por fado adverso,
Meus filhos — alimária do Universo...
 Eu — pasto universal...

Hoje em meu sangue a America se nutre,
— Condor que transformára-se em abutre,
 Ave da escravidão.
Ella juntou-se ás mais... irmã traidora!
Qual de José os vis irmãos outr'ora
 Venderam seu irmão.

Basta, Senhor! De teu potente braço
Role atravez dos seculos e do espaço
 Perdão para os crimes meus!
Ha dous mil annos... eu soluço e grito...
Escuta o brado meu lá no infinito...
 Meu Deus, Senhor, meu Deus!!!...

ADEUS!

Adeus! Para sempre adeus! A voz dos ventos
Chama por mim batendo contra as fragas.
Eu vou partir... em breve o oceano
Vai lançar entre nós milhões de vagas...

Recomeço de novo o meu caminho!
Do lar deserto vou seguindo o trilho,
Já que nada me resta sobre a terra
Dar-lhe-hei meu cadaver... sou bom filho!

Eu vim cantando a mocidade e os sonhos,
Eu vim sonhando a felicidade e a gloria!
Ai! primavera que fugio para sempre...
Amor — escarneo!... lutulenta historia!

Bem vês. Eu volto! Como vou tão rico,
Que risos n'alma! que laureis na frente...
Tenho por c'rôa a palidez da morte,
Fez-se um cadaver o poeta ardente!

Adeus! P'ra sempre adeus! Quando alta noite,
Encostado á amurada do navio,
As vagas tristes que nos viram juntos
Perguntarem por ti n'um beijo frio...

Eu lhes hei de contar a minha historia,
Talvez me entenda este soffrer do inferno
O occano! O oceano immenso e triste
O gigante da dôr! o Job eterno!

Fazia um anno! Era o dia
Do fatal anniversario!
Ergui-me da cova escura
Sacudi o meu sudario...

Em meio aos risos e a festa
 E as gargalhadas da orchestra
 Que eu tinha esquecido emfim,
 Tomei lugar!... Solitario
 Quiz rever o meu Calvario,
 Deserto, tredo, sem fim!

Sabes o que é sepultar-se
 Um anno inteiro na dôr...
 Esquecido, abandonado
 Sem crença, ambição e amor...
 Ver cahir dia... apoz dia
 Sem um riso d'alegria
 Sem nada, nada... Jesus!
 Ver cahir noite apoz noite
 Sem ninguem que nos acoite...
 Ninguem que nos tome a Cruz?!

Ai! Não sabes! nunca o saibas...
 Pois bem! Imagina-o só...
 E então talvez comprehendas
 A lenda escura de Job.

.

Porém de subito acordou do ergastulo
 O preceito que alli jazia ha pouco...
 E o pensamento habituado ás trevas
 Atirado na luz... passaro louco!

Vi de repente o passado
 Erguer-se em face de mim...
 A rir, a rir como o espectro
 De uma ironia sem fim!

.

Que saudades que eu tenha do passado,
Da nossa mocidade ardente e amante!
Meu Deus! Eu déra o resto da existencia
Por um momento assim, por um instante!

Mas não! entre nós o abysmo
S'estende negro e fatal...
— Jámais! — é palavra escripta
No céo, na terra, no val.

Eu — já não tenho mais vida!
Tu — já não tens mais amor!
Tu — só vives para os risos!
Eu — só vivo para a dôr!

Tu vais em busca da aurora!
Eu em busca do poente!
Queres o leito brilhante!
Eu peço a cova silente!

Não te illudas! O passado
P'ra sempre quebrado está,
Desce a corrente do rio...
E deixa-o sepulto lá!

Viste-me e creste um momento
Qu'inda me tinhas amor!...
Pobre amiga! Era lembrança...
Era saudade, era dôr!

Obrigado! Mas na terra
Tudo entre nós se acabou!
Adeus! É o adeus extremo,
A hora extrema soou!

.
.

JOÃO JULIO DOS SANTOS**A ILHA ENCANTADA**

Por sobre um céu fulgurante,
Toda de effluvios banhada,
Em um mar de azul brilhante
Repousa a ilha encantada.

Sobre rochas de esmeralda
Mil cascatas espadanam ;
Das colinas junto ás faldas
Alvos regatos dimanam.

Em bandos aves ignotas,
De azas de ouro scintillantes,
Cantam estridulas notas
Nos palmares verdejantes.

Jazem nas selvas seus ninhos
Sobre as ramas pendurados,
Todo tecidos de arminhos,
D'ouro e perolas bordados.

Desdobra-se a verde alfombra
Por toda a extensão do val ;
Desce em perfumes a sombra
Sobre as grutas de crystal.

Toda a praia se empoeira
De mil gemmas scintillantes :
Sobre ellas o céu peneira
Fagulhas de ouro brilhantes.

A brisa passa banhada
Dos perfumes da floresta,
Quando a terra fatigada
Arqueja ao calor da sésta.

Correm phalenas errantes
Dos ares pela amplidão ;
Harmonias sussurrantes
Enchem toda a solidão.

Jámais a calma do estio
Esse recinto abrasou ;
Nem do inverno o vento frio
Suas mattas desfolhou.

A primavera e o outomno
Alli se abraçam sorrindo ;
Um alli ergue seu throno,
A outra seu berço lindo.

Ao crepusculo das noites
Em chammas o céo fulgura ;
Do vento brando aos açoites
O mar sonoro murmura.

De luz esplendidos trilhos
As mansas ondas enlaçam ;
Talvez lubricos ladrilhos,
Por onde os genios perpassam.

E quando resurge a aurora
Das nuvens sobre o arrebol,
E o horisonte se colora
Aos raios vivos do sol ;

Nas campinas verdejantes,
Por onde o orvalho se escôa,
Em gorgeios sussurrantes
Bando de passaros vôa.

Aos raios da luz nascente
Colibris de iriantes côres
Voejam alegremente
Sobre o calice das flores.

Nos ramos das violetas,
Entre as moitas das roseiras
Se espanejam borboletas
De flor em flor bandoleiras.

Mas quem podéra dizel-a,
A belleza dessa plaga?
A luz de cada uma estrella,
O gëmer de cada vaga?

Oh! feliz quem lá podéra
Viver de amor e perfumes!
E da eternal primavera
Se abraçar aos doces lumes!

Dize-me agora, querida,
Tu de meus sonhos a fada,
Não desejavas a vida
Naquella ilha encantada?

Tu serias a rainha
Daquellas plagas gentis,
Onde a ventura se aninha,
Onde se vive feliz!

Quem vivêra descuidado
Naquelle paiz de flores!
Sabes-lhe o nome encantado?...
É — a ilha dos amores!

CARLOS DE LAET

CRYPTA E PANTHEON

Na crypta das nações, absorto, pensativo,
Entrei a procurar, não Portugal o vivo,
Que assentado ao festim, sensual, tumultuario,
Communga a idéa nova e o credo utilitario,
Mas Portugal o heróe de enormes dimensões
Que jaz amortalhado em suas tradições,
Tendo montante ao lado, ao peito a cruz do Christo.
« Onde, oh! batalhador... » clamava eu; mas nisto,
À torva meia luz do penetral sagrado,
Colosso a negrejar nas sombras do passado,
Um vulto divisei, padrão de éra remota,
Com que o Mestre de Aviz sellou Aljubarrota,
Epinicio da fé — trophéo e moimento,
Era a Batalha emfim.

De verdade sedento,
Vinguei o liminar... Pedi ao bronze um grito,
Ao marmore uma idéa, uma estrophe ao granito,
E aos echos sepulcraes da lobrega mansão
Os brados atirei de estranha evocação...

Mas o bronze era mudo, a pedra inexoravel,
E deixaram-me a sós na tréva formidavel.

Então, entre os clarões d'uma longinqua aurora,
Como quando a manhã de roseo albor colora
Do horizonte os confins, senhoril e venusta
Uma visão surgiu. — Quem és? — A historia, a justa...
— A justiça... talvez! porém não és a gloria,
O threno do opprimido, o clangor da victoria...
Deusa austera e fatal! teu sorriso é gelado
E teu pranto sem dôr... Tu guardas o passado
Como o herborista a flor, perdendo-lhe a fragancia...
Eia! volta a archivar na funeral estancia
O teu codice-mumia, herbario sem perfumes!

Disse, e a branca visão afundou-se em negrumes:
Assim brilha, assim foge, em noite procellosa,
Do erradio santelmo a flamma portentosa.

Mas subito uma voz altisona, canora,
Sublime resoou na abobada sonora.
O amor, ella o cantava em suaves accentos,
Com mascula energia os prelios truculentos,
Com divina expressão um tentame eternal;
E ouvil-a era saber do velho Portugal.

Ao celeste cantor da lusa heroicidade
Extatico escutei: comigo a humanidade...

E depois, e depois — oh! prodigio do genio!
Muda-se a tréva em luz e a crypta em proscenio...
Sublime apotheose! — é o côro das nações:
Prolfaças, PORTUGAL! ao Pantheon, CAMÕES!

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR**A VIRGEM DAS FLORESTAS**

Quando a virgem vivia, ao pé da porta,
Onde á tarde sentava-se fiando,
Vinham as pombas n'um risonho bando,
Beijar-lhe a boca e as tranças virginaes :
Agora que ella está morta
As pombas não voltam mais !

Tudo na solidão se transformava
Quando ella apparecia !
A jassanan fugaz a aza estendia
E em roda della timida voava
Piando de alegria !
Os sabiás da matta descançados
Entre os galhos annosos,
Quando ella passava, debruçados,
Cantavam mais chorosos !
Tudo na solidão se transformava
Quando ella apparecia :
Uma rede de flores encobria
O chão que ella pizava.

Quando ella cantava, a aragem santa,
Que a terra banha pela noite bella,
Levava ao céo das meigas vozes della
O meigo accorde e os indiziveis ais :
Agora, que ella não canta,
A aragem não sopra mais.

Ella era a voz da solidão, o encanto
De toda a natureza :

Dos seus hombros pendia o louro manto
Da vida e da belleza :
Nos seus olhos escuros ondulava
Uma scisma idéal...
Sobre o seu seio, humildemente envolto
Na chita virginal,
Cahia em ondas seu cabello solto.
A juryty que ao pé da noite chora
Nem tão leve pizava
Sobre o orvalho da relva seductora :
Quando ella caminhava,
O vento o espinho e o vime retirava
De seus mimosos pés nús e macios.
No triste azul dos rios,
Á cuja sombra o coqueiral murmura,
Na face lisa e pura
Da lagôa serena, a face della,
Como no mar o vulto d'uma estrella
Brilhava doce e altiva !
A solidão inteira a idolatrava,
E toda a natureza
Que a sua maga sombra acarinhava,
Via nella a imagem fugitiva
Da vida e da belleza.

Quando ella sonhava, a luz risonha
Dos astros pela fresta penetrando,
Na sua agreste cama repousando,
Vinham saudar-lhe os sonhos festivaes :
Agora que ella não sonha
Os astros não brilham mais.

Ella habitava uma choupana, um ninho
Fresco e macio á margem da lagôa ;
E como o passarinho,

Que o ninho apenas deixa quando vôa
Plumoso pelos céos,
A cabana perdeu-a no momento
Em que da morte o pavoroso vento
Levou-a para Deus!
Perto da casa della as casuarinas,
Os pinheiraes de parasitas cheios
Gemiam aos anceios
D'aura medrosa nas manhãs divinas.
Um pé de murta, um outro de boninas,
Sobre a tosca janella,
Por suas mãos queridas orvalhados,
Formavam os cuidados,
E os sonhos todos da existencia della!
Nunca molhou-a o pranto do desgosto:
Se, ás vezes, no seu rosto,
Uma saudosa pallidez vagava,
Vinha logo o sorriso que a apagava!
Ella era pura, e Deus que a procreara,
Vendo-a tão bella, tão mimosa e cara,
Teve medo, talvez, Deus teve medo,
De cedêl-a á existencia torpe e avara
E matou-a tão cedo!

Quando ella rezava, a natureza
Deslumbrada de amor, a idolatrava;
E a propria nuvem tremula baixava
Para envovel-a em mantos sideraes.
Agora que ella não reza,
As nuvens não descem mais.

Ella morreu emfim! Morreu na hora
Em que no oriente bruxolêa a aurora,
Cercada de esplendores:
Como a aurora do céu foi entre as flores,

Que ella exhalou o derradeiro alento...
Os suspiros do vento
Tornaram-se mais doces! Mais suaves
Na molle sombra do arvoredos, as aves
Passaram pipillando ;
Os riachos mais ternos e sentidos,
Entre os cipós rolando,
Ouvir deixaram lugubres gemidos.
No espesso bosque da floresta bella,
O passaro saudoso,
Parecia um adeus dizer ancioso,
À sombra inteira que fallava della!
O rio, a fonte, o passarinho, as flores,
Tudo padece e chora!
Ella morreu emfim! Morreu na hora
Em que no oriente bruxolêa a aurora
Cercada de esplendores!

Quando a morte colheu-a, ella sorria
No melhor dos seus sonhos de criança,
E sobre tanto amor, tanta esperança,
Abrio a morte as azas funeraes :
Agora que ella está fria
Seus labios não riem mais.

Branca mortalha de cheiroso linho
Macia como os vellos de alvo ninho,
Seus restos encobriram ;
Os braços maternas a conduziram,
Hirtos de dôr, gelados de amargura,
Ao pouso derradeiro.
Foi no seio do bosque e da espessura,
Onde as auras do céu têm mais doçura,
E as aves mais tristeza ;
Onde os raios do sol com mais pureza
Baixam da immensa e divinal planura ;

Ahi onde pousado no ingazeiro
Do ninho á borda o sanhaçú murmura,
E a rôla branca e pura
Exhala á tarde o canto derradeiro,
Que a enchada d'um cabreiro
Abrio-lhe a sepultura.

Quando ella enterrou-se, as casuarinas
Choraram surdamente, e na janella,
Entre as boninas, entre as flores della,
Passou o vento em doloridos ais:
Orphãs de amor as boninas
Agora não vivem mais.

Era ao cahir da tarde, a Ave-Maria
Recortando os espaços ondulava
Na aza vibrante e fria
Do vento que entre as arvores cantava!
Dos pastores a voz acompanhava
O balido da ovelha demorada;
A tremula toada
Da guitarra vibrava tristemente;
N'um céu de opala a lua transparente,
De sonhos coroada,
Erguia aos poucos a cabeça algente;
Mais meigo aroma o brando rosmaninho
Derramava nos ares...
Pela face do lago os nenuphares
As folhas estendiam; de mansinho,
Corria a aragem na floresta esguia;
Era a hora em que um véo de melodia
Desenrola-se da cupola dos céos:
Hora em que foge o dia
Nos abysmos do mar; — grande momento

Em que o olhar seguindo o pensamento
Desvenda o firmamento,
E vai cegar-se no esplendor de Deus!

Era ao cair da tarde: a muda terra
Ia esconder-lhe a fronte idolatrada;
Cava rangia a funeral enchada,
Gemia ao longe o sabiá da serra.

Materna boca reviver tentava
No seio della o coração dormente:
E a enchada rangia surdamente,
E a alma delle já no céu estava!

Quando a alvorada de esplendor vestida
No Levante surgiu, entre a espessura,
Sobre a terra que deu-lhe sepultura
Havia apenas uma cruz erguida.

Hoje o que resta della? Resta apenas
Um bocado de terra acre e selvagem
Coberta de açucenas,
Onde sussurra a lamentosa aragem;
Ao pé de sua cova um ente amigo
Cavou também o maternal jazigo;
A cabana musgosa abandonada
Às chuvas e á invernada
Cahio por terra: os lagos murmurantes,
Que cingiram-lhe as fôrmas, que espelharam
Seus olhos deslumbrantes,
Já de todo seccaram;
Um véo de pezadissima tristeza
Cobrio a natureza;
Tudo é silente e morto e desprezado;
Entre os galhos do bosque dessecado,

Da noite o vento passa angustiado,
Como um grito de dôr!
Ella morreu emfim! Ermo e profundo
Dentro do seu sepulchro dorme um mundo
De innocencia e de amor!

Feliz! feliz mil vezes! Santa e pura
Virgem da soledade!
Tiveste o berço teu e a sepultura
Longe da triste e negra humanidade!
Os clamores fataes
Do mundo não soaram-te aos ouvidos;
A dôr, o engano, a lagrima, os gemidos,
Teus sonhos matinaes,
Respeitaram, criança! Só tiveste
Na terra que perdeste,
Onde brilhou da tua infancia a luz
A palhoça querida que abrigou-te,
O seio maternal que acalentou-te,
E os braços d'uma cruz.

LUIZ JOSÉ PEREIRA DA SILVA

RIACHUELO

POEMA

EXCERPTO DO CANTO III

XLIV

Pouco a pouco a distancia desaparece;
Nos ares as bandeiras vão tocar-se;
Um a um, no tamanho, o vaso cresce,
Que caminha, já perto, e vem chocar-se

No costado, onde o estrondo recrudesce.
Cada bronze desperta, ao despejar-se,
Os échos simultaneos, e estridentes,
Que mil trovões imitam permanentes.

XLV

Avassallando os échos treme o ar
Cortado por mil laminas de brasa,
Vivas sempre e accesas, sem mudar;
Como de Satanaz se a rubra aza,
Dos infernos erguida alli mostrar
Viesse ao mundo quanto mais abrasa
O fogo desta guerra que o do raio
Tardio de punir o paraguay.

XLVI

Depois se quebra a lei da natureza:
Mudado o sol em fumo se escurece,
Do dia foge a luz, foge a belleza,
E nas azas de fogo a noite desce!
Suspende o rio a viva correnteza,
Mudando em sangue a onda que enrubesce,
E treme o abysmo amedrontando as féras,
Tombando os robles das antigas éras.

XLVII

Abraçam-se em novellos ar e fumo,
Misturam e desfazem-se rolando;
O vento sopra, eleva-los a prumo,
Cessa o vento, vão logo se apartando
Brandas nuvens, correndo, mas sem rumo.
Dissereis casco, enxarcias se abrasando
N'um incendio geral sem labaredas,
Laminas rubras pelas chammas tredas.

XLVIII

Luctando com a terra a canhoneira
Que de um rio brazileo se chamára
Jequitinhonha, accêsa uma caldeira,
Distante dos mais vasos se postára.
Era alli a coragem altaneira
Que os canhões da barranca desafiára;
Era alli quasi um cento de valentes
Contra mil inimigos combatentes.

XLIX

Contra mil, porque os outros, abrigados
Á sombra espessa da floresta escura,
Em punho as armas, quêdam-se abysmados
D'esse arrojo que a tanto se aventura.
Mas ai! que negra sina e diros fados
Decretáram tamanha desventura?
Sobre pedras se arrasta a forte quilha,
E o vaso se adornando desmantilha.

L

Nem vossa, Secundino, a culpa sendo,
Tambem não pesa sobre quem mandava;
A culpa foi da vaga, pois, descendo,
De manso e manso o vaso arrebatava;
Nem a falsa versão dizer pretendo
Que a terceiro tal perda se imputava,
Porque ao pratico fido cede a sorte
Primeiro que ao navio triste morte.

LI

Atravessa o costado á correnteza,
A prôa á esquadra, mas a pôpa á terra,
Onde está toda a imiga fortaleza.

Descoberto o convés alli aferra
O contrario seus tiros com crudeza ;
Nascimento no rio já se encerra,
Benedicto, Sant'Anna e Oliveiro,
O bravo Motta, Lopes e Ribeiro.

LII

Quasi o resto da gente sae ferida
Na lancha ao *Beberibe* transportada.
Chica da Palomêra conhecida
É a bôca da prôa demandada
Da *Ypiranga* ligeira na descida
Em socorro da misera encalhada ;
Alli lh'estronda dentro bomba ardente,
Que parte e rompe o contra do dormente.

FELIX FERREIRA

DUAS AURORAS

Resurge a aurora limpida
Nos vastos horisontes,
Os campos, prados, montes
Risonha vem mirar.

Gentil, mimoso e rapido
O esquivo gaturamo,
Lá vem de ramo em ramo
Contente saltitar.

D'aurora os fôgos rutilos
Reflectem mil primores,
O prado toda em flores
A brisa a ciciar...

Por verdejantes páramos
E refflorido matto,
O trepido regato
Queixoso a soluçar.

Maria acorda, erguendo-se
Boceja preguiçosa...
E no roupão cuidosa
Seus hombros vai velar.

Abre a janella, e lepida
Encara a natureza,
A aurora com tristeza,
Começa a soluçar.

É que esse rosto candido
Que a meu sorriso cora,
Do resplendor da aurora
As palmas foi roubar.

Toda a manhã extatico
Ancioso, enamorado,
Então eis-me postado
Em frente de seu lar.

Até que em céo esplendido
Surgindo a aurora bella,
A aurora da janella
Me faça palpitar.

FERREIRA DE ARAUJO**CAMÕES E OS LUZIADAS**

Voga a não; vai nella o vate
Que á deusa das éras idas
Dera glorias mais subidas
Que Olympos que o tempo abate.

Venus, bella, a deusa amante,
Ouve o canto, offega, anceia...
E encantada — ella, a sereia —
Segue o bardo triumphante.

Ardendo em zelos, ignara,
A onda envolve o convés,
Canto e cantor... Porém pára...

Chorava a deusa... e tal fez,
Que o mar, que Venus gerára,
Deu vida ao bello outra vez.

CARLOS FERREIRA**MEDITAÇÃO**

Reclina a tarde languida
N'alfombra da collina
A fronte purpurina
Em extase a sonhar,
E o sol — grandiosa alampada —
Que os mundos esclarece,
A pouco e pouco desce
Sobre a extensão do mar.

Reina um silencio magico
Nos bosques, nas campinas...
Agitam-se as boninas
Aos beijos do arrebol ;
Dos amagos das arvores,
— Palacios perfumados,
Os sylphos encantados
Despedem-se do sol.

Na selva as flôres humidadas
Saudosas, redivivas
Entregam-se lascivas
Dos sonhos ao ardor ;
E o brando e manso zephyro
Na insania dos desejos
Afoga a flor em beijos
— Sultão louco de amor! —

Do bosque á sombra placida
Se expande a violeta,
E a branca borboleta
Poisou... vacilla já.
No laranjal esplendido,
— N'angustia da orphandade —
A suspirar saudade
Gorgeia o sabiá.

E fogem, fogem celeres,
Bem como as crenças minhas,
As doidas andorinhas
N'um vozear sem fim...
E n'um susurro turbido
Que por além se espraia,
A viração desmaia
Nos seios do jasmim.

Só eu inerte e pallido
 Ante este quadro immenso,
 Só eu padeço e penso
 E peço aos sonhos luz...
 Raios da tarde lubrica!
 Aves do paraiso!
 Se sois o amor e o riso
 Vinde cercar-me a Cruz!...

PLINIO XAVIER DE LIMA

VOZES DA LIBERDADE

Eu tenho na minha alma a essencia dos archanjos,
 Eu tenho em minha frente o brilho das esferas;
 Meu braço empunha o sceptro omnipotente e eterno,
 Rebenta no meu solio a flor das primaveras.

Mas, ai! que o povo surdo, em horrido abandono,
 Não ouve o meu reclamo, e foge do meu throno!

A gloria ao meu diadema entrança o louro e o myrto;
 Do céo Deus abençoa os cantos que eu então;
 Eu quero dar ao povo uma alma grande e forte,
 Eu quero ir ensinar-lhe a desprender o vôo.

Mas, ai! que o povo cégo, em horrido abandono,
 Não segue a minha trilha, e foge do meu throno!

Medonho pesadêlo esmaga o povo em ancias,
 O pé da tyrannia abate-lhe a cerviz;
 O apostolo mentido o entrega a seus verdugos,
 E cala-se o tribuno ante o poder dos vis.

Meu Deus! o povo incauto, em horrido abandono,
 Procura o precipicio, e foge do meu throno!

Alli o escravo morre, — o paria miserrimo!
Seu sangue tinge a mão e o latego do algoz;
Abel não amaldiçoa o irmão que o assassina,
Mas de Caim na frente o sello o inferno poz.
E o povo trucidado, em horrido abandono,
Beija o punhal que o fêre, e foge do meu throno!

A Russia — o minotauro horrendo e insaciavel! —
Devora a hostia inerme — a homeric Polandia! —
O' czar! tens no teu leito o potro da vingança
E o genio do remorso a te infligir a insomnia.
E dormes, Kosciusco, em horrido abandono?!
Resurge com teu povo, e aponta-lhe meu throno!

A infamia e o despotismo augmentam de furores,
Zombam da minha força e chamam-lhe de insania;
Nas margens do Danubio o inferno predomina,
E vejo a estortegar-se a misera Romania.
Meu Deus! o povo dorme em horrido abandono...
Armai o povo augusto, e lhe apontai meu throno!

Ao povo mexicano a França estende as garras,
Lhe arranca a independencia e dá-lhe o imperador.
Mas se ergue a honra, abate o crime, e a Europa:
« O Mexico, ó nações! não tem, não quer senhor! »
Heróe! Titão! Juarez! em horrido abandono
Não deixes o teu povo, e guia-o ao meu throno!

Da filha de Cabral, que desposei no berço,
Eu vejo conspurcado o manto popular.
Chora talvez por Bruto e sonha Cincinato,
Que o espectro de Dionysio a intenta escravisar.
Archanjo do Brasil! em horrido abandono
Não deixes o teu povo, e guia-o ao meu throno!

O livre pensamento as multidões anime,
 Propague a luz a imprensa, e a liberal tribuna
 Conduza o povo á mesa em que commungam livres,
 E ao canto livre então meu alto canto se una.

Hercules do futuro! em horrido abandono
 O Prometheu te espera... oh! guia-o ao meu throno!

Venho trazer á terra a luz das alvoradas,
 Venho trazer ao povo a luz da redempção.
 O escravo se alforrie; e o povo soberano
 Esmague a prepotencia, e o rei o abraçe irmão.
 Meu Deus! o povo geme em horrido abandono,
 E eu quero vê-lo livre á roda do meu throno!

PEDRO MOREIRA

Á SESTA

É meio dia... nas selvas
 Nenhum ruido palpita.
 Arde a fornalha do mundo;
 Parece a vida proscripta;
 E incandescente, fecundo,
 — Qual flammejante trophéo —
 O sol em pino se entranha
 Na profundeza do céo.

Nenhuma nuvem recorta
 A nitidez das alturas...
 E das escarpas dos montes
 Ás inundadas planuras,

Desde as barrancas agrestes
Às regiões mais austraes,
Abatem-se os pezadelos
Dos ardores tropicaes.

Longe, aos reflexos metallicos
Que scintillam sobre o rio,
As capivaras mergulham
Das aguas no leito frio;
E a multidão dos amphibios
Nos juncos a farfalhar,
Estatelados engolem
As labaredas do ar.

Ao ver-se a immensa floresta
Cerrada na copa escura,
Sem bulicio nas ramagens,
Sem rumores na espessura;
E a immensidade dos seres
Estagnados na dôr,
Sem uma prece nos labios,
Sem uma supplica de amor;

Dir-se-hia a terra abrasada
Na calmaria profunda,
Um brigue desarvorado
Que solitario se afunda,
Quando a voragem do incendio
Estrepitando... a voar,
Tece um sudario de chammas
Aos mortos — que vão ao mar.

Nem mesmo desce serena
A correnteza do rio,
A branca vela latina
Da canôa do gentio...

As fogueiras já extinctas
Nas tolderias além,
Contam que as tribus selvagens
Dormem no Chaco tambem.

Somente nas altas margens
Das aguas silenciosas,
Onde as garças uma ás outras
Se conchegaram medrosas,
Como um demonio sedento
Que se vai a despenhar,
Meio assombrado... espreitando
Estaca o negro jaguar.

Vibrante sopra o deserto,
— Como estridulos ornejos —
Quentes lufadas, anhélos
De intermitentes bocejos...
A natureza prostrada
De cansaço e de torpor,
Lembra a attitude arquejante
De exhausto gladiador.

Ha tanta luz ondulando
Nas vagas do firmamento,
E é tão ferina a tristeza
Desse penoso momento,
Que as ondas febris do sangue
Ao coração vão levar
Sombrias fezes repletas
De nostalgia e pezar.

Tudo se enerva... e a luxuria
Dos nervos fluindo accesa
Fermenta como o delirio,
Se impunha como a surpresa...

Quebram-se os musc'los... e os laços
Dos instinctos mais brutaes,
Se enroscam no pensamento
Como medonhos crotaes.

Então... é quasi impossivel
Quebrar a lamina bruta
Desse punhal que nos fere
Nos paroxismos da lucta!...
Qual avalanche terrivel,
Pulverisada no ar,
As idéas que nos chegam
Não podem chrystalizar.

E assim como as caravanas
Angustiadas, perdidas,
Buscam das verdes palmeiras
As sombras humedecidas,
Dorme-se... e o somno da sésta
Suave, restaurador,
É como um tepido banho
De aromatico vapor!...

Depois... a tarde estremece
Nas veigas embalsamadas,
Como o colo enternecido
Das virgens enamoradas;
E a brisa arranca da alvura
Das laranjeiras em flor,
Suspiros, cantos, anceios
De poesia e de amor.

Mais tarde, longe... na orla
Do horisonte incendido,
Rola o sol ensanguentado
— Immenso condor ferido!...

E o rio, a gruta, as cascatas,
Vibrando a eterna canção,
Prorompem nos murmurios
De uma supplice oração.

Formosa e pallida tarde
Que tanto adora o poeta!
Meiga odalisca fugida
Dos serralhos do propheta...
Americana purissima
Que a Italia, — terra da luz,
Inveja quando o Vesuvio
Illumina os céos azues:

Quando dos seios derramas,
Sobre a relva das alfombras,
Constellações de mil flores
Protegidas pelas sombras;
Como as brumas da tormenta
Que o sol fulmina ao passar,
Se dissipam por encanto
— Maguas que iam chorar.

É meio dia... esperemos
Amigo, que a tarde erguida
Esfolhe bellas grinaldas
Pelo calvario da vida...
O calmo somno da sésta
Sadio, restaurador,
Consola como o perfume
Das magnolias do amor.

ANTONIO ALVES DE CARVALHAL

Visinho, vio a nossa edilidade?

Tirou o pé da lama!

Aquillo é que se chama

Pura democracia... liberdade...

Fino patriotismo!

Saudar o gabinete

Pelo grande civismo

De mandar empurrar no Zé-povinho

A taponar e o cacete...

Tem graça, pois não tem!

Nada mais justo! a Camara da farinha

Festejando o governo do vintem!

Que mais te resta, ó miseranda terra,

Santo berço de heróes?

Filhos degenerados

Vão arrancar de teu jardim as flores

Para enfeitar esse governo algoz!

Profanaram teu templo os mercadores!

Como insultam teus brios!

Applaudem em teu nome aquelle mesmo

Que repelliste a pedras e assobios

Quando mandou espaldeirar o povo

Nas ruas, em satânico furor.

Hoje elle o manda espaldeirar de novo;

Em vez da maldição,

Esses filhos ingratos batem palmas

Para saudar o Nero

Que manda assassinar um povo irmão!

Lá vai ella — a fanatica ninhada,

Na profana e impudica procissão,

Ajoelhar-se aos pés do *Vello de oiro*,
De thuribulo na mão.
O poder é seu Deus... quer o holocausto
Deste povo cordeiro.
O povo acha-se exausto,
Dê sangue, se não póde dar dinheiro.
E emquanto o povo a estrebuchar maldiz
O monstro que o assassina,
Ouvem-se as gargalhadas dos edis!
Passai... passai traidores!
O governo vos paga por bom preço
Essas manchadas flores!

Oh! eu quizera ver o *Conselheiro*,
Mas não sei onde o chefe anda mettido,
Para mostrar-lhe agora
Esse grande partido!
Como fecunda fructifica a idéa!
Da liberdade o facho
O paiz illumina!
Todo esse sangue que nas ruas corre
É da democracia
A agua limpida, fresca e crystallina.
A soberba Bahia
Pela boca dos candidos edis
Saúda a grande obra
Do progresso e da gloria do paiz!

Saraiva deve estar muito contente!
Foi saltando na terra
E vendo a brilhatura
De sua boa gente!
E elle esteve na França, na Inglaterra
E não vio nada igual!
Aqui sim, ha idéa liberal,
Domina a velha escola.

O governo a seu gosto
No povo mette o páo, e mata e esfola
E recebe louvor!
Realmente, visinho, este systema
É civilizador!

Eu agora, se fosse o Sinimbú,
Mandava na indulgente edilidade
Metter o couro crú,
P'ra ver pancada que gostinho tem.
Gostou da sóva que se deu no povo?
Tome sova tambem.
Ninguem precisa mais de escovadella...
Se escovassem-n'a... ella
Não 'staria coberta de poeira,
Kerosene e farinha,
Que parece uma pobre quitandeira.
Famosa edilidade!
Arranja a tua vida,
Mas poupa os brios da infeliz cidade!

GENERINO DOS SANTOS

A ILHA DOS AMORES

I

« Rema, barqueiro, oh meu barqueiro louro! »
Assim dizia á luz da lua cheia,
Sobre a pôpa gentil de um batel d'ouro,
Reclinada, a cantar, linda sereia.

Palpitava-lhe a voz como em desmaio
Nas rapidas volatas de um poema
Sobre as rosas e o amor no mez de Maio,
Cujo estribilho era: « oh! rema, rema! »

« Rema, barqueiro, rema! A noite é bella,
E a estrella Vesper nos dirige o rumo;
Até onde chegar a linda estrella,
Iremos nós velozes como o fumo.

« Oh! não vês? Sobre a fimbria do horisonte
Dorme a ilha encantada dos amores:
— É lá que almejo repousar a fronte
Como o sylpho á tardinha em meio ás flores.

« Eia, barqueiro, alento! Inda no espaço
Campeia a lua de esplendente alvor.
Tú és bello, robusto, e tens bom braço:
Dá de remo ao batel encantador.

« Eu juro que hei de dar-te estes diamantes,
Doces beijos de amor e bom dinheiro,
Se, da encantada ilha tão distantes,
Tu e a lua, chegares tu primeiro.

« Rema, barqueiro! » E rapido singrava
O batelsinho n'um frouxel de espumas,
Acompanhando a lua que cortava
Do céo azul as somnolentas brumas.

II

Já bem distante lhe ficára a margem
Do rio occulta nas dobradas voltas;
E, mais ligeiro que o soprar d'aragem,
Corria o barco nas marés revoltas.

Rangera em ancias recuando, e subito
Galgara o dorso do oceano opposto,
No tredo abysmo se afundando e invicto,
Se erguendo aos raios de um luar de Agosto.

Crespas as ondas em redor silvavam
Como serpentes lhe mordendo a quilha,
E os remos curvos com vigor remavam
Buscando as plagas de encantada ilha.

Ia o barquinho mais veloz avante,
Como que presa de infernal delirio ;
E cada vez a ilha mais distante,
Mais alta a lua, prateado cyrio!

No entanto a louca, a divinal sereia,
Cantava sempre! que canção mimosa!
E as garças vinham sobre a fina areia
Da praia ouvir a sua voz maviosa :

« Rema, barqueiro ! A lua cheia agora
Derrama filtros de immortal magia ;
Abrem-se as rosas como á luz d'aurora,
E as aves cantam porque crêem que é dia.

« Sim, tudo sonha, a natureza dorme,
Só nós velamos, meu barqueiro louro,
E o mar erguendo a sua juba enorme,
E a ilha erguida sobre focos d'ouro.

« Não vês, barqueiro ? É a ilha dos amores
Que eu vejo em sonhos que amorosa affago ;
— Musgosa cesta de orvalhadas flores
Que boia á tona de virente lago.

« É lá que habita a f'licidade e a calma
Que sobre a terra hei procurado embalde;
E lá que brilha entre illusões minh'alma,
Como um sant'elmo sobre um mar de jalde! »

E a voz seguia no gentil poema,
Cantava a louca cada vez mais bella:
« Rema, barqueiro! — Oh! mais não posso! — « Rema! »
E uivava o vento nos cabellos della.

III

Mas como um sonho a lua de repente
Afogou-se no véo da madrugada,
E a estrella d'alva, languida e dormente,
Abrio no espaço a palpebra azulada.

Amainaram-se as ondas; peregrina
Pejava o céo suave claridade;
Desfez-se a ilha em flocos de neblina,
E a aurora ergueu-se além na immensidade.

Que linda aurora! Quanta luz! Fagueira
Soprava a brisa festival, macia;
Mas inda soava a nota derradeira
D'aquelle poema de infernal magia.

E quando o sol, cercado de fulgores,
Ergueo-se emfim das ondas do oceano,
Onde existira a ilha dos amores,
Vio inda o barco a deslizar insano.

Mas ella — a virgem —, presa de um desmaio,
Não mais cantava sobre a pôpa d'ouro
Seu poema de amor ao mez de Maio,
Nem mais remava o palinuro louro.

La o batel replecto de harmonias,
Cheio de sonhos, de fulgores cheio;
— Ella — pendida a frente ás ondas frias,
— Elle — co'a frente occulta no seu seio.

Era o batel as crenças de minh'alma,
A pobre louca a minha fantasia,
Vogara insana procurando a calma
No oceano do amor e da poesia!

Pobre barqueiro! Nem me é dado ao menos
Sonhar a paz em misero abandono,
Noites cheias de amor, dias serenos,
Sem que venha o pezar turbar-me o somno!

Onde vais tu, meu louco, meu poeta,
Sobre o batel do sonho e d'harmonia?
Não vês? A lua é cheia e a onda inquieta:
Crava os pés sobre a campa e espera o dia!

AURELIANO DE CAMPOS

UM PENSAMENTO

Da vida o grande mar, no revoltoso seio,
O goso, o frio e a dôr produz e reproduz:
Em baixo ha muito lodo, ha muito lodo feio;
Em cima não ha sombra, em baixo não ha luz.

Na esphera luminosa em que o prazer radia,
Os labios têm sorriso, as almas têm calor;
Mas em baixo na orchestra, ingente de agonia,
Não beija a frente o sol, não beija o seio o amor.

Em cima é o paraíso, o reino da bonança,
Em que sêdas, diamantes, flores e crystaes,
É tudo o que ha de fé, de amor e de esperança
Em sonhos d'ouro e azul dos contos orientaes.

Em baixo, que terror! as febres e os lethargos
Perpetuos, como irmãos, vão juntos lá dormir;
Os infantes bebendo o vicio a sôrvos largos,
Os velhos sem saudade, os moços sem porvir.

Em baixo é que se bebe até á saciedade,
O calix da agonia, em baixo é que se vê
Um — bem haja — a esperar que a mão da caridade
Abra á creança o livro e ao pobre a esmola dê.

Da vida o grande mar, no revoltoso seio,
O goso, o frio e a dôr produz e reproduz:
Em baixo ha muito lodo, ha muito lodo feio,
Em cima não ha sombra, em baixo não ha luz.

NA HORA DA PARTIDA

Vamos nos separar. Começa agora a viagem
No seio do porvir, na mysteriosa estancia.
Chegarás mais depressa ao terno da romagem,
Eu ficarei cançado em meio da distancia.

Tens amor e tens fé; e pois, nessa passagem
Da vida colherás a virginal fragancia
Das venturas em flor — sobeja-te a coragem,
Eu vivo a recordar o que vivi na infancia.

A vista firmo ao longe e vejo tudo escuro,
Uma noite sem fim a minha sorte cinge
E a esperança perdi de uma qualquer aurora.

Mas de certo dirás: « E a crença do futuro? »
— O futuro é sinistro e feio como a sphinge:
A uns elle sorri, a mim elle devora.

JOSÉ JORGE DE SIQUEIRA FILHO

A VISÃO DE ORIZABA

No seio do Orizaba restruge a lava agora ;
O sol despede a luz nos céos de azul setim :
Que livida poeira desbota os véos da aurora?
Írá o genio do mal se erguer do longo spleen?

E quando o sol em brasa transpõe esse horizonte
Onde na febre d'ouro ensanguentou-se a Hespanha,
Porque enfia do golpho até vergar a fronte
Tão fundo olhar de fogo 'no seio da montanha?

Meu Deus! que lendas frias da morta geração
Vêm assaltar a mente da misera nação!

As mumias dos caciques sentiram no deserto
Sobre seu peito os sec'los volvendo em turbilhões!
Do cataclysmo immenso será que já bem perto
Abafam-se os mugidos na urna dos tufões?

O deus de Anahuac no extremo da agonia
Arremessou-se, dizem, na boca da cratera...
E inda hoje o viandante de medo se arrepiá,
Como se ouvira o echo da imprecação severa...

Meu Deus! que lendas frias da morta geração
Vem assaltar a mente da misera nação!

Da noite agora o genio co'os hirtos longos dedos
Apalpa os quentes estos no peito de Orizaba!
Murmura em treda nenia do Mexico os segredos...
Quem ouvio-a? O itzli não brilha mais na taba!

Mais lumes na bafagem levantam-se esta noite...
E do vulcão a fronte traz ondas amarellas...
E do sueste ao longe o mar geme ao açoite...
Quem é que vai se erguer nesta espiral d'estrellas?

Tudo é mysterio agora no topo de Orizaba...
Quem o vio? O itzli não brilha mais na taba!

« Eil-a prostrada a cidade
« Onde de alta magestade
« Á face da Divindade
« Sabe a purpura cingir.
« Para esta fronte gelada,
« Pelas lavas calcinada,
« De muita nação a espada
« Cruzou nos flancos de Ophir!

« Do meu reino as aureas raias
« Eram lá nas louras praias
« Onde as nevadas cambraias
« Despe o rosado arrebol!
« Minha corôa altaneira
« Ia entestar-se fronteira
« Com a ingente cordilheira
« Que tem nos hombros o sol!

« Glorias?... ai! de cada um astro
« Ide antes colher o rastro
« Sobre o mobil alabastro
« E enfeixai-o por milhões!

- « Da eternidade nas teias
« Destendei todas as veias...
« Vibrai ahi epopéas
« De mais de mil gerações !
- « Do empyreo jorrava o brilho ;
« Do sol no eterno rastilho
« Cantava a hesperide o idyllio
« Dos mundos que erguem-se além !
« Como era elle indolente
« Da sua galera á frente,
« Desfolhando á zona ardente
« As corôas de cecem !
- « Mas tudo foi profanado !
« Cahio o deus venerado
« Ás mãos do vampyro ousado,
« Espurio filho do sol !
« Primeira os viste, Hispaniola ;
« Tinham punhal na sacola,
« Serenatas na viola,
« Mais dansas em caracol...
- « Eil-a prostrada a cidade
« Onde — réo da iniquidade —
« Á face da Divindade
« Eu trouxe ao pulso os grilhões !
« Do pó das tuas miserias,
« Ergue as clavas deleterias,
« Patria! inda tens nas arterias
« O fogo dos teus volcões ! »

E o phantasma sumiu-se na bruma...
Era a sombra do rei Montezuma!

SYLVIO ROMÉRO**JOSÉ DE ANCHIETA**

Cançada do repouso, a America offegante,
Com seu olhar profundo e languido scismar,
Um dia despertando aos tepidos bafejos,
Deu seu collo moreno aos homens de além-mar.

Deu seus labios de fogo aos bravos navegantes,
Sedentos d'emoções, de luctas e de amor,
Que achando pouco o mar e a patria, cá tiveram,
Nas fronteiras mais suor, nos peitos mais ardor.

E na macia trança, impávida a cabocla,
Que a cutis setinosa ás flores imitou,
Prendendo de uma vez os nobres luctadores,
De uma alma de amazona a fé lhes confiou.

De uns sonhos de amazona o mel de effluvios tantos,
Colhido no fervor da força e da paixão,
Foi como um filtro mago em corações de deuses,
Como um beijo da brisa em juba de leão!

A vida estúa aqui. Nos leques das palmeiras
Pensamento do céu se move impresso em luz;
São raios deste sol eterno que nos ama
São mimos que este ar brilhante aqui produz.

Exhala a natureza em tudo um devaneio,
Sua alma inda mais fulge aos toques do luar;
E o bello navegante, envolto na magia,
Captivo, se esqueceu das terras de além-mar.

E rompe desde ahi a justa do futuro,
No solo do tupy começa a alvorecer;
Os peitos dos heróes são como os dos amantes,
Que vingam sua noiva após longo soffrer...

Oh! que bello o aspecto em tardes murmuras
Da matta bafejada ás virações do sul!
E quanto alenta a vida o sopro das campinas,
Que bella a solidão do nosso céu azul!

Aqui neste paiz, onde os brilhantes rolam
Entre as flores do chão, brinquedos infantis,
Que um poder arrogante atira pela relva,
Quando a tarde soluça e doura os alcantis,

Aqui tudo rendeu-se aos magicos encantos,
À riqueza, ao porvir que a terra prometteu;
Só Anchieta então, o pallido propheta,
Se lembrava de Deus, luctava pelo céu!

A MODINHA

A festa fervia!... Que voltas ligeiras
Os corpos adestros lá davam subtis!...
Que risos, que galas, que fórmias faceiras
Das jovens matutas nos lindos perfis!...

Gemia a viola nos seus devaneios,
No ar se perdiam das cordas os sons...
Nos olhos quebrados, nos tremulos seios
Que graças, que sustos, que mimos, que tons!...

Na dança em vertigem, as fronte pendidas,
 Aos meigos requebros, volvia-se um par ;
 Dos threnos suaves, das notas sentidas
 Nas almas cahia sereno orvalhar...

E os olhos fallavam de gozos celestes —
 Brotados nos seios dos sonhos em flor: —
 Cochichos, carinhos... ruidos de vestes...
 Mas lá do recato sentia-se o olor.

Que doces sonidos de passos sonoros,
 Que bellas miragens revolvem-se então !...
 Aos bons *desafios* dos peitos canoros
 A dança redobra no seu turbilhão...

Recresce o *bahiano* ; nos seus refervidos,
 Em taes rodopios um céu se desfaz...
 Um céu de desejos, de sons, de gemidos,
 De sonhos, de scismas que a vida nos traz...

Cançadas as notas, estanque a loquéla,
 Deixadas as dansas, o par se assentou :
 « Agora a *modinha* !... » « Sim, vamos a ella !... »
 « Quem canta, que chegue !... » « Se querem eu vou ! »

Disse um da festa : e, pondo os dedos trepidos
 No violão que geme ao seu ardor,
 Dá começo, ao depois que ledó o empalma,
 « Ás bellas por quem minh'alma
 Empallidece de amor !... »

E cresce o canto alegre, suavissimo
 Como puras manhãs todas em flor...
 O ruido do mundo lá se acalma
 « Nas bellas por quem minh'alma
 Empallidece de amor !... »

E das notas que vibra alli dulcissimas
Sonora a voz do lucido cantor,
Do bello e da saudade cabe a palma
« Ás bellas por quem minh'alma
Empallidece de amor!... »

São sonhos palpitantes, amenissimos
Que ao peito nos immergem seu candor;
Transparece do céu a vida calma
« Nas bellas por quem minh'alma
Empallidece de amor... »

A. CORRÊA

EXCERPTOS DAS « SCENAS DA ROÇA »

VII

Na fazenda do Tymbyra
Era velha a devoção
De fazer-se grande festa
Em dias de S. João.
O velho Joaquim Medeiros,
Que era a flor dos fazendeiros,
Daquella localidade,
Esfregava as mãos contente,
Quando via em casa gente
A que o prendia a amizade.

D. Olympia, sua esposa,
Mãi dos pobres do lugar,
Tres dias antes da festa
Não parava a trabalhar.

Mandava as suas mucamas
Dos quartos fazer as camas,
Espanar tudo e varrer,
E, doceira de bom gosto,
Lá estava firme no posto,
Fazendo o tacho ferver.

Fazia dôce de côco,
Laranja, cidra, limão,
Bom-bocado, arroz de leite,
Bolinhos de S. João,
Pamonha, cus-cus de milho,
Manouê, bijú, sequilho,
Biscoutinhos de araruta,
Tarécós, baba-de-moça,
E, mil doces que na roça
Se fazem de toda a fructa.

No terreiro da fazenda
Preparava-se a fogueira
E o mastro todo enfeitado
De folhagens de mangueira,
E dentre as folhas escuras
Sahiam fructas maduras,
Como é costume geral,
E uma boneca vistosa
De vestido côr de rosa,
Fazia o tópe final.

No campo desde a porteira
De verde murta vestida,
Duas linhas de coqueiros
Vêm á porta da sahida,
De um lado a outro correndo,
Dirigindo ou desfazendo

O que não estava direito,
Andava o rei dos festeiros,
O nosso velho Medeiros,
Sempre alegre e satisfeito.

« — Vamos com isso, rapazes,
« Que temos mais que fazer,
« E d'aqui por uma hora
« Ninguem se pôde mecher.
« Joaquina e Manuela,
« Vocês vão lá p'ra capella
« Capinar ali na frente!
« Olá, moleque, ó vadio!
« Chega ali embaixo no rio,
« Vê se vem alguma gente.

« Vicente, traze as bandeiras,
« Vai tú com elle, Francisco;
« Manoel, varre p'ra um canto
« E apanha depois o cisco.
« Não quero vêr uma palha!...
« Veja depois como espalha
« Essas folhas de mangueira!...
« O' Job, pergunta á sinhá
« Se já tem café por lá,
« Que mande aqui na porteira. »

XI

A noiva estava com somno...
O noivo... não sei se o tinha,
Mas estava assim com cara
Onde logo se advinha...
Vontade de se ir deitar.

A madrinha, disfarçando,
Para o quarto do noivado
Foi com ella, onde ajudou-lhe
A tirar o véo bordado
E a grinalda virginal.

Desapertou-lhe o vestido
E em saia branca a deixou...
Baixinho deu-lhe conselhos,
Depois a porta cerrou
Deixando-a ficar sósinha.

De repente ouviu-se um grito!
Era voz de Margarida,
E um toque de campainhas,
Que prolongou-se em seguida,
Indicava o quarto della.

Todos correm pressurosos,
Perguntam: « Que aconteceu? »
Dona Olympia mais ligeira
Do que todos, lá correu,
Fechou a porta, e que viu?!

Viu na cama semeados
Carrapichos aos milhões!
Alfinetes espetados!
E por baixo dos colchões
Campainhas penduradas!

E a pobre da menina
Que se foi sentar na beira...
Espetou-se não sei onde,
Nem como, de que maneira
Fez dobrar o carrilhão.

Não pôde dormir na cama !
 Foi p'ra o quarto da madrinha.
 O noivo tremeu com frio,
 A noiva ficou sósinha
 Scismando... nos carrapichos.

.

Percebes, meu leitor, que eu não desejo
 Entrar n'alguns detalhes melindrosos ;
 Respeito o santuario da familia
 E deixo a indagação aos curiosos.

F. ALIPIO

DESENHO A LAPIS

A casinha é formosa,
 Pequena qual um ninho
 De mimoso, encantado passarinho...
 Mas um ninho de petalas de rosa!

Nos leques da varanda,
 Da varanda catita e feitriceira
 Aberta aos louros raios do nascente,
 Enleia-se indolente,
 Contornando com a graça a platibanda,
 A latada de verde trepadeira.

D'um grupo de *orchidêas* variadas
Em conjuncto gentil,
Pendem cachos de flores delicadas,
D'um aroma subtil,
A derramar no ambiente
Os mais leves perfumes do Oriente.

Pelo correr do dia,
Um enxame de abelhas buliçosas
Abandonando as rosas
Alli vem descançar dos seus trabalhos,
Escolhendo por entre verdes galhos
As moitas da folhagem mais sombria.

O vento pela arcada rumoreja
Harmonioso e manso, na passagem
A baloiçar as timidas florinhas,
Que se escondem, medrosas, na ramagem...
Mas elle, astuto, a furto e cauteloso
As busca entre as folhinhas,
E, tremente, e amoroso
De flor em flor a todas ellas beija.

Dispersas borboletas
Ardilosas, inquietas,
Vendo alli as abelhas socegadas,
Em torno esvoaçando,
Curiosas indagam, despeitadas,
Do segredo que attrahe o louro bando,

No extremo da varanda
Á se embalar na rêde, distrahida
Como quem colhe na illusão mais branda
Um mimoso idéal que doure a vida...

A modesta sultana desse harem
De abelhas e de flores,
Colhendo o errante olhar que vaga além,
Abre d'um livro a folha predilecta
Onde, talvez, do azul sonhando amores,
Cahira inteira a alma d'um poeta.

.

E é ella, scismadora e suspirosa,
Que habita aquelle ninho
Que tecera encantado passarinho...
Mas um ninho de petalas de rosa!

LINS DE ALBUQUERQUE

AS AVÓS

Essas tremulas velhinhas
A quem chamamos avós,
Curvadas, pequeneninhas,
Que gostam tanto de nós;

Essas ruinas séveras
A quem vemos com respeito,
Que nos estreitam ao peito,
De quem nós somos as heras;

Essas velhinhas, coitadas!
Que nos chamam seus netinhos,
E andam sempre carregadas
De rozarios e bentinhos;

Essas boas creaturas
Que nunca sentem cansaço,
Para, com meigas ternuras,
Nos trazerem ao regaço ;

E nos ensinam a reza :
E « benedicto » — « Ave Maria »
Que nós rezamos á meza
E quando finda-se o dia ;

Essas velhinhas séveras,
Enrugadas, pequeninas,
Boas e santas ruínas
De quem nós somos as heras ;

Que acreditam em santos,
Lobishomens, bruxarias,
No mau olhar, nos quebrantos,
Nos milagres, nas magias ;

Quando morrem, pobresinhas,
Que falta nos fazem ellas !
Essas tremulas velhinhas,
Essas velhas aquarellas !

FRANCISCO ALTINO DE ARAUJO

A UMA MENINA

Pergunta ao céu azul porque é tão bello,
Porque tão agitado e sonhador,
A face mostra limpa e suspirosa?...
E elle te dirá: « por teu amor!... »

A nuvem rosea vem sonhar contigo,
E os crepusculos beijaram-te esta boca,
Onde eu guardára as flores de minh'alma,
E a aurora os risos seus concentra louca!...

O passaro nas selvas canta e scisma ;
Balouça-se o vergel em seus enganos ;
Prende-se o céu á terra!... oh ! tudo vive,
E palpita no dia dos teus annos !

A noite diz á estrella de seu collo :
« Vem comigo pensar nessa criança. »
A tarde diz : « vou dar-lhe os meus pallotes »
O dia diz : « eu trago-lhe a esperança. »

Fazem-te mal ; magoam-te a ternura,
Bolem-te d'alma no celeste amor!...
Mas vão cahindo as pennas alvas de anjo
E erguendo-se a mulher ainda em flor!...

F. A. CARVALHO JUNIOR

PLASTICA

Quando tombam-te aos pés as roupas elegantes,
As rendas, os setins, as nuvens de brocados,
Que envolvem-te o perfil, as carnes deslumbrantes,
Como as nevoas do inverno os montes anilados,

Deixando-me entrever-te as fôrmas palpitantes
De seiva e de calor, os traços arqueados,
Os flascidos quadris, as curvas scintillantes,
Do contorno polido occultos predicados :

Não sinto dentro em mim ferverem-me os desejos,
Nem tento consumir-te ao fogo dos meus beijos,
Esplendida mulher, formosa cortezan !

Apenas te contemplo estatico, enlevado,
Como o artista que vê palpavel, animado,
Um molde esculptural de inspiração pagan.

LUIZ DOS REIS

SCENA DOMESTICA

Na habitação modesta — casto abrigo
De doce amor abençoado e santo,
Ouvem-se os sons angelicos de um canto
E o sereno resonar do *Amigo*...

Balança um berço uma mulher divina
Soltando a voz em harmonia ethérea,
Da rainha da noite — a fada aérea,
— A bella peregrina —
Entra pela janella a luz alabastrina.

Da alcova ao fundo o leito conjugal
Sobre que desce o alvo cortinado
Aberto para mostrar o adamascado
Da colcha nupcial
Branca, branca como a alma da criança
Como um sonho de amor e de esperança.

O *toucador* ao pé de uma janella,
N'um vaso algumas flores...
Alguns quadros a oleo e a *aquarella*,

Chaise longue e cadeiras estufadas
 E os mil *nadas*
 De um aposento—habitação de amores.

De costurar uma machina fechada,
 Uma meza pequena,
 Brinquedos sobre a meza e entornada
 A caixinha de doces, flores de penna,
 Argolas de borracha—uma desordem
 Graciosa e amena...

À luz do lampeão, além, distante
 Um moço escreve, tendo no semblante
 A auréola e o fulgor dos venturosos
 Que encontram no trabalho e n'uma esposa
 Bella, moça e amante
 O mysterio das noites côr de rosa
 E o segredo dos dias luminosos...

.
 Levanta-se o mancebo e vagaroso
 Surprehende com um osculo amoroso
 A consorte gentil.
 Bate em cheio no anjo adormecido
 Um raio de luar...

.
 Como manhã de Abril
 —Olhando aquelle par
 Que a contempla embebido—
 Desabrocha nos laços da criança
 Um placido sorriso...

.

Acorda o cão fiel, o bom *Amigo*,
E como se deparasse o Paraiso,
Fita os tres enlevado e enternecido...

ALBERTO DE OLIVEIRA

O SABIO INGLEZ

.
Maguada, Musa, o olhar desconsolado,
Vens desse canto esteril de poesia,
Por mim forçosamente perpetrado.

N'elle a fimbria do céu não viste; a fria
Sciencia, o frio estudo, o amado aspecto
D'alva, accendendo as purpuras do dia,

Roubou-te! E enquanto em peregrino affecto,
A ave cantava o mar, o espaço, a terra,
Tu forjavas scientifico terceto.

Maguada Musa, as palpebras descerra
Um pouco e a luz do sol sedenta bebe,
Longe do Sabio, longe da Inglaterra.

Doce em teu collo agora me recebe,
E, da aurea lyra as cordas afinando,
Trava-a e suspende-a nos teus braços de Hebe.

Pois que o leitor, piedoso, descansando
Aqui, de já prostrado, te consente
Diversa cantes, e, a cantar, o bando,

Ora das aves sigas, mollemente,
Ora das soltas borboletas, ora
Das flechas de ouro do carcaz do Oriente.

E emquanto, Musa, a vista se demora
Nesta manhã e em feria estás, emquanto
Punge os frisões, no ethereo carro, a Aurora,

Canta, o metro escondido á voz do canto,
Como a estrella de prata, a immaculada
Estrella d'alva, a perola do manto

Celeste, á rosea luz da madrugada,
Na immensa altura estremeceu nervosa
Como candida noiva despertada.

Já, sob o pallio azul, a tenebrosa
Noite as estrellas, nitidas e bellas,
Prendera ao seio, como mãe piedosa

De umas, as brancas lucidas capellas,
De outras o manto, as chlamydes de linho,
Viam-se á luz da lua. Estas e aquellas,

Todas no lácteo sideral caminho
Dormiam, como um bando alvinitente
De aves, á sombra, entre os frouxeis de um ninho.

Vesper, porém, chorava; ella sómente
De pé, scismando, o niveo olhar, mais niveo
Que a prata, abria na amplidão dormente.

Mirava todo o célico declivio,
Como buscando alguém que desejava,
Qual se deseja alguém que é doce allivio.

Só, no espaço desperta, como a escrava
Romana, ao pé do leito da senhora
Velando á noite, a misera velava.

Um deus de formas validas adora :
São seus cabellos ouro puro, o peito
Veste a armadura de crystal da aurora.

Quando elle sahe das purpuras do leito,
O arco na mão, parece de diamantes
E rosados rubins seu rosto feito.

Dera por vê-lo agora as scintillantes
Lagrimas todas, limpido thesouro,
Que tem nas longas palpebras brilhantes.

Mas sôa de repente um grande côro
Pelas cavas abobadas... e logo
Assoma ao longe um capacete de ouro.

O deus ouviu-lhe o supplicante rogo,
E eil-o que vem! seu plaustro os ares corta,
E ouve o relincho aos seus corceis de fogo.

Já do rôxo Levante abriu-se a porta...
E ao vêr-lhe o aspeito e as chammas d'armadura,
Fria, tremula, muda, e quasi morta,

Vesper desmaia na infinita altura.

JOÃO RIBEIRO**PAISAGEM SERGIPANA**

Scintilla o sol nas pedras lutulentas
É mei-dia talvez... os boiadeiros
Pelas rubras estradas poeirentas
Passam cantando. Os longiquos oiteiros

Vem deformar-se á tona da lagôa...
Sobre o aquoso brejo humido e molhado
Uma esguia e solitaria canôa
Fluctúa presa a um tronco abandonado.

Ao longe na montanha semelhante
Á parasita que abre-se a mei-dia,
Enflora a alegre solidão distante
Uma choupana alegre e luzidia.

NO MATTO VIRGEM

Entremos na floresta immensa e desolada...
Entremos... a mudez eternamente dorme
 Como n'agua empoçada
Inclina-se esquecida a folha cordiforme.

Desce de cima a luz e desce rendilhada
Nas franças, nos florões, na verde tecedura
 Da liana curvada
E disposta á feição de gothica moldura.

Escuta-se o lyrismo alado que esvoaça,
Plumejam pelo espaço os volateis ladridos
Da matilha de caça
Que segue farejando os trilhos esquecidos,

E no entanto o caipira espreita a luz do dia...
O capim tremulou, naquelle mesmo instante
A selvagem cotia
Atirou-se d'um pulo ao correjo espumante.

JOSÉ LEÃO

O DESPERTAR DO COMBOEIRO

« Alerta! minha gente! A madrugada
Não tarda a clarear;
Escutaram dos gallos a toada?
Primeiro que arrumemos o comboio
E ponhamos as cargas todos fóra
Tem muito que esperar
Para irmos com Deus adiante embora.

« Agora, pelo matto ergueu-se a êma;
O lepido tapir
Percorre os taboleiros de jurema,
O pato nada altivo e pressuroso
Como um barco vogando na lagôa,
E a natureza a rir
Saúda a luz d'aurora doce e bôa! »

Arranchado nas margens de um arroio,
Depois de somno leve,
Assim fallára o dono do comboio,

Longe as barras estando de quebrar.
Acorda pressurosa a companhia,
Arranja tudo em breve
E lá se vão com Deus, raiando o dia!

ANTONIO FIGUEIRA

O POMBO PRETO

A grande escada do palacio altivo
— Nobre escada de marmor de Carrara —
E alva como se os degrãos velara
Lençol de espumas do oceano activo.

Tudo é bracor, mas subito um esquivo
Pombo, de uma plumagem negro e rara,
As azas colhe no ar tranquillo e pára,
Cahindo em vôo recto e insinuativo.

Pousa na escada, immovel permanece,
Negra mancha nodoando a estranha alvura,
Que a lua ainda mais impallidece!

E assim na escada de illusão mais pura
Que vezes pousa, e eterno ser parece,
O pombo preto da descrença escura!

A MANGUEIRA

Era tão bella a secular mangueira,
Erguendo os braços para o céo! Um dia
Chega, porém, o lenhador. Afia
O machado e ella cahe no chão certa.

Após desfibra a carnação inteira
Do velho tronco e o vende. O que existia
Dessa mangueira é logo cinza fria,
O nada sob as fórmãs da poeira...

Tambem das illusões arvore enorme
Nos viceja no peito. Ahi nos dorme
Garrulo bando de alegrias mansas.

Mas vem o preconceito: a arvore corta,
Desfibra-a, carboniza-a, deixa-a morta...
Nos resta n'alma a cinza das lembranças.

CASTRO FONSECA

PAGINA ANTIGA

Vós, que partis, ó meigas andorinhas,
Para o seio feliz do lar paterno,
Vós, que levae as esperanças minhas,
Vós, que deixaes-me ao triste sol do inverno;

Vós, que tendes no olhar sereno e terno
O dom de captivar como rainhas,
E fizestes crescer no gelo eterno,
Onde eram como as hyemaes ervinhas,

Minhas canções de amor hoje tão vivas,
Vós, que partis n'est'hora pensativas,
Aves gentis da fresca primavera,

Por que me não fallaes?... por que receio?!
Se mil desejos vibram-vos no seio,
Por que me não dizeis o que eu dissera?...

EUCLIDES FREITAS

CANTO DE ANACHREONTE

Foi engano!... Deixai que se esvaeça
Essa sombra sinistra da desgraça ;
De pampanos c'roando essa cabeça
Quero ver-te, bacchante, erguendo a taça.
Ao prazer! ao prazer! referve a orgia
Nos labios de coral de minha amante...
Quem compra os beijos dessa estatua fria?
Quem compra o corpo da lethal bacchante?

Phrynés, Aspazias da moderna historia
Vós decahiste do docel das flores,
A minha amante duplicou de gloria,
Tornou-se a deusa do balcão de amores.
Seu corpo é lindo como o albor do dia,
Colo de cysne, de prazer pulsante,
Quem compra os beijos dessa estatua fria?
Quem compra o corpo da lethal bacchante?

Ninguem a excede no prazer convulso,
A debater-se da volupia em meio,
Como um volcão no interior propulso
Dansa em volupia o doudejante seio,
Sulcado apenas de azulada estria
Veios de marmor de prazer pulsante,
Quem compra os beijos dessa estatua fria?
Quem compra o corpo da lethal bacchante?

HETAYRA**SONETO**

Quando escutava o som de teus gemidos,
Tão grande era o soffrer que me prostrava,
Que ás vezes a mim mesmo perguntava:
— Se era o meu coração que tinha ouvidos.

Quando do riso os timbres sustentados
Descerravam-te os labios que eu beijava,
Dentro de mim teu riso gargalhava
Em transportes de goso indefinidos.

Mas isso já passou. E se hoje vejo
De alegria o teu rosto rutilante,
Que inda possas chorar eu só desejo.

Se choras tenho um riso cruciante,
Porque no teu chorar eu entrevejo
Um requinte das armas da bacchante.

RAYMUNDO CORRÊA

NO CIRCO

Abria o circo a arena illuminada
Do povo ás grossas vagas tumultuosas;
Fervia tudo em pompa; a variada
Côr das vestes, as rendas preciosas,

O verde, o azul, as sedas, os labores
Dos luzentes metaes da côr do dia ;
Mas nesta febre multipla de côres,
Sómente a côr vermelha se não via ;

Em applausos a turba se desata,
Surge em pleno espectaculo o acrobata,
Pula, e na corda bamba se ajoelha ;

Arqueia o corpo ; a corda estala e ringe :
Elle cahe, parte o craneo, e o solo tinge
A côr que se não via, a côr vermelha.

NO BANHO

Não eras só na camera deserta
Quando o banho tomavas perfumoso ;
Banho feito do aroma voluptuoso
Que ás odaliscas a Turquia offerta...

Fóra — do estio estava a calma aberta —
Dentro — o socego morno e silencioso —
E eu ás occultas te mirava, ancioso ;
Não eras só na camera deserta...

E em torno derramaste o olhar celeste ;
Desfolhaste-te, flor ; nú, d'entre a veste
Teu colo começou a apparecer.

E a espalda, e o dorso... E, vencedor sublime,
Eu, forte, não perdi-te nem perdi-me,
E ai ! podia perder-me e te perder !

AFFONSO CELSO JUNIOR**A OFFICINA**

A MARIO

I

Era o templo da industria onde imperava
A valida rudez que a força acclama;
Onde a fornalha, ao fundo, fervilhava
Qual um ninho de viboras de chamma.

Bebiam nella as machinas o alento
Que dava aos ferros, musculos e arteria,
— Que ás mólas imprimia o movimento
Como a alma fecunda da materia.

Á fulva luz as rodas se moviam,
Rangia o ferro e retumbava o malho:
Eram vozes cyclopicas; dir-se-hiam
Ovações de Titans ao deus — Trabalho!!

.

II

No inanimado em turbilhões ha vida,
Ageis esforços nas pesadas maças,
E o homem calmo assiste á enorme lida
Como um rei popular nas cheias praças.

Tem rijo aspecto e um ar tão sobranceiro
De quem cumpre um dever e um erro abate,
Que mais parece intrepido guerreiro
Indo a offegar de asperrimo combate.

O malho vai, em golpes incessantes,
Batendo a dura chapa até que lustrea-a:
Sólta um collar de chispas fulgurantes
Que são estrellas para os céos da industria.

Dir-se-hia ouvindo o estrepido tremendo,
Que da justiça ao brado dos direitos,
Ruia emfim n'um cataclysmo horrendo
Toda a infernal legião dos preconceitos.

Estruge, certo, assim — a grita immensa
N'um févido motim, de luz possesso,
Quando, heroico, ao luar de nova crença,
Sôa o clangor da tuba do progressô.

Nos pinaros do céo fumaça escura,
Mensajeira, vingava; ia contando
Às officinas lucidas da altura
Que um mundo irmão, com ellas vai luctando...

III

Nos halitos da chamma o ardor havia
De uns calidos tufões de claridade:
— Era o calor que ha de animar um dia
O corpo são da nova humanidade!!...

MUCIO TEIXEIRA

INTERROGAÇÃO

Donde sahimos nós?... Da sombra do mysterio...
 Aonde vamos?... Não sei! — a cruz do cemiterio
 Póde ser uma porta aberta á eterna vida,
 Mas póde ser tambem uma barreira erguida
 Entre a luz e a treva!...

Assim a humanidade
 Caminha, sem saber para onde vai...

No Oceano fatal das duvidas eternas
 A sonda mergulhar?...

Quem ha de

A boca das cavernas,
 Os olhos dos leões, o ventre dos abysmos
 Tem imans, attracções, fluidos, magnetismos...
 ... As ruinas do luar, o interior dos templos
 Produzem impressões mais fortes que os exemplos
 Das severas lições!...

Em vão nós procuramos
 Saber quem foi que deu ás arvores os ramos,
 Canto ao passaro, aroma á flor, espuma á vaga...
 A flamma da razão bruxolêa... e se apaga
 Em plena escuridão!...

Por essa noite escura
 Passam as gerações do berço á sepultura!...

THEOPHILO DIAS

A MATILHA

Pendente a lingua rubra, os sentidos attentos,
Inquieta, rastejando os vestigios sangrentos,
A matilha feroz persegue enfurecida,
Allucinadamente, a presa mal ferida.

Um, afitando o olhar, sonda a escura folhagem;
Outro consulta o vento; outro sorve a bafagem,
O fresco, vivo odor, calido e penetrante,
Que na rapida fuga a victima arquejante
Vai deixando no ar, perfido e traiçoeiro;
Todos, n'um turbilhão phantastico, ligeiro,
Ora, em vortice, aqui se agrupam, rodam, gyram,
E cheios de furor phrenetico respiram;
Ora, cegos de raiva, afastados, dispersos,
Arrojam-se a correr. — Vão por trilhos diversos,
Esbrazeando o olhar, dilatando as narinas.
Transpõem n'um momento os valles e as collinas,
Sobem aos alcantis, descem pelas encostas,
Recruzam-se febris em direcções oppostas,
Té que da presa, emfim, nos musculos cançados,
Cravam, com avidéz, os dentes afiados.

Não de outro modo,—assim, meus soffregos desejos,
Em matilha voraz de allucinados beijos,
Percorrem-te o primor das languorosas linhas,
As curvas juvenis, onde a volupia aninhas,
Frescas ondulações de fórmias florescentes
Que o teu contorno imprime ás roupas eloquentes;
O dorso avelludado, electrico, felino,
Que poreja um vapor aromatico e fino;

O cabelo revolto em aneis perfumados,
Em fofos turbilhões, elasticos, pesados ;
As fibrilhas subtis dos lindos laços brancos,
Feitos para apertar em nervosos arrancos ;
A exacta correcção das azuladas veias
Que palpitam, de fogo intumescidas, cheias,
— Tudo a matilha audaz perlustra, corre, aspira,
Sonda, esquadrinha, explora e anhelante respira,
Até que, finalmente, embriagada, louca,
Vai encontrar a presa, — o gozo, — em tua boca.

COSTA SENNA

NATURA MATER

FRAGMENTO

Natureza infinita, mãe dos seres !
Quem pôde contemplar-te sem vertigem,
Sempre a mesma, immutavel, magestosa,
Nos sóes do firmamento e além ainda,
Ou no atomo subtil, que não se apalpa !
Eras a mesma, que eu contemplo agora,
Na infancia da terra.—Então soberba
Te miravas nos fetus gigantescos,
Nos medonhos lagartos do oceano,
Nas aves monstros, no mamouth colosso :
Como hoje, na 'sculptura deslumbrante
Da filha da Circassia, na plumagem
Furta-côres das aves brasileiras,
Nas plantas odorosas do Oriente !...

Que cabeça mortal te abrangeria
P'ra ler em tua essencia, que se espraia
Pelo espaço sem termos, insondavel!
Vê-se a tua belleza sempiterna
No arrebol da manhã, na flor do campo :
A tua sempre viçosa juventude,
Nas faces pudibundas da donzella,
No esquecido infusorio.—Da borrasca
Nos sombrios bulções, lê-se o teu nome
Do fogo em caprichosos hieroglyphos ;
Tua força se pressente, quando abalas
Da terra os alicerces, quando arrojas
Para longe da praia os oceanos,
E, do cimo fendido das montanhas,
Choves em lavas — mineraes candentes,
E rochas a teu sopro derretidas!...

Oh! quem pôde pensar sem ter vertigens,
Que do mesmo crisol, em que se funde
O granito, a platina, o ouro, o quartzo
E o rebelde carbono crystallisa,
Sahe tambem das flores leve pollen
E a aza multicolor da borboleta!
Que fazes rebentar da vida o leite
Dos peitos da mulher, e a morte escondes
No leite, que as euphorbias alimenta!...

Vida e morte!... — Palavras sem sentido,
Que em teu seio sombrio se confundem,
E se estreitam n'um laço indissolúvel.
— Condição necessaria uma da outra —
O alento, que infundes no ser vivo,
As molas da materia cedo estraga,
E se pende de novo em sua essencia ;
Emquanto que o cadaver, — o envolvente
De teu halito vital, vai de mansinho

Perfumes rescender nas açucenas,
Volitar n'um insecto sobre o lago,
Nas retortas do sabio s'inflammar!...
Do cerebro soberbo do monarcha
Fazes ossos ao rude proletario,
E dos musc'los do açor a mansa rola!
Rainha inexoravel, que só queres
Ostentar tua essencia immoredoura
Na escala infinita da existencia!...

Como eu me sinto grande, quando penso,
Mundos perdidos na amplidão do espaço,
Seres todos da terra, que no seio
Da augusta natureza nos fundimos
N'uma estreita unidade! — Quando penso
Que são raios do sol, que se transformam
No manso compassado movimento
Deste musc'lo, que pulsa sem descanso,
Noite e dia em meu peito! Quando penso
Que são as selvas do Hindostão e da Africa
Que extrahem para mim o gaz da vida,
Desse ar pesado, que ennegrece o sangue,
Mas que dá-lhe á seiva alento novo!

Não me escutas, bem sei.—Inexoravel—
Morte, vida, prazer e desventura
São iguaes a teus olhos!—Mas não posso
Reter o canto ardente, que expontaneo
Me rebenta do peito acceso em febre.
Quando, tuas grandezas contemplando,
Me extasio esquecido de mim mesmo,
Natureza infinita, mãe dos seres!...

J. E. TEIXEIRA DE SOUZA**A HUMANIDADE**

I

Bemdito Ser! Em ti se encerra
A vasta humana descendencia.
Ao teu amor uniu-se a Terra,
E nella luz tua existencia!

Em nos prendendo ao que já fôra,
Tu nos ligaste ao que ha de vir.
Bem dita seja a tua aurora!
Tres vezes santo o teu porvir!

Avante, irmãos, avante!
Resáe da Ordem — luz...
A ti, Progresso ovante,
Eterno Amor conduz!

II

A natureza dando alento,
Viver lhe dando ao nosso igual,
Iniciaste o monumento
Do grande Templo social.

Teu primitivo genio ascende
E do Fetiche ao Mytho vâa:
A legião do Olympo esplende,
E a phantasia homerea ecôa!

Avante, irmãos, avante!
Resáe da Ordem — luz...
A ti, Progresso ovante,
Eterno Amor conduz!

III

Em teu viver embryonario,
Esboço ainda, vê-se impresso
O sentimento solidario,
Motor supremo do Progresso.
 Amando a Patria, amoute-te Roma ;
 O gladio fez-se-lhe um fanal :
 Aqui — selvagem feroz doma,
 Irmana alli — povo rival !

 Avante, irmãos, avante !
 Resáe da Ordem — luz...
 A ti, Progresso ovante,
 Eterno Amor conduz !

IV

Por um esforço ingente, ousado,
Uniste os deuses n'um só Deus :
O fim da vida transportado
Subiu, assim, da terra aos céos !
 Embora fragil fosse a base,
 Melhor firmaste a Lei fecunda ;
 Mas não paraste nesta phase,
 E nova Fé nossa alma inunda !

 Avante, irmãos, avante !
 Resáe da Ordem — luz...
 A ti Progresso ovante,
 Eterno Amor conduz !

V

Na evolução travez mil dôres
Até o throno da verdade,
Perdidos viste mil labores
Da tua santa actividade !

Um apoz outro sacrificio,
Serena, impavida, dominas :
Soberbo e solido edificio
Se ostenta — abrigo — entre as ruinas!

Avante, irmãos, avante !
Resáe da Ordem — luz...
A ti, Progresso ovante,
Eterno Amor conduz !

VI

A rev'lução corre em delirio,
Ribomba e vai bramindo atroz !
Horriveis dias de martyrio
Soffrendo tu, soffremos nós !
O seio esteril do egoismo
Refugio grato inda seria,
Se já das bordas desse abysmo
Não nos salvasse o pleno dia.

Avante, irmãos, avante !
Resáe da Ordem — luz...
A ti, Progresso ovante,
Eterno Amor conduz !

VII

Estrada nova e sem escolhos
Abrindo á Zona occidental,
Tu desvendaste aos nossos olhos
As ancias tetricas do mal.
Tu, filiando á vida inteira,
Em vôo altivo e sublimado,
Curaste a alma da cegueira
Demolidora do Passado !

Avante, irmãos, avante!
 Resáe da Ordem — luz...
 A ti, Progresso ovante,
 Eterno Amor conduz!

VIII

Supremo Ser! Tua voz retumba
 Festiva, immensa, peregrina!
 Resurges — berço, onde eras tumba,
 Encorporando alma divina!
 Tu já no tempo e já no espaço
 Unificaste as gerações.
 Bemdito seja o teu regaço!
 Perenne asylo aos corações!

Avante, irmãos, avante!
 Resáe da Ordem — luz...
 A ti Progresso ovante,
 Eterno Amor conduz!

LUIZ NOBREGA

A TUA FLOR

Essa flor, que o teu terno cuidado,
 Para a vida prender-me, guardou,
 Qual momento a delicias fadado,
 Desfolhada, bem cedo murchou;

Assim passa a gentil florescencia,
 Dessa quadra de viço e frescor,
 É tão rapida a flor da existencia
 Quanto é breve a existencia da flor.

Nesta idade fagueira e risonha
Descem anjos, sorrindo, do céu;
Brotam crenças n'um'alma que sonha
Dos encantos no fulgido véo.

Esse tempo que a gloria resume
Tem da aurora o sereno rubor,
Porém morre esta flor de perfume,
Quando passa o perfume da flor.

Mas o amor, como o sol radiante
Sobre prados de vário matiz,
Alimenta a ventura constante,
Torna a vida mimosa e feliz.

Crê-me, joven; ditosa esperança
Dura sempre ligada ao amor,
É tão viva essa flor da lembrança
Quanto é viva a lembrança da flor.

LUIZ MURAT

LAURA

Vendo-te — meu olhar mudo se entorna
No teu colar de perolas que estua,
Arqueja o sangue e a tua espadua morna
N'uma delicia morbida fluctúa...

A vaga de teu colo estrepitante
Sob o fremir dilucido das gasas
De teu corpinho nitido excitante,
Rola na propria febre em que te abrasas!

Ao ver-te a rosea perna e sem defeito
Prende-me ás dobras flacidas do leito,
Nessa atmosphaera, onde a volupia expiras...

E o teu tumido olhar amortecido
Me corre o corpo extatico e vencido,
Como um luar de lucidas saphiras!...

B. LOPES

S O N E T O

Trago-vos agora, em tremulo debuxo,
Mal desenhado, o nosso ninho agreste,
Conforme o plano e explicações que deste,
Claro, alegre, bonito, mas sem luxo.

Vêde: um lar amoroso e pequerrucho,
De frontespicio azul para o nordeste;
E um grammado jardim que talvez preste
Para fazer um lago com repuxo.

Preside o gosto, o nosso gosto, em tudo:
Surgem das beiras do telhado agudo
Pombas criando e lambrequins chinezes;

Cortinas brancas na janella, em cujo
Fundo — apparece o rostosinho sujo
De um risonho fedelho de dez mezes!

ANTONIO ZALUAR

CREPUSCULO DE VERÃO

Descamba o sol. Nos longes azulados,
Onde as nevoas estendem-se ligeiras,
A noite vai galgando as cordilheiras,
Erguendo-se nos valles socegados.

Gemem baixinho as notas derradeiras
Dos derradeiros sons; quasi apagados,
Trazem saudade os echos embalados
No vago borborinho das palmeiras...

Flammeja o sol no occaso. Nas quebradas
Morrem os raios; e, de longe vindo
Perpassa o vento mórno das queimadas;

Surge uma estrella, timida luzindo...
E, por traz das montanhas esfumadas,
A lua enorme e rubra vem surdindo.

ADELINO FONTOURA

VACUO

Não sei se póde haver padecimento
Mais profundo, mais intimo e que tanto
Nos ponha n'alma a dôr que gera o pranto,
Do que um longo e tristonho isolamento:

Não ter um bem sequer no pensamento ;
Nem o calor de um lar, nem o encanto
De um amor de mulher suave e santo.
É viver sem nenhum contentamento.

Bem sei que é bom soffrer, e me parece
Que esta vida sem dôr nada seria
E que é por isso até que se padece.

Mas esta solidão continua e fria
Chega a ser tão cruel, que a não merece
Meu coração que a dôr mereceria.

LUCIO DE MENDONÇA

O REBELDE

É um lobo do mar : n'uma espelunca
Mora á beira do Oceano, em rocha alpestre,
Ira-se a onda, e, qual tigre silvestre,
De mortos vegetaes a praia junca.

E elle, olhando como um velho mestre
O revoltoso que não dorme nunca,
Recurva o dedo, como garra adunca,
Sobre o cachimbo, unico amor terrestre.

E então assoma-lhe um sorriso amargo...
É um rebelde tambem, cerebro largo,
Que odeia os reis e os padres excommunga.

Á noite dorme sem resar : que importa?
Enorme cão fiel guarda-lhe a porta,
O velho mar soturno que resmunga.

ASSIS BRASIL

O PESADELLO

« É bello ser assim: temido e soberano:
Não encontrar jámais um só poder no mundo,
Que lhe quebre a vontade ao grande sceptro ufano!

A quem no alto está que importa que no fundo
Arrastem-se os reptis? que importa que, rugindo,
Ergam-se os vagalhões do pélagó iracundo?

Babel não tocará jámais o céu infundo.
O soberbo leão feroz, grave, possante,
Da matilha sorri, que perto vem latindo. »

Assim pensava o rei, na alcova deslumbrante,
E um sorriso feliz nos labios lhe brincava...
Mas, de repente ergueu-se... e longe, mui distante,

Sentio que algum rumor profundo se agitava.
Crispou-se-lhe o cabello; ergueu ambas as mãos...
E do fundo da historia ouviu que se arrojava
Aquelle grito extranho: Ás armas cidadãos!

SILVESTRE DE LIMA

CANÇÃO

Do alegre ninho azul, deserto agora,
Do meu *chalet*, suspenso encosta acima,
Partir contigo em busca de outro clima
Pombas em bando eu vi por mar afóra...

E ás pombas disse: Aonde é que de aza solta
Voais? »

E eil-as cantando emfim que vêm de volta...
Só tu não voltas mais!

Ia chegar o inverno, e, á sombra e á neve,
Buscando as festas n'outros céos esparsas,
As garças vi... E eu disse, olhando as garças:
« Ide! que um vento festival vos leve!
Mas que paiz remoto, de aza solta,
Buscais? »

E ao sol de Outubro as garças vi de volta...
Só tu não voltas mais!

Tambem mil barcos de enfunadas velas
Foram-se; além, nos gorgolões das aguas,
Pandas, boiando, as vi, cheio de maguas,
Lentas sumir-se... E aos barcos disse, ao vel-as:
« Que rumo estranho vós, de vela solta,
Levais? »

Mas eis que um dia os barcos vi de volta...
Só tu não voltas mais!

Vivos, sonoros, de canções inflados,
Aves, navios, passaros, saudosos
Nautas, de luz e amores sequiosos,
Tudo fugio contigo aos céos nublados...
Lembras-te? E eu disse: « Aonde é que aza solta
Tu vais? »

Mas eis que tudo eu vejo emfim de volta...
Só tu não voltas mais!

ERNESTO SENNA

MIRAGEM

Que lindo sonho ! Eu vejo-te cahida
Sobre um leito de rendas perfumadas,
N'um esplendor das fabulas sonhadas
Do paraizo em sonhos de outra vida!

Larga aurora de luzes colorida
Cinge-me a vista em fachas iriadas,
Fructos e sons e flores suspiradas
Vejo aos meus pés .. estás adormecida!

Jamais eu vi-te criação tão bella!
Ai! dorme, dorme! o teu valor de estrella
Cresce aos meus olhos n'um azul eterno!

Tremes... despertas! a minh'alma chora:
Desprezado por ti, linda senhora
Volto aos tormentos de um antigo inferno!

O. DE NYEMEYER

SAUDADE

Vai-te flor — emblema triste,
Volta aos lares da donzella,
Aquella perjura bella,
Aquelle anjo traidor,
E diz-lhe que eu vivo triste,
Vivo triste e sem amor!

E se acaso no seu rosto
Divulgares o desprezo,
Oh! não me tragas o peso
Da cruel desillusão!
Fica morta nos seus lares,
Nos seus lares sobre o chão!

Que eu não vejo em^{te}ti, saudade,
De amor o ditoso objecto;
Nem d'Ella, o mimoso affecto,
Tu és o divo penhor;
És um poema de prantos,
Uma epopéa de dôr!

Vai-te flor, não mais te quero
Nos meus lares. A lembrança
Sepulta a meiga esperança
Do meu pobre coração!
Traz-me amor se amor colheres,
Desprezo — não voltes, não!...

FONTOURA XAVIER

A MULHER DO PALHAÇO

Eu ando triste, mudo, atrabiliario,
Persegue-me a visão d'um sonho vago;
Tenho as tristezas tetricas de Mario,
E as solidões sinistras de Carthago!

Nem saiba o mundo! tábido sudario
Envolve-me a paixão que em mente affago;
Vou em meio caminho do Calvario
E desconheço a cruz que aos hombros trago!

Desconfio de alguém ; de longa data
Conto entre as minhas relações ignotas
A graça esculptural de uma acrobata...

Muita vez á sahida dei-lhe o braço...
E ainda tenho presente as cambalhotas
Que ella dava na ausencia do palhaço !

HUGO LEAL

MADRID

Tu que assististe ás pompas castelhanas,
Arreiada de sedas e diamantes,
Como no leito pasmas as sultanas,
No lascivo abandono das amantes :

Tu que ouviste o latido das fanfarras
Vibrando os sons colericos da morte ;
Que sentiste em teu corpo arpias garras
Esfaimadas do barbaro do norte ;

Oh ! flor peninsular ! flor do occidente !
Leviana hespanhola, ao seio quente
Adormece teu pallido *torero*.

Pés pequeninos... canta a *seguidilha*,
Aos fremitos aroentes da mantilha,
Sacudindo a cabeça no *salero*.

FRANCISCO DE CASTRO

TIRADENTES

Quereis saber-lhe a historia? Um rev'olucionario,
Eis tudo que elle foi. N'um marco milliario
Da estrada do porvir, o nome — só — deixou...
Porém foi um corisco a penna que o traçou:
Assim é que se escreve a lucida epopéa
De quem abriu um sulco e fecundou uma idéa.

Foi grande: é o perfil commum para os heróes;
Cahiu... para crescer: — assim cahem os sóes.
Sonhou a redempção; no equileo dos tormentos
Desfez-se o coração em rotos filamentos:

— Foi toda a sua gloria. A laurea perennal,
Quem a dá é o futuro, — o grande tribunal
Que canonisa um nome ou chumba uma memoria
Uma eterna grilheta — a maldição da historia.

Inundava-lhe a fronte um duplice esplendor;
Sentiu transfigurar-se, e teve por Thabor
Um degrau do patib'lo: — alta metamorphose,
De quem tem no martyrio a propria apotheóse!

Na dolorosa via em que elle padeceu,
A estender-lhe a mão não teve um Cyrenêu.
Mas subito parou, frio como o alabastro,
Doirava-se-lhe o craneo a converter-se em astro;
Era o halito de Deus que ungia-lhe o perfil,
A saturar de luz a alma varonil.
Sacudia-lhe o ser estranho magnetismo:
Era a attracção fatal da morte, — o grande abysmo.
Então, dentro de si, sentiu-se serenar,

Como quem vê ao longe o fumo de seu lar
 Erguer-se entre os clarões de rubras atmosferas.
 As musicas da luz e os cantos das espheras,
 Cahindo pelo azul em rapida espiral,
 Entravam-lhe no peito em ondas de crystal.
 E o sol vibrava a prumo um fulgido estilhaço
 Nos rochedos de além como em escudos de aço.

E nesse bracejar do homem para Deus,
 Embora a Inquizição condemne os Galileus,
 Refervem sob a terra, em fermentar profundo,
 Moléculas de um corpo ou átomos de um mundo.

Oh! Prometheus da idéa, a vossa inspiração
 Não sei se vem do céu, ou vem do coração.

LUIZ GUALBERTO

EX LEGE

I

Ergue a poeira fina das estradas
 A cavalgada alegre dos tropeiros
 E os rispídos sendeiros,
 Morosos, lentos, feios, taciturnos,
 Vão placidos trotando
 Com as caudas as moscas enxotando.

A luz do sol nascente
 No velludo das relvas verdejantes,
 Arranca bellas gemmas faiscantes,
 Que a alvorada sobre elle desprende.

Um perfume suave, indefinido,
— O perfume das flores sertanejas —
Rescendem terra e céu.

Entretanto, o sobrado da fazenda
Meio occulto nas sombras do arvoredado,
Alveja no terreiro
Qual fosse enorme tenda
De homerico guerreiro.
Ao latido dos cães do fazendeiro,
Aos henitos fogosos dos « quartáos »
Homens de olhares máos
Do sobrado ás janellas apparecem.
Os sertanejos descem
Dos cansados sendeiros; vão subindo
Ao fresco avarandado,
Onde estava deitado
O fazendeiro altivo.

II

Por sobre o colmo escuro das senzalas
Ennovelados, crespos,
Leves flocos de fumos azulados,
Desenham caprichosos arabescos
No céu sereno e claro.
Na porta da senzala, no terreiro,
Que sombreia a ramagem do umbuzeiro,
Da captiva o seu filho pequenino
Sorri alegremente
Ao ver descer a gente
Dos morosos e placidos jumentos;
Emquanto pelas faces da escrava,
Em fios crystalinos,
As lagrimas silentes
Pintam-lhe d'alma os intimos pesares.

N'aquelle olhar de mãe,
Tão terno e tão sentido,
Desenhavam-se os intimos gemidos
De um coração quebrado,
De um coração partido.
E já não mais em horas de descanso,
Em horas de relento,
Deixava transluzir seu pensamento
Nas magoadas cantigas sertanejas.
E já não mais os echos das quebradas
Repetiam as languidas toadas
Que ás vezes a captiva
Aos echos das montanhas atirava...
Immensa dôr sentia!
E nunca mais podia,
Se é concedido a escravos ter prazeres,
Gosar delles nas horas de descanso!...

Para uns o ser mãe, o ser esposa,
É, ao em vez de ter uma, duas vidas;
É ver risos e dôres repartidas
Por corações que choram,
Por corações que riem;
Para outros, porém, p'ros desgraçados,
É sentir que os seus risos se esvaecem,
E se vão, como as brumas do horisonte,
Que depressa nos campos apparecem.

Era a mãe infeliz, pois lhe fugira
Com o nascer do filho
Ainda um raio ardente
Que ás vezes docemente
Doirava o invio trilho
De sua vida ingrata.
Sabia, sim, que em breve,
Quando soasse a hora,

Ir-se-hia o filho embora
Para servir ao rei.
E maldizia a vida,
E maldizia a lei!

III

No fresco avarandado da fazenda
Os morenos tropeiros,
Que montavam os rispídos sendeiros,
Fallam em termos bruscos, sacudidos
De dez ou doze escravos que vendidos
Partiam p'ra cidade;
E d'uns ladrões que viram no caminho;
De um cadaver desfeito, apodrecido,
Cujo rosto roído
Das moscas, dos insectos,
Tinha o aspecto feroz, angustiado,
De um homem que morre estrangulado.
— Muito em breve teriam de partir
E pois, diziam, era necessario
As taes crias com cedo reunir...

O dono da fazenda, alegremente,
Calculava o dinheiro que devia
Tomar de cada cria
Que entregasse aos cuidados do governo.
E contava com lucros fabulosos.
'Stava completo o prazo,
Executava a lei.
— Agora não estarei
A consumir meus dias preciosos
Com sustentar uns negros preguiçosos.
São livres, vão-se embora.
Venha do estado agora

Das apolices o juro — é o que basta.
Tão pouco não se gasta
Com sustentar moleques
Com sustentar vadios.

.

IV

Quando rompera o sol
Ridente de outro dia,
Ao longo das estradas já se ouvia
Um monotono choro de crianças.
E parece que vinham da fazenda
Com o latido dos cães
Com os mugidos sinistros das boiadas,
Os soluços das mãis!

CELSO DE MAGALHÃES**NOVISSIMA VERBA**

ANTIGUALHAS

Porque é que a gente não se esquece nunca
De uma face que vê,
Às vezes de repente, n'um relance,
Uma só vez? porque?

Sabe-se lá porque é que nós vivemos?
Assim é o coração.
Sente-se que elle palpita e se alvorota
Por uma ninharia,

— Um olhar da mulher que estremecemos. —

Mas vá se perguntar qual a razão
 Desse anceiar fremente,
 Desse louco e volcanico saltar!
 Ahi o mais prudente
 É deixal-o pular.

.
 Aqui em pleno mar,
 Ao balanço monotono do barco,
 Aqui que, com um olhar,
 Um horisonte sem fim inteiro abarco;

Aqui, no tombadilho,
 Com o nordeste á soprar-me nos cabellos,
 Mirando um Francez gordo todo zelos
 Á carregar o filho;

Pois aqui mesmo a imagem
 Daquella creatura tentadora
 Me acompanha a viagem
 Velando-a com sua sombra protectora.

Tudo que me rodeia
 Parece-me fallar della sómente,
 Desde um Inglez que passeia,
 Té uma Francezinha que, indolente,
 Boceja e se espriguiça,
 Brincando ás vezes, p'ra matar o tempo,
 Com a ponta d'uma driça.

O Inglez — esse cantaróla,
 Com um charuto na boca, *God save!*
 Que contraste! eu que ouvia-a tantas vezes
 Cantar a *bacarola*

Do *Guido Colmar*, á tremer de leve
Com a voz no estribilho.
Palavra! 'stou com impetos
De ir estender o Inglez no tombadilho.

Bem junto a mim, vazia,
Uma cadeira commoda de vime
Faz-me pensar que, se ella aqui estivesse,
Talvez viesse fazer-me companhia.
Ah! como era sublime!

Eu ler-lhe-hia umas paginas do livro
Que aqui tenho á meu lado,
— *O Amor* — de Michelet;
Ella talvez quizesse recitar-me
O pedaço inspirado
Do — *Camões* — de Garrett.

Então, *por esse azul dos vastos mares*
Eu podia vogar,
Contanto que tivesse os seus olhares,
E elles quizessem a viagem acompanhar.

QUADRO ARTISTICO

A scena é n'uma sala pequena e atravancada:
Uma meza redonda de livros empilhada.

Um piano d'um lado, de outro um veladôr,
Uma estante com livros, mobilia multicôr.

Garrafas de cerveja, charutos e bolinho,
Cigarros sobre a meza, o piano de mansinho

Á gemer sob os dedos d'um inspirado artista :
Cinco sujeitos serios, cravada e attenta a vista

No teclado que bróta harmonias tristonhas,
Ou então se alvoróta em volatas risonhas.

No môxo, a fronte erguida um rapaz aloirado,
Com um charuto na boca, olhar vivo inspirado,

Improvisa ; distante, um outro no sophá,
De mão no queixo, absorto, embevecido está.

Os cigarros apagam-se esquecidos, e frias
No chão as cinzas cahem ao som das harmonias.

Na secretaria um outro escutando esses trinos
Escreve n'uma tira alguns alexandrinos.

Artistas todos são, e, alli, naquella sala,
Emmudeceram todos, somente o piano falla.

CASTRO REBELLO JUNIOR

BARCAROLLA

Por estas horas da noite,
Da natureza ás caladas,
É que murmuram as fadas
E andam visões pelo ar...

Vamos ! ao tepido afago
Do luar,
Inda entorna-se mais vago
Sobre o lago
O fluido de teu olhar.

Olha : ao longe, no horisonte,
Perdem-se nevoas errantes,
Como genios fluctuantes
No fundo da solidão...

Vamos ! aos raios sidereos
Da illusão,
Doiram-se os ninhos ethereos
Dos mysterios
Que trazem no coração.

Na fresca sombra das margens,
Onde dorme o passarinho
E as auras fallam baixinho,
Rescende a coirana em flor...

Vamos ! teu labio trescala
De pudor ;
E cada beijo, que exhala,
Lhe resvala
Como um suspiro de amor.

Escuta : esses tons eóleos
Vêm das humidas areias
Onde cantam as sereias
De braços e peitos nús...

Vamos ! entrega-te á sina
Que conduz
A tua concha de ondina,
Peregrina
Por essas aguas azues.

CONSOLAÇÃO

Eugenia, minha filha: á percussão mimosa
Dos labios com que tu me beijas, redolente,
Vôa-me o coração nos azas côr de rosa
Do sonho em que na vida embalaste innocente.

Não se define, ó anjo, o que minha alma sente
Olhando neste mundo o que tua alma gosa,
Nem sei que ungidos sons o meu amor invente
Para entornar-te aos pés a dulcia fervorosa.

Graças a ti, não tenho uma esperança morta.
Se alguma vez o lar, onde te ris brincando,
De trévas inundou-se e lagrimas... que importa?

Já não allego a Deus os transe de agonia:
Graças a ti, minha alma ajoelha-se e... fitando
O céu, perdôa á sorte a campa de Maria.

J. CAMPOS PORTO

A ROLA

I

Era um lyrio em botão. O sol da primavera
Sete vezes tocára aquella fronte pura ;

E nunca a desventura

Toldára aquelle céu de risos e de flores.

Tinha um rosto pequeno, alegre e feiticeiro,
E um olhar divinal... Teriam taes fulgores

Os olhos sensuaes das moças hespanholas
Ao dançar o *bolero* ao som de castanholas?
Chamava-se Maria,
Um nome virginal e cheio de magia
Que todos os christãos murmuram satisfeitos,
Quando, cheios de uncção,
Se ajoelham no templo — a patria da oração. —
O pai a estremecia. Era um pobre ferreiro
Que via na filhinha um anjo de candura.
Deleitava-se o velho, á volta do trabalho,
Divisar a figura
Da creança a correr no meio do terreiro.
Á noite, eil-a a brincar em volta da lareira,
Co'a tesoura na mão cortando bonequinhos,
Rindo sempre a bom rir, enquanto os irmãosinhos
Cochilavam no chão deitados n'uma esteira.
Um dia o bom do velho entrára em casa alegre.
Um moço da cidade
Enviára á filhinha
Uma rola gentil mimosa e tão branquinha,
Que a creança travessa
Sentiu-se como louca, e louca de prazer.
A scena então mudou. Maria não deixava
Sua nova amiguinha. A rola a compr'hendia,
Se a creança chorava, o passaro chorava,
Se a creança brincava, então elle sorria.
Era tanta a amizade,
Até parece historia,
Que dizem que uma vez Maria fôra á festa,
(Foi na festa Gloria)
E esquecendo a rolinha, a branca rola amiga,
Tivera tanta dôr e tamanha saudade,
Que Maria voltando achára o passarinho
Cahido, sem comer,
Parecendo morrer,
Pois nem siquer abria o bico pequenino.

II

Depois daquella festa, a rapida doenca,
Que amortece e definha,
Prostrára-a finalmente. Era uma dôr immensa!
E o pai não trabalhava
Com medo de deixar o leito da filhinha.
E a rola não deixava
O quarto de Maria.
Dir-s'-ia estar alli o anjo da esperanza.
Mas o céo que nos guia
Achára que a creança
Era mais para Deus que para a terra ingrata!
Era bello de vêr-se a rola nesse instante,
Pousada junto ao branco e casto travesseiro,
Vendo a vida perder o lume derradeiro,
E a pobre agonisante
Lançar sobre o bichinho uns olhos lacrimosos
Como o nauta que avista a terra, além, distante!...
Consummou-se a tragedia. Em meio a acerbo pranto
Dos irmãos e do pai seguira para a villa
O corpo de Maria. E o grupo das creanças
Cantava acompanhando um côro chystallino.
Pelo espaço se ouvia um som vago, divino:
A voz da natureza
E a voz das esperanças
A cantar as canções da dôr e da tristeza.
Chegando ao cemiterio, as notas s'extinguiram.
Os coveiros brutaes pegaram do caixão,
E o pranto dolorido os miseros não viram,
E nem uma oração
Levantou-se solemne em meio áquella gente!
Não assim a rolinha... Immersa em dôr profunda,
Voára acompanhando o funebre cortejo,
E tinha um só desejo:
Vêr onde ia dormir a amiga dos folguedos,

Sua socia gentil nos infantis brinquedos.
 Procurára o ferreiro, á volta, o passarinho,
 E não deu-lhe cuidado o não achal-o em casa.
 Embora muito o amasse,
 A rola lhe traria á lembrança a filhinha.
 Não é que a abandonasse,
 Mas era-lhe um martyrio o vêr a pobresinha
 Sempre triste a carpir.
 O ferreiro deixára aquelle lar bemdito
 E fôra p'ra cidade.
 Era tal a saudade
 Do tempo tão ditoso,
 Que fugira ao trabalho, embora não rendoso,
 E fôra para rua implorar uma esmola
 Emquanto estavam sempre os seus filhos na escola.

III

Quando vinha pr'a casa, o velho já notára
 Que uma rola o seguia, ao longe, no caminho.
 Mas um dia chamando o seu filho (o do meio),
 O apertou contra o seio,
 E disse: — « filho, a rola é como tua irmã...
 Arma tu a gaiola,
 Bem cedinho, amanhã,
 E apanha essa rolinha... eu quero-a tanto, tanto... »

 O menino cumpriu as ordens do ferreiro
 E todos ao redor da mesinha do almoço,
 Viram vir o João co'a rola que apanhára.
 Não tardou a entrar, e o pai que não sorria
 Teve uns tons de alegria.
 A rolinha, a tremer, mostrava no pescoço,
 N'uma fita escarlate um nome que elle amára,
 Um nome só: — Maria!

JOSÉ IZIDORO MARTINS JUNIOR**SYNTHESE SCIENTIFICA**

Seculo dezenove! O bronze do teu vulto
Ha de ser venerado, ha de se impor ao culto
Dos posteros, bem como impõe-se á escuridão
Um relampago, um raio, um brilho, uma explosão!

Has de ser endeusado, atleta! Has de servir
De exemplo, de phanal aos povos do porvir,
Como a estrella polar serve de rumo ás náos,
Como serve a miseria em seus esgares mãos

De guia para o crime! O' seculo do labor!
As tuas creações, teus tunneis, teu vapor,
Tuas forjas, teu ar, tua electricidade,
Tua philosophia e tua heroicidade,

Tudo isso ha de formar por cima do futuro
Um pallio radiante, enorme, azul e puro,
Sobre o qual, sem o ver, eu sinto desde agora
Que hão de ir em procissão bellos como uma aurora

Todos os cidadãos deste paiz — a Sciencia ;
Todo filho da luz ou toda consciencia
Lavada pelo amor — o grande agente altruista!

O' seculo immortal, ó seculo em que a conquista,
A guerra, as religiões e as velhas monarchias
Têm tombado no chão nojentas como harpias,

Tristes como o deserto! Eu curvo-me ante ti
E ponho o joelho em terra afim de orar daqui
Ao teu busto ideal, titanico, estrellado!...

*

No alto da nossa idade eu vejo desfraldado
Um panno colossal, vibrante aos quatro ventos
Das novas intuições, dos novos pensamentos.

É o eterno estandarte enorme do saber,
De cujas dobras sahe o roseo amanhecer
Do dia da Justiça!

Ahi, sobre esses cimos

Onde a luz ri-se ao ar como a criança aos mimos,
Acampam-se do estudo os rijos batalhões.

Os soldados viris que têm por munições
De guerra os bisturis, as lentes, os compendios,
A analyse e a razão, e queimam-se aos incendios
Do desejo de lêr, de abrir, de observar
Tudo o que ha, desde a flor, o seixo, o nenuphar,
Até a lei fatal da luta pela vida;
Os voluntarios da alma, os homens bons da lida
Do futuro, — ahi'stão, lá tem os seus quartéis,
Seus craneos geniaes, seus livros, seus farneis!...

Sim. No dorso do sec'lo eleva-se a montanha
Alterosa, ideal, fascinadora, estranha,
Das victorias de luz que a Sciencia nos seus pleitos
Tem até hoje ganho...

Habitam nella os peitos

Dos sabios, dos heróes, dos magos do presente,
E é ahi que se guarda a polvora estridente.
Com que se faz voar a petrea cordilheira
Do erro, pelo ar, como uma fina poeira!

.

 Attentemos portanto alli, naquelles cumes
 Onde estão faiscando os scintillantes lumes
 De uma accumulção de humanas nebulosas.
 Fitemol-os com força. Eu vou bem como as rosas
 Abrir, para os saudar, a corolla odorifera
 D'uma canção de crente, harmonica, lucifera!

Mas antes...

Olha tu, homem moderno, escuta:
 — Eu vejo te pesar uma cegueira bruta
 Sobre o corpo, sobre'alma. Um sujo calabouço
 Odioso como um crime, ignobil como um osso,
 Desses que andam ahi roidos no monturo
 Pelos cães sensuaes; um calabouço escuro,
 Ferreo, caliginoso, inquisitorio, immundo,
 Eis o que me parece o abominavel mundo
 Em que te vejo triste, aniquilado, exausto!
 A meus olhos estás descrente como Fausto
 Sem teres entretanto aprofundado o céu
 Como elle o fez primeiro, e levantando o véo
 De toda cousa estranha, occulta, mysteriosa.
 Não sabes como eu choro a vida tormentosa,
 A turbida existencia hedionda que tu levas!
 Imagino ao te ver que moras n'umas trevas
 Feitas da meia-noite escura da ignorancia
 E da lama do erro! Estás como na infancia
 Apesar de já seres velho desde muito.

.
 É que nunca lançaste ao menos um fortuito
 Olhar ao novo deus, á nova providencia,
 A quem a nossa idade appellidou de Sciencia!
 É que tu nunca olhaste as purpuras risonhas
 Do Ideal do teu tempo; é que ainda tu sonhas
 Com o velho mundo, enquanto o mundo novo canta

Em roda do teu lar o hymno que levanta
 As almas á região das grandes utopias
 Louras como o verão nos seus sonoros dias!...

Tu, meu pobre burguez, deixaste-te ficar
 Com a tua intelligencia ao pé do limiar
 Dantesco e monachal da turva idade média.
 Não quizeste applaudir a rispida comedia
 Do rir voltairiano enorme e dissolvente ;
 Não soubeste julgar a força omnipotente
 Da vasta encyclopédia e mais de oitenta e nove ;
 Continuaste a crer em Pedro, em Christo, em Jove,
 Nos reis, no imperador, nos padres e no inferno,
 E emfim não penetraste o portico moderno
 Do seculo dezenove — a cathedral da idéa!

Dahi — esse teu ar, a catadura feia
 Que eu noto agora em ti!...

Entretanto é preciso

Que tu fites além o luminoso viso
 Dos montes da Verdade e do saber humano.
 Has mister de fugir do ergastulo tyranno
 Chamado indiferença á que tens sido preso
 E has mister de deixar por uma vez o veso
 Do passado e da fé religiosa, velha,
 Que só te deixa ver a criação de esguelha!

.

Para isso é bastante esse pequeno esforço :

— Olhar para os clarões que o sec'lo tem no dorso!

*
 * *

O seculo tem no dorso o estado positivo.

Esse estado, essa phase é como um largo crivo

Feito pela razão na consciencia humana,
Por onde agora jorra a onda soberana
Da verdade moderna.

O espirito do homem
Cançado de buscar nas brumas que se somem
A razão do seu ser e mais da natureza,
Cançado de trilhar a intermina deveza
Das hypotheses vãs, dos sonhos das chimeras,
Volveis como o mar, franzinas como as heras,
Parou junto a esse marco erguido em seu caminho
Como um viajante pára em frente de um moinho.

Marco fecundo! Então, desde esse mesmo instante,
Elle poz-se a cavar com força triumphante
O solo do Real. Ficaram para traz
Os mysterios, o vago, as phantasias más
Que tanto haviam já desfigurado a Sciencia,
E hasteou-se a bandeira, emfim, da Experiencia
Sobre a ferrea muralha impavida do estudo!

Agora essa bandeira é que domina tudo.

Nos paços da Sciencia onde antes se sonhara,
O sabio de hoje pensa, observa, lê, compara
A materia nos seus phenomenos gigantes,
Descobre-lhes as leis severas e constantes,
E afinal á poder de genio e de trabalho
Extrahe dessa jazida o rutilo cascalho
Onde está encerrado o brilhante formoso
Da verdade immortal, do Facto luminoso!

Foi da França que ergueu-se a aurora desse estado.

Augusto Comte foi o sol esbraseado
Dessa immensa manhã, dessa alvorada immensa
De que o mundo fez logo a sua nova crença.

Havia tempos já que a humanidade ouvira
(É certo), como se ouvem as queixas d'uma lyra
Vibrando n'amplidão por uma noite antiga,
A voz de Galileu commovedora, amiga,
Unida ás de Descarte e Bacon e de Harvey,
Dizendo-lhe se estar forjando a grande lei
Da idade positiva hodierna...

Mas só Comte

Poude, estoico, escalar o alevantado monte
No pincaro do qual via-se a neve branca
Da nova concepção do mundo, recta e franca!

Deixando em baixo Kant, Simon, Burdin, Turgot
Newton e Condorcet e Leibnitz, — voou
Elle para as alturas magicas da gloria,
Após ter arrancado ao pelago da Historia
A vasta concha azul da Sciencia social!

Ah! Como eu sorvo a luz que vem desse phanal,
Como eu amo o clarão que vem dessa conquista!...

MATHIAS CARVALHO

O DIREITO

(NA FACHA DE UMA CRENÇA)

O Direito é uma planta
Nascida em terra inculta, em solo abandonado ;
E as folhas que levanta
Para as grandes arestas
Do sol, aberto a prumo, ardente, afogueado,
Tem a côr natural das populares festas
Os chromos d'alvorada.

Ella vive alli — só :
 Se um dia transplantada,
 Faltar-lhe o franco sol na terra cultivada,
 Perde a seiva possante e se transforma em pó.

É planta singular :
 Se por ventura *alguem*
 For o cardo arrancar,
 Que em roda lhe nascera,
 Ella morre tambem.

Quer oxigenio puro, a livre natureza,
 Repelle a mão dos reis, cuidados da nobreza.
 E na sua atmosphera
 Deixem-na alli brilhar, abrir a larga palma —
 Ninguem lhe vá turbar a grandiosa calma...

Se o despotismo um dia
 Quíz matal-a e apontou-lhe a sua artilharia,
 Basta lhe toque á folha uma qualquer scentelha...
 Soberba se levanta, esplendida e vermelha;
 Cresce e sobe e se eleva extraordinariamente,
 E o cardo, as hervas más, fulmina de repente!
 Pende de cada ramo — um homem, uma idéa ;
 O campo se transforma em praça ; a pobre aldêa
 Cede o passo á cidade ; e a vida aos turbilhões
 Entra ao craneo do povo, ergue as revoluções!
 E a planta onde está? sumiu-se? ninguem diz?
 São o tronco e a palma a honra de um paiz!

NIHILISTAS

Como um ponto final porque ninguem espera
 Nos desce flammejante uma epopéa runica,
 Uma sombra a quebrar os saltos de uma féra.

Sente agarrada á carne a ilacerante tunica
O tenebroso algoz de gerações immensas,
Que se embebe cruento em uma idéa unica :

Quer fundo golpear da liberdade as crenças,
Despedaçar os nós de colossal corrente,
D'energia suprema as commoções intensas ;

Do destino rasgar a sentença vehemente,
Mudar o tom e a fórma em um geral supplicio,
Triumphante dormir n'essa *citá dolente* ;

Julga um brinco infantil aos pés o precipicio,
Julga presos nas mãos raios do céu e inferno,
E de novo se affoga em podridões do vicio ;

Zombando do labor do espirito moderno —
Abraça-se com Deus, que, amortecido e velho,
Encerrára no céu um *regimento interno* !

Póde ferrar o peito a folha do Evangelho,
Freme em progresso audaz das armas a officina,
Abre as mãos a sciencia e salta um aparelho !

Póde afiar sangrento o córte a guilhotina...
Não pára o movimento a vingadora bala,
Rebenta a dynamite ou a nictro-glycerina !

Dolorosa eloquencia a combustão nos falla :
Rebentam da justiça as minas inflammadas,
Formidavel Babel em convulsões estala !

*
* * *

Eil-os... estão alli, em legiões cerradas,
Emergidos Antheus, dos gelos da Siberia,
Como forte explosão das iras concentradas !

Em larga evolução — descommunal arteria
A aguia branca algema em paredões de ferro,
Tem as taboas da lei o braço da miseria!

Vergaste-se ao juiz do tribunal do erro:
Como toma-se o passo a liberdade humana,
Caia ao fogo voraz a porta do desterro!

Quebrada, pelo centro, a corda soberana,
O monstro, em contorsões no solo ensanguentado
Sinta o peso cruel da lei draconiana.

Para um povo quebrar o rubro cadeado
Da servidão fatal que o despotismo crêa
Urge não recuar do trilho começado:

Erga-se o que se erguer, vá triumphante a idéa
Embora alguma vez, angustiosamente,
Tenha de triturar convalescente veia!

São a desforra em pé, titanica, fremente,
Fórma em torno do mal quadrado tão profundo
Como o fumo a brotar de incendio permanente.

Elles foram da treva atirados ao fundo...
Pois bem, surgem de lá, terriveis e possantes,
Trazem do abysmo a luz! cousa que espanta o mundo

Onde lampeja o sol d'imperiaes diamantes,
Onde canta e s'estende a turba dos jograes
Offerecendo o hombro á torres vacillantes!

Rompe assustado grito: « O' feros cannibaes!
O' santo imperador, estamos na vanguarda!
Tens ao teu lado o céo, as forças clericæes!

Temos tudo, senhor! a Allemanha e a Hespanha!
O Direito é por nós, temos policia e guarda!
E, como a gargalhar de reacção tamanha,

Estoura a nihilista homerica espingarda.



POESIA POPULAR
DOS
CIGANOS DA CIDADE NOVA

(Excerpto do *Cancioneiro dos Ciganos*)



POESIA POPULAR
DOS
CIGANOS DA CIDADE-NOVA

(Excerptos do *Cancioneiro dos Ciganos*)

LYRICAS
(KAMBULINS)

INFELIZ me considero
Em todos os meus intentos ;
Quando penso achar venturas
Não acho senão tormentos.

Quem no altar da virtude
Quizer tirar uma flor,
A Serafina tem muitas
Que recebeu do Senhor.

A arvore do amor se planta
No centro do coração ;
Só a póde derrubar
O golpe da ingratição.

A Parca pegou na foice
Para aos meus dias dar fim ;
Porém não fez porque sabe
Venturas não são p'ra mim.

Quanto mais tempo se passa
Minh'alma mais queixas tem,
Por ella ser offendida,
Sem offender a ninguem.

O teu rosto de moreno
Levemente tem a côr,
Para o poder comparar
Não encontro uma só flor.

Saudade, teu nome é doce,
Parece que nada diz ;
No entanto quem te soffre
Nunca póde ser feliz.

Se essa agulha fosse enxada,
Esse lenço terra dura,
Nelle mesmo eu cavaria
Minha triste sepultura.

Tenho um calix com veneno
P'ra findar minha existencia :
O calix é teu amor,
O veneno a tua ausencia.

Os ferros d'el-rei são duros,
Mas o de amor é mais forte ;
Para os d'el-rei ha a lima,
Para o de amor só a morte.

Quem não nasceu p'ra soffrer
Desafiar pôde os fados,
Que os proprios deuses respeitam
Os entes afortunados.

Vi meus desejos subirem
Aos ferros da guilhotina,
O triste tinir dos mesmos
Bem demonstra minha sina.

Se querem que os olhos d'alma
Vertam pranto amargurado,
Debuxem na fantasia
Lembranças do meu passado.

Duas correntes pesadas
Eu arrasto sem poder :
É uma a do meu capricho,
A outra do meu dever.

Quereis ouvir os meus cantos?
Cantarei... não como outr'ora,
Que impõe preceito aos meus risos
A dôr que comigo mora.

Quem quizer crear amores,
P'ra ninguem desconfiar,
Quando olhar não deve rir,
Quando rir não deve olhar.

Pensei que vencer trabalhos
Dependesse do valor,
Só vence aquelle que tem
A fortuna a seu favor.

O sol, que soberbo nasce,
A flor que em su'haste brilha,
Junto a ti perdem seus raios,
O sol foge, a flor se humilha.

Ha quem seja ré de morte
Sem consciencia de o ser;
Digam, se podem, teus olhos,
Se não nos fazem morrer.

Queria subir ao céo,
Ter com Deus um argumento,
Saber d'Elle para que
Deu aos pobres sentimento.

Quando se abriga a ventura
Em coração sem grandeza,
Retrata um brilhante em trevas,
Sem acção na realza.

Tantos ais, tantos suspiros
Que se dão pela calada...
Meu coração sabe tudo,
Minha boca não diz nada.

Saudade de um bem perdido

— Que insupportaveis que são
As penas que eu hei soffrido!
Ausencias, vivas lembranças,
Saudade de um bem perdido!

— Eu vivo sem esperanças,
De gloria destituído!
Só tenho prantos, angustias,
Saudade de um bem perdido!

— A impetuosa corrente
Dos prantos qu'eu hei vertido,
Tem origem na profunda
Saudade de um bem perdido!

— Do vasto jardim da vida
Só espinhos tenho tido!
Um delles significa
Saudade de um bem perdido!

— Eu quizera já morrer
Ou nunca ter existido!
Só assim não soffreria
Saudade de um bem perdido!

— É melhor nunca gosar
A posse de um bem querido !
Para depois não soffrer
Saudade de um bem perdido !

ELEGIACAS

(KACHARDINS)

Para contar os meus males
Meu natural me contem ;
As sepulturas têm flores ,
A minha vida não tem.

O dia em que eu não soffro
Eu penso que não sou eu ;
Que o meu *eu* se transformou
N'um outro que não é meu.

Até nas flores se encontra
A differença na sorte !
Umas enfeitam a vida,
Outras enfeitam a morte !

Quantas vezes um suspiro
Trahe o que noss'alma sente !
— É linguagem de quem vive
Da ventura descontente.

Sou um corpo inanimado,
Existo sem ser ninguém ;
Sou como o órgão vibrante
Que falla e alma não tem.

Quem trahir a boa fé
Nem de Deus espere o bem ;
O condemnado não presta
Nem p'ra si, nem p'ra ninguém.

Sempre soffro, e quando goso
São tão breves meus prazeres,
Como em sonhos que se esvaem
Imagens de falsos seres.

As minhas maguas são minhas,
Nem eu as posso deixar ;
Ficarão na sepultura
Se minh'alma as não levar.

A morte, por ser desgraça,
Não deixa de ser ventura,
Pois corta pelas raizes
Males que a vida não cura.

É destino, é fado ou sorte ;
Quer seja burla ou verdadê,
Não ha quem possa obstar
A mão da fatalidade.

Eu sou triste como é triste
Da lua o frouxo clarão
Quando reflecte na campã
De quem viveu n'afflicção.

Um sorriso dos meus labios
Não é sorriso, é gemido ;
É um sorrir obrigado,
É um gemer oprimido.

Um sorriso dos meus labios
Não é sorriso, é gemido ;
Do sentir mudei a forma
P'ra não ser aborrecido.

Deus não creou infelizes...
Os infelizes se fazem...
Mas quem póde interromper
O destino qu'elles trazem?!

Só na morte encontra a vida
Quem na vida a morte tem ;
Por isso eu desejo a morte
Por querer viver tambem.

Deus creou o pensamento,
Encarnou na liberdade ;
Vai a Deus, não é valido,
Custa a crer, mas é verdade.

Certos pontos luminosos
Que dão brilho á minha sorte,
Têm semelhança com o raio
Que illumina e deixa a morte.

Alma no corpo não tenho;
Minha existencia é fingida;
Sou como o tronco quebrado
Que dá sombra sem ter vida.

A flor de minha esperança
Expandio perrfume santo,
Hoje triste se retrata
No lago que faz meu pranto.

Eu encontrei-me com a morte,
Fallei-lhe, não tive medo;
Porém ella respondeu-me:
« Soffre mais que ainda é cedo. »

Nas procellas desta vida
Não ha quem bonança gose!
No calix dos soffrimentos
Cada qual tem sua dóse.

Eu com vida me debruço
Ás margens da sepultura,
Já que os vivos não consolam
Um filho da desventura.

Infeliz de quem suspira
Por ganhar premio de amor :
Foge o tempo, foge a vida,
Em sustos e pranto e dôr.

Quando se enflamma o enxofre
Suffoca, porém não mata :
Assim é o infeliz
Que a dura sorte maltrata,

Quereis um quadro da vida ?
Eil-o ! — o dia vem raiando !
Despertam, felizes, rindo,
Os desgraçados chorando !

E é esta a contingencia
Da infeliz creatura !
Soffrer dôres, soffrer penas,
Emquanto a existencia dura !

Mas um Deus que tudo espreita,
Equilibrando a balança,
Abre os seus seios áquelles
Que nelle têm confiança.

O sol, que p'ra todos nasce,
Só para mim se escurece ;
Chego a ser tão desgraçado
Que até o sol me aborrece.

Mais vale a tosca palhoça
Onde nella o riso mora,
Do que palacios dourados
Onde no ouro se chora.

Eu não sou eu, é engano ;
O meu *eu* já s'extinguio ;
Hoje o *eu* que represento
É sombra do que fugio.

Quando os felizes se queixam,
Os desgraçados exultam ;
Pois ao menos nessa hora
Do triste a dôr não insultam.

Já morri ! não foi de morte,
Que a vida interrompe e finda ;
A morte que me ferio
Mais cruel parece ainda.

Foi ella a que mata e extingue
D'alma o gosto de viver,
Que sem nos tirar a vida
Nos faz mortos parecer.

Por muito que o infeliz
Contra os males se previna,
Ha de passar por aquelles
Que lhe marcou sua sina.

Nas horas d'ermo silencio,
Meu Deus, quando penso em ti,
Por obra tua os meus males
Se consolam entre si.

Ha uma especie de plantas
Que vingam sem ter raizes:
Assim são certos sorrisos
Nos labios dos infelizes.

Ninguem deve neste mundo
De alheias desgraças rir,
Quando o céu troveja — o raio
Não faz ponto onde cahir.

Da vida á morte ha um passo,
Nesse passo ha tanto trance
Que até penso que o infeliz
Com a morte não descanse.

Os meus sorrisos perdidos,
Os meus prazes d'outr'ora,
Quem me dera tel-os hoje,
Sabendo o que sei agora!

FUNERARIAS

(MERENDINS)

Como as aves que vagueam
No seio da noite escura,
Assim serão meus suspiros
Sobre a tua sepultura.

Eu sou triste como o lucto
Que cobre os tenros filhinhos,
Que na pobreza perderam
Da terna mãe os carinhos.

Dizem que almas não morrem,
São immortaes... não têm fim...
A minha faz excepção,
'Stá morta dentro de mim!

Eu sou a tocha do morto
Com a luz já quasi extincta,
Ou como a negra mortalha
Que por preta não se pinta.

Erguei-vos flores da noite,
Tristes rosas da manhã;
Velem umas sobre as outras
O tum'lo de minha irmã.

Sempre foste minha estrella;
Eu com gosto te seguia;
Na tormenta te apagaste,
Fiquei sosinho e sem guia.

O' minha irmã Felisberta,
Se com a nossa mãe fallares,
Não contes meus soffrimentos
P'ra não lhe dar mais pezares.

Sou triste como a tesoura
Que corta a negra mortalha,
Ou da cova a dura terra
Que sobre o morto se espalha.

Desabrochou de manhã,
De tarde se despedio ;
Fiquei na noite sombria
Por onde ella se sumio.

Meu filho, nada te fiz...
Por me faltar a ventura,
Foste pedir agazalho
Na terra da sepultura.

Quando morreu minha Rosa,
O mundo ficou sem luz ;
Porém ficou minha mãe
P'ra carregar minha cruz.

Se queres saber se eu choro,
Me empresta a tua mortalha,
Com ella enxuga o meu pranto
E o nosso filho agasalha.

As saudades que te trago
Foram da terra arrancadas,
Mas as que tenho por ti
Estão n'alma enraisadas ;

Ao passo que as que te trouxe
Como tu morrem tambem,
Minh'alma por infeliz
Bebe vida nas que tem.

O' flores que junto á campa
De meu filho vicejaes,
Sêde fieis transmissoras
Dos meus doloridos ais !

Cantiga

Tu eras a minha vida,
De tua vida eu vivia ;
Eras a alma, eu o corpo,
A ti a vida eu daria !
 Eras a voz, eu o écho,
 Só contigo eu existia.

Como a flor que pouco dura
Tu tambem pouco duraste,
E no mar da eternidade
Como a estrella te occultaste.
 Como o sol tambem fugiste,
 Como um anjo ao céu voaste !

Pobre flor dos meus amores,
Entre goivos te perdeste,
Na solidão do sepulchro
Para sempre emmudeceste ;
 Pobre flor dos meus amores
 Que tão cedo emmurcheceste !

E dos meus sonhos dourados
De minha passada gloria,
De meus dias de ventura,
De bonança transitoria,
De meu passado ditoso
Só me ficou a memoria!

E tudo fugio contigo,
Contigo tudo perdi;
Cerrei os olhos ao mundo,
Porque o mundo eu via em ti;
Estando em ti minha vida,
Contigo tambem morri.



BIOGRAPHIA GERAL



BIOGRAPHIA GERAL

PRIMEIRO VOLUME

1556 - 1800

JOSÉ DE ANCHIETA. — Nasceu em Tene-
riffe em 1533, e morreu na aldeia de
Reritgiba, a 9 de Junho de 1597.

Suppondo ser o seu auto de *S. Ursula* representado no Espirito Santo, no mesmo anno que o de *S. Lourenço*, (1556) segundo a *Vida do Padre Anchieta* de Simão de Vasconcellos, entendemos abrir com esta data o *Parnaso Brasileiro*.

BENTO TEIXEIRA PINTO. — Nasceu em Pernambuco, entre 1540 e 1545. Sobre a identidade deste poeta ha controversias. A sua *Prosopopêa* foi publicada em Lisboa, em 1601, na officina de Alvarez.

EUZEBIO DE MATTOS. — Nasceu na Bahia em 1629, e morreu em 1692.

GREGORIO DE MATTOS. — Nasceu na Bahia, a 20 de Dezembro de 1633, e morreu em 1696.

Foi grande poeta satyrico, e ultimamente estudado por Sylvio Roméro, que esclareceu-lhe com luz vivissima o perfil de nacionalista.

MANOEL BOTELHO DE OLIVEIRA. — Nasceu na Bahia em 1636, e morreu a 5 de Janeiro de 1711.

ANTONIO JOSÉ. — Celebre poeta comico e reformador do theatro portuguez, nasceu no Rio de Janeiro a 8 de Maio de 1765, e morreo em Lisboa, na Inquisição, em 1739.

ALEXANDRE DE GUSMÃO. — Poeta e homem d'Estado eminente. Nasceu na Villa de Santos, S. Paulo, em 1795.

FR. MANOEL DE SANTA MARIA ITAPARICA. — Nasceu na Bahia em 17...

SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA. — Notavel historiador e fecundo poeta. Nasceu na Bahia a 3 de Maio de 1660, e morreu a 2 de Novembro de 1738.

JOÃO DE BRITTO E LIMA. — Foi um dos mais distinctos poetas da Academia dos Esquecidos. Nasceu na Bahia a 22 de Outubro de 1671.

JOSÉ DE OLIVEIRA SERPA. — Nasceu na Bahia a 13 de Janeiro de 1696.

PADRE ANTONIO NUNES DE SIQUEIRA. — Nasceu no Rio de Janeiro a 2 de Abril de 1701.

CLAUDIO MANOEL DA COSTA. — Nasceu em Minas Geraes, a 6 de Junho de 1729, e sabe-se que era octogenario quando falleceu.

Este poeta é um dos maiores lyristas da lingua portugueza, não sendo excedido no soneto por qualquer outro, que tenha cultivado este genero de poesia.

THOMAZ ANTONIO GONZAGA. — Nasceu na cidade do Porto, em Agosto de 1744, e morreu no degredo de Moçambique, em 1807. As suas *Lyras* são admiraveis pelo sentimento e harmonia.

MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA. — Poeta vigoroso na fôrma, na expressão e no colorido. Nasceu em Minas Geraes, entre os annos de 1735 a 1740, e outros affirmam que em 1758. A sua morte teve lugar no dia 1 de Novembro de 1814.

IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO. — Poeta de largos vãos e grande observação. Nasceu no Rio de Janeiro em 1748, e morreu no presidio de Ambaca em 1793.

DOMINGOS CALDAS BARBOSA. — Nasceu no Rio de Janeiro e falleceu em Portugal, a 9 de Novembro de 1800. Foi um poeta de tons populares, e a sua *Viola de Lereño* o que de mais nacional produziu a musa brazileira nos tempos coloniaes.

FR. SANTA RITA DURÃO. — Poeta epico, de discripções magistraes e authenticas, e de brazileirismo pronunciado. Nasceu em Minas Geraes, no arraial de Nossa Senhora do Inficcionado, entre os annos de 1718 a 1720, e falleceu no collegio de Santo Agostinho, em Lisboa, em 1784.

JOSÉ BASILIO DA GAMA. — Nasceu no Rio das Mortes, capitania de Minas Geraes, em 1740, e falleceu em Lisboa, a 31 de Julho de 1795.

Protegido pelo Marquez de Pombal, que lhe apreciava os talentos, foi victima das perseguições dos Jesuitas.

Era um poeta de cunho nacional, e escreveu, além do *Uruguay*, outros poemas e algumas tragedias, que foram queimadas pelo frade que o assistira nos derradeiros momentos.

BARTHOLOMEU ANTONIO CORDOVIL. — Nasceu em Goyaz em 1746, e falleceu a 15 de Janeiro de 1810. Passou a vida inteira em « extasis diante

de um tal Tristão », e cremos que pouco mais adiantou como poeta.

DOMINGOS VIDAL BARBOZA. — Nasceu no Rio de Janeiro, envolveu-se na conspiração Mineira, e nada mais se sabe a seu respeito.

BENTO DE FIGUEIREDO TENREIRO ARANHA. — Nasceu em Barcellos, no Pará, a 4 de Setembro de 1769, e falleceu a 11 de Maio de 1811.

ANTONIO MENDES BORDALLO. — Nasceu no Rio de Janeiro a 24 de Outubro de 1750, e falleceu em Lisboa a 17 de Fevereiro de 1806.

FR. ANTONIO DE SANTA URSULA RODOVALHO. — Nasceu em Taubaté, provincia de S. Paulo, a 1 de Novembro de 1762, e falleceu a 2 de Dezembro de 1817. Foi grande orador sagrado, poeta de esmerado relevo, e reconhecido erudito.

FR. RAYMUNDO PENAFORT DA ANNUNCIÇÃO. — ... O que conhecemos de mais notavel na vida deste religioso, é ter elle assistido no oratorio ao martyr Tiradentes.

FR. FRANCISCO DE S. CARLOS. — Illustre poeta franciscano e orador de merito. Nasceu no Rio de Janeiro a 13 de Agosto de 1738.

PADRE ANTONIO PEREIRA DE SOUZA CALDAS. — Nasceu no Rio de Janeiro a 24 de Novembro de 1762, e falleceu a 12 de Março de 1814.

JOSÉ DA NATIVIDADE SALDANHA. — Nasceu em Pernambuco, em 8 de Agosto de 1796. Publicou um volume de poesias offerecidas aos amantes do Brazil, impresso em Portugal, e tomou parte na revolução de Pernambuco, de 1824, para o estabelecimento da Confederação do Equador.

JOSÉ ELOY OTTONI. — Nasceu a 1 de De-

zembro de 1764, em Minas Geraes, e morreu no Rio de Janeiro, em 3 de Outubro de 1851.

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA. — Sabio naturalista, eminente politico e escolhido poeta. Nasceu na Villa de Santos, provincia de S. Paulo, a 13 de Junho de 1763, e falleceu a 6 de Abril de 1838.

FRANCISCO VILELLA BARBOZA (Marquez de Paranaguá). — Nasceu no Rio de Janeiro a 20 de Novembro de 1769, e falleceu a 11 de Setembro de 1846. Foi deputado pelo Rio de Janeiro ás côrtes geraes e constituintes de Portugal, e um dos negociadores da Independencia.

MANOEL ALVES BRANCO (Visconde de Caravellas). — Nasceu na Bahia a 7 de Junho de 1797, e morreu a 13 de Julho de 1854. A sua biographia foi publicada em supplemento na *Revista do Instituto*.

FR. JOAQUIM DO AMOR DIVINO CANECA. — Morreu fuzilado em Pernambuco, sua provincia natal, atado a um poste, por não haver carrasco que se prestasse a enforcal-o, em 1825.

Foi uma das victimas da *Confederação do Equador*; as suas obras já correm impressas com applauso, mas não sabemos a data de seu nascimento.

JOÃO GUILHERME RACTCLIFFE. — Era portuguez; tomou parte nos acontecimentos politicos de 1825 em Pernambuco, e passou pelo baptismo do sangue, que nacionalisa as grandes almas.

Eis as ultimas palavras escriptas por elle no oratorio :

« — Morro innocente e pela causa do Brazil e da humanidade: possa o meu sangue ser util a ambas. »

A sua morte foi em Março do mesmo anno, supponho que a 18. As poesias que existem delle acham-se no «Brázil Historico» de meu pai.

DOMINGOS BORGES DE BARROS (Visconde da Pedra Branca). — Nasceu na Bahia em 1779, e morreu em Março de 1855. Foi delicado lyrista e talvez o melhor do seu tempo.

O conselheiro Franklin Doria prepara uma edição das obras completas do Anacreonte bahiano, que elle prefaciará com a distincção de vistas e competencia que muitos lhe reconhecem.

LADISLÁO DOS SANTOS TITARA. — Nasceu na Bahia em 1802.

JOÃO BAPTISTA DE FIGUEIREDO TENREIRO ARANHA. — No Pará, sua provincia natal, com idade de 70 annos, falleceu, em 1861, este poeta, primeiro presidente que teve o Alto Amazonas.

ALVARO TEIXEIRA DE MACEDO. — Nasceu em Pernambuco a 13 de Janeiro de 1807, e morreu na Belgica a 7 de Dezembro de 1849. Além do poema a *Festa de Baldo*, escreveu um drama, varias poesias e redigio jornaes.

FRANCISCO BERNARDINO RIBEIRO. — Nasceu no Rio de Janeiro a 12 de Julho de 1815, e morreu a 15 de Julho de 1837.

JOÃO GUALBERTO FERREIRA SANTOS REIS. — Nasceu na Bahia a 12 de Julho de 1787. A elle se deve a melhor traducção da *Encida*, não obstante ser a menos conhecida.

CONEGO JANUARIO DA CUNHA BARBOZA. — Este litterato distinctissimo, a quem as lettras brazileiras devem inestimaveis serviços, nasceu no Rio de Janeiro, a 10 de Julho de 1780, e morreu a 22 de Fevereiro de 1846.

Fundou o Instituto Historico, concorreu para a nossa emancipação politica, abrilhantou a tribuna sagrada, foi poeta de conceito, e publicou o nosso mais antigo *Parnaso*.

VIGARIO FRANCISCO FERREIRA BARRETO. — Nasceu em Pernambuco, e falleceu em 1851.

MANOEL ODORICO MENDES. — Nasceu no Maranhão, a 24 de Janeiro de 1799, e morreu em Londres, em 1865.

ANTONIO AUGUSTO DE QUEIROGA. — Nasceu em Minas Geraes, cidade do Serro, em 1812 ou 1813, e falleceu em Diamantina, no anno de 1855.

JOÃO DE BARROS FALCÃO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO. — Nasceu em Pernambuco; suas poesias foram ahí publicadas em 1840.

FRANCISCO MONIZ BARRETO. — Repentista admiravel e vigoroso, inexcédível mesmo na facilidade do improviso, sempre igual e correcto; nasceu na Bahia, em 1804, e morreu em 1868.

JOSÉ LINO COUTINHO. — Vide « Notas e Commentarios. » do 1.º volume.

SEGUNDO VOLUME

1840 - 1880

D. J. G. DE MAGALHÃES. — Nasceu no Rio de Janeiro a 13 de Agosto de 1811, e foi o chefe do movimento romantico no Brazil.

As considerações que a seu respeito fizemos na *Introdução*, dispensam pequenos detalhes.

MANOEL DE ARAUJO PORTO ALEGRE. — Nasceu no Rio Grande do Sul, a 29 de Novembro de 1806, e falleceu em Lisboa, a 30 de Novembro de 1879.

A. GONÇALVES DIAS. — Nasceu a 10 de Agosto de 1823, na provincia do Maranhão, e falleceu a 3 de Novembro de 1864.

Aos juizos devéras esclarecidos dos Srs. Drs. E. Deiró e Sylvio Roméro sobre as suas poesias, nada podemos oppor, por isso que os achamos verdadeiros. *Vid.* Sylvio Roméro, *Litteratura Brasileira e a Critica Moderna*, e Eunapio Deiró, artigo de critica publicado na *Revista Brasileira*.

ANTONIO GONÇALVES TEIXEIRA E SOUZA. — Nasceu na cidade de Cabo-Frio, provincia do Rio de Janeiro, a 28 de Março de 1812, e falleceu na Côte, a 1 de Dezembro de 1861; foi poeta de nomeada e romancista fecundo.

JOSÉ MARIA DO AMARAL. — Nasceu no Rio de Janeiro a 14 de Março de 1812, segundo apontamentos que nos deu seu irmão, o Sr. Dr. Angelo do Amaral.

Este poeta, que rivalisa com Almeida Garret no estylo de seus versos, começou a publicar trabalhos litterarios em 1830.

MANGEL PESSOA DA SILVA. — Nasceu na Bahia a 19 de Março de 1819 e falleceu...

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. — Nasceu na Villa de S. João de Itaborahy, provincia do Rio de Janeiro, a 24 de Junho de 1820, e morreu de uma affecção cerebral em 1882. Foi poeta, historiador, comediographo e romancista, de grande valor e renome.

F. RODRIGUES SILVA. — Ignoramos a data de seu nascimento.

Foi bom poeta, jornalista notavel, e occupou por muitos annos uma cadeira no Senado, onde se distinguio como representante da provincia de Minas.

ANTONIO JOAQUIM RIBAS. — Nasceu no Rio de Janeiro, a 21 de Abril de 1819.

JOAQUIM NORBERTO DE SOUZA E SILVA. — Nasceu no Rio de Janeiro, a 6 de Junho de 1820. É um poeta original e a quem muito devem as nossas lettras por seus trabalhos de investigações historicas.

JOAQUIM JOSÉ TEIXEIRA. — Nasceu no Rio de Janeiro a 28 de Abril de 1820, e falleceu em 1884.

JOSÉ MARIA VELHO DA SILVA. — Nasceu este harmonico e delicado poeta no Rio de Janeiro a 3 de Março de 1811. É professor de rhetorica no Collegio de Pedro II, onde gosa de merecidos creditos litterarios.

ANTONIO FELIX MARTINS. — Nasceu no Rio de Janeiro, a 20 de Novembro de 1812.

FRANCISCO OCTAVIANO DE ALMEIDA ROSA. — Nasceu no Rio de Janeiro, a 26 de Junho de 1825.

JOÃO CARDOSO DE MENEZES E SOUZA, Barão de Paranapiacaba. — Nasceu na cidade de Santos, provincia de S. Paulo, a 25 de Abril de 1827.

AUGUSTO DE MENDONÇA. — Lyrista de merito e repentista facil, nasceu na Bahia a 19 de Maio de 1830, e morreu a 14 de Agosto de 1880.

B. J. DA SILVA GUIMARÃES. — Nasceu em Ouro Preto, provincia de Minas Geraes, a 15 de Agosto de 1827, e falleceu em 1884.

MANOEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO. — Este poeta, a organisação mais completa da nossa poesia contemporanea, nasceu em S. Paulo, a 12

de Setembro de 1831, e falleceu a 25 de Abril de 1852. A elle devem as lettras nacionaes notavel adiantamento; porquanto deu a conhecer á geração sobre a qual influiu, as obras-primas das litteraturas estrangeiras, que cultivava com proveito e esmero.

LUIZ JOSÉ JUNQUEIRA FREIRE. — A 31 de Dezembro de 1832, nasceu na Bahia este poeta illustre, que até o presente está por estudar. Se nos referirmos ás poesias *Estrella Vesper*, *A Freira*, *A profissão de Fr. Arsenio das Mercês Ramos*, etc., não o poderemos ter como o poeta mystico, que o consideram seus criticos, mas como o Anacreonte dos claustros, um D. Juan desfarçado em monge.

Parece-nos ser este o traço mais saliente de seu caracter poetico.

MANOEL ANTONIO DE ALMEIDA. — Inestimavel autor das *Memorias de um sargento de Milicias*, nasceu no Rio de Janeiro a 17 de Novembro de 1851 e falleceu...

LAURINDO JOSÉ DA SILVA RABELLO. — Nasceu no Rio de Janeiro a 8 de Julho de 1826 e é fallecido.

JOSÉ ALEXANDRE TEIXEIRA DE MELLO. — É natural da cidade de Campos dos Goytacazes, na provincia do Rio de Janeiro, e nasceu a 28 de Agosto de 1833.

AURELIANO JOSÉ LESSA. — Contemporaneo e amigo de Alvares de Azevedo e Bernardo Guimarães; nasceu em Diamantina, Minas Geraes, em 1828, e morreu na cidade do Serro, a 21 de Fevereiro de 1861.

J. DE ALENCAR. — Celebre romancista, comedigrapho notavel e original, nacionalista de esmerado relevo, nasceu no Ceará, a 1 de Maio de 1829. Vide o seu *Perfil litterario*, por Araripe Junior.

LUIZ DELFINO. — Nasceu em Santa Catharina, a 25 de Agosto de 1834.

AGRARIO DE SOUZA MENEZES. — Natural da Bahia, onde nasceu a 25 de Janeiro de 1834, e falleceu a 23 de Agosto de 1863. Este poeta, cuja reputação merecida e justa o colloca, com proporções gigantescas, no primeiro plano dos nossos autores dramaticos, deixou no seu *Calabar* a maior concepção da tragedia brasileira.

Entre M. Penna e Magalhães, se não os excede, não é excedido.

AUGUSTO F. COLIN. — Nasceu em S. Luiz, provincia do Maranhão, a 11 de Junho de 1823.

ANTONIO JOAQUIM FRANCO DE SÁ. — É natural do Maranhão: nasceu a 16 de Julho de 1836.

FRANKLIN DORIA. — Nasceu na Ilha dos Frades, fazenda Loreto, na provincia da Bahia, a 12 de Julho de 1836.

JOÃO SEVERIANO DA FONSECA. — Nasceu na provincia das Alagoas, em 7 de Maio de 1836.

A poesia que reproduzimos do illustre escriptor, vem na sua *Viagem ao redor do Brazil*, obra devéras importante e geralmente applaudida.

A respeito deste livro, sobre o qual com tanta vantagem pronunciou-se a imprensa no dia de sua apparição, recommendada em folhetins do *Jornal do Commercio* por C. de Laet, disse Ch. Morel, outro jornalista de grande illustração e talento, na *Revue Commerciale, Financière et Maritime*:

« De toutes les œuvres scientifiques de ce genre
« publiées au Brésil par des Brésiliens, celle de Mr.
« le Dr. João Severiano da Fonseca est la plus com-
« plète tel que soit le point de vue auquel on se
« place. »

Opiniões como as destes publicistas compensam e honram.

GENTIL HOMEM DE ALMEIDA BRAGA. — Nasceu em S. Luiz do Maranhão, a 25 de Março de 1835.

QUINTINO BOCAIYUVA. — Illustre e alto representante das glórias jornalísticas brasileiras, nasceu no Rio de Janeiro em 1836, e é actual redactor do *Paiz*.

A popularidade de seu nome, a sua penna brilhante, e as suas qualidades de escriptor, o apresentam como o—principe dos jornalistas,—honra esta que todos confirmam.

FELIX XAVIER DA CUNHA. — Nasceu no Rio Grande do Sul em 1833; foi poeta e sobretudo distincto orador parlamentar.

TOBIAS BARRETO DE MENEZES. — Nasceu em Sergipe, a 7 de Junho de 1839.

JERONYMO GUIMARÃES. — Nasceu no Rio de Janeiro, em 1836.

RODRIGUES PEIXOTO. — Nasceu em Campos, a 1 de Agosto de 1843.

OCTAVIANO HUDSON. — Nasceu no Rio de Janeiro, a 6 de Junho de 1837.

MELLO MORAES FILHO. — Nasceu na Bahia, a 23 de Fevereiro de 1844 e não de 1843, como diz o « Diccionario Bibliographico » do Sr. Blake.

ANTONIO DE CASTRO ALVES. — Um dos mais notaveis e populares poetas brasileiros, nasceu na Bahia, a 14 de Março de 1847, e falleceu a 6 de Julho de 1871.

As suas obras contam varias edições, e o seu nome é dos mais repetidos entre os melhores poetas do Brazil e Portugal.

LUIZ JOSÉ PEREIRA DA SILVA. — Nasceu no município de Valença, freguezia de Ipiabas, da provincia do Rio de Janeiro, a 7 de Março de 1837.

FERREIRA DE ARAUJO. — Nasceu a 25 de Março de 1848, no Rio de Janeiro.

É jornalista distincto, proprietario da *Gazeta de Noticias*, folha que redige, desde sua fundação, com aptidão e criterio.

ANTONIO ALVES DE CARVALHAL. — Lyrista escolhido e folhetinista de reconhecido merito. Nasceu na Bahia em 1846, e falleceu a 16 de Junho de 1880.

Com o seu collega Belarmino Barreto, individualisação jornalística superior, e hoje tambem fallecido, redigiu o *Monitor* em sua provincia, publicação esta de grandes creditos politicos e litterarios.

SYLVIO ROMÉRO. — Nasceu este energico e erudito escriptor em Sergipe, a 21 de Abril de 1851. A sua vida litteraria tem sido uma lucta constante em prol de uma litteratura nossa.

Neste empenho tem estudado as tradições patrias e lançado novas bases á litteratura nascente.

A sua *Historia da Litteratura Brasileira* é o monumento mais grandioso que o espirito de todas as criticas tem levantado no Brazil.

FRANCISCO ALTINO DE ARAUJO. — Nasceu em Pernambuco, em Dezembro de 1849.

JOÃO RIBEIRO. — Nasceu em Sergipe, a 24 de Junho de 1860.

ANTONIO FIGUEIRA. — Nasceu no Rio de Janeiro, a 13 de Junho de 1853.

ERNESTO SENNA. — Nasceu no Rio de Janeiro, a 22 de Setembro de 1858.

CARLOS DE LAET. — Poeta, jornalista e homem de letras, activo e erudito; nasceu no Rio de Janeiro, a 3 de Outubro de 1847.

O seu nome, que não é uma invenção, mas uma gloria, além do *Microcosmus* do *Jornal do Commercio*, firma um sem numero de trabalhos scientificos e litterarios, publicados em varias revistas.

FRANCISCO DE CASTRO. — Nasceu na Bahia, em 17 de Setembro de 1857.

LUIZ GUALBERTO. — Nasceu no dia 8 de Julho de 1857, na cidade de Nazareth, provincia da Bahia.

MATHIAS CARVALHO. — Nasceu na Bahia, a 24 de Fevereiro de 1851. Entre nós é este o unico poeta que tem cultivado, mesmo depois da publicação de seu primeiro livro *Linha Recta*, a poesia socialista. Se outros o tem feito, os seus trabalhos tem passado na obscuridade.

A respeito deste autor, diz o judicioso critico Luiz Leitão, analysando o seu livro: « Se no Brazil os talentos artisticos enveredarem pela senda brilhantemente seguida pelo Sr. Mathias Carvalho; se as bellas qualidades intellectuaes, tão robustas como bem aproveitadas, desse poeta, produzirem, como é de esperar, uma influencia sensivel no espirito dos leitores, não serão perdidos os accentos de civismo que formam a nota predominante da *Linha Recta*. »



NOTAS
E
COMMENTARIOS



NOTAS E COMMENTARIOS

POESIA POPULAR DOS CIGANOS DA CIDADE NOVA

NA chibe (*) dos ciganos, *Kambulins* significa amorosas, lyricas.

Foi esta a classificação que melhor nos pareceu para as quadras de sentir mais sereno e alegre.

Apezar da nota melancolica e popular, ellas só têm de portuguez, como nos disse o eminente jornalista francez e escolhido homem de letras, Ch. Morel, a palavra; porquanto, conclue o mesmo escriptor, depois de ouvir o *Cancioneiro dos Ciganos*: « É o pensamento antigo que desperta do seu somno de seculos! »

É possível que entre estes versos dous ou tres se encontrem tomados de emprestimo ás nossas canções populares, mas unicamente nos da *Primeira Parte*. Emquanto aos das outras são cultos de mais para serem do nosso povo; obedecem a um systema philosophico especial, e caracterisam circumstancias e estados d'alma incompativeis com o nosso meio.

(*) Linguagem, gyria, dialecto.

As *Elegiacas* (*Kachardins*), mais propriamente — tristes, são producções que primam pelo subjectivismo e pela sentença.

Como na *Biblia* e nas grandes epopéas do Oriente, a simplicidade da fórma contrasta ahi com uma idéa sempre bella, profunda e grandiosa.

De verdadeiras maximas de philosophia pratica, esta classe poderia servir de appenso aos *Proverbios* e ás obras congeneres da arte oriental, das quaes o *Cancioneiro* fielmente retrata pontos estheticos.

De uma novidade contemplativa e solemne, as Funerarias (*Merendins* ou *Mulondins* *) recordam o *Ritual Funerario* dos Egypcios.

Essas quadras que, como as do livro inteiro, os ciganos cantam á viola, sua confidente intima, têm de particular, emquanto a ethnographia, que não ha uma só inspirada pelo acaso.

Aqui é um lamento ou uma inscripção; ali um verso depositado na sepultura raza ou nas urnas; acolá um pedido por escripto ao morto, ao fechar o caixão, por um parente, um amigo, um irmão, etc.

*O' minha irmã Felisberta,
Se com a nossa mãe fallares,
Não contes meus soffrimentos
P'ra não lhe dar mais pezares.*

(*) De *mulon*, — defuncto, morto.

Os ciganos da Cidade-Nova, quando a mesma dôr os reúne, as modulam em lembrança de alguém que lhes foi caro, e que já não pertence a este mundo.

Como é triste, nessas casas pobres, ver-se á noite grupos de physionomia extranha, mulheres morenas e de olhos divinos, acercados dos tocadores de viola, carpindo a sua ultima illusão sorvida pelo beijo frio da morte!

Não se pode ler essas estancias sem emoção. Não conhecemos em litteratura alguma poema em que as imagens sejam mais lugubres, a agonia mais funda, e a dôr mais dolorosa!

*Se queres saber se eu choro,
Me empresta a tua mortalha,
Com ella enxuga o meu pranto
E o nosso filho agazalha.*

Da quadra :

*O tempo pediu ao Tempo
Que tempo o Tempo lhe dêsse,
Para fazer como o Tempo
Tudo que o tempo quizesse,*

eis a varianté brazileira :

*O tempo pediu ao Tempo
Que lhe dêsse largo tempo;
O Tempo lhe respondeu :
« Tudo com tempo tem tempo. »*

Como esta, podem existir outras, que não conhecemos.

A authenticidade deste *Cancioneiro* justifica-se pela sua popularidade entre os ciganos. Todos sabem de cór esses versos, geralmente improvisados, elevando-se a mais de cinco mil os que ainda se podem recolher dos rapsodias.



INDICE DO SEGUNDO VOLUME

SEculo XIX

QUINTO PERIODO

(ATÉ 1880)

	<i>Pags.</i>
D. J. G. de Magalhães	
Invocação ao anjo da poesia	7
A confederação dos Tamoyos	13
A predicção da Cigana	16
Antonio José (tragedia)	18
Manoel de Araujo Porto Alegre	
<i>Colombo</i> , — O triumpho	29
O Veadeiro	41
A. Gonçalves Dias	
Os Tymbiras — canto segundo	44
Tabyra	58
Y-juca-pyrama	65
A mãe d'agua	80
Antonio Gonçalves Teixeira e Souza	
Os tres dias de um noivado	88
José Maria do Amaral	
Zeroni, poema	98
Mœstus sed placidus	105
Manhã em Petropolis	105
Dutra e Mello	
O jardim de Flora	106
Manoel Pessoa da Silva	
A escapúla do diabo, poema	109

João Duarte Lisboa Serra	
Subindo pelo Vouga..	114
Joaquim Manoel de Macedo	
O cego, acto segundo	117
A nebulosa	131
Cobé, acto terceiro	133
F. Rodrigues Silva	
Nenia..	150
Antonio Joaquim Ribas	
A poesia	154
Joaquim Norberto de Souza Silva	
A cabeça do martyr..	155
Joaquim José Teixeira	
A chave de relógio	165
Os canhões	165
Symphronio Olympio Alvares Coelho	
A flor de cêra..	166
José Soares de Azevedo	
Ayres Ivo Redivivo	171
Padre José Joaquim Corrêa de Almeida	
Queixumes de um commerciante..	178
Omnia vanitas..	179
Republica dos tolos	179
J. C. Bandeira de Mello	
A vida e o amor	183
J. M. Velho da Silva	
Acaso..	185
A. C. dos R. Raiol	
Recordações da infancia..	187
A. Felix Martins, BARÃO DE S. FELIX	
Decorophobia ou as eleições..	191
Francisco Octaviano de Almeida Rosa	
Flor do valle	193
Desejos de doente..	194
João Cardoso de Menezes e Souza, BARÃO DE PARANAPIACABA	
Saudades da infancia	195
A. Augusto de Mendonça	
Saudade do sepulchro	199
Evangelina	202
Joaquim Ayres de Almeida Freitas	
A pensativa	205

Casimiro J. M. de Abreu

Saudades	357
Meu lar.. .. .	358
Jurity.. .. .	360
Moreninha	361
Na rede.. .. .	365

Franklin Doria

Amor perpetuo	366
O sol nascente	369

Jorge H. Cussen

Falla !	372
Ao luar.. .. .	373

João Severiano da Fonseca

Na sepultura de meu irmão o major Eduardo Emiliano da Fonseca	374
---	-----

Rangel de S. Paio

O poema de Lazaro.. .. .	379
--------------------------	-----

Gentil Homem de Almeida Braga

O orvalho.. .. .	383
------------------	-----

L. Vieira da Silva

O retrato	385
-------------------	-----

Macedo Soares

A maldição do piaga	386
-----------------------------	-----

Quintino Bocayuva

Innocencias	391
---------------------	-----

Felix da Cunha

Sete de Setembro	392
--------------------------	-----

Joaquim de Calasans

Podem outros achar em beijos timidos, etc.	393
--	-----

Antonio Pedro Gorgollino

Quadras para um lenço	394
Ultimo pedido.. .. .	394

F. Franco de Sá

Innocencia e amor.. .. .	395
--------------------------	-----

Pedro de Calasans

A visinha	397
As flores de laranja	398

Machado de Assis

O desfecho	401
Circulo vicioso	401

José Maria Gomes de Souza

A palavra.. .. .	402
------------------	-----

Juvenal Galeno

O boiadao.. .. .	403
O rapaz da guia	407
O voluntario do norte	409

Joaquim Serra

A missa do gallo	412
A desobriga.. .. .	416

Anastacio do Bomsuccesso

As nuvens e o sol.. .. .	419
Os vãos do condor	420

Tobias Barreto de Menezes

Os tabaréos.. .. .	421
--------------------	-----

Francisco Cardoso Ayres, BISPO DE PERNAMBUCO

Olinda	425
----------------	-----

J. de Souza Andrade

Guesa errante.. .. .	431
----------------------	-----

João Coriolano de Souza Andrade

O touro-fusco	440
Consulta e resposta	444

Jeronymo Guimarães

***	447
***	448

Elzeario Pinto

O festim de Balthazar	449
-------------------------------	-----

Rodrigues Peixoto

Phantasia.. .. .	456
------------------	-----

Rozendo Moniz

O genio.. .. .	457
----------------	-----

Santa Helena Magno

A secca no Ceará.. .. .	462
-------------------------	-----

Victoriano Palhares

Mysteriosa	467
--------------------	-----

Aprigio de Menezes

A tapuia	468
------------------	-----

Joaquim Heleodoro

O boiadeiro	470
---------------------	-----

Octaviano Hudson

Santinha	473
------------------	-----

J. Kubitscheck

Eurico	474
----------------	-----

Fagundes Varella	
Cantico do Calvario..	479
Mello Moraes Filho	
Tarde tropical	485
A tapera da lua	487
A novena	491
Castro Alves	
A cachoeira..	493
Vozes d'Africa	495
Adeus..	499
João Julio dos Santos	
A ilha encantada	502
Carlos de Laet	
Crypta e Pantheon	505
Luiz Guimarães Junior	
A virgem das florestas	507
Luiz José Pereira da Silva	
Excerpto do poema <i>Riachuelo</i>	513
Felix Ferreira	
Duas auroras	516
Ferreira de Araujo	
Camões e os <i>Luziadas</i>	518
Carlos Ferreira	
Meditação	518
Plinio Xavier de Lima	
Vozes da liberdade	520
Pedro Moreira	
Á sexta	522
Antonio Alves de Carvalho	
Visinho, vio a nossa edilidade?	527
Generino dos Santos	
A ilha dos amores.	529
Aureliano de Campos	
Um pensamento..	533
Na hora da partida	534
José Jorge de Siqueira Filho	
A visão de Orizaba	535
Sylvio Roméro	
José de Anchieta	538
A modinha	539

Luiz Nobrega	
A tua flor.. .. .	572
Luiz Murat	
Laura.. .. .	573
B. Lopes	
Soneto	574
Antonio Zaluar	
Crepusculo de verão.. .. .	575
Adelino Fontoura	
Vacuo	575
Lucio de Mendonça	
O rebelde.. .. .	576
Assis Brazil	
O pesadello	577
Silvestre de Lima	
Canção	577
Ernesto Senna	
Miragem	579
O. de Nyemeyer	
Saudade	579
Fontoura Xavier	
A mulher do palhaço	580
Hugo Leal	
Madrid	581
Francisco de Castro	
Tiradentes	582
Luiz Gualberto	
Ex lege	583
Celso de Magalhães	
Novissima verba	587
Quadro artistico.. .. .	589
Castro Rebello Junior	
Barcarolla	590
Consolação	592
J. Campos Porto	
A rola	596
José Isidoro Martins Junior	
Synthese scientifica	596

Mathias Carvalho

O direito	601
Nihilistas	602

POESIA POPULAR

DOS

Ciganos da Cidade Nova

Lyricas (cambulins)	609
Elegiacas (kachardins)	614
Funerarias (merendins)	620

BIOGRAPHIA GERAL

Primeiro volume (1556-1800)	3
Segundo volume (1840-1880)	9

NOTAS E COMMENTARIOS

Poesia popular dos Ciganos da Cidade Nova	19
---	----



L3/C-18

